



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

REINALDO LUIZ DA SILVA JUNIOR

DO CORPO VIVIDO AO CORPO NARRADO:
A LITERATURA DISSIDENTE DE HERBERT DANIEL

FORTALEZA

2026

REINALDO LUIZ DA SILVA JUNIOR

**DO CORPO VIVIDO AO CORPO NARRADO:
A LITERATURA DISSIDENTE DE HERBERT DANIEL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada. Linha de Pesquisa – Literatura. Mito. Outros Saberes

Orientador: Prof. Dr. Claudicélio Rodrigues da Silva.

FORTALEZA

2026

REINALDO LUIZ DA SILVA JUNIOR

**DO CORPO VIVIDO AO CORPO NARRADO:
A LITERATURA DISSIDENTE DE HERBERT DANIEL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada. Linha de Pesquisa – Literatura. Mito. Outros Saberes

Aprovada em 28/05/2026

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Claudicélio Rodrigues da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Adauri Silva Bastos
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. Matteo Gigante
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLU)

À homossexualidade, que me salvou.

AGRADECIMENTOS

À cidade de Fortaleza, que acolheu um forasteiro e mostrou o quanto a mudança pode ser amena quando realizada em um espaço de cultura, belezas naturais, oportunidades de emprego e um sol que torra o crânio ao meio dia. À Biblioteca do Estado do Ceará (BECE), pela sua estrutura; ao Instituto Dragão do Mar, pelo seu circuito independente; aos equipamentos culturais (MIS, Caixa Cultural, Museu da Fotografia, Museu da Indústria entre tantos outros que tive o prazer de visitar); às belezas naturais nas praias do Havaizinho, Iracema, Beira Mar, Náutico, Sabiaguaba e tantas outras que tive o prazer de mergulhar. Aos restaurantes da cidade, mas em especial ao Restaurante Universitário (RU); ao Passe Livre para estudantes no transporte público, e acima de tudo, aos cearenses.

À Elisiane Soares da Silva, minha mãe, que diariamente me lembra o quanto ser amado incondicionalmente fortalece e faz toda a diferença na minha vida. A sua curiosidade de dizer: “não entendi, me explique”, sempre que vê algo desconhecido e sem medo de ser vista como ignorante, me mostra a grandeza de mulher que a senhora é. A Reinaldo Luiz da Silva, meu pai, que tenho o desafio de carregar o nome; e aos meus irmãos, Eduardo Soares da Silva e Renan Soares da Silva, a vocês todos que me acolhem por completo e me amam por essa razão.

A Mateus Barbosa, meu companheiro, que tem tornado cada dia um infinito maior que o outro nesse finito tempo da vida. A sua presença ao meu lado foi fundamental desde o momento da matrícula à defesa desta dissertação. Obrigado pela escuta diária das minhas inquietações, hipóteses e inseguranças, seus ouvidos são mais que um canal de escuta, seus olhos são mais que um farol e seus braços são mais que uma base.

A Rochelle Sales e Humberto Mesquita, conterrâneos desse estado magnífico. Um casal improvável que me acolheu e não me apresentou a cidade, mas me mostrou as relações que o povo cearense pode construir ao lado daqueles que são cativados. Nunca me senti tão abraçado pelo Ceará quanto estive com vocês dois.

A Renildo Rene, meu irmão gêmeo nessa jornada do mestrado. Ser confundido com você foi e continuará sendo uma das melhores sensações dessa trajetória. Sua expertise intelectual e a sua ingenuidade pessoal tornam você a pessoa mais cativante possível. Obrigado pelas brigas e pelos risos que somente você conseguiu proporcionar.

A Diego Rocha, o pesquisador do passado mais cronicamente online que tive o prazer de conhecer. Obrigado por me apresentar a risada mais frouxa de Fortaleza. Nos

veremos em breve, quando Beyoncé anunciar sua próxima turnê no Brasil, e será no Arena Castelão.

À Mariana Coriolano, pela sua companhia, que se estendeu para além do programa de pós-graduação. Nossas risadas e nossos cafés no Dr. César Cals me trouxeram leveza durante minha trajetória como professor. Que a genialidade do seu humor torne leve a sua jornada e de todos aqueles que te rodeiam.

A Lorena Lopes, pela coragem de enfrentar o mundo sem máscara. Sua personalidade, sua sinceridade e o seu jeito autêntico de ser são a sua maior fonte de força. Que a sua voz potente, o seu riso incontido e a sua transparência sejam sempre companhia na nossa relação fraterna.

A Tainá Facó, pela improvável amizade que se torna certa a cada dia que passa. As nossas viagens para o Rio de Janeiro, Manaus e Aracati foram um prelúdio de algo muito maior que estamos construindo. A sua vibe única, que insisto em ironizar, é de uma força tão intensa quanto a que nos prende ao chão terra. Pelas conversas, pelos cafés, pelas músicas, pelas viagens, pelas praias e pela companhia, obrigado.

A Nicole Dourado, pelas breves conversas, mas intensas interações. Suas dores e seus desafios nessa jornada coletiva mostraram como o que deveria ser individual, pode também ser múltiplo. A sua resiliência e perseverança me inspiraram a também não desistir, mesmo diante dos desafios.

A Marcelo Secron Bessa, que enviou gratuitamente não só o seu livro *Os perigosos: autobiografias & AIDS*, como também todas as obras literárias de Herbert Daniel que existiam em seu acervo. Sem essa doação essa pesquisa não existiria.

A Victor, Secretário do programa, uma figura de apoio, desabafo e troca diárias no bloco do departamento. Sua sinceridade, eficiência, ética e profissionalismo salvam o programa nos momentos mais difíceis e o mantém sólido nos momentos ordinários. Que o funcionalismo público se espelhe na sua atuação, para que tenhamos uma sociedade que funcione com cuidado, humanidade e empatia.

A Claudicélio Rodrigues, pelo que ele próprio nomeia como (des)orientação, sua paciência com meu modo de pesquisar e sua condução nessa trajetória foram de grande valia para mim. Obrigado por sempre respeitar a autonomia do pesquisador e não recuar quando as críticas eram necessárias.

Aos membros da Banca, Prof. Dr. Aduir Silva Bastos e Prof. Dr. Matteo Gigante pelo aceite, pela leitura e pelas contribuições apontadas na defesa e na revisão deste estudo.

À CAPES, que financiou este trabalho e proporcionou diretamente a capacitação deste pesquisador e a produção intelectual dentro dos Estudos Literários.

A você, leitor, que por alguma razão chegou até aqui.

RESUMO

Este trabalho investiga a produção literária de Herbert Daniel, figura que fez da própria existência uma rasura na normalidade civil, sexual e identitária brasileira. Frequentemente confinado à nota de rodapé como o “guerrilheiro homossexual”, Daniel é resgatado nesta pesquisa comparatista em sua potência máxima: a de um artífice da linguagem que transmutou a clandestinidade política em rebelião estética. Nesse caminho, propõe-se que as suas obras *Passagem para o próximo sonho* (1982) e *Meu corpo daria um romance* (1984) espelham seu criador ao sabotar a instituição literária por dentro. A investigação debruça-se sobre a recepção crítica – em diálogo com vozes como as de Marcelo Bessa, Luiz Morando, Felipe Areda, Israel Pechstein, Leandro Silva, Anselmo Alós, Matteo Gigante e Veranildo Costa Junior – para sustentar que os dois livros, embora publicados separadamente, operam como uma unidade; dois livros que, embora publicados separadamente, convergem em uma investigação que se evade de restrições de gênero. Transitando pelo teor testemunhal, pela autobiografia e perpassando a (auto)ficção, a escrita herbertiana rompe o enclausuramento do “guerrilheiro no armário” ao discorrer abertamente sobre a presença de “bonecas” na luta armada. Dessa maneira, analisa-se como a homossexualidade é mapeada em geografias distintas: se no exílio em Paris a narrativa alcança a densidade da subjetividade, no Brasil ela explode em uma festa carnavalesca de analogias. O carro alegórico dessa performance é a criação de sua “bicha louca”, Marilyn Aparecida: *alter ego* de Herbert Daniel que subverte a masculinidade de seu criador e constrói uma nova apresentação. Ao final, demonstra-se que na literatura herbertiana a subversão e a clandestinidade ganham corpo a partir de marcas de ironia, de trocadilhos, de sarcasmo, de exagero e da impolidez linguística – elementos que deixam de ser meros recursos para se tornarem a própria marca da dissidência da sua produção literária.

Palavras-chave: Herbert Daniel; literatura dissidente; homossexualidade; guerrilha armada; HIV/AIDS.

RESUMEN

Este trabajo investiga la producción literaria de Herbert Daniel, figura que hizo de su propia existencia una rasura en la normalidad civil, sexual e identitaria brasileña. Frecuentemente confinado a la nota al pie como el “guerrillero homosexual”, Daniel es rescatado en esta investigación comparatista en su potencia máxima: la de un artífice del lenguaje que transmutó la clandestinidad política en rebelión estética. En este camino, se propone que sus obras *Passagem para o próximo sonho* (1982) y *Meu corpo daria um romance* (1984) reflejan a su creador al sabotear la institución literaria desde dentro. La investigación analiza la recepción crítica —en diálogo con voces como las de Marcelo Bessa, Luiz Morando, Felipe Areda, Israel Pechstein, Leandro Silva, Anselmo Alós, Matteo Gigante y Veranildo Costa Junior— para sostener que ambos libros, aunque publicados por separado, operan como una unidad; dos volúmenes que convergen en una indagación que evade las restricciones de género. Transitando por el tono testimonial, la autobiografía y la (auto)ficción, la escritura herbertiana rompe el encierro del “guerrillero en el armario” al discurrir abiertamente sobre la presencia de “locas” (*bonecas*) en la lucha armada. De esta manera, se analiza cómo la homosexualidad es mapeada en geografías distintas: si en el exilio en París la narrativa alcanza la densidad de la subjetividad, en Brasil estalla en una fiesta carnavalesca de analogías. El carro alegórico de esta *performance* es la creación de su “loca” (*bicha louca*), Marilyn Aparecida: *alter ego* de Herbert Daniel que subvierte la masculinidad de su creador y construye una nueva presentación. Finalmente, se demuestra que en la literatura herbertiana la subversión y la clandestinidad cobran cuerpo a partir de marcas de ironía, juegos de palabras, sarcasmo, exageración e impolidez lingüística —elementos que dejan de ser meros recursos para convertirse en la marca misma de la disidencia de su producción literaria.

Palabras clave: Herbert Daniel; literatura disidente; homosexualidad; guerrilla armada; VIH/SIDA.

SUMÁRIO

1	NOTAS INTRODUTÓRIAS: DE HERBERT DANIEL À PESQUISA.....	11
2	DUAS PASSAGENS PARA O CORPO ROMANCEADO.....	24
2.1	Passagem para o próximo sonho.....	25
2.2	Meu corpo daria um romance.....	42
2.3	Subversão estética e rupturas de paradigma na literatura.....	52
3	QUEM JÁ VIU REVOLUCIONÁRIO BICHA?: HERBERT DANIEL RACHA AS ORGANIZAÇÕES E ARROMBA O ARMÁRIO.....	62
3.1	A autocrítica do enrustido.....	62
3.2	O defeito pequeno-burguês da “boneca”.....	76
4	UM TICKET PARA SODOMA, POR FAVOR!: ENTRE EXÍLIOS E SAUNAS INFERNAIS.....	92
4. 1.	Onde fica o gueto homossexual na Paris da década de 1980?.....	95
4. 2.	Bicha burguesa também é classe dominante!.....	100
5	DOIS HOMENS SE BEIJARAM NO MEIO DA RUA E TODO MUNDO VIU...UMA PASSAGEM PARA CASA.....	113
5. 1.	Embarque – sob os olhos da homofobia.....	119
5. 2.	Desembarque – A ironia tem nome e sobrenome, Marilyn Aparecida.....	131
6	CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS: DA PESQUISA AOS ROMANCES.....	140
	REFERÊNCIAS.....	145
	ANEXO A - CARTA DE HERBERT DANIEL CENSURADA NO CONGRESSO PELA ANISTIA DE 1979.....	150
	ANEXO B - PANFLETO PARA ELEIÇÃO DE DEPUTADO ESTADUAL PELO RIO DE JANEIRO.....	153
	ANEXO C - POEMA DO HERBERT DANIEL.....	154
	ANEXO D - TEXTOS PUBLICADOS NO BRASIL.....	155
	ANEXO E - MENÇÕES DO HERBERT DANIEL NA FOLHA DE S. PAULO...157	

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS: DE HERBERT DANIEL À PESQUISA

Herbert Daniel. Quatro vezes dissidente: sexual, comunista radical, soropositivo... e escritor de si. É essa figura que pesquiso e apresento aqui, eu, também um dissidente, um sujeito não-heteronormativo. Essa figura foi apresentada a mim durante a leitura de um breve parágrafo do livro *Literatura como arquivo da ditadura brasileira* (2017), da escritora Eurídice Figueiredo. Inquieto pelo desconhecimento da sua pessoa e da sua trajetória, me direcionei até suas obras, tarefa árdua, pois elas nunca foram reeditadas. Como alternativa, resolvi procurar estudiosos da literatura, a fim de acessar as obras por arquivos digitais. O resultado dessa empreitada foi a minha monografia intitulada “A Fortuna Crítica de Herbert Daniel de 2009 a 2020” defendida no ano de 2023 na Universidade Federal de Campina Grande/Paraíba. Busquei com aquela pesquisa localizar e sistematizar todos os trabalhos científicos que se propuseram a analisar as obras ou a vida do referido autor. Esses objetivos almejavam, antes de tudo, popularizar as obras e divulgar os significativos textos desenvolvidos cientificamente dentro da academia. A leitura destes trabalhos foi chave para me impulsionar até a escrita desta dissertação.

Para além de um interesse particular pela sua trajetória e suas obras literárias, a seleção desse escritor atende a um interesse geográfico, temporal e temático: a dissidência sexual, política, social e literária durante e após a ditadura militar brasileira. Esse período sombrio da história é datado nos livros oficiais do dia 01 de abril de 1964 ao dia 15 de janeiro de 1985, encerrado com a eleição indireta de Tancredo Neves, que por sinal mal chegou a governar, falecido em março do mesmo ano. Ironia da história ou não, com o fim da tirania ditatorial veio a público: a truculência e repressão da polícia contra o povo; a censura generalizada e o controle dos meios de comunicação e expressões da arte (teatro, literatura, música, exposições artísticas etc); a extirpação da liberdade acadêmica que cassou e aposentou professores compulsoriamente; a perseguição, o desaparecimento e a tortura contra inimigos do regime; a farsa do milagre econômico que provocou um endividamento nacional; os desvios de verbas públicas exemplificados em projetos como a Transamazônica e a Usina de Itaipu; a participação e apoio empresarial ao regime em busca de interesses pessoais; a perseguição e a falta de assistência aos povos originários entre outros (des)casos. Apesar disso, resistências surgiram em inúmeras esferas da sociedade brasileira, nas artes cênicas, resistiu o movimento do *Cinema Novo*; na esfera religiosa, resistiu o bispo *Dom Hélder*

Câmara; no editorial jornalístico, resistiram *O Pasquim* e o *Lampião da Esquina*. Não se pode esquecer também da guerrilha armada e da literatura. Para essas duas esferas, resistiu Herbert Daniel.

Herbert Eustáquio de Carvalho nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 14 de dezembro de 1946. Filho de Dona Geny, uma “Operária por descuido, dona de casa por obrigação, rebelde por destinação [...]” (Daniel, 1982, p. 23) e de Seu Geraldo, “Soldado por imposição, humorista por vocação, adulto por contingência [...]” (Daniel, 1982, p. 23), teve apenas um irmão, Hamilton, que seguiu os passos do pai no patrulhamento ostensivo (Green, 2018). Diferentemente do irmão, parece que Daniel se inspirou na mãe e compreendeu de berço o modelo de exploração ao qual ele e sua família estavam submetidos. Uma mulher pobre e operária, que trabalhava não só na indústria, mas também nos afazeres domésticos, deve ter tido papel significativo na compreensão de mundo e de classe à qual Daniel pertencia. É difícil não levantar tais hipóteses quando a maior qualidade destacada deste sujeito é a sua aptidão intelectual. Herbert presenciou no seu seio familiar as dinâmicas sociais que mais tarde seriam elucidadas no movimento comunista.

Desde que era criança, sempre demonstrou vocação para os estudos e, como resultado, conseguiu ingressar com facilidade na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi neste ambiente acadêmico que aflorou em seu íntimo a criticidade e a constatação das contradições do regime totalitário instaurado no país naquele período. Após um certo tempo na universidade, se envolveu com articulações políticas, inicialmente em organizações estudantis, como Centros Acadêmicos (CAs) e Diretórios de Centro Estudantil (DCEs), para posteriormente adentrar em grupos de guerrilha armada. Nesses últimos, ganhou diversos codinomes, o que pegou foi Daniel que seria unido ao seu nome de batismo para assinalar seus livros - Herbert Daniel.

Apesar de não possuir um porte físico viril e másculo, costumeiramente associado ao famoso guerrilheiro revolucionário Che Guevara, sua intelectualidade o levou a significativas contribuições para sua ascensão nas organizações, saindo da posição de um mero entusiasta para o quadro do comando. Na guerrilha urbana desempenhou papéis de destaque, como a participação nos sequestros dos embaixadores, o alemão, Von Holleben e, o suíço, Giovanni Bucher, tendo com este segundo passado mais de quarenta dias nos aparelhos clandestinos para as negociações com os agentes do Estado, com foco na soltura de seus companheiros presos. Com esses atos, conseguiu a liberdade de centenas de presos políticos (Quinalha, 2018). Recebeu treinamento no acampamento do Vale da Ribeira em São Paulo, articulado e chefiado por Carlos Lamarca. Ainda que tenha tido a casa dos seus pais invadida

e sido procurado em todo o país, nunca foi preso. Nos seus relatos esclarece que tal feito se deveu mais a sorte do que a experiência e articulação política. Nos anos de chumbo da ditadura, recorreu ao exílio como uma saída para a insustentabilidade da resistência clandestina.

Conseguiu sair do Brasil por terra pela fronteira com a Argentina. Tornou-se exilado político inicialmente em Portugal, onde adquiriu um trabalho como redator de uma revista. Mas logo em seguida se mudou para a França, lugar que conciliou os seus dilemas políticos de ser um marxista e de ser um homossexual. Trabalhou como *barman*, porteiro e faxineiro em uma sauna gay em Paris, experiência que foi essencial para incentivar a escrita de suas obras e refletir sobre a homossexualidade nos espaços da sociedade capitalista, principalmente o *gueto* ao qual estava condicionado a frequentar. Para prolongar seu exílio e atrasar seu regresso em “1979 – Como sempre escaparia. Desta vez da anistia do governo. Ficaria de fora. / Ser um dos últimos, de novo. As coincidências não existem. / (Daniel, 1982, p. 145)”; teve que aguardar as acusações prescreverem para retornar ao Brasil e em razão disso, ficou popularmente conhecido como *o último exilado*. (Green, 2018)

Em 1981, regressa ao Brasil e, no ano seguinte, publica seu primeiro livro, chamado *Passagem para o próximo sonho*. Nele estão contidos alguns relatos sobre a infância e a juventude do autor, acrescidos ainda de contos ficcionais e crônicas sobre as experiências no exílio. A recepção da obra foi positiva: uma matéria da Folha de S. Paulo assinada pelo jornalista Álvaro Caldas colocou como nota introdutória o seguinte fragmento: “O livro é uma surpresa. Ou muitas surpresas. Para começar, não é um livro só são vários, **indefiníveis**: não é um romance, não é simplesmente memória, parte pode ser um depoimento, contos, ou tudo não passa de uma prodigiosa imaginação do autor?[...]”. (Folha de S. Paulo, 1982, grifo nosso).

Como primeira obra publicada após seu regresso do exílio, a recepção poderia tê-la enquadrado em mais uma das obras dos exilados. Henfil, responsável pela folha de rosto do livro, tenta precaver-se contra esse rótulo ao assinar as orelhas do livro da seguinte maneira: “Credo! Mais um diário de exilado?”. A ironia e o sarcasmo na promoção de uma sátira são algumas pistas para que os leitores desavisados não caiam no equívoco de limitar a potencialidade da obra. O próprio autor, ao tecer críticas aos típicos livros dos exilados, em determinado momento, diz:

4 . Curto circuito

A hora ainda não chegou de autobiografias; preparemos hipóteses para autocríticas.

Sobretudo evitar escrever memórias artificiais onde se prova, mesmo sem querer, que se tinha razão. Não quero ter razão.
Quero conservar a lucidez. (Daniel, 1982, p. 35)

Herbert publicou logo em seguida um romance chamado *A fêmea sintética*, lançado em 1983 pela editora Codecri. No mesmo ano escreveu um ensaio em parceria com a poetisa Leila Miccólis chamado *Jacarés e Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*, publicado pela editora Achiamé. Além da vanguarda em discutir abertamente a homossexualidade, há neste ensaio um anexo intitulado *A síndrome do Preconceito*. Nele, Daniel não se acovarda em debater e denunciar a discriminação contra gueis, travestis e usuários de drogas injetáveis, grupos que eram acometidos por uma síndrome ainda sem nome, que futuramente seria conhecida como sida¹.

Com significativo conhecimento da área médica, resultado de seus anos estudando medicina, sua crítica é incisiva ao expor que a doença não era somente clínica, mas essencialmente social. Desse modo, a criação de mais uma marginalização contra minorias resultou no respectivo atraso para a criação de um tratamento contra a doença. Com o decorrer do tempo a verdade veio à público: a negligência do Estado e o preconceito propagado pela sociedade dificultaram a criação e explanação de um tratamento. A década de 1980, apesar de ser considerada um período sombrio para a comunidade LGBT², em razão do surgimento do vírus HIV/AIDS e da sua alta taxa de transmissão e letalidade, foi também um período de grande ebulição social, com uma significativa produção literária e organização política.

Anos depois publicou uma peça de teatro chamada *As três moças do sabonete: um apólogo sobre os anos Médici*, lançada em 1984 pela editora Rocco. O título da obra faz uma referência ao poema *Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá*, do poeta Manuel Bandeira. Quando Daniel e seu companheiro Cláudio Mesquita retornaram do exílio, foram convidados a assistir a adaptação teatral da obra, com direção de Milton Gonçalves e coreografias criadas por Rainer Vianna. Acerca da peça, Caroline Cardoso afirma: “A peça ficou em cartaz por dois meses no Teatro Delfin, no Rio de Janeiro, e não agradou a crítica, o que entristeceu, mas não desestimulou Daniel.” (Pensar Verde, 2021, p. 11).

¹ Sida é o anagrama brasileiro para AIDS, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, estágio final do não tratamento do HIV, vírus da imunodeficiência humana.

² Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis. Uma atualização para a nomenclatura original do movimento GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Novas siglas como LGBTQIAP+, LGBTQIAPN+ e LGBTQICAPF2K+ estão em circulação na contemporaneidade. Para este trabalho, convencionou-se a sigla LGBT.

Mais um texto de destaque é a obra *Meu corpo daria um romance: uma narrativa desarmada*, publicada em 1984 pela editora Rocco. A marginalização sofrida pelos homossexuais na sociedade brasileira e nos espaços de guerrilha ganharam voz de denúncia nesse romance que tem como protagonista o próprio corpo do escritor. De modo mais entusiasmado, Daniel parece concluir o que iniciou em *Passagem para o próximo sonho*, pois aqui, a forma adotada no texto foge totalmente ao convencional. Se no primeiro ele tentou seguir uma ordem cronológica e inseriu contos ficcionais entre partes da narrativa, neste, a obra é fraturada por memórias, crônicas ficcionais e matérias ensaísticas. O arco narrativo se deforma e reforma para uma (des)construção de sentido. A folha de rosto do livro propõe o seguinte enredo:

Tudo - ou quase nada - se passa em onze minutos naquele cerco, onde o preconceito. Dentro duma fração de espaço viajei nos temporais da memória. Durante uma fração, onze, de tempo revi meus fragmentos. Dentro de uma fração do imaginário sexual dissertei minha possível ficção. (Daniel, 1982, s/p).

Outra importante obra é *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos*, publicada em 1987 pela editora Espaço e Tempo. Uma espécie de *O cortiço* contemporâneo que retrata a vida de um grupo de pessoas vivendo em uma estalagem à beira do colapso com a chegada de uma doença, desconhecida pela medicina, que se propaga entre homens gueis e tem uma alta taxa de letalidade. É óbvia a metáfora referente aos dias sombrios da sida no Brasil. O preconceito, a discriminação e a violência se destacaram naquilo que o autor conceituou como uma “morte social”, uma espécie de antagonismo em que a morte social antecede a morte clínica do paciente.

Cabe pontuar que nesse período, Daniel já tinha anunciado publicamente ser soropositivo, concedendo entrevistas em programas de televisão como *Jô Soares* e documentários da *TV Manchete*; é nessa temática que suas últimas produções vão se deter. Após *Jacarés e lobisomens*, um segundo ensaio é lançado, desta vez focado na temática do HIV/AIDS, com o título *Vida antes da morte* (1989, Jaboti). Posteriormente, um último chamado *Aids, a terceira epidemia: ensaios e tentativas* (1991, Iglu). Essas duas publicações são as únicas obras do escritor a receberem um relançamento.

Em 2018, a Associação Interdisciplinar de Aids (ABIA) lançou uma nova edição da obra *Vida antes da morte*, dando destaque ao protagonismo do autor no combate contra a AIDS. No mesmo ano, foi relançado também *Aids, a terceira epidemia: ensaios e tentativas*, obra escrita em parceria com Richard Parker. Este ensaio, nas palavras do organizador

Jurandir Freire Costa: “Vira de cabeça para baixo” as discussões sobre cidadania, saúde e sexo.

Além do contingente de obras mencionadas acima, Daniel ajudou a fundar partidos políticos como o PV (Partido Verde) e o PT (Partido dos Trabalhadores) e grupos de conscientização da AIDS, como a ABIA (Associação Interdisciplinar de Aids) e o PELA VIDA (Grupo Valorização, Interação e Dignidade do Doente de Aids), tendo este sido o primeiro grupo no Brasil fundado por pessoas vivendo com HIV e AIDS, seus amigos e familiares. Apesar de ter contraído o vírus, Daniel não se esquivou ou se deixou abater pela certeza da morte e continuou escrevendo obras, desta vez, focadas principalmente naquilo que descreveu como “morte social”, dando protagonismo a personagens soropositivos. Ele faleceu em 29 de março de 1992.

Apesar da morte precoce, com quarenta e cinco anos, Daniel conseguiu trazer significativas contribuições para a democracia brasileira. Também ajudou, direta e indiretamente, a organizar politicamente grupos marginalizados, como os soropositivos que reivindicam até os dias atuais condições dignas para um tratamento médico adequado e acessível. Suas obras literárias, apesar de quando lançadas terem sido esgotadas, persistem com difícil acesso, já que nunca foram reeditadas, salvo as exceções acima citadas. Ainda assim, um resgate de sua contribuição literária, política e social tem sido possível graças à preservação desses textos via digitalização e às pesquisas científicas produzidas pela academia, além de ações culturais, como a peça teatral “Codinome Daniel”, produzida pelo Núcleo Experimental de São Paulo, escrita e dirigida por Zé Henrique de Paula. Outra ação de resgate com grande relevância é a publicação da biografia de Herbert Daniel. O historiador James N. Green publicou em 2018, pela editora Civilização Brasileira, a biografia com o título *Revolucionário e Gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel*, pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. Nesse texto, o objetivo de Green é fazer um resgate da trajetória de vida do biografado e dar luz à sua figura pouco conhecida pela contemporaneidade.

Hoje em dia, poucos brasileiros já ouviram falar dele. Foi praticamente esquecido, exceto por sua família, amigos e antigos camaradas de luta, além daqueles que guardam na memória sua declaração corajosa, de que tinha aids, em 1989. Seu legado literário foi, em grande parte, subestimado, com exceção de alguns poucos acadêmicos que buscam exemplos dos primeiros autores LGBT, ou de alunos de pós-graduação que examinam o trabalho literário de Daniel, na literatura ou no âmbito da aids. (Green, 2018, p. 21).

De fato, Herbert Daniel continua sendo uma figura desconhecida pela maior parte da sociedade brasileira, com exceção de sua família, amigos e os poucos pesquisadores que se dedicam a popularizar seu nome e seus textos. Contudo, suas obras literárias têm contribuído para um resgate necessário da sua trajetória de vida e das violências que a sociedade brasileira tem infligido a boa parte de seus cidadãos. Seus escritos sinalizam para a autoria LGBT, para a literatura testemunhal em que remonta sua vivência na guerrilha urbana e para as denúncias de sorofobia que sofreu da sociedade durante a década de 1990.

A historiadora Eurídice Figueiredo publicou em 2017, pela editora 7Letras, a obra *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Nesse aporte teórico, ela discorre sobre como a literatura tem um papel central para as discussões de memória, arquivo e esquecimento, principalmente em contextos totalitários. Ao sinalizar o preconceito sofrido pelos homossexuais durante o período ditatorial e também nos espaços de guerrilha urbana, a figura de Daniel surge de maneira breve, acompanhada de um comentário biográfico.

É preciso lembrar que o guerrilheiro Herbert Daniel foi vítima desse preconceito por ser homossexual. Membro da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), lutou ao lado de Carlos Lamarca na guerrilha do Vale do Ribeira em 1969, [...]. Herbert Daniel publicou dois livros autobiográficos, *Meu corpo daria um romance e Passagem para o próximo sonho, ambos esgotados*". Foi um dos fundadores do PT e do PV. Morreu de AIDS em 1992. (Figueiredo, 2017. p. 66).

Sem muitos detalhes, esse trecho destaca o protagonismo da homossexualidade do sujeito, sua ação na guerrilha, suas produções literárias, além da sua contribuição à organização política brasileira e a razão de sua morte. É com esse breve trecho que vemos a assertividade do comentário de Green sobre o apagamento de Daniel. Retoma-se tanto o aspecto da dissidência sexual do sujeito quanto a descrição de suas ações na guerrilha e na política. Chamo a atenção para o momento da citação que menciona duas obras, que são lidas por Figueiredo como “autobiográficas”, termo a ser discutido durante este trabalho.

O escritor João Silvério Trevisan, na clássica obra *Devassos no Paraíso*, ao tentar realizar uma historiografia literária homossexual brasileira, resgata uma das obras de Daniel e parece reforçar uma certa importância de seus textos no tocante a histórias de amores malditos na literatura nacional.

Deve-se lembrar também a obra de Herbert Daniel, na qual sobressai um livro autobiográfico muito importante pela beleza, sinceridade e grande poesia no tratamento: *Passagem para o próximo sonho* (1982). Aí, o autor relata sua participação na guerrilha brasileira e seus problemas enquanto homossexual que, após fugir do Brasil durante a ditadura de 1964, acabou se empregando como porteiro numa grande sauna guei de Paris. (Trevisan, 2018, p. 232).

A sensibilidade de resgatar a obra *Passagem para o próximo sonho* e reforçar a qualidade estética da narrativa mostra a relevância do texto, apesar do pouco reconhecimento que se tem dado à obra literária. Por estar inserido na historiografia literária dos “Amores Malditos”, é indispensável a menção à homossexualidade e aos problemas advindos dela no conflito dos espaços machistas e patriarcais que fazem parte da trajetória do personagem.

Resgato o comentário importante de Renan Quinalha, que em 2018 publicou o livro *Contra a Moral e os Bons Costumes*. Essa obra, lançada pela Companhia das Letras, faz parte de uma coleção de livros chamada “Coleção Arquivos da Repressão no Brasil”. Nela, resgata-se os textos de Daniel para reforçar sua contribuição como um homossexual crítico, que não se acovardou diante das contradições de sua trajetória política e das violências sofridas nos espaços que ocupou.

Herbert Daniel, guerrilheiro da luta armada e homossexual, em um dos mais instigantes livros de memórias sobre a experiência da resistência à ditadura, formulou, de modo bastante ácido, uma crítica a seus companheiros de militância. “O sexo não era uma grande preocupação política, achávamos. Militantes, tínhamos outros assuntos a abordar”, afirmou ele sobre a compreensão do tema na virada dos anos 1960 para os 1970. Com ainda mais ironia, escreveu sobre a ilusão que a esquerda criava com sua idealização da classe operária: “Onde vocês já ouviram falar de um operário bicha? Naquelas fantasias que inventamos, a Classe Operária não sofria ‘desvios’ sexuais. Porque não tinha sexualidade nenhuma. Era uma classe higiênica. Historicamente saudável”. (Quinalha, 2018, p. 16).

Daniel destaca-se de distintas maneiras, sendo a principal delas a recorrente ênfase dos críticos em sua coragem para denunciar opressões – infligidas tanto por parte da sociedade quanto pelos grupos aos quais esteve vinculado –, sempre se utilizando da ironia e da sátira como ferramentas estilísticas. Embora suas análises sejam breves, esses críticos ratificam a relevância do autor e de seus personagens, os quais, na maioria, são representações dele próprio.

As discussões travadas nos seus livros, de alguma maneira, têm relação direta e indireta com o cenário social, político e econômico. Cabe notar que muitas de suas narrativas alternam entre um caráter pessoal e impessoal, conversam com a realidade e com a imaginação, resgatam a memória e rasuram o esquecimento. Ainda que ele tenha sofrido um processo de marginalização, é na escrita que seu corpo ganha protagonismo, pois ali, no papel, ele se materializa não como herói, mas como um personagem em trânsito, transita no passado e no presente, transita na memória e na invenção, transita no concreto e no devaneio.

A armação do corpo do livro:

/reunir sombras e elipses onde se delineiam noções de corpo - portanto de política.

/Visitar um porão de encantos e fermentos, mas um porão com direito a janelas para assombros, banalidades e novas linhas de fuga: para o horizonte.

/Viajar, sem temer escalas, em veículos que sejam frações impróprias. Estas não correspondem aos capítulos, parcelamentos ou estações... Marcas por fraturas, são eixos de espiral, ou correntes de muitos elos, que atravessam de ponta a ponta a narrativa. Frações: **memória, ficção e fragmentos**. (Daniel, 1982, s/p).

Realizada esta breve apresentação acerca da trajetória de vida deste escritor, sua contribuição na literatura e o respectivo reconhecimento acadêmico que se tem realizado a partir de seu legado, fica compreendida a necessidade de contribuir para esse resgate que tem sido feito. Logo, retomar as obras literárias de Daniel e discuti-las é solidificar um compromisso com a democracia, a diversidade e a inclusão, valores estampados no subtítulo de sua biografia e princípios indissociáveis da sua vida.

Desse modo, proponho como objetivo geral compreender os romances *Passagem para o próximo sonho* (1982) e *Meu corpo daria um romance* (1984) enquanto um projeto estético conjunto e múltiplo de definição, uma vez que são compostos por passagens autobiográficas que discutem a vida de um autor-personagem que sofre violências nos espaços da sociedade urbana, mas também constituem-se de crônicas ficcionais, matérias ensaísticas, rupturas narrativas e elementos imbricados de um teor testemunhal. O conteúdo fragmentado das obras e a *forma* adotada para organizar a estrutura narrativa são a base que coloca as obras nesse não-lugar rígido e definido das expressões literárias e retomam a dissidência do sujeito, desta vez também no campo da Literatura.

As duas obras foram publicadas em um curto período de tempo, ambas na década de 1980. Esse período é marcado por inúmeros acontecimentos de ordem política, econômica e social. Em 1979 é promulgada a controversa lei da anistia e com ela ocorre o retorno dos exilados, com exceção de Daniel, que só retornou em 1982 quando suas acusações foram prescritas; também acontecem as greves dos operários no ABC Paulista, marcadas posteriormente pelas “Diretas Já”; anos mais tarde decorreu a criação da Assembleia Nacional Constituinte com a posterior promulgação da Constituição Federal de 1988; urge lembrar também o período sombrio do surgimento da sida e o descaso estatal com os soropositivos, juntamente com o terrorismo biológico promovido pela mídia e a segregação perpetrada pela sociedade brasileira. Apesar disso, também é nesse período que o movimento homossexual ganha uma organização mais robusta, como o surgimento do extinto grupo SOMOS e do Grupo Gay da Bahia, este ainda em operação. O mundo editorial também entra em destaque com a revista paulistana *Chanacomchana*, protagonizada por seu foco lésbico-feminista, e a revista carioca *Lampião da Esquina*, organizada por seu foco homossexual.

Karl Erik Schollhammer (2009) elabora que as obras publicadas nesse período fazem parte da literatura “pós-moderna”. Ainda que esse termo controverso deva ser

problematizado, pois induz a ideia de progressismo, modernização, sociedade pós-industrial ou sociedade de consumo, ele ainda indica uma relação da literatura com o capitalismo ou a emergência econômica em que o Brasil se encontrava no referido período. Em complemento, Pellegrini (2014) esclarece a influência que a ditadura cívico-militar³ de 1964 teve sobre o mercado editorial na criação cultural brasileira: se antes a ditadura desempenhava um papel ideológico norteador para a criação literária, agora esse papel tinha um novo sucessor: o próprio mercado.

Estamos lidando então com duas obras que sofrem uma forte influência de um mercado editorial agressivo que sai de um longo período de censura para uma abertura capitalista. É importante compreender que o cenário de publicação também explorou a sua condição de “último exilado”. Somente esse rótulo provocaria nos leitores um certo interesse acerca do que esse sujeito teria a dizer. Um exemplo bem sucedido dessa lógica é a obra *O que é isso companheiro?*, um sucesso de vendas, do escritor Fernando Gabeira, publicada ainda na reabertura, em 1979.

As obras contém um caráter homossexual, desse modo resgatar Michel Foucault, reconhecendo sua importante contribuição na discussão sobre sexualidade e a respectiva relação de poder pelo controle dos corpos se faz essencial. Além disso, os fundamentos de Judith Butler serão utilizados, entendendo que a dissidência sexual tem como espinha dorsal a sociedade binária de gênero e os seus respectivos papéis desempenhados de maneira coletiva que implicam as normas de comportamento heteronormativas vigentes no passado e no presente. Da mesma forma, Eve Sedgwick e suas formulações sobre como o armário exerce um *modus operandi* na vida dos sujeitos dissidentes sexuais, exigindo de seus enclausurados percepções e autocontrole que fogem da dita normalidade social.

O recorte geográfico e temporal exige recorrer aos estudos antropológicos, pois há relevância do contexto de escrita da obra para o sentido dela. Sob esse viés, utilizo as contribuições de Green (2018; 2022), que constrói um detalhado material sobre a história do movimento LGBT no Brasil e os aspectos da sexualidade no país do carnaval. Do mesmo modo, as reflexões de Quinalha (2017) que se dedicam a discutir as violências e as perdas de direitos fundamentais dos brasileiros, em especial dos dissidentes sexuais, destrinchando o cenário da homossexualidade durante o macabro período da ditadura cívico-militar brasileira. Para esse período, Figueiredo (2017) desempenha um papel para os estudos literários ao

³ Ditadura militar, Ditadura Segurança Nacional, Ditadura empresarial, Ditadura cívico-militar, essas e outras nomenclaturas têm surgido na literatura especializada com o objetivo de ampliar a discussão dos envolvidos. Neste trabalho adotamos a ditadura cívico-militar por reconhecer o papel da sociedade civil na manutenção do regime.

discutir a literatura como um arquivo, uma vez que os documentos oficiais foram queimados pelo regime e os corpos das vítimas desaparecidas. Assim, carecem as evidências da brutalidade orquestrada pelo Estado. Diante disso, ela propõe que se recorra então aos relatos dos sobreviventes e suas memórias materializadas na escrita.

Ainda que poucas pesquisas tenham sido desenvolvidas sobre o legado literário de Daniel, sua fortuna crítica tem tido tentativas de sistematização, como constata Silva Junior (2023). Esse conjunto de reflexões, de certa maneira, consegue mensurar a relevância desse sujeito em distintas áreas da academia, como já sinalizado por Green (2018). Nas discussões relativas à saúde, destaco os trabalhos de Ribeiro (2018), Dias (2012) e Martins (2009); quanto aos estudos historiográficos, pesquisas especializadas chamam atenção como Pereira (2013), Sinhori (2013) e Monteiro (2017) e no domínio que versa sobre as Letras, temos Areda (2014), Costa Junior (2020) e Silva (2016). Tais pesquisadores demonstram a importância da investigação científica para o resgate de um autor, uma vez que suas análises emergem da interpretação de uma multiplicidade de obras publicadas.

A organização deste trabalho compreende cinco capítulos, que se seguem a esta introdução. No segundo, intitulado “Duas passagens para o corpo romanceado” apresento de maneira mais aprofundada a intersecção do biografismo, da autoficção e do teor testemunhal de Daniel com os dois textos *corpus* deste estudo. Além disso, apresento sua Fortuna Crítica e como ela demonstra múltiplas leituras e distintos rótulos para ambas as obras literárias. Para isso, recorro ao trabalho de Silva Junior (2023), que conseguiu de maneira incipiente sistematizar boa parte da reflexão crítica que focaliza o autor, bem como um conjunto de produções acadêmicas que tentaram com o decorrer do tempo, desvendar a forma do romance e o seu caráter composicional, seria um diário? uma autobiografia? uma autoficção? uma escrita de si? um romance? um possível romance? uma autobiografia romanceada? Enfim, são inúmeras as hipóteses e tentativas que acompanham essas obras e foram aqui objeto de reflexão.

No terceiro capítulo, intitulado “Quem já viu revolucionário bicha?: Herbert Daniel racha as organizações e arromba o armário”, discuto como os movimentos de esquerda, em especial os espaços de guerrilha armada, enxergavam a homossexualidade como um “Defeito pequeno-burguês”, refletindo criticamente como esses espaços reproduziam discriminação e exclusão quando seus integrantes eram expostos ou tinham suas sexualidades reveladas. Para compor o repositório teórico a contribuir para essa reflexão, utilizo Okita (2007), Del Priore (2005) e novamente Green (2018; 2022), Quinalha (2017;2022) e Ian Lumsden (1996). Reconhecendo que o protagonista da obra viveu toda sua militância dentro

do armário, Sedgwick (2007) servirá como guia para entender as ações e consequências geradas aos dissidentes dentro das organizações, além de compreender que até mesmo o armário foi utilizado como um método para dismantelar aparelhos e organizações.

No quarto capítulo, intitulado “Um ticket para a cidade de Sodoma, por favor! Entre exílios e saunas infernais”, proponho que o período de exílio em Paris, na França, contribuiu significativamente para a conciliação entre a homossexualidade e os ideais marxistas de Daniel. O trecho corresponde ao capítulo *SOL*, de *Passagem....* Além de um simples relato de sua jornada de trabalho como garçom em uma sauna gay: amplia o campo de observação e alcança uma reflexão acurada sobre a formação de uma comunidade homossexual. Para isso, utilizo Pollak (1982) como um contraponto demográfico dos homossexuais na Paris do século XX, além de Levine (1979), acerca do gueto gay, e Gigante (2023), que discute, em perspectiva ensaística, a ideia da cidade capitalista mobilizada pelo autor. A chave de leitura é compreender que a escrita ensaística do autor consegue contemplar todos os requisitos publicados por Pollak e avançar suas considerações alcançando a subjetividade que se não esclarece as coisas, ao menos traz hipóteses e motivações.

No quinto capítulo, intitulado “Dois homens se beijaram no meio da rua e todo mundo viu... Uma passagem para casa”, acompanho a hipótese do romance anterior, desta vez a partir da experiência de violência sofrida em um ônibus em Copacabana, no Rio de Janeiro. Nesse momento, Sáez e Carrascosa (2017), Foucault (2013) e Peter Fry (1982) servem como referências para as reflexões desenvolvidas. Para além de narrar um episódio de violência e direcionar uma autocrítica à sociedade brasileira — em especial aos quadros da esquerda —, Daniel constrói uma narrativa memorialística e, simultaneamente, ensaística. A maneira como descreve os acontecimentos e se posiciona diante deles evidencia esse movimento. Nesse sentido, uma figura ilustre é evocada em todos estes momentos, Marilyn Aparecida, lida como um *alter ego* do escritor no plano mais subversivo possível. As reflexões de Susan Sontag (2020) e Denilson Lopes (2002) funcionam como suporte para compreender a linguagem escrachada e satírica como expressão de uma identidade homossexual em construção.

Retomar a relevância do texto literário e sua habilidade de transitar entre todos os campos do saber é um traço não exclusivo da literatura herbertiana; as obras, no entanto, constituem um estudo de caso que se soma a essa compreensão da projeção da literatura na sociedade e em outras ciências.

Nossa tarefa não é descobrir o máximo de conteúdo numa obra de arte, muito menos extrair da obra mais conteúdo do que já está ali. Nossa tarefa é reduzir o conteúdo, para podermos ver a coisa.

(Susan Sontag, 2020)

2 DUAS PASSAGENS PARA O CORPO ROMANCEADO

Um leitor não especializado, quando interessado em algum gênero literário, investiga, a princípio, sobre o que fala aquele livro. Caso tenha preferência por ficção científica, espera um enredo com cenários futuristas ou distópicos em que a ciência detenha o foco. Caso tenha preferência por autobiografias, espera um enredo onde o próprio autor narre sua vida. Caso tenha preferência por romance romântico, espera uma trama centrada em relações afetivas.

A questão que pretendo discutir está fundamentada no entendimento de que a primazia da análise literária muitas vezes - se não todas - , reside no interesse do seu conteúdo temático, ou seja, o que esse livro está dizendo, restando como questão secundária uma preocupação com o *como* esse livro está dizendo o que diz. Apesar dessa percepção, reconheço também que tais discussões são voltadas muito mais para a prosa, uma vez que a essência da poética é mais ligada no tratamento da sua *forma*, que já é consenso, ser uma nova linguagem. (Sontag, 2020)

As duas obras a serem apresentadas à frente, *Passagem para o próximo sonho*⁴ e *Meu corpo daria um romance*⁵, são comumente lidas por diferentes rótulos textuais: romance-reportagem, autobiografia, escrita de si, autoficção, literatura de testemunho, romance memorialístico e infindáveis outros rótulos possíveis. Não pretendo revisitar teoricamente cada conceito textual e confrontá-lo com as obras a fim de demonstrar qual caminho é o mais adequado. Também não é objetivo deste estudo apontar um caminho único de leitura e a inadequação na atribuição de qualquer campo teórico.

Meu interesse está na apresentação das distintas recepções críticas dos romances ao longo do tempo, focalizando não somente o conteúdo temático diverso abordado pelas obras, mas essencialmente como a crítica literária se deteve na *forma* desses romances e qual é o papel dela no debate sobre o que são essas obras. Mais interessante do que dizer o que são é apresentar um debate em torno delas, o processo aqui será muito mais privilegiado do que o produto. Ao mesmo tempo que as obras se apresentam, em paralelo, analisa-se o seu conteúdo e a relação com o caminho adotado pelo autor para narrar o que desejava narrar. Esse movimento de debater a recepção crítica das obras gera um cenário de argumento e contra-argumento produtivo para a reflexão especializada dos textos e aperfeiçoa uma leitura mais minuciosa das obras.

⁴ A seguir, leia-se *Passagem...*

⁵ A seguir, leia-se *Meu corpo...*

Além disso, reconheço a ocorrência de um equívoco procedimental argumentativo por parte de alguns trabalhos que se dedicam a estudar a obra herbertiana. É comum - e até mesmo atrativo - sustentar a existência de uma lacuna nos estudos acadêmicos sobre determinada obra ou autor e, que a própria discussão e publicação de trabalhos seriam responsáveis por preencher esse suposto vazio, acarretando, assim, em um movimento de resgate do autor e apreciação do material literário. Este trabalho também se alinha, em parte, a essas motivações. Contudo, não há um argumento baseado na ausência: há, sim, significativos trabalhos que serão aqui utilizados como recurso argumentativo para a apresentação das obras e sua recepção pela academia.

A hipótese deste estudo foi compreender as duas obras como um conjunto de um trabalho estético concluído, em que o que é constatado no primeiro romance pode também ser percebido no segundo, com o diferencial de captar uma extrapolação narrativa na segunda obra. Em outras palavras, a segunda obra complementa a primeira e se apresenta como uma sequência elevada a uma potência ampliada do que foi inaugurado no primeiro livro.

2.1 *Passagem para o próximo sonho*

Passagem... é a primeira obra publicada por Herbert Daniel. O lançamento do livro ocorre durante o período de reabertura política, dois anos após a Lei da Anistia, que trouxe à pátria o retorno dos exilados mundo afora, com exceção de Daniel que só viria a retornar em 1981. Junto de seu corpo retornou também sua história e essa história que é estudada aqui. É no exílio parisiense que a obra começa a ganhar contornos, entre um intervalo e outro no trabalho de uma sauna gay parisiense. Daniel começou a rascunhar o que hoje reconhecemos como seu primeiro livro.

Assim deixei pela metade o que tinha que escrever. Retomo dificilmente o texto. Novos curiosos aparecem. Quantas vezes vão me perguntar se o que estou escrevendo são minhas memórias? Já cansei de responder que, ao ser interrompido, não posso responder, pois esqueci o que estava escrevendo e é preciso memória para escrevê-las. (Daniel, 1982, p. 180).

A pergunta dos frequentadores da sauna para o autor vai ressoar em praticamente toda a recepção literária da obra. De modo incipiente, o romance tem como enredo principal o relato da trajetória política do autor-personagem nos grupos de guerrilha armada. A narrativa se estende desde o momento em que ele tem contato com o movimento estudantil na UFMG até o seu ingresso na clandestinidade de organizações de luta armada. Muito mais que a descrição dessa trajetória, daremos conta de uma espécie de percurso reflexivo, pois uma

característica atenuante em toda a obra é um movimento de autorreflexão do próprio autor com suas ações, além de um recurso irônico e satírico que questiona o que, à primeira vista, poderia ser interpretado como revolucionário.

A obra é composta com quatro capítulos centrais⁶ - S.Ó, S.Ó.S, SOL e SOLO. Os dois primeiros capítulos apresentam o autor-personagem e mostram a sua iniciação na teoria marxista, o seu trajeto nos grupos e na clandestinidade. Os dois últimos, por sua vez, retomam a chegada no exílio e sua adaptação para os quais se exilou, inicialmente em Portugal e, posteriormente, na França. Cada capítulo apresenta características únicas com poucas semelhanças: SÓ e SOL, por exemplo, carregam uma cronologia de fatos, enquanto SOLO é composto exclusivamente por micro contos e crônicas. É um brincar com a linguagem prosaica sem temer inovar no relato sem seguir receitas. Assim, a obra se destaca e cria sua própria autenticidade.

O capítulo S.Ó tem de início um banquete para o leitor que espera descrições sobre assalto a bancos, despreparo militar, busca e apreensão na casa de guerrilheiros e quedas de aparelhos. Essas ações são descritas por um personagem construído com ironia e criatividade, utilizando uma ordem cronológica dos episódios do nascimento em 1946 até 1972, ano em que, juntamente com seu companheiro Cláudio, recorreu ao exílio. “É, pois é. Pois não. Pois não há com o que escrever uma epopéia, com tal material de derrotas.” (Daniel, 1982, p. 68), é com essa ironia que o personagem narra episódios que a princípio parecem preencher o imaginário social da época. Assalto a bancos, sequestro de embaixadores, treinamento revolucionário armado, fusão e rachas de organizações clandestinas, a ilegalidade parece ter um ar sedutor e romantizado por boa parte daqueles que escutam falar sobre isso. Contudo, Daniel não partilha desse passado narrado de modo heroico: ele o vê como uma derrota que “Terminou assim, esta pequena história. Em silêncio. [...]” (Daniel, 1982, p. 68).

O capítulo S.Ó.S retoma as reflexões sobre o ingresso, a organização e as ações do narrador-personagem nos anos pré-golpe, durante a instauração da ditadura militar e nos anos de chumbo. A maior parte do capítulo segue a descrição das ações e sua autocritica correspondente. Seriam elas: a excessiva teoria marxista e alienação impregnada nos companheiros; a *purgação* do pecado original de ser um pequeno-burguês; a decisão de escolher entre a revolução ou a decadência burguesa que era ser um homossexual; as ações do sequestro do embaixador alemão Ehrenfried von Holleben durante a Copa do Mundo realizada no Brasil; a preparação paramilitar no Vale da Ribeira em São Paulo; a inércia da

⁶ Entre os capítulos estão distribuídos três contos, são eles: *Contos possíveis de 1970*, *Contos possíveis (estórias de bichos)* e *Contos possíveis dos anos inúteis*.

população na adesão à luta armada; as perseguições e a ruptura dos aparelhos por parte dos órgãos de repressão; a clandestinidade paralela e a divulgação das capturas e torturas de ex-companheiros. O capítulo termina com a divulgação do surgimento do codinome Daniel que fazia referência à obra "Robinson Crusoé", de Daniel Defoe. O personagem Robinson, um marinheiro inglês que naufraga e sobrevive sozinho durante muitos anos numa ilha deserta, seria uma analogia ao próprio autor e ao respectivo pedido de socorro. Contudo, a chegada de seu companheiro Cláudio ressignifica essa escolha de nome, passando a simbolizar o vínculo afetivo entre os dois e a condição paradoxal de, mesmo estando juntos, permanecerem sós.

O capítulo SOL tem início com uma cronologia temporal que destaca os seguintes anos: 1974 - saída do Brasil pela fronteira da Argentina e, posteriormente, chegada à Europa; 1975, morte do companheiro Ângelo, principal figura confidente de Daniel sobre a temática da sua homossexualidade; 1976, mudança de Portugal para Paris; 1977,...; 1978, elogios a Paris; 1979, publicação da Lei da Anistia; 1980, o retorno dos exilados, com exceção de Daniel; 1982, seus crimes são prescritos e inicia-se a escrita do livro. Esse capítulo se detém majoritariamente no exílio, com ênfase nas experiências trabalhistas do personagem, em particular em duas saunas gays. A partir do tópico cinco até o tópico dezesseis, o texto apresente uma mescla de relato e ensaísmo intelectual acerca da homossexualidade: membros, preferências, costumes, comportamentos e a lógica da pegação. Até mesmo para construir um ensaio na obra, o autor utiliza a narrativa ficcional, pois ficcionaliza um personagem: um homem casado do interior da França, que pela primeira vez encoraja-se a entrar na cidade de Sodoma, metáfora para a sauna gay que o autor-narrador trabalha. É através dessa narrativa que o leitor vai se deparar com um universo à parte, com um sistema de códigos próprio, formas próprias de comunicação e comportamentos voltados exclusivamente para o gozo.

O capítulo SOLO é composto de dez microcontos, crônicas ou rupturas narrativas, dentre eles: 1) *Proposta Indecorosa*, em que Daniel descreve a experiência de inaugurar um grupo de discussão sobre "homossexualidade e Política" que a comissão de Cultura do Comitê Brasil pela Anistia encaminhou em 1979; 2) *Ribeira*, onde relembra o período de treinamento paramilitar no Vale da Ribeira em São Paulo; 3) *Intervalo*, um desabafo sobre a vida no que seria um espaço em branco do livro; 4) *Bengala*, um encontro de idosas, onde a bengala, símbolo de durabilidade e do que supostamente seria o tradicionalismo se confronta com um estrangeiro exilado infeliz pela sua condição; 5) *Perguntas pra responder no exílio?* uma sequência de questionamentos que mostram o tormento que foi para o personagem permanecer exilado; 6) *Simplesmente*, "Simplesmente uma bicha (sic)" é a fala de um

delegado do Ceará. Na carta, o autor-personagem relatava sua marginalização de não ter sido contemplado pela Lei da Anistia. A recusa da leitura no congresso do Comitê Brasil pela Anistia (CBA) ocorreu pelo delegado dizer ser “Simplesmente, uma bicha”, apesar da carta não ter sido lida no congresso, ela foi publicada na íntegra no jornal “O lampião da Esquina”. 7) *Bom menino*, fragmento da infância do narrador que dialoga consigo mesmo e sua relação com o porão⁷; 8) *Feiúra*, além da marginalização da sexualidade, o personagem aparenta ter uma dismorfia de imagem que o condiciona a uma autodepreciação constante no quesito de beleza estética, o conto focaliza no paradoxo entre ser feio e ser homossexual. 9) *Vagabundo* é o conto que retrata a violência contra a infância, especialmente aquela que esbarra nas expectativas maliciosas dos adultos em contraste com a ingenuidade infantil. A temática da homossexualidade ressurge, mas dessa vez atrelada à infância; 10) *a voz sem dono*; penúltimo microconto do capítulo retoma a melancolia do narrador que exilado sobrevive pela saudade de sua pátria. 11) *Samba-canção para Nádia*, último microconto que se mostra uma homenagem para uma ex-combatente de Herbert Daniel, aparentemente torturada pela ditadura militar e sem contato pelos últimos dez anos, o personagem dedica seu retorno à pátria ao elemento basilar da cultura brasileira, a música samba. Apesar da diferença entre os micro-contos, todos carregam o fio comum do exílio, da experiência de solidão que dá nome ao título do capítulo.

Memória, ficção, verdade, conto, poesia, prosa, narrativa, ensaio, autoficção, autobiografia, ditadura e exílio são elementos centrais para conhecer o Herbert Daniel. Com o nome de batismo de Herbert Eustáquio de Carvalho, posteriormente conhecido como Herbert Daniel, foi um sujeito dissidente em inúmeras frentes. Atuou em uma frente ampla ao se integrar a grupos armados resistentes à instauração da ditadura militar brasileira; em uma frente social ao se afirmar publicamente um sujeito homossexual e manifestar isso abertamente, ainda que após o exílio; e em uma frente literária, na qual não se deixou levar pelos seus semelhantes, resolveu escrever à sua própria maneira, sem seguir regras ou esperar uma autorização do que podia ou não podia falar, do que podia ou não podia fazer, do que venderia ou não venderia. Seu primeiro romance subverte tudo aquilo que era esperado para o primeiro romance do último exilado político brasileiro, que de quebra era viado. As chances para um marketing editorial não foram suficientes para Daniel abdicar de sua essência e da sua maneira de se expressar, ainda que esta fosse tão clara à primeira vista.

⁷ Porão é utilizado na narrativa, mas facilmente pode-se entender a alusão ao que contemporaneamente se nomeia por armário e que aqui será também objeto de análise.

A primeira recepção crítica do romance *Passagem...* foi realizada pelo jornalista Álvaro Caldas, na sucursal da Folha de S. Paulo no Rio de Janeiro. A manchete chamada “Da aceitação da derrota à vida nova” ocupa um quinto da página do jornal com pouco menos de 10 parágrafos. É já neste primeiro contato crítico que a contestação da obra se apresenta: “O livro é uma surpresa. Ou muitas surpresas. Para começar, não é um livro só são vários, **indefiníveis**: não é um romance, não é simplesmente memória, parte pode ser um depoimento, contos, ou tudo não passa de uma prodigiosa imaginação do autor?” (Caldas, 1982, p.59, grifo nosso). A avaliação jornalística segue com elogios e críticas acerca da obra, porém reforça uma certa diferença daquilo que poderia ser “*mais um diário de exilado*” (Daniel, folha de rosto) e procura destacar a indefinição presente na obra. O jornalista a descreve partindo de uma negação do que não é a obra literária e abre para a possibilidade de uma “prodigiosa” invenção da imaginação do autor. Arriscado, mas pertinente. É essa indefinição que pretendo discutir. Mais do que procurar explicações, interesse-me por identificar os devidos argumentos e analisar os respectivos pressupostos que esse discurso crítico pôs em circulação, uma vez que as múltiplas leituras das obras podem evocar uma discussão pertinente para os estudos literários e para a própria apreciação futura do livro.

Em *Os perigosos: autobiografias & AIDS*, Marcelo Secron Bessa dedica um capítulo de seu livro a Herbert Daniel. Ele acompanha a leitura crítica de Caldas ao afirmar que “Ao contrário da maioria dos livros semelhantes lançados na época, *Passagem para o próximo sonho* é um livro um bocado, digamos, *subversivo*, tanto no conteúdo quanto na forma” (Bessa, 2002, p. 97, grifo do autor). Graças a sua formação acadêmica — é doutor em Letras — e à possibilidade de explorar a obra com mais profundidade do que uma matéria jornalística de poucas páginas, Bessa consegue de modo mais potente expor essa *subversão*, assim por ele nomeada.

No campo temático, a diferença reside na coragem de tratar abertamente a homossexualidade na obra, algo feito de maneira preliminar em *O que é isso companheiro?* de Fernando Gabeira, mas aqui o texto “prende-se à sexualidade do autor, que discorre sobre a descoberta de sua homossexualidade, a filosofia do gueto (como ele assim chama) homossexual, seu emprego em uma sauna *gay* em Paris, seus frequentadores, as orgias e bacanais que ocorriam na sauna etc” (Bessa, 2002, p. 97). Ou seja, Daniel é subversivo frente aos demais livros testemunhais, pois realiza uma autocrítica consciente e não se acovarda em discorrer sobre sua homossexualidade em uma sociedade ainda homofóbica. Mais à frente, destacarei a importância da autocrítica como um aspecto significativo, reconhecido

amplamente pela crítica como um fator central na análise da obra e como componente formador para enquadrá-la em determinado gênero literário.

No que diz respeito à forma, há uma descrição que realça os jogos com o gênero autobiográfico que Daniel realiza e que para os leitores são “no mínimo, **estranhíssimos**” (Bessa, 2002, p. 98, grifo nosso), além de jogos da narração, em que “quase sempre a narração [...] é na primeira pessoa, mas, às vezes, há uma mudança de foco narrativo para a terceira[...]”(Bessa, 2002, p.98). Segundo Bessa, Daniel “faz de certos capítulos contos à parte. Contos dentro de uma autobiografia?!” (Bessa, 2002, p. 98).

A inserção destes contos está descrita no sumário como *possíveis na página possível, nos intervalos do real*, e está distribuída entre os supostos *capítulos*, se assim os podemos chamar. A ordem obedeceria à seguinte sequência: Pré-inscrição/Pr-escrito[p.11-12] - SÓ [p.15-68]- *Contos possíveis de 1970* [p.69-78]- S.Ó.S [p.81-128] - *Contos possíveis (estórias de bichos)* [p.129-137]- SOL [p.141-191] - *Contos possíveis dos anos inúteis* [p.192-207] - SOLO [p.211-243].

Refletir o questionamento levantado por Bessa é muito produtivo, pois se trata de um caminho para compreender a obra, no sentido de entender as distintas recepções realizadas no decorrer do tempo. Em síntese, para o autor, a *forma* é *subversiva* pois não é comumente parecida com uma convencional autobiografia, a mudança narrativa não respeita a ordem da primeira pessoa e a dedicação exclusiva para um momento de ficção tampouco é algo característico ou esperado de uma obra que, *a priori*, seria mais um livro de testemunho.

Mas afinal, qual a importância de sinalizar a forma do romance? Ora, a base da linguagem é a sua *forma*, é o que difere a poesia da prosa, o teatro do cinema, a pintura da fotografia. São as *formas* que caracterizam as coisas, não o que é expresso, mas *como* é expresso. Esse entendimento fundamenta a relevância atribuída, neste trabalho, aos dois livros. A composição do livro exemplifica a *subversão* que o próprio autor realiza em sua produção literária. Não há, como é de se esperar de um sujeito subversivo político, sexual e social, um compromisso irrestrito com as normas estilísticas acerca daquilo que ele procura expor, ao contrário, ele brinca com o texto literário a ponto de falar da sua trajetória e inserir o que ele nomeará, no segundo romance, como *dejetos do imaginário*.

Outro caminho adotado na leitura da obra está no campo historiográfico, o qual desperta muito interesse na literatura testemunhal. Por exemplo, João Sinhori (2011) inicialmente coloca a obra no mesmo "mar de muitos outros romances que começam a ser publicados em um aparente processo de abertura política [...]" descrevendo-a a partir de um "tom memorialístico, autobiográfico e autocrítico da “esquerda” brasileira” (Sinhori, 2011, p.

1176). Enviesado pela perspectiva historiográfica que utiliza a literatura de testemunho para uma compreensão da história, o autor acaba por reduzir o texto literário como um “depoimento” que estaria em um “imaginário jurídico” com a finalidade de “identifica[r] os acusados, os inocentes, os erros e acertos, os que praticaram os crimes e os que se omitiram perante estes” (Sinhori, 2011, p. 1176). Esse ambiente de justiça conseguiria “busca[r] punição dos algozes, através do experimentado, vivenciado e sofrido.” (Sinhori, 2011, p. 1176).

A literatura testemunhal ou literatura memorialística ao se debruçar sobre o relato do trauma, na expressão da palavra que rompe o silêncio e na negação do esquecimento, *pode* se utilizar de inúmeros recursos ou tensionar suas formas para alcançar essa finalidade. Contudo, a literatura também *pode* não acompanhar esse processo. A obra não está preocupada em restaurar os tribunais, nem compor um júri de leitores para decretar uma sentença “justa” para aqueles que foram perseguidos, desaparecidos e assassinados pelos algozes da ditadura militar. Há, sim, um clamor de justiça “Em silêncio. Há mortos, porém, que pedem justiça.” (Daniel, 1982, p. 68). Mas também veremos à frente que Daniel não está preocupado em instaurar uma verdade, muito menos inocentar ou condenar suas ações e as respectivas reações a ela. A preocupação está com o diálogo e com as pontes, algo que será recorrente no decorrer da obra “Hoje o mais importante não é permitir que os que se revoltaram se expliquem, mas garantir aos que permaneceram indiferentes a entrada no diálogo. Contar é apresentar motivos de conversações.” (Daniel, 1982, p.46). O objetivo é alcançar o povo, a massa e todos aqueles que não perceberam – ou foram impedidos de perceber – que viveram sob um estado de exceção totalitário.

Em determinado momento do texto, Sinhori (2011) conclui: “Os subtítulos das obras nos dão uma certeza, são obras de ficção, se estruturam como obras de ficção.” (Sinhori, 2011, p. 1178). Para o autor, “conciliar o material autobiográfico com a estrutura de ficção significa justamente ter que recorrer a uma estética que se faz necessária, porém ineficiente, incapaz de dar conta da realidade” (Sinhori, 2011, p. 1178). Ou seja, o título e a escolha de inserir contos ficcionais entre os capítulos do livro o colocam exclusivamente no campo da ficção, fora da mimese da realidade.

Mas *pode* a literatura dar conta da realidade? A realidade é transposta? Dada a finalidade historiográfica da pesquisa de Sinhori (2011), é compreensível buscar uma alta fidelidade do passado, contudo, peca esperar da literatura, seja ela autobiográfica, ficcional ou testemunhal, um retrato estático de qualquer âmbito temporal. Isso colocaria amarras na

criação do verbo e violaria a própria lógica da memória que não se cumpre na fidelidade do plano real.

Um ano depois, com um trato mais maduro do texto literário, Sinhori (2012) revê sua afirmação e recua, acompanhando Bessa (2002) e apontando uma certa inconvenção ou distinção da obra herbertiana com demais obras do período pós-ditadura militar. Ele diz “Neste relato testemunhal, [...] sua linguagem é mais rebuscada e tanto o conteúdo como a forma do texto literário **são estranhos** se comparados a outros livros que se valem do memorialismo ou testemunho do período militar no Brasil” (Sinhori, 2012, p. 265, grifo nosso). Ainda que inicialmente o rotule enquanto um “relato testemunhal”, a afirmação procura distanciar a obra das demais que estão na mesma esteira temática. Apoiado nas contribuições de Bessa (2002), Sinhori (2012) consegue reconhecer a complexidade da obra, deixando de defini-la como uma mera obra memorialística, como as demais publicadas no período da reabertura política. Ele passa, então, a perceber a inserção da ficção e o não compromisso com uma *única* verdade.

Outro historiador, Rômulo Medeiros Pereira (2012), de modo semelhante a Sinhori (2011), enxergou a obra apenas como uma *autobiografia* “constituída [...] por memória [...]” e por fazer parte do que “se convencionou chamar de escrita de si [...]” (p. 1). Contudo, Pereira (2013) parece compreender que a atribuição definitiva de um tema central para os livros “é correr o risco de não enxergar outras implicações políticas.[...] significa prendê-los a regras estilísticas e enquadrá-los a certa categoria de gênero, algo que Daniel não estava interessado em fazer” (p. 82). Há neste momento dois conceitos literários importantes, a *escrita de si* e a *autobiografia*.

O conceito de *escrita de si*⁸, popularizado por Michel Foucault, baseia-se na prática da escrita como instrumento de autoconstrução do sujeito, ou seja, um processo reflexivo em que o ato de narrar a própria experiência permite compreender-se e transformar-se. Essa autoconstrução é manifesta de duas formas distintas no livro. A primeira é a constante percepção de autocritica realizada por Daniel: revisitar o passado e “sair da ilha para observar a ilha”, e assim produzir uma crítica mais contundente. A segunda, de modo paradoxal, revela-se na tentativa de não construir uma identidade estática. Em diversos momentos, Daniel enfatiza a ineficácia de definir uma identidade do sujeito homossexual, recusando rótulos e categorias que limitem a complexidade de sua experiência e de sua subjetividade.

⁸ Há outras obras importantes onde Foucault aprofunda esse conceito, dentre elas destaco *A hermenêutica do sujeito* e *Tecnologias do eu*.

Homossexual? O nome engana e só foi dado para confundir. Por isto qualquer denominação é um adjetivo que serve para indicar “aquilo” que ninguém sabe muito bem o que é, “aquela” confusa mistura de sexos iguais e diferentes. Há quem ache ofensivo os termos bicha, viado, louca, paneleiro (em Portugal). Mas tais nomes valem tanto quanto homofilia, homossexualismo, pederastia, e mais palavras, que elas sempre foram abundantes (e a bunda tem sua razão de ser). Sempre adjetivos. Quando se usa o adjetivo com valor substantivo há um processo metonímico: a parte pelo todo. O homossexual é uma pessoa homossexual, como poderia ser: careca, bonito, dolicocefalo, tailandês, alfaiate, reservista de segunda categoria, vegetariano ou general. . . O risco, no caso do homossexual é inventar UMA homossexualidade, uma *coisa*, espécie de essência?, que define a totalidade do indivíduo. E nada é menos coisa, objeto, matéria ou essência. (Daniel, 1982, p. 170)

A ideia defendida por Daniel, de não compactuar com uma identidade homossexual, pois isso reduziria o sujeito a um *adjetivo*, é amplamente defendida na contemporaneidade. Contudo, essa defesa contemporânea só foi possível graças às organizações políticas que produziram um movimento articulado e socialmente capaz de sistematizar pautas, romper estereótipos e estigmas destinados aos indivíduos que são rotulados por traços pessoais. Essas causas se estendem para as mulheres, pessoas racializadas, pessoas com deficiência e povos originários. A articulação política pautada em um *traço em comum*, talvez seja necessária para desestabilizar os estereótipos que reduzem esses sujeitos a meros *adjetivos*. Daniel não via dessa forma naquele momento – limitações compreensíveis diante de seu contexto histórico. Ainda assim, é preciso dar crédito pela conclusão acertada de seu pensamento.

Ainda há a relação entre a verdade e o poder, aspecto que Daniel problematiza ao criticar as organizações políticas de esquerda. De maneira combatente, o autor relata que, durante sua trajetória, percebeu a formação de um movimento de seita, uma dinâmica de caráter sectário, marcada pela rigidez ideológica e práticas de exclusão.

Qualquer seita se organiza em torno dessa idéia messiânica que fala de um grupo de iniciados que se prepara laboriosamente para o advento de um mundo melhor. A seita age falando que não age: que sua ação será real no futuro quando a *sua* verdade se generalizar, quando chegar o momento da revelação final. (Daniel, 1982, p. 63, grifo do autor)

Daniel concluiu, portanto, que uma *única* verdade não existe. Nesse caminho, a ditadura da verdade produz uma seita contraditória que faz o que diz não fazer. É nessa reflexão contínua sobre si mesmo, sobre sua trajetória, suas ações e omissões, que as críticas são tecidas e as reflexões desenvolvidas nos seus escritos. Michel Foucault, descreve os *hupomnêmata* - espécie de caderno de anotações em que os greco-romanos utilizavam como registro de reflexão no intuito de demarcar as condutas- Foucault diz que “O movimento que eles procuram realizar é o inverso daquele: trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o

oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si.” (Foucault, [1983] 2004, p. 149). Ele se refere ao comportamento da época, àquilo que fazia parte da sua autoconstrução. Não se tratava de algo oculto, pois a prática jazia na própria conduta de quem escreve; restava apenas despertar essa consciência e colocá-la no papel.

O estudo prossegue com a análise da correspondência de Sêneca com Lucilius e como aquele fala de si ao aconselhar este, “A carta que é enviada para ajudar seu correspondente - aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo - constitui para aquele que escreve uma espécie de treino [...]” (Foucault, [1983] 2004, p. 154). O argumento continua com a afirmação de Demétrio e o estilo epistolar livre, sob pressuposição de que sua composição é sustentada na revelação da alma. Em outras palavras, escrevendo sobre si de modo livre, o autor estaria a revelar sua própria essência e quaisquer orientações advindas da sua consciência seriam um treino para falar de si próprio.

Acerca da alma e do corpo, a escrita dos livros surge após o conflito entre o ser e o corpo que ele habita. Daniel tanto em *Passagem...* quanto em *Meu corpo...* apresenta um conflito interno – aqui podendo ser associado à sua alma, ou seus conflitos internos de filosofia política ou desejo homossexual – resultado da relação de seu corpo com o meio em que ele está inserido. Sua homossexualidade ganha aqui o destaque central haja vista que é um fator desencadeador dos dilemas, reflexões e ações que o movimentam.

A conclusão direta no ensaio está no gênero epistolar e em como ele exige do escritor uma avaliação de autoconsciência constante de si próprio para registrar aquilo que será escrito. É a expectativa da leitura do outro sobre si que movimenta a autoconsciência de pensar em si de determinado modo. A avaliação do outro impulsiona-o, por sua vez, a avaliar-se também. Ora, a afirmação de Foucault – “Escrever é, portanto, “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro.” (Foucault, [1983] 2004, p. 156), pode ser associada ao corpo de Daniel e exemplifica uma característica importante presente nos romances, a própria interação do narrador com o leitor é um demonstrativo de tal argumentação.

No que diz respeito ao conceito de *autobiografia*, a adoção da obra entra em diálogo com o conceito de literatura de testemunho e serve como norte ou uma forma de aproximar-se de algo mais consolidado no campo literário. O historiador Pereira (2013) admite haver um “[...] hibridismo e [...] o embaralhamento das características testemunhais e ficcionais na composição dos escritos memorialísticos de Daniel” (Pereira, 2013, p. 84). Assim, vemos que a obra já não está no consenso de uma definição, mas sim de uma

indefinição, marcada por características perceptíveis que parecem colidir com o esperado para gêneros literários claramente delimitados.

Esse hibridismo é verificável, por exemplo, na alternância entre os trechos em que o narrador-personagem descreve acontecimentos históricos - como sua atuação em organizações de luta armada, os sequestros dos embaixadores e o período do exílio em Portugal e na França - e passagens ficcionalizadas que saem da lógica documental, exemplificada nos *contos possíveis* inseridos entre os capítulos. Nesses momentos, Daniel quebra a linearidade temporal dos acontecimentos por ele vividos e insere personagens e situações que não podem ser comprovadas historicamente. Assim, a obra não se restringe à autobiografia nem à ficção, estabelecendo um certo hibridismo que tensiona a noção de verdade.

É com Israel Pechstein (2015) que a exemplificação dessas características acontece com um tratamento mais esmiuçado e robusto. Apesar de, equivocadamente, alegar significativa escassez de textos que tematizam a obra do autor, Pechstein consegue construir uma argumentação consistente sobre o livro e suas particularidades. A primeira delas compartilha a característica de não igualar a obra aos demais romances publicados no período “pós-regime militar”⁹: “O livro de Daniel foi lançado na mesma época em que os romances-reportagem e tem temática semelhante. Contudo, veremos que *Passagem* se diferencia pela sua autocrítica, sua fixação metatextual e sua insistência em lembrar.” (Pechstein, 2015, p. 80). A autocrítica mencionada é posta, por exemplo, em distinção com a célebre obra *O que é isso, companheiro?* de Gabeira. Pechstein utiliza a crítica de Davi Arrigucci Jr. (1987) para pontuar que

[...] no tom do discurso se vai percebendo a novidade, embora se acompanhe, como antes, o fio da narrativa oral: é que ele se torna cada vez mais apologético e menos reflexivo ou indagador. Em lugar das perplexidades e da busca, no plano das idéias, Gabeira parece ter adotado um novo tipo de militância, precária e desgarrada de qualquer programa, voltada para as questões da vida prática e atenta para a emergência de grupos — as mulheres, os negros, os homossexuais —, à margem do debate tradicional sobre a luta de classes. (Arrigucci, 1987, p. 137).

Já em *Passagem...* a autocrítica é explícita já no subtítulo do romance: “um possível romance autocrítico” (Daniel, 1982). Pechstein conclui que “Daniel conta as suas histórias de guerrilheiro, mas numa forma autoconsciente, sem justificar-se nem desculpar-se. Da mesma forma, o autor admite ao leitor os seus erros, mas sem reduzir sua obra a uma

⁹ Essa expressão é utilizada por Pechstein no seu artigo, contudo, não há uma menção específica do período compreendido a ser referido.

confissão.” (Pechstein, 2015, p. 80). Leitor inspirado da obra Machadiana, Daniel insere, no meio do seu romance, um “Curto circuito” que diz:

A hora ainda não chegou de autobiografias, preparemos hipóteses para autocrítica.
Sobretudo evitar escrever memórias artificiais onde se prova, mesmo sem querer,
que se tinha razão. Não quero ter razão.
Quero conservar a lucidez. (Daniel, 1982, p. 35).

Além do subtítulo do romance “*um possível romance autocrítico sobre os exílios*”, também insere o “Curto Circuito” para deixar claro seu compromisso com a obra. Ciente da recepção que obras semelhantes tiveram, e buscando se afastar dessa associação, ele adverte o leitor a não interpretar a obra como uma autobiografia – pois esse não é o momento –, nem a lê-la a obra com a lupa da razão, pois este também não é o intuito.

Pechstein diz ainda que: “A prosa de Daniel não se conforma a um estilo específico e desafia o leitor a perceber ironias e trocadilhos, entre reflexões mais críticas” (Pechstein, 2015, p. 80). Realmente, a obra não é fechada como uma autobiografia, um testemunho ou um romance-reportagem como já discutido (Bessa, 2002; Sinhori, 2012; Pereira, 2013). Quanto às ironias e aos trocadilhos, resgato o sumário da obra que muito lembra uma poesia concreta. O sumário funciona como um prelúdio da subversão formal e demonstra a preocupação estética e formal do autor já nos momentos iniciais do livro. O visual não é mero detalhe e a seleção lexical não busca apenas cumprir um critério sonoro e estético, mas demonstrar a preocupação real no como Daniel irá contar o que contou.

Sumário

Pré-inscrição/ Pr-escrito

SÓ

S.Ó.S

SOL

SOLO respectivamente nas páginas possíveis

Contos possíveis na página possível, nos intervalos do real. (Daniel, 1982).

Apesar dos apontamentos pertinentes com a obra, Pechstein também tenta entender/enquadrar o romance em algum campo teórico literário, ainda que pela via da diferença. O romance não é uma confissão, pois “rejeita o aspecto confessional esperado do homossexual marginalizado que assume seu ‘pecado’ e, conseqüentemente, seu lugar periférico na sociedade” (Pechstein, 2015, p. 81). Tampouco é um romance-reportagem, pois “Daniel abordou vários temas ao mesmo tempo (sexualidade, exílio, marginalidade, guerrilha), um método incomum numa época em que os autores focalizavam somente nas suas experiências de guerrilha” (Pechstein, 2015, p. 81). Nem mesmo se enquadra na literatura de testemunho, pois “Daniel assume seu papel na criação e no relato do romance e se recusa a

confirmar qualquer verdade que o leitor queira estabelecer.” (Pechstein, 2015, p. 82). Resta, afinal, entender o que é *Passagem*..., para isso ele opta em recorrer ao que o próprio autor diz “Daniel designa *Passagem* como “Literatura pessoal”. Essa categoria evita cuidadosamente as classificações de literatura homossexual, testemunho e autobiografia.” (Pechstein, 2015, p. 81). Ele continua:

Podemos considerar o romance dentro da classificação de testemunho? Com certeza *faz parte* da mesma geração de autores que escreviam criticamente sobre o regime militar e sobre a Abertura. Contudo, temos que também considerar como *Passagem* se distingue desta categorização por incluir erros, frustrações e ironias do autor - por isso é “literatura pessoal”. (Pechstein, 2015, p. 83).

Ou seja, “Literatura Pessoal” seria então um termo guarda-chuva que conseguiria compreender a inconveniência estética e temática da obra. Ela seria capaz de abarcar o *estranhamento* percebido pelo leitor quando tentasse enquadrá-la em alguma definição específica. Não obstante, isso não impediria a obra de estar dentro das classificações já existentes, como o testemunho, a autobiografia e a autoficção, são isso, mas algo a mais também.

O debate ainda não se encerra; pelo contrário, a discussão parece ganhar novos contornos com a tese de doutorado do Leandro Silva (2016) que também contribuiu para a recepção crítica da obra. Diferente das contribuições analisadas acima, Silva (2016) segue o caminho de problematizar a obra no campo teórico específico da *Literatura de Testemunho* na tentativa de afastar o romance desse gênero. Importa esclarecer e pontuar que seu foco recai no campo *temático* da obra: na relação do testemunho com a verdade e a ficção, além da particularidade de Daniel ser declaradamente homossexual em suas obras. Já vimos que vários críticos reafirmam que a intenção de Daniel com seu livro não é instituir uma verdade sobre o que aconteceu, algo que seria um critério para adentrar nesse conceito da Literatura de Testemunho. Passemos, então, para outro aspecto. O segundo elemento foco da análise é a temática da homossexualidade, algo já notado anteriormente, porém não suficientemente debatido.

No plano da publicação, é difícil não associar a obra ao testemunho; afinal, ela foi lançada em um período de muitas publicações com teor semelhante, algo que o próprio Daniel reconhece no capítulo “Curto circuito” e considerando que o livro é a primeira publicação de um exilado político que participou ativamente na luta contra a ditadura, é de se esperar ser “mais um diário de um exilado”. Entretanto, a defesa é de que o testemunho, diferentemente da autobiografia, se sustenta pela sua excepcionalidade, coisa que não se aplicaria ao romance.

O caso de Herbert Daniel, se pensarmos nos tropos dos testemunhos pós-ditatoriais do cone sul, possui características singulares: ele nunca foi preso ou interrogado, não sofreu torturas nem foi banido, saiu do país por conta própria e não foi anistiado - foi o último exilado político a retornar, como se lê em *Passagem...*, porque seus crimes supostamente haviam sido prescritos. Além disso, a narrativa de sua homossexualidade não é um tropo recorrente do testemunho sul-americano, nem faz parte do cânone desse gênero de época.[...] É lícito ler ambas as obras [...] como uma necessária subversão do tropo testemunhal brasileira por causa da introdução da homossexualidade. Neste quesito, as restrições sofridas por ele como pessoa gay não podem ser lidas à luz da excepcionalidade, porque não são particulares aos regimes de exceção, mas elementos estruturadores da sociedade. (Silva, 2016, p. 134).

Ou seja, no campo *temático*, a obra se afasta do estatuto de verdade consagrado por alguns autores do gênero testemunho e inova pela inserção da homossexualidade, ainda assim, ela não poderia estar associada com a excepcionalidade dos regimes ditatoriais, pois as opressões e violências direcionadas a esse grupo são estruturais da sociedade e não exclusivas de estados totalitários. Ele também pontua outros elementos que parecem ser complexos, seriam eles: a trajetória política de Daniel de não ter sido apanhado pelo órgão repressor e sofrer violências físicas; ter conseguido exílio de maneira autônoma e não integrar parte do grupo de contemplados da anistia. Esses fatores reforçariam a não associação ao *protótipo* da literatura testemunhal. Importante resgatar a afirmação de Seligmann-Silva sobre a noção de testemunha “não só aquele que viveu um martírio pode testemunhar; a literatura sempre tem um teor testemunhal” (Seligmann-Silva, 2003, p. 48), não me parece adequado afastar a obra herbertiana do testemunho pela razão de Daniel nunca ter sido capturado pelos órgãos de tortura, evidentemente que isso não o coloca no mesmo lugar dos torturados, mas também não o exclui do grupo de perseguidos, que, atormentados pela paranóia da iminente captura e posterior tortura, também sofreram certos tipos de violências da ditadura. No campo da forma, Silva (2016) destaca algumas estratégias que distanciam o livro do relato testemunhal.

A primeira é o plano da obra, “[...] que surge primeiro entre as páginas 24 e 35, e depois entre 143-147. Nos dois casos, o autor sumariza os anos narrados, de 1952 a 1971, ou seja, da sua primeira experiência sexual às viagens pelo Brasil para esconder-se, e de 1974 a 1981, do exílio na Europa ao possível retorno” (Silva, 2016, p. 139). Fica claro que Silva (2016) associou a própria afirmação de Daniel no livro com esses momentos de construção cronológica quando o autor diz, “[...] o período de clandestinidade se divide em duas fases bem distintas. A primeira, que vai até 1972, se caracteriza pela frenética intensidade duma militância que deu pouco ou nenhum tempo de reflexão” (Daniel, 1982, p. 46) e continua, “A segunda é a época de imobilidade e confusão, um exílio sem nome que se passava nos campos de um planeta desconhecido e triste” (Daniel, 1982, p. 46). Essas duas fases mencionadas pelo

autor são sumarizadas de maneira cronológica no livro, a primeira no capítulo *SÓ* e a segunda, no capítulo *SOL*. Silva (2016) continua com uma questão já apontada por Bessa (2002), mas abordando-a de maneira distinta. Um foco de enredo na guerrilha como fio definidor da literatura testemunhal e o outro destaca a distinção entre esse fio e os contos ficcionais, que, interessa dizer, tematizam o referido período. Ou seja, embora a obra apresente ficção e relato entrelaçados em sua composição, ambos carregam uma temática em comum: o referido período da guerrilha urbana. Se isso não é o suficiente para fazer parte da literatura testemunhal, torna-se difícil estabelecer outros critérios que a incluam nesse gênero.

A segunda estratégia se relaciona com a ficcionalização do relato, esse caminho acaba por fragmentar a narrativa da obra, onde, “As digressões temporais apresentam os dados do passado à luz da compreensão presente do narrador, mimetizando o movimento não linear típico da memória – que ele chamará, como veremos, de lembrança” (Silva, 2016, p. 139). Como já dito acima, a linearidade temporal e a narrativa só acontecem em dois momentos na obra. Nos demais, imperam uma desordem cronológica e as narrativas avulsas, onde os contos e até mesmo a intromissão do autor-narrador acontecem para desestabilizar a linearidade típica dos romances de testemunho. Para além da história não traçar uma linearidade temporal, ela também não traça um roteiro com início-meio-fim, é comum no *clímax* dos contos e de outros momentos do texto que não haja um final claro e sim um comentário do autor trazendo o leitor para construir junto dele, o enredo da obra e o sentido do romance.

Deixo para vocês acabarem esta estória. O que poderá fazer a polícia para prender João? Cercar o estádio, invadir as arquibancadas? Divulgará pelo microfone um aviso, convocando a massa à delação? E a massa, como responderia? Cada um olharia seu vizinho como se fosse um suspeito em potencial? Ou se recusaria a participar na busca policial? Deixo que vocês resolvam o caso dessa solidão. (Daniel, 1982, p. 78).

A terceira estratégia é que “Daniel também cria e distorce palavras, o que também suspende uma leitura interessada apenas em acompanhar seus passos como membro da guerrilha e exilado político” (Silva, 2016, p. 139). Vimos que essa estratégia já foi mencionada por Pechstein (2015) e os respectivos trocadilhos com as palavras foram analisadas por ele. Esse recurso linguístico ficará muito mais potente na segunda obra, *Meu corpo...*

A quarta estratégia é constituída por “[...] narrativas em terceira pessoa com personagens, nem sempre baseadas em pessoas reais, que se assemelham a contos, além de textos alegóricos e poemas” (Silva, 2016, p. 139). Ele começa dialogando com o leitor e o

convida a participar da própria construção da narrativa: “Vamos brincar de faz de conta: imaginemos a possibilidade da existência de um personagem-autor de um romance imperfeito - este-, com as características que invento abaixo” (Daniel, 1982, p. 22). Logo, após a descrição do personagem, tanto a voz narrativa quanto o modo temporal mudam “nosso personagem trocava de nome tanto quanto mudaria de casa” (Daniel, 1982, p. 35) e uma terceira mudança ocorre agora finalmente em primeira pessoa, “Num dos meus sonhos mais frequentes, durante o período da clandestinidade, eu seria preso, ficaria numa sala nua, diante duma mesa coberta de papéis burocráticos, iluminada como um braço podre num ombro que sofre” (Daniel, 1982, p. 39). Apesar de não ter sido preso, a tortura psicológica e o medo constante da captura e do trauma não deixaram de atormentar o dia a dia do narrador.

Outro agente de contribuição é o Matteo Gigante (2022) com teorias e discussões mais recentes do campo literário, propõe o seguinte sobre a obra: “[...] podemos constatar uma conformação de gênero híbrida, proposta pelo próprio autor.” (Gigante, 2022, p. 140), o surgimento do hibridismo textual parece comportar essa obra, que, ao mesmo tempo que é algo, também não o é por completo. Ela é uma obra de testemunho, mas diverge da sua categorização comum e dos seus pares desse rótulo, ela é uma autobiografia, mas diverge do que, *a priori*, esse gênero supostamente exige. Ela é a verdade ficcionalizada do autor, mas rompe com tal compromisso. Muito ancorada nas contribuições teóricas de Pechstein (2015), a discussão da forma aqui parece caminhar nessa fronteira entre o *testemunho*, a *autobiografia* e a *autoficção*. Contudo, não há um consenso apaziguado, por exemplo, quanto ao rótulo de “Literatura pessoal”, pois, para Gigante, “conflita com as barreiras fixadas entre ficção e realidade, constantemente desafiadas pelos próprios escritores e críticos” (Gigante, 2022, p. 141).

Uma definição inicial a ser destacada é a proposta por Manuel Galich, membro do Júri do Prêmio Casa das Américas de 1969, que, ao receber inúmeras obras que escapavam ao padrão do romance e lançavam uma tendência de tomar a prosa para narrar as experiências de participações em ações de guerrilha, propôs o que hoje conhecemos como *testimonio* (Marco, 2004). Galich optou por procurar uma definição pelo avesso, um movimento similar ao que os críticos de Daniel têm realizado.

[...] é diferente da reportagem, da narrativa ficcional, da pesquisa e da biografia. O testemunho difere da reportagem porque ele é mais extenso, trata com mais profundidade seu tema, deve apresentar uma qualidade literária superior e não é efêmero como a reportagem que se vincula à publicação em veículos periódicos. Distingue-se da narrativa ficcional, porque descarta a ficção em favor da manutenção da fidelidade aos fatos narrados. Afasta-se da prosa investigativa, na medida em que exige o contato direto do autor com o ambiente, fatos ou

protagonistas que constituem sua narração. O testemunho é diferente da biografia porque, enquanto esta escolhe contar uma vida por seu interesse de caráter individual e singular, aquele reconstitui a história de um ou mais sujeitos escolhidos pela relevância que eles possam ter num determinado contexto social. (Marco, 2004, p. 50).

Importa resgatar essa definição inaugural¹⁰ do gênero para demonstrar o método adotado pelo júri para compreender essas obras distintas das comumente recepcionadas. Esse procedimento comparativo é um recurso pertinente para a compreensão do novo, pois se apropria do desconhecido e o inverte para a criação de uma nova definição. Esse mesmo procedimento tem sido empregado por críticos ao analisarem a obra *Passagem...*, que, assim como aquelas primeiras produções, desafia categorizações fixas e exige novas formas de leitura.

Marco (2004) também coloca uma ponderação pertinente acerca da literatura de testemunho, seria a relação dela com a história literária. Para a autora há determinados traços do texto moderno que colidem com as marcas “de um rosto prenhe de horror”. Na visão da autora, o texto moderno ainda é carregado de um idealismo iluminista e de uma esperança do progresso em parceria com o Estado e a sociedade, paradoxal visão quando as catástrofes foram perpetradas por Estados. É essa repulsão magnética que parece aproximar o texto moderno com a literatura de testemunho. Acerca do texto moderno, pode-se concluir que Daniel converge com alguns destes traços: são eles “A fragmentação, a exposição da prevalência da forma, a pluralidade de vozes, a justaposição de imagens ou pontos de vista, a ruptura com a ilusão realista, os ensaios de representação dos movimentos psíquicos, o amálgama de diferentes linguagens etc.” (Marco, 2004, p. 61).

Deve ter ficado claro que muitos críticos recorreram ao conteúdo da obra para tentar compreendê-la, os poucos que se detiveram à sua forma a utilizaram-na como recurso argumentativo para dar robustez à sua interpretação. Esse movimento condiz com a conclusão de Susan Sontag (2020) acerca da interpretação, ela diz que “[...] é a defesa da arte que dá origem à estranha concepção de que algo que aprendemos a chamar de “forma” está separado de algo que aprendemos a chamar de “conteúdo”, e ao gesto bem-intencionado de considerar o conteúdo como essencial e a forma como acessória” (Sontag, 2020, p. 14). Tenho percebido que, os críticos de Daniel, com raras exceções, possuem uma preocupação mais intensa com o conteúdo temático inserido na obra, dedicando pouca atenção à forma literária adotada. À primeira vista, essa afirmação pode parecer contraditória, haja vista a vasta recepção crítica que apresentei até o momento. No entanto, essa percepção não se sustenta integralmente, pois

¹⁰ Para aprofundar estudos sobre o tema, consultar Nestrovski; Seligmann-Silva(2000) e Seligmann-Silva (2003).

ela é resultado de um árduo trabalho de garimpagem e não reflete o panorama geral das produções críticas herbetianas.

Partilho aqui, a posição de Sontag (2020, p. 22) quando, ao se debruçar sobre a interpretação de obras, coloca que, “[...] o mérito dessas obras certamente está em outro lugar que não em seus ‘sentidos’”. Após essa exposição, pode parecer paradoxal não apresentar uma definição própria da obra, entretanto, apoio-me na conclusão de Sontag: o sentido está em outro lugar. O processo de discussão, o debate e a apresentação das distintas recepções críticas de Daniel promovem uma conclusão ou uma representação mais fidedigna da obra. O sentido completo do romance não reside nos rótulos teóricos e aqui não pretendo reduzi-los nem deixar de dar-lhes a devida importância – como um estudioso do campo literário, reconheço a sua necessidade e seu papel –. Ainda assim, reforço que a chave para a interpretação está na forma do romance, pois é a inconveniência formal da obra que a coloca nesse lugar de tensão na recepção dos leitores. Essa ruptura não desafia apenas classificações prévias – como autobiografia, literatura de testemunho ou autoficção –, ela estimula um debate contínuo e necessário sobre os limites entre a ficção, a memória e a verdade. Dessa forma, a obra não se encerra em uma definição estática, mas cria um campo aberto de interpretações, cujo valor está na própria instabilidade.

2.2 *Meu corpo daria um romance*

Meu corpo... é a quarta obra publicada por Herbert Daniel. O lançamento do livro ocorre após *Passagem...*, *A fêmea sintética* o ensaio *Jacarés e Lobisomens*. Esse livro seria uma espécie de resposta a ataques sofridos pelo autor-personagem durante uma viagem de ônibus em Copacabana. Essa narrativa é desdobrada em onze minutos que se referem aos onze capítulos do livro, contudo, cada capítulo é fraturado em sete fragmentos: **coisa**, que se refere a algum órgão do corpo humano; **Caso**, que se refere a um momento da vida do autor-personagem; **Frações impróprias**, que se refere a três partículas são elas: **memória**, **ficção e Fragmentos**; **Matéria**, que se refere ao corpo do autor e seus múltiplos adjetivos, e **Dissertação**, que se refere a inserção de contos, crônicas e partículas ficcionais. Cada parte carrega um nome apresentado no sumário que sinaliza ao leitor uma maneira de ler a obra e lidar com as constantes rupturas existentes em cada capítulo.

Fica evidente que a fragmentação, a ruptura, a intersecção de elementos biográficos, memorialísticos e ficcionais são elevados a uma nova potência nesta segunda obra. Ainda que o fio seja a viagem de ônibus, há relatos das reflexões oriundas da trajetória

política do personagem-narrador nos grupos revolucionários; há um desenvolvimento mais detalhado de elementos da infância já pronunciados na primeira obra; há uma inserção de contos ficcionais que dialogam com distintas temáticas, como: racismo, moralismo, hipocrisia, homofobia etc.

O que pode ser deduzido dessa obra, *a priori*, é o adjetivo que antecede o substantivo romance, *possível*. Ela é uma contação de história *possível*, é descrever um episódio de outro modo que seja *possível* ao leitor questionar se isso que está diante dele é um romance, uma ficção, um diário, um ensaio, uma invenção ou uma indefinição. Assim como em *Passagem...*, um fio condutor se desenvolve em *Meu corpo...* e apresenta, de maneira interseccionada, distintas discussões. Não é apenas narrar, mas provocar o leitor a reflexões e incômodos constantes que o façam sair de uma passividade de recepcionar informações e se perder na leitura do exercício de compreender aquilo que ele está lendo.

A primeira recepção crítica da obra *Meu corpo...* foi realizada por Luiz Morando, pesquisador sobre memórias dos territórios e da sociabilidade LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte. É no seu artigo, “Desarmando a textura: uma leitura do “meu corpo daria um romance”, de Herbert Daniel” que Morando (2003) inaugura uma recepção crítica do romance. Apresento como o debate realizado ao longo do tempo acerca da obra se consolida como um trabalho estético final daquele inaugurado num primeiro momento que seria *Passagem...*. Logo, me deterei com mais afínco na forma textual e como ela é chave para a interpretação. Por conseguinte, será comum a retomada de argumentos apresentados no primeiro romance e como alguns são elevados a uma nova potência neste segundo.

Dois conceitos importantes explorados por Morando são explicitados já no título da obra, o *corpo* e o *romance*. A partir disso, “A metáfora do livro como um corpo é elemento fundamental para a leitura de *Meu corpo daria um romance*” (Morando, 2003, p. 110). Esse livro terá, então, uma composição amorfa se você for capaz de entender que o corpo humano nada mais é do que a junção de pedaços de formas irregulares – braço, perna, dedo, orelha, ouvido, ombro – que conjuntamente compõem o que já estamos habituados a ser uma forma comum, o corpo. Seria, então, uma espécie de mosaico composto de partes distintas que no todo produz seu sentido completo. Daniel (1984) apresenta seu livro como um “ensaio biograficcional”, utilizando a criação de novos conceitos a partir do jogo de palavras e trocadilhos. Já Morando (2003), por sua vez, reúne um elemento recorrente.

Assim, a vida inscrita no corpo-texto não é nem uma biografia (porque recriada em outra instância, a partir da concepção de invenção a ficcionalidade), nem uma narrativa exclusivamente ficcional (porque acrescida de reflexões teóricas e

metaliterárias a propósito de questões que nascem no indivíduo, repercutem na sociedade e retornam ao indivíduo. (Morando, 2003, p. 112).

Não é exclusivamente uma biografia porque está impregnada de ficcionalidade, mas não é exclusivamente ficção, pois muito do que está construído parte da relação do corpo real do autor com a sociedade na qual ele estava inserido. Voltamos ao debate de enquadrar a obra em algum gênero literário ou em algum conceito teórico-literário. Desta vez, trata-se de uma obra muito mais fragmentada e caótica do ponto de vista da *forma*. O sumário localizado ao final do livro é uma exemplificação lúdica da divisão distribuída pelo romance que, apesar de tamanhas rupturas, ainda possui um fio narrativo em comum: a violência por parte da sociedade ao corpo de Daniel. O trecho repetido ao longo das onze divisões diz o seguinte: “CORPO A CORPO, esbarrei com a vida, ali e já, em onze divisões de coisa ou caso” (Daniel, p. 13, p. 49, p. 83, p. 113, p. 143, p. 179, p. 227, p. 269, p. 303, p. 343). Essas onze divisões são os onze minutos do trajeto do transporte público com Daniel em seu interior, momento em que ele reflete sobre a condição do seu corpo, resgata memórias e mescla lembranças com invenções ficcionais.

Dessa maneira, o próprio livro assume a função do corpo. Utilizando um trocadilho, Daniel coloca a própria orelha do livro como uma parte do *corpo-texto*, ele as intitula como “órgão zero”. Essas orelhas são o ponto de partida ou a porta de entrada para a leitura (Morando, 2003). Nelas é introduzido ao leitor o fio condutor do romance, a narrativa comum.

/Um homem entra num ônibus numa madrugada do meio do mês de junho. É olhado pelos passageiros como um fenômeno de feira ou uma ameaça. Riem dele. Encarado, se refugia num corpo que se isola. Teme? Reage? Cala? Ataca? Foge? Argumenta? Responde? Interroga? Suporta?
/Este homem é eu, meu corpo. Quem? Este corpo. Meu. (Daniel, 1982, orelha do livro).

Essas reações são uma resposta ao beijo de Daniel com seu enamorado na madrugada de Copacabana que desencadeia uma sucessão de respostas por parte dos passageiros do ônibus, entre violências verbais gritadas por alguns passageiros e a indiferença da parte restante. Os olhares, os sussurros e o silêncio serão questões refletidas pelo autor-personagem no decorrer da obra.

Muito mais anárquico que *Passagem...*, a obra *Meu corpo...* se fragmenta de um modo mais visível, não somente pela cartografia textual exposta ao final do livro, mas pelo seu conteúdo ficcional, biográfico e de relato que se entrecruzam no decorrer do texto, com um número mais amplo de rupturas narrativas e lacunas de sentido. Melhor que um

quebra-cabeça, o texto se espelha em um tipo de mosaico textual que consegue emanar uma interpretação a partir da junção de partes de composição distinta.

Cada seção “coisa” se refere a uma parte do corpo humano. Cada seção “caso” narra um relato correspondente a um momento da vida do personagem-narrador. As “Frações impróprias” (como a expressão, originária da matemática, indica) se organizam em um elemento tripartite e indivisível, sinal da fusão da memória, da ficção e de fragmentos dispersos. A matéria se refere às formas que o corpo pode assumir no espaço social. A seção “Dissertação” cria um relato ficcional do personagem-narrador, pertinente ao tema principal que motiva o capítulo. (Morando, 2003, p. 113)

Essa breve descrição feita por Morando (2003) indica de modo incipiente a complexidade do livro escrito por Daniel. O sumário serve como um “mapa” disponível para o leitor se guiar, além disso, Morando (2003) também coloca a obra como um intertexto com *O jogo da amarelinha*, de Julio Cortázar, na possibilidade de conduzir para percursos de leitura variados. Contudo, apesar da análise ser centrada no corpo homossexual construído na narrativa de Herbert Daniel, acrescento o que verifico ser elemental para produção de sentido e para construção de debates sobre a obra, a *forma* do romance.

Ainda que, à primeira vista, a leitura possa parecer uma espécie de autópsia textual, dissecar o romance, parte por parte, cortar, estancar, costurar. Morando (2003) verifica que, “as questões levantadas confirmam um grau de reflexão e consciência da condição (homo)sexual, dando ao texto um caráter metateórico e ao corpo uma anatomia desmontável.” (Morando, 2003, p. 119). Ou seja, não é uma descrição parte por parte do romance, mas uma menção para as peças de algo que pode ser montado – ou lido – de distintas formas. A metateoria sinaliza o movimento ensaístico de refletir sobre o corpo, o sexo e a relação destes com a sociedade brasileira. Ainda, é possível constatar que em alguns momentos ocorre uma certa redundância teórica e em outros a objetividade ganha fôlego e proporciona de maneira eficiente uma discussão profícua.

É com Areda (2014) que a obra ganha uma atenção e uma análise de contestação que aqui torna a discussão mais interessante ainda. O primeiro elemento a ser destacado é que Areda reconhece que a narrativa se tece como “uma necessidade de uma resposta à violência” (Areda, 2014, p. 142). Como visto acima, o enredo que conecta o romance em seus onze capítulos são uma referência aos onze minutos e às onze paradas dentro de um transporte público do Rio de Janeiro, em que Daniel, após se despedir de seu namorado com um singelo beijo de madrugada, ingressa no ônibus e, em seguida, sofre sucessivas violências descritas no decorrer da narrativa.

Mas a obra tem um público-alvo específico, muito bem observado por Areda, ele destaca “[...] as tensões entre o corpo desejante homossexual e sua fuga corporal na afirmação do sujeito militante com disciplina revolucionária - tensão que repercutiu em sete anos sem relações sexuais vivenciando a culpa da noção de sexo” (Arede, 2014, p. 146). A disciplina revolucionária provocou uma abstinência de sete anos que mais tarde seria contestada pelo próprio Daniel em seus romances. Mais um ponto de encontro com *Passagem...*, que direcionava uma autocrítica constante para os próprios grupos revolucionários do qual fez parte, em *Meu corpo...* a autocrítica é retomada e surge como uma resposta. É no ônibus que Daniel encontra dois sujeitos: “um com a camisa com a estrela símbolo do Partido dos Trabalhadores (PT) e o outro com uma contendo a inscrição da palavra Solidarność, da federação sindical polonesa fundada em 1980” (Arede, 2014, p. 146), apesar de se refugiarem na comunhão de uma filosofia política, essas causas em comum não os impediram de também violentar verbalmente o corpo de Daniel. A descrição desses dois passageiros reforça o argumento percebido por Arede para quem essas críticas são endereçadas pelo narrador-personagem.

Arede (2014) também constrói uma linha argumentativa defendendo que a obra é arquitetada em três eixos: Matéria, Dissertação e Falhas, todos eles explícitos no sumário ao fim do romance. A Matéria seriam os relatos vividos, ou seja, *a memória*. A dissertação seria a inserção de contos, crônicas e fábulas que articularam a trajetória de Daniel com sua invenção, ou seja, *a ficção*. E as falhas seriam as ausências marcadas pelos asteriscos ao longo de todo o texto, ou seja, *os fragmentos*.

Morando (2003) não via explicitamente a obra como uma biografia, porque o passado era recriado a partir de uma concepção de invenção e ficcionalidade. Arede (2014) acompanha esse entendimento, com um novo argumento:

A memória não é apresentada por Daniel como recordação objetiva do vivido. Ela não recapitula apenas o vivido, mas a memória das lembranças. Daniel não reivindica, portanto, uma objetividade autobiográfica, sobre a qual já fazia crítica em sua obra *Passagem* [...]” (Arede, 2014, p. 143).

Mais uma vez vemos a questão da contestação por parte do escritor com determinados caminhos de escrita. Morando (2003) utiliza o termo conceitual de *bioflagrantes* e Arede (2014) o termo conceitual *biofragâncias*. Esses dois conceitos são criados por Daniel, mas cada crítico filiou-se a um deles para fundamentar sua argumentação.

A noção de fragrância aponta para uma noção de memória que é menos aquela evocada por filmes e álbuns de fotografia e mais a imagem erótica da memória

presente nos perfumes do corpo amado que, apesar dos banhos, impregnam nossa própria corporeidade, evocando - e invocando - mais do que a memória do corpo do outro, a memória do nosso corpo em mistura com o outro. (Areda, 2014, p. 143).

A matéria estaria então relacionada a uma memória pessoal (bio), mas de uma concepção de lacunas e preenchimentos (fragrância). A fragrância, para além da descrita por Morando (2003), se mistura com a ficção tendo em vista a capacidade do cérebro de preencher os vazios da memória com sensações, sejam elas olfativas, acústicas ou sensoriais.

Para Areda (2014), a *obra-corpo*, assim descrita pelo teórico, seria uma espécie de produção de *fluições teóricas*, posto que Daniel já compreendia que o *corpo*, assim como o *sexo*, são elementos políticos. Essa política produz a diferença e decorrente dela, a exclusão. Desse modo, ao delimitar um tipo de corpo e um tipo de sexo, esses dois elementos são elevados ao modelo – normativo – e tudo aquilo que dele não se assemelha é ora condenável, ora marginalizado. Na tentativa de reduzir abismos e promover pontes, a obra surge como um diálogo entre as diferenças, sem a necessidade de ditar uma verdade. Trata-se de uma proposta que, nas palavras de Areda, aposta “[...] na articulação entre consciência e emoção em uma perspectiva de erotização do pensamento, para a qual é central a noção de contágio.” (Areda, 2014, p. 151).

Silva (2016), também apresenta essa leitura guiada em três divisões, contudo, diverge em uma delas. As divisões seriam: “corpo a corpo”, que se refere à narrativa comum iniciada nos onze capítulos, na qual o narrador-personagem, ao se despedir do seu namorado, ingressa num ônibus coletivo e acaba sofrendo sucessivas violências por parte dos passageiros; “Matéria”, descrita como a narrativa assumidamente autobiográfica que contempla da infância a vários outros momentos relacionados à formação do narrador-personagem; e “Dissertação”, colocada como contos ficcionais de fácil ou difícil relação com as demais partes do texto. Vê-se, novamente, que não há um caminho único de leitura, ao contrário, as possibilidades são evidentes pela própria composição formal que permite e proporciona ao leitor múltiplas interpretações.

Retomando o caráter ensaístico do romance, o eixo “corpo a corpo”, apresentado por Silva (2016) se sustenta na personagem Marilyn Aparecida, que seria uma espécie de *alter ego* crítico do narrador-personagem. Numa brincadeira óbvia com a atriz “*Marilyn Monroe*”, Essa figura surge na narrativa na intenção de colocar o narrador em uma posição de incômodo, ela é a voz “irônica e debochada” que atormenta as certezas de Daniel e retira uma esperada seriedade da obra. Abaixo o exemplo apresentado por Silva (2016):

Uma superstar da luta armada, sua sequestradora. Afinal você é daqueles barra pesada né, assaltante, comandante de ós, sequestrador de dois (dois, que horror, nem aprendeu com o primeiro, hein, bicha?) embaixadores, guerrilheiro rural [...]. Elas iam até ficar em posição de sentido pois você foi até comandante (coma... andante, dizia a donzela ao cavaleiro) de ós, oh é uma coisa heroica, um monumento vivo... Te belisca, bicha, pra ver se você ainda tá viva depois deste monte de besteiras que falei do teu passado que você conserva com tanto carinho. Te belisca, porque senão eu te mordo. Pra você manter a dignidade, mas não se levar a sério demais. (Daniel, 1984b, p. 182-183).

Outro aspecto descrito por Silva (2016) em *Meu corpo...* é a existência de uma ponte intertextual com *Passagem...*, quando ele sinaliza que em alguns momentos da “Matéria”: “Existem versões aqui de dados surgidos em *Passagem...*, do mesmo modo que eventos não relatados ali” (Silva, 2016, p. 150). Apesar de não exemplificar com alguma passagem essa informação, apresento um momento que acredito ser pertinente para argumentação futura:

1952 — Relato da primeira experiência sexual registrada nos arquivos pessoais do personagem.

/ Com uma menininha, que não me lembro o nome, mas que tinha a pele morena e rígida. A gente se mostrou os respectivos xixis. Dormíamos no mesmo quarto e mamãe comentou, que eu escutei, com minha avó, que não fazia mal que dormíssemos os dois juntos, que éramos muito pequenos para ter alguma maldade naquilo. Foi uma noite muito divertida. (Daniel, 1982, p. 25).

Matéria

- Vamos, deixa eu ver seu pinto.
- Abaixa mais o calção.
- Num vô ficá pelado.
- Você é bobo. . . você é bobo ...
- ...
- Agora olha praqui.
- !
- Sabe como se chama?
- Sei. ..
- Buceta.
- E o seu, quando você ficar grande chama. . . caralho. Mas isto é só pra pessoa grande. Vai ficar deste tamanho, ó.
- Vãobora que ...
- Não. Quero ver você fazer xixi.
- Não to com vontade.
- Vai. Depois eu te mostro como faço.
- ...
- Já acabou? (Daniel, 1984b, p. 53).

Descrito de maneira breve e sucinta em *Passagem...* e desenvolvido por meio de diálogos, essa Matéria é acompanhada de uma extensa *fluição teórica* na seção “Coisa” de *genytália* e no “caso” de *infância*. Penso aqui ser um bom exemplo sobre a continuidade da segunda obra como trabalho estético premeditado da primeira. Um segundo exemplo a ser destacado também retrata as primeiras experiências sexuais do autor, desta vez uma relação homossexual. Em *Passagem...* é datado o período de

1962 – Sexo, política e outras violências para movimentar o enredo.
/ Uma vizinha – grande piranha, segundo fama corrente – me violou. E eu tive minha primeira relação homossexual. Com uma bicha (que eu comi, sô! Não sou viado, o que é que estão pensando de mim?) (Daniel, 1982, p. 25).

Matéria

[...] aí como eu queria desde menino ser gostoso como os meninos que eu gostava, quando comi o Luís, aí ele já tinha dezesseis anos, era mais novo do que eu, mas que bundinha fantástica, eu fui na casa dele pedir não sei mais que livro e ele estava no banheiro, disse que estava tomando banho, mas eu garanto que estava tocando punheta, ele já estava muito excitado quando cheguei, a gente teve uma conversa estranha sobre como era lisa a capa do livro, eu gosto de coisas duras e lisinhas como esta capa, ele me falava, eu fui ficando de pau duro, ele falava que coisa é isto aí que você está escondendo, é um bichinho que gosta de se esconder num burquinho, qual burquinho, um bem apertadinho, aí ele se desenrolou da toalha e virou a bunda para mim e mostrou o cuzinho e disse serve assim, eu já nem disse mais nada, fui tirando o pau pra fora, ele tava molhadinho ou suado, mas machucou, aí, deixa eu molhar, molhou com cuspe, eu molhei também meu pau, comi ele mas gozei logo que tinha muito tempo que eu tinha fissura nele, mas nunca tinha cantado ele, embora todo mundo dissesse que ele dava pra qualquer um, porque eu achava que eu era muito feio e ele não me queria, quando comi o Luís fiquei muito satisfeito,[...] (Daniel, 1984b, p. 192).

Há outros exemplos a serem apresentados no decorrer deste trabalho. Interessa observar que em ambas as citações apresentadas acima temos uma descrição rápida e objetiva em *Passagem...* e um desenvolvimento narrativo em *Meu corpo...*. Esse desenvolvimento de enxertos no segundo livro em relação ao primeiro é uma evidência da hipótese sustentada nesta dissertação, porém, mais interessante que esse elemento é destacar a *forma* que o narrador usa para esse desenvolvimento. No primeiro livro essa cronologia é sustentada por “um faz de conta” com características inventadas por ele próprio, já no segundo estão situadas nos momentos da *Matéria* que é descrita pelo narrador como “materiais vividos como o contrário de recordações” (Daniel, 1984b, s/p). Essa dubiedade entre recordação e invenção leva o leitor a investigar rastros que permitam a localização da verdade. Daniel nasceu em 14 de dezembro de 1946, se o episódio de fato ocorreu no ano de 1962 ele já tinha dezesseis anos, mas contraria essa conclusão uma vez que ele diz que Luís tinha essa idade e ele era o mais velho entre os dois. Esses movimentos que o autor insere em ambas as obras contradizem uma linha coerente de análise, mas ao mesmo tempo, entretém o leitor que fica instigado e desorientado com as pontes que cria em relação a ambos os livros.

Apesar dessa conclusão, Silva (2016) diverge da interpretação anterior e afirma que “é muito fácil compreender a fatura desse novo livro de Daniel como uma continuação do projeto de escrita já existente em *Passagem...*, no que diz respeito ao tratamento da memória como material de ficção e da ficção como uma das formas de registro e transmissão da

memória.” (Silva, 2016, p. 151). A premissa dessa afirmação está sustentada, novamente, em seu conteúdo temático. Ele próprio argumenta que “o objeto principal da narrativa de “Matéria” é o mesmo em conteúdo que o de *Passagem...*, com exceção da vida do autor anterior ao seu engajamento político [...]” (Silva, 2016, p. 151). Contudo, até mesmo a vida anterior do narrador-personagem é apresentada em ambas as obras, como demonstram as citações acima, com distintas marcações na *forma* que ela é apresentada. Essa visualização é mais um argumento da capacidade de Daniel apresentar narrativas de modos distintos.

A conclusão final da obra, por parte de Silva (2016), é concluir como um resultado prolixo fruto de sua complexidade. Apesar da obra se propor a um romance em prosa experimental, ela não consegue concretizar-se com sucesso. Para o pesquisador, a fragmentação iniciada na primeira obra, ao atingir a radicalidade presente na segunda, gera uma sensação de artificialidade. Ainda assim, ele destaca que a obra consegue alcançar algumas realizações produtivas, como “Vozes”, história de um grupo de senhoras guardiãs dos bons costumes, e “Desfile”, narrativa que descreve a decadência de uma ditadura. (Silva, 2016).

Alós (2020) se filia à leitura desenvolvida por Areda (2014) ao constatar elementos formais já apresentados, são eles: uma narrativa não linear, porém com um fio narrativo em comum; o romance como resposta de uma violência sofrida e uma narrativa associada ao corpo.

o narrador arquiteta sua narrativa, dividida em onze partes, associadas simbolicamente à fragmentação que o corpo do narrador sofre diante do olhar do outro: *orelhas* (o órgão zero, as próprias orelhas das capas do livro); *buracos da cabeça*; *genitália*; *glândulas*; *pele e anexos*; *extremidades do aparelho digestivo* (boca e ânus por metonímia, o começo e o fim, deglutição antropofágica e expulsão do resíduo abjeto); *aparelho circulatório e sangue*; *órgãos da fonação*; *órgãos sentidos* (a supressão da preposição de no sintagma elide a subordinação dos dois termos, subentendendo uma conjunção aditiva e subvertendo a lógica causal que coloca o órgão como fonte do sentido, para confundir ordem e sentido); *aparelho locomotivo e solidariedade*. (Alós, 2020, p. 395).

A narrativa é arquitetada em onze partes, cada parte é associada a um minuto na viagem de ônibus. cada minuto, por sua vez, apresenta sete desenvolvimentos, sendo eles: *Coisa*; *Caso*; *Frações Impróprias (Memória, Ficção e Fragmentos)*, *Matéria e Dissertação*. Tais descrições já sinalizaram uma determinada inconveniência estética por parte da narrativa, o próprio Alós (2020) coloca que “[...] o mais correto fosse falar em subdivisões, uma vez que essas onze partes estão bem distantes do tipo de organização retórica interna de uma narrativa a que costumeiramente se nomeia como capítulo” (Alós, 2020, p. 395). A

própria nomenclatura pensada para divergir do convencional se apresenta enquanto mais um argumento para afastar a obra de algo estabelecido e fechado.

As pesquisas mais recentes estão se filiando ao procedimento de revisitação do que já foi proposto sobre a obra e se utilizando de interpretações já desenvolvidas, como é o caso de Costa Junior (2022) e Gigante (2022), ambos os pesquisadores se utilizam das apresentações já expostas aqui de Silva (2016) e Morando (2003), respectivamente.

Apesar de não problematizar de maneira aprofundada concepções teóricas, Costa Junior (2022) inicia sua análise contestando algumas definições acerca da *autoficção*. No entanto, limita-se somente a apresentar que a obra em análise, *Meu corpo...*, se estende aos limiares da ficção e da realidade, resultado da filiação apresentada por Silva (2016). Detido apenas na narrativa “CORPO A CORPO” da obra, seu trabalho estende-se na reflexão das onze paradas de ônibus descritas e suas implicações na violência sofrida pelo personagem-narrador.

Gigante (2022), ao propor sua análise sobre a obra, a descreve se filiando a Morando (2003). Sem se deter de maneira profunda acerca da *forma*, ele resgata a seguinte descrição proposta por Morando (2003).

Neste percurso, nasce o seu segundo romance, analisado nesta tese, *Meu corpo* daria um romance, onde os conceitos de política e corpo, transpostos em literatura, já se apresentam como estruturalmente interligados. O texto costura-se assim, como destacado por Morando (2003, p. 110), num conúbio com o corpo, uma ligação metafórica essencial para a compreensão do romance, no qual se sublinha que o próprio corpo se torna inteligível a partir da percepção própria, ou alheia, percepção esta que emprega a palavra como frágil ferramenta de decifração desta essência. (Gigante, 2022, p. 164).

Acerca do *conteúdo*, este se desenvolve de maneira mais objetiva no caminho de identificar com maior precisão quais temáticas são abordadas, desenvolvidas e refletidas: “[...], constatamos que este texto, como *Passagem* está repleto de reflexões acerca da relação entre o militarismo, a ditadura, a resistência armada e a homossexualidade” (Gigante, 2022, p. 165).

O que se viu, portanto, foi uma revisitação e respectiva filiação a contribuições teóricas já desenvolvidas sobre as obras, sem uma nova proposta que subverta ou amplie a recepção crítica do romance. Como mencionado previamente, muitas tentativas de compreender a obra e de enquadrá-la, adequada ou inadequadamente, recaem na busca temática que o romance suscita. Mas e se o romance não tem uma temática definida central? Muitos podem alegar, inclusive o próprio autor, que o fio condutor do romance seria uma

espécie de temática determinante. Mas por que, então, fragmentar essa narrativa e inserir nela ramificações e lacunas que deslocam o leitor da zona de compreensão e o colocam numa espécie de limbo, impedindo-o de compreender com clareza o que está lendo?

2.3 Subversão estética e rupturas de paradigma na literatura

Afirmar no início desta seção que não pretendia destrinchar cada rótulo literário a fim de demonstrar qual seria o mais adequado para lidar com a obra herbertiana. Contudo, passearei de maneira breve em três conceitos-chave que acredito que façam parte dos textos. Não que eles façam parte de tais correntes literárias, mas sim que sejam capazes de transitar entre elas.

Como se pôde observar, a recepção crítica das obras é atravessada por um rico debate e por múltiplas interpretações. Tais conclusões demonstram a ruptura que o autor adotou na forma de transpor sua realidade para o universo da escrita. Ambos os livros carregam uma determinada tensionalidade de três grandes expressões literárias, *o testemunho*, *a autobiografia* e *a autoficção*. Outras nomenclaturas como *escrita de si*, *literatura pessoal*, *bioflagrantes*, *biofragrâncias*, *corpo-texto*, *etc*, são termos pontualmente apontados na sua *Fortuna Crítica* e adequadamente trabalhados para a finalidade exigida em cada situação. Ainda assim, me deterei de maneira breve nestas três terminologias por uma questão de recorrência nas discussões contemporâneas e pelo fato de não ser viável, neste trabalho, a análise de todos os demais termos.

O intuito é que o leitor seja capaz de identificar e perceber que as obras *Passagem...* e *Meu corpo...* são essas expressões literárias, mas não somente elas. Elas podem ser mais, cabe ao leitor ser capaz de associar determinada obra a determinada expressão literária. Essa transitividade e circulação que os dois livros realizam é, na visão deste pesquisador, um ato de insubmissão por parte de Daniel, até mesmo no campo literário. É a soma de sua dissidência sexual, política e social.

“Literatura de testemunho”, “Literatura de testemunho da *Shoah*”, “Literatura do trauma”, “*Testimonio*”, “Teor Testemunhal”: essas terminologias, entre tantas outras, carregam debates e discussões acerca de outros temas como trauma e violência, memória e esquecimento, relato e ficção, real e literário. Ao se discutir quaisquer dessas terminologias, recorre-se inicialmente ao que Seligmann-Silva (2003) nomeia como literatura de testemunho

da *Shoah*¹¹. A obra amplamente mencionada *É isto um homem?* (1988), de Primo Levi narra a sua trajetória nos campos de concentração nazista. Essa literatura de testemunho, dedicada a narrar o período da catástrofe que foi a Segunda Guerra Mundial, está inserida em um campo de força que tem por um lado, “a necessidade permanente de narrar a experiência vivida” e do outro, a “insuficiência da linguagem diante dos fatos (inenarráveis)”. (Seligmann-Silva, 2003). Ele conclui apontando a “cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o “*real*”) com o verbal” (Seligmann-Silva, 2003, p. 46).

Inúmeras são as correntes teóricas e os argumentos que orbitam essa discussão conceitual, tanto no quesito do *conteúdo* na obra quanto à sua *forma*. Por exemplo, Barnet (1971) fala que o papel primordial do testemunho é operar um desvelamento da realidade, “tomando os fatos principais, os que mais afetaram a sensibilidade de um povo, e descrevendo-os pela boca de um de seus protagonistas mais idôneos” (Barnet, 1971, p. 169 apud Silva, 2022, p. 57). Trata-se, portanto, de um caráter muito mais coletivo do que individual.

Em suma, mais do que contar a vida de uma pessoa específica, a finalidade principal do testemunho latino-americano contemporâneo, nos termos de Achugar (2002), é a de denunciar uma condição social, um fato, um problema, uma injustiça, entre outros, vividos por um conjunto de pessoas, nunca uma condição individual.”(Achugar, 2022 apud Silva, 2022, p. 59)

Acerca do *testimonio*¹², este recebe *status* de um gênero literário institucionalizado na América Latina, especificamente em Cuba, na década de 1970. A Casa de las Américas criou a categoria *testimonio* como uma resposta às obras recepcionadas naquele período. Retomo o argumento de Seligmann-Silva (2008), que propõe uma discussão sobre a impossibilidade de se narrar o trauma. Essa dificuldade ocorre, por um lado, devido à morte das vítimas dessa violação e, por outro, pela incapacidade dos sobreviventes de rememorar o trauma e o transpor em palavras. O objetivo de narrar, ainda que de forma ineficaz, seria tanto para impedir o esquecimento quanto transmitir ao leitor a dimensão da tragédia vivida.¹³ A questão estaria então centrada na capacidade de relatar/escrever/transpor

¹¹ *Shoah* significa “catástrofe” em hebraico, é a terminologia adotada por alguns teóricos para retratar o genocídio judaico maquinado pela Alemanha nazista. A adoção dessa terminologia é para se afastar do teor semântico sacrificial que a expressão *Holocausto* possui.

¹² Há uma distinção entre o “testemunho” direcionado a catástrofe da *Shoah* e *testimonio* em espanhol, direcionado aos crimes contra a humanidade pelas ditaduras latino-americanas.

¹³ Um debate contemporâneo a ser pontuado é a ausência desse conceito para os textos que retratam o trauma do processo colonizatório escravista e o genocídio sistêmico contra os povos originários. Verificar Silva (2022) sobre a questões afro-latino-americanas.

uma experiência vivenciada em um período de exceção que violenta o corpo e desumaniza o sujeito até o ponto máximo de exterminá-lo e reduzi-lo à inexistência.

No cenário da catástrofe brasileira que foi a ditadura militar, Franco (2003) destaca que, entre as produções literárias da década de 1970, vigoraram o “romance-reportagem” e o “romance de denúncia”, especialmente durante o período de reabertura política. Ambos, porém, têm em comum tanto o fato de resultarem quase que imediatamente do fim da censura quanto almejarem denunciar a violência perpetrada pelo regime. Essas obras eram, então, publicadas por jornais, veículos de imprensa e editoras. A geração da repressão que mais se aproxima de Daniel é composta pelos guerrilheiros¹⁴ que, de alguma forma, foram violentados, torturados e traumatizados pela ditadura e que surgiram na lógica do “lembrar para não esquecer”.

Os estudos historiográficos se debruçaram na obra de Herbert Daniel reconhecendo nela um relato/testemunho de um trauma, sua trajetória como guerrilheiro radical da luta armada contra a ditadura militar. Se ele apenas tivesse transposto nas suas obras essa sua trajetória, o consenso da discussão seria atingido sem muitos entraves. Porém, ao relatar sua homossexualidade e como a esquerda detinha condutas de controle dos corpos, Daniel se afasta da esteira de produções desse teor temático. Interpelar contos ficcionais e rupturas narrativas, além de ironizar determinadas condutas e ações rompeu com a suposta instituição da *verdade* e o trouxe para um lugar de consensual indefinição. O fato dele não ter sido preso e consequentemente torturado coloca em cheque sua narração do trauma no cenário da catástrofe. Para alguns teóricos, a confiabilidade de enxergar sua obra como um testemunho – mesmo desconsiderando sua trajetória como clandestino político, que, atormentado pela paranóia da captura e da consequente tortura, decidiu se refugiar no exílio, experiência que se tornou uma nova forma de tormento – perpassa sua produção literária e o posiciona em um complexo debate sobre sua dissidência também na literatura.

Etimologicamente, a palavra *autobiografia* possui três elementos centrais. O termo “gráphein” (γράφειν), de origem grega, significa "escrever" ou "desenhar". Já o termo “bíos” (βίος) compreende o período de existência do ser, ou seja, à vida no sentido de duração. Esses dois termos juntos compreendem biografia, ou seja, o estudo ou a escrita da vida de alguém ou de um ser. Ao acrescentar o terceiro termo, “autós” (αυτός), que significa “si mesmo”, teremos então um relato de vida, pela própria pessoa que a viveu: autobiografia.

¹⁴ É consenso destacar a obra *O que é isso companheiro?*, de Fernando Gabeira. Cabe também menção para *Em Câmera lenta*, do Renato Tapajós.

Apesar dessa breve apresentação, Calligaris (1998) esclarece que essa expressão nunca esteve presente no léxico grego.

"Autobiografia", aliás, é uma palavra inexistente em grego antigo e, na verdade, extremamente recente. Em inglês ela faz sua aparição nos últimos anos do século XVIII e só se estabelece nas primeiras décadas do século XIX. Mais misterioso (à primeira vista) é o fato de que também "biografia" é uma palavra ausente em grego clássico. (Calligaris, 1998, p. 47).

Como resultado da sociedade moderna ocidental¹⁵, a obra fundadora desse gênero literário é comumente atribuída ao escritor Jean-Jacques Rousseau, com sua obra *Confissões* publicada em 1782. A questão central, segundo Georges Gusdorf (1991), está na compreensão de que, na Antiguidade, o *indivíduo* era ausente e o destaque recaía sobre o *coletivo*. Esse argumento explica porque a maioria das obras retratava figuras heróicas ou não, focalizando no intuito de exemplificar comportamentos morais e questões filosóficas com pouca ou nenhuma preocupação na subjetividade individual daquele ser que é protagonista de sua narrativa.

O escrito autobiográfico implica uma cultura na qual, por exemplo, o indivíduo (seja qual for sua relevância social) situe sua vida ou seu destino acima da comunidade a que ele pertence, na qual ele concebia sua vida não como uma confirmação das regras e dos legados da tradição, mas como uma aventura para ser inventada. (Calligaris, 1998, p. 46).

Apesar desse marco temporal e geográfico, o termo *autobiografia* consolida-se no campo teórico dos estudos literários com a obra *Pacto autobiográfico*, do teórico francês Philippe Lejeune. Ele buscou, num primeiro momento, definir a *autobiografia* na seguinte afirmação: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história da sua personalidade” (Lejeune, [1996] 2008, p. 14). Tal conceito mostrou-se polêmico e, em certos contextos, profundamente controverso. De modo objetivo, veem-se alguns elementos-chave na definição de Lejeune, a saber: 1. forma da linguagem: a) narrativa, b) em prosa; 2. Assunto tratado: vida individual; 3. situação do autor: identidade do autor e do narrador e 4. Posição do narrador: a) identidade do narrador e do personagem principal e b) perspectiva retrospectiva da narrativa.

Se levarmos as obras *Passagem...* e *Meu corpo...* para a adequação desses critérios iniciais encontraremos particularidades e semelhanças. Os textos são em sua maioria em prosa, contudo, há a inserção de poemas, e a própria maneira de narrar aproxima-se do

¹⁵ Textos preambulares como *Meditações*, de Marco Aurélio e *Confissões*, de Santo Agostinho são trazidos ao debate acerca da *autobiografia*. Me deterei apenas na reflexão que compreende a contemporaneidade.

que, contemporaneamente, se nomeia como prosa poética. O segundo ponto seria ainda mais controverso, pois ainda que o assunto seja a trajetória da vida do autor, em muitos momentos ele não é o personagem do que está sendo narrado, como nas crônicas e nos contos ficcionais, além das passagens ensaísticas que permeiam a obra. O terceiro e o quarto ponto também podem ser tensionados, pois ainda que o nome do autor – de batismo e de guerrilha – esteja na capa dos romances (isso também é um critério estipulado por Lejeune), o narrador não faz ligação direta com o autor, ao contrário, ele brinca em diversos momentos dando a entender que o personagem a ser narrado é uma invenção para aquela história. “Vamos brincar de faz de conta: imaginemos a possibilidade da existência de um personagem-autor de um romance imperfeito – este –, com as características que invento abaixo.” (Daniel, 1982, p. 22).

Lejeune levanta uma discussão proeminente sobre a inexatidão do *eu* narrador e o *eu* enunciador; reflete sobre a relevante presença do *nome próprio*¹⁶, elemento este responsável pela referência muito mais do que o pronome em primeira, segunda ou terceira pessoa; É esse nome contido na capa do livro que sela o *pacto autobiográfico* para o autor. (Lejeune, [1996] 2004). Se seguirmos a lógica da capa que o teórico afirma, tanto o subtítulo de *Passagem...* “um possível romance autocrítico” quanto em *Meu corpo...* “daria um romance”, reafirmam o pronome pessoal que se relaciona diretamente com o nome próprio contido na capa, Herbert Daniel. A própria menção ao vocábulo “romance” em ambas as obras, se filiadas ao entendimento de Lejeune, justificariam a ficcionalidade existente nas duas.

Os elementos a) *autor e pessoa*; b) *pessoa e linguagem*; c) *nome-próprio e corpo-próprio* são algumas das tentativas de compor elementos e características capazes de orientar o estatuto desse gênero literário. Cada elemento desse serviria então para auxiliar o leitor ou esclarecer para o analista, o modo de leitura a ser realizado com a obra que supostamente, seria ou não lida como uma *autobiografia*. É no seu novo ensaio, *pacto autobiográfico (bis)* que o teórico Lejeune revisita seu texto, readaptando suas colocações iniciais e trazendo um tom de moderação para o discurso normativo que utilizou inicialmente.

Neste segundo ensaio, tanto a definição quanto o próprio vocabulário (*autobiografia*) serão colocados à críticas. O objetivo não é de abandonar o termo, mas de apontar uma flexibilidade na sua competência, o que permite uma melhor abrangência e reduz

¹⁶ Resguardado os pseudônimos, pois o autor enxerga-os como *segundos nomes*, por exemplo: os nomes adquiridos na ordenação de freiras religiosas, que são diferentes dos nomes de batismo. Logo, não são uma mentira, mas um outro nome para aquele sujeito.

as possíveis limitações. A própria noção de “pacto”¹⁷ que inicialmente é chave do primeiro ensaio é colocado em teste, pois se é o leitor o único responsável pela homologação do contrato, então isso levaria a uma desordem categórica. O que para X seria lido como uma autobiografia, para Y seria lido como um romance ficcional e a partir disto um caos de disputa seria instaurado. Até afirmações categóricas como a linguagem em prosa são contra-argumentadas, com ressalvas, sinalizando a existência de poucas autobiografias em verso que mais seriam exceções do que possibilidades. Desse modo, já é possível verificar a mobilidade que os romances conseguem realizar, tanto no âmbito da linguagem quanto no âmbito da recepção.

No texto *pacto autobiográfico, 25 anos depois*, Lejeune revisita seus escritos anteriores, muito mais autocrítico em um tom melodramático para contestar o que anteriormente colocou como tese de sua criação. Esse exercício de autocritica e de flexibilidade com o que ele denomina gênero autobiográfico exemplifica a própria transividade que os textos *Passagem...* e *Meu corpo...* carregam.

A questão central a ser destacada é a de que o próprio autor do termo literário reconhece a complexidade de sustentar características para enquadrar determinada obra em um nome teórico-literário. Foi demonstrado que as duas obras são possíveis de serem lidas por esse gênero literário, contudo, não são limitadas a ele, pois possuem outras características que não se enquadram na convencionalidade. Ele transita na biografia, mas se expande na invenção. “Sendo o H uma letra muda, como na habertura do meu herbert, sua hacentuação haqui haltera ha hestutura: hecoa palatizando, na palavra falha, a letra L, como a do finaL do meu daniel: éle ou êle.”(Daniel, 1982, s/p).

É a partir das reflexões e lacunas deixadas por Lejeune que Serge Doubrovsky contribui ao debate com uma nova expressão, a *autoficção*. Ela surge pela primeira vez como um neologismo na quarta capa de *Fils* (1977), e ganhou autonomia na década de 1980-1990, deixando de ser uma expressão para se consolidar como um termo digno de discussão teórica, “vinha preencher uma lacuna ao lado das memórias, da autobiografia e das escritas íntimas em geral.”(Doubrovsky, [2010] 2014, p. 113).

Existe uma discussão, como em qualquer tópico dentro da teoria literária, se a *autoficção* seria um gênero literário ou não e afinal, qual seria a definição de tal terminologia? Doubrovsky inaugura seu ensaio definindo o termo como: “Ficção, de fatos e acontecimentos

¹⁷ O “pacto” ou “contrato” são nomenclaturas que carregam teor semântico distinto, inspirado em histórias mitológicas e épicas onde o *pacto* é mais recorrente, ele funciona como uma espécie de acordo ambíguo, sem definições claras e consequências definidas. O *contrato*, termo burocrático, repassa uma noção de acordo firmado por ambas as partes com cláusulas bem definidas.

reais”. Esse eixo referencial me parece ser a essência do gênero, se é que existe gênero.” (Doubrovsky, [2010] 2014, p. 120), ou seja, o pano de fundo da realidade autobiográfica, mas imersa na ficção, uma espécie de autobiografia romanceada. Philippe Gasparini dialoga com esse posicionamento ao afirmar que “[...] autoficção é o nome de um gênero ou de uma categoria genérica. (Gasparini, 2014, p. 181). Novamente impera a imprecisão e a volatilidade de enquadrar até mesmo a nomenclatura, quiçá no debate das características.

O trabalho mais proeminente sobre compreender as obras aqui estudadas enquanto autoficções é do autor Silva (2016), ao utilizar um recurso argumentativo de negação para enquadrar os livros em determinado rótulo teórico-literário, alguns dos argumentos são proeminentes, destaco aqui a síntese de um deles:

O relato de Daniel facilita enxergar esse problema porque ele subverte tanto o gênero do relato negando a si mesmo estatuto de verdade, quanto apresenta a homossexualidade como dado inerente à sua história. Chama seu testemunho de romance e seu romance, de autobiográfico, e inclui no seio da luta armada, cujo imaginário se nutre de um ideal masculino e masculinizante, um homem gay. (Silva, 2016, p. 163).

É compreensível depreender dos livros a conclusão proposta acima, contudo, esse entendimento continua por limitar os livros e caminha na mesma proposta das demais: enquadrar a obra em um gênero/expressão literária. Ainda que a conclusão não esteja de todo equivocada, ela não parece lidar com a imprecisão textual do gênero e a sua capacidade de ser mais de uma coisa. O fato do autor não declarar se vincular a um estatuto da verdade não torna o restante do livro ficcional, pelo contrário, apresenta uma autocrítica consistente de enxergar que declamar uma verdade absoluta sem ter consciência da totalidade do ocorrido seria no mínimo, totalitário. “Ninguém pode contar tudo o que aconteceu. Simplesmente porque não aconteceu tudo, ainda” (Daniel, 1982, p. 32).

Além disso, nomear seus livros enquanto romances, mesmo com características evidentes de autobiografia é compreender que a escrita, essencialmente aquela que se propõe a tentar mimetizar o real, falha por princípio, pois a própria escrita requer a seleção, exclusão e inserção de fatos que irremediavelmente é ficcional. O próprio Doubrovsky diz que “Aqui, o vivido se conta *vivendo*, sob forma de fluxo de consciência naturalmente impossível de se transcrever no fluxo do vivido-escrito, se desenrolando página após página. Trata-se obviamente de uma *ficção*. (Doubrovsky, [2010] 2014, p. 116), algo que o Daniel deixa claro já de antemão aos seus leitores: “Estou fazendo minhas memórias, não posso escrevê-las./Preciso, antes disto, vivê-las. (Daniel, 1982, p. 31)

Se em *Passagem...* existe uma narrativa comum, a guerrilha urbana, em *Meu corpo...* também existe, o trajeto de violência dentro do ônibus; Se em *Passagem...* existe uma intersecção de contos ficcionais, em *Meu corpo...* também existe; Se em *Passagem...* existe a discussão da homossexualidade como algo que desestabiliza o leitor e o próprio autor-narrador-personagem, em *Meu corpo...* também existe; Se em *Passagem...* não existe um caminho único para a leitura, em *Meu corpo...* também não existe. Quando o leitor se depara com uma obra que não se enquadra definitivamente em um número x de características que em tese o auxilia a definir a obra, seja ela uma autobiografia, uma autoficção, uma ficção, uma obra testemunhal ou um romance, resta a ele enquanto leitor realizar um pacto na recepção.

Proponho me filiar a afirmação de Moura (2014) que coloca que “talvez a definição de autobiografia, de memórias, de testemunhos, ou de qualquer outro conceito possível, passe mais pela recepção dada a esse texto (isto é, pelo pacto de leitura, sobre o qual discutiremos) do que por características intrínsecas a ele”, a extensa apresentação da fortuna crítica das obras e os robustos argumentos para cada filiação demonstram que a obra, de maneira autêntica e eficaz, tensiona os gêneros literários convencionais. Não se limita a um único gênero, tampouco se torna indefinível sem apresentar nenhuma característica propriamente literária. As duas obras, cada uma à sua maneira, desenvolvem um pacto de leitura com os respectivos leitores e promovem um caminho de leitura possível.

Isso não significa que toda obra deve ser recepcionada com esse procedimento. As críticas sobre a recepção ser elemento primordial em detrimento de outros na definição de uma obra literária são adequadas. É um risco muito significativo colocar na mão do leitor o conteúdo do livro e ainda exigir dele uma definição, isso implicaria em um descompasso com as escolas literárias e com o próprio campo da Teoria Literária. O posicionamento adotado aqui é sustentado na compreensão que é a própria crítica literária que demonstra, nesse caso em particular, uma impossibilidade na definição fechada de um rótulo teórico-literário acerca dos livros.

Os livros de Daniel não podem/devem ser lidos por uma ótica de recepção convencional, isso levará o leitor para um labirinto sem saída. O leitor vai chegar em becos e não conseguirá sair da armadilha literária que é enquadrar um livro em uma categoria. Mas afinal, dizer que qualquer livro não pode ser categorizado, seria o mesmo que dizer que todas as categorias literárias não servem para nada.

Não é pretensão aqui expandir um estudo de caso para todos os livros já escritos. O que se pretendeu foi pontuar que os escritos de Daniel, assim como o próprio autor, são

subversivos por recorrência. O labirinto só é divertido porque existem os becos sem saída que levam o jogador a refazer sua trajetória e tentar um novo caminho, é esse *percurso* que instiga as pessoas a entrarem no labirinto e terem uma experiência de desnorteamento consentido que requer da capacidade cognitiva delas um exercício contínuo de lembrar de onde veio, esbarrar em vários lugares para somente no fim, encontrar a saída. A leitura dos textos *Passagem...* e *Meu corpo...* é um processo semelhante, o labirinto criado pelo autor produz uma sensação de desnorteamento que força o leitor o tempo inteiro a se questionar, rever seus passos até finalizar a leitura e com fôlego dizer, acabei.

Um militante sem sexo é um totalitário perigoso.
(Daniel, 1984b, p. 164)

3 QUEM JÁ VIU REVOLUCIONÁRIO BICHA?: HERBERT DANIEL RACHA AS ORGANIZAÇÕES E ARROMBA O ARMÁRIO

3.1 A autocrítica do enrustido

Apesar de Herbert Daniel ter tido sua primeira experiência homossexual antes dos dezoito anos, ele precisou lidar com a sua sexualidade de diferentes maneiras ao longo da sua trajetória de vida. Decidiu abandonar o sexo quando entrou dentro dos movimentos de esquerda e integrou organizações clandestinas. Ao chegar no exílio parisiense, passou a lidar com a sua sexualidade de modo distinto daquele adotado durante a clandestinidade brasileira. Quando retornou ao Brasil, em 1981, após a prescrição das acusações que recaíam sobre ele, voltou com sua sexualidade publicamente assumida e com um novo olhar sobre a política e o sexo. Uma dimensão que permaneceu constante em sua trajetória foi o gesto de contestação e reflexão inerente ao seu movimento de autocrítica em todos os seus textos. É esse percurso que será apresentado e debatido nesta seção.

No capítulo inicial de *Passagem...*, Herbert Daniel apresenta um retrospecto da década de sessenta e satiriza o ano de 1969 como um ano “muito engraçado” e cheio de malemolência. Ele compara esse momento histórico a uma das mais famosas posições sexuais: “este gostoso para baixo e para cima, que é uma partilha democrática do prazer, onde não há nenhum artifício de ativos e passivos” (Daniel, 1982, p. 15). Ainda nesse trecho, ao refletir sobre as posições sexuais, afirma que “Todo sexo é um 69, mas nem sempre nisto se faz tenção; há uma espécie de miragem deformadora que faz do prazer uma fórmula 96, um de costas para o outro, o de trás de cabeça pra baixo, invertido, fêmea, errada.” (Daniel, 1982, p. 15).

Seja por coincidência ou intenção, por acaso ou destino, é na página 96 de seu livro que o autor introduz a discussão sobre sua homossexualidade durante sua militância política. Esse “dar de costas para o outro” e “inverter-se de cabeça pra baixo” ultrapassa a metáfora sexual e assume a dimensão de presságio, anunciado desde o início da obra, acerca da posição que o próprio Daniel ocupou no interior da guerrilha armada.

Meus problemas pequeno-burgueses me preocupavam, como tantos empecilhos que eu tivesse para poder me tornar um bom revolucionário. Entre eles a sexualidade, mais explicitamente, a homossexualidade. Desde que comecei a militar, senti que tinha uma opção a fazer: ou eu levaria uma vida sexual regular – e transtornada, secreta e absurda, isto é, puramente “pequeno-burguesa”, para não dizer

“reacionária”, ou então faria revolução. Eu queria fazer a revolução. Conclusão: deveria “esquecer” minha sexualidade. (Daniel, 1982, p. 96).

A transição do 69, que permitiu a Herbert Eustáquio de Carvalho experimentar e viver indiscriminadamente sua homossexualidade, inverte-se de cabeça para baixo na guerrilha urbana. O resultado é um voltar-se de costas para a sexualidade e para o sexo: a abdicação da união e do encaixe para a inexistência de conexão. Essa escolha entre viver plenamente a sexualidade ou renunciar a ela para ingressar em determinados espaços não constitui uma experiência exclusiva de Daniel. Trata-se, antes, de uma condição recorrente entre sujeitos cujas sexualidades escapam à norma e que, inseridos em contextos marcados pela vigilância e pela periculosidade, veem-se compelidos a escolher entre exercer livremente o prazer ou abdicar dele em nome de uma suposta segurança.

Nessa situação, o ato de decidir como viver é, equivocadamente, mobilizado por determinados setores ideológicos para sustentar a ideia de que a sexualidade dissidente – seja ela homossexual, bissexual ou outra forma não normativa de desejo – , constitui uma escolha individual. Caberia, assim, ao sujeito decidir entre essa conduta tida como “desviante” e “imoral” ou ajustar-se à suposta “normalidade coletiva”. Campos da Filosofia, das Ciências Sociais, da História e, sobretudo, da Biologia ainda alimentam, na contemporaneidade, debates incessantes acerca da inerência da homossexualidade enquanto uma condição humana. Seja considerada inerente ou não, natural ou socialmente construída, marginalizada ou perseguida, a sua vivência pública e indisfarçada continua a provocar reações, controles e represálias.

Uma oportunidade significativa de abolir essa perseguição e construir uma sociedade que não relegasse a homossexualidade ao campo do código criminal aconteceu em 1917, com a Revolução Bolchevique, na Rússia. Naquele momento, recorda Hiro Okita, em *Homossexualidade: da opressão à libertação* (2007), “o governo bolchevique acabou com todas as leis que condenavam os atos homossexuais. Esta ação - junto com outras destinadas a estender a revolução sexual - foi considerada como parte integrante da revolução social.” (Okita, 2007, p. 63). Esse acontecimento promissor constitui um fato quase impensável na história da homossexualidade mundial: um avanço sem precedentes e quase inimaginável para à época, tendo em vista que a família patriarcal exercia forte influência em um país pobre, pouco industrializado e com economia majoritariamente agrária.

Contudo, em 1928 começaram a surgir os indícios de mudanças na condução da chamada revolução sexual, afastando-se do posicionamento mais libertário inaugurado pela Revolução de Outubro em direção a uma abordagem progressivamente restritiva e

discriminatória. O regime Stalinista, principal responsável por essa inflexão, passou a associar a homossexualidade à decadência de setores burgueses e ao resultado de uma suposta perversão fascista. Diante da necessidade de consolidar um Estado operário burocratizado, resgataram-se valores conservadores oriundos do campo, região em que o machismo e a família patriarcal figuravam como bases incontestáveis da organização social. A União Soviética não se limitou apenas à Berlim e orientou, em 1934, que sua legislação federal criminalizasse os atos homossexuais, prevendo penas severas de prisão – oito anos de cadeia os atos homossexuais e cinco anos os atos de consentimento mútuo –, medida que repercutiu também em áreas sob sua influência política (Okita, 2007).

Essa visão da homossexualidade como expressão de decadência burguesa foi reproduzida em diversos lugares nos quais a União Soviética exercia influência política ou circulavam referenciais ideológicos próximos ao modelo soviético. Em um Estado totalitário no qual a burguesia era perseguida e associada ao fascismo e aos males sociais, ser identificado com ela equivalia a portar uma marca de condenação moral e criminal. Como sintetiza Herbert Daniel: “Ser pequeno-burguês – um termo muito amplo, sem grande rigor sociológico – era uma espécie de pecado original do qual era preciso se livrar para merecer a revolução.” (Daniel, 1982, p. 93). Nesse ambiente, a homossexualidade converteu-se em agravante simbólico, utilizado para ampliar discursos discriminatórios e acrescentar novos adjetivos pejorativos dirigidos às classes abastadas. Como resultado desse projeto político, o contexto da guerrilha armada não foi diferente, pois o imaginário revolucionário reproduzia influências soviéticas que associavam a homossexualidade a problemas “pequeno-burgueses”. No caso brasileiro, somava-se ainda a forte influência de uma tradição religiosa homofóbica historicamente enraizada pelo catolicismo.

Eve Sedgwick, em seu ensaio *A epistemologia do armário* (2007), reflete sobre a maneira como o armário opera como um dispositivo de regulação na vida de gays, lésbicas e bissexuais¹⁸. O armário não atua apenas como mecanismo que produz a abstinência da sexualidade, mas também como uma estrutura de reorganização de condutas comportamentais e de reformulação cognitiva. Um sujeito que está dentro do armário necessita de muito mais

¹⁸ Algumas leituras acerca da bissexualidade sustentam o discurso de que pessoas bissexuais ocupariam uma posição de maior segurança quando comparadas a gays e lésbicas, pois, ao se relacionarem com o gênero oposto, acabariam por performar uma relação heterossexual, possibilidade que não se materializa da mesma forma para casais homossexuais. A réplica a essa interpretação reside na compreensão de que, em uma sociedade marcada pela heterossexualidade compulsória, também às pessoas bissexuais é restringida a vivência plena da sua sexualidade. Elas voltam a ser invisibilizadas ou impelidas a se relacionar apenas com aqueles vínculos socialmente aceitos, isto é, com pessoas do gênero oposto, circunstância que desconsidera a complexidade do sujeito e o submete à casualidade de encontrar uma parceira(o) que se enquadre nos parâmetros da norma heterossexual.

do que não expor sua sexualidade publicamente: precisa autofiscalizar-se no comportamento, na fala, nas informações que compartilha e nas reações diante de terceiros, de modo a não produzir qualquer resquício de suspeita que questione ou desperte dúvidas sobre seu desejo sexual. Essa constante autofiscalização e repetição comportamental exige uma *performance* cotidiana, isto é, a reprodução diária de determinada postura, o controle da voz, dos modos de reação e das formas de interação social.

No caso de Herbert Daniel, não bastava apenas não transar com outros homens, mas também performar uma virilidade esperada de um guerrilheiro revolucionário ou, no mínimo, de um intelectual. Esta última imagem talvez fosse mais coerente com Daniel, uma vez que ele se responsabilizava pela elaboração de encaminhamentos teóricos e pela produção de cartilhas no interior das organizações.

Foi assim que durante todos os meus anos de militância minha homossexualidade nunca foi problema (para os outros). *Para* os companheiros que, se desconfiavam, calavam. Se alguém percebeu no gesto oblíquo, no olhar irrequieto, numa frase descontrolada, a marca distintiva da homossexualidade na minha vida, não chegou a falar comigo. Talvez alguém tenha feito uma acusação: “É bicha, sabia?” Porque “ser bicha” era uma acusação. Crime cujo castigo está nele e no rótulo. (Daniel, 1982, p. 96).

A autorregulação comportamental atinge, nesse contexto, níveis drásticos: da contenção de gestos lidos como femininos ao controle de um olhar irrequieto que pudesse traduzir o código proibido. Não transparecer aquilo que se era, por receio de represálias e discriminação, constitui uma angústia que atormentou Daniel durante toda a sua atuação na esquerda clandestina. Ele sempre foi consciente de que a homossexualidade era tratada como um crime moral, cujo castigo consistia justamente no rótulo de “viado”, “bicha”, “fresco” e entre outras formas de injúria.

A discrição era o único caminho possível. Além de evitar suspeitas, a sexualidade não era tão prontamente identificável quanto marcadores sociais como gênero, raça ou deficiência. A própria Sedgwick (2007) discute como a sexualidade difere de outras formas de opressão justamente por não ser imediatamente visível. Ser discreto, portanto, funcionava como um alibi para permanecer nesses espaços e evitar acusações baseadas apenas em percepção ou boatos. Verdade ou mentira, Daniel conseguiu não ser retirado do armário nem formalmente cerceado por sua homossexualidade. Evidentemente, sua personalidade introvertida e seu destaque intelectual contribuíram para que suspeitas não se convertessem em acusações abertas.

Passado o período de clandestinidade, cerca de sete anos, tornam-se evidentes os efeitos de uma constante autorregulação e do sistemático apagamento de si. A necessidade prolongada de controlar gestos, desejos e modos de existência, como estratégia para evitar discriminação por parte dos próprios companheiros de militância produz consequências profundas. Entre elas, destaca-se o risco de o sujeito se perder na identidade construída como mecanismo de sobrevivência, afastando-se progressivamente de uma experiência mais autêntica de si. Nesse sentido, a conduta reiterada por Herbert Daniel não deve ser compreendida apenas como uma escolha individual, mas como expressão de um regime mais amplo de coerções sociais e políticas. Tal experiência evidencia as renúncias que sujeitos homossexuais frequentemente precisam realizar para acessar determinados espaços sociais e aproximar-se de uma suposta normalidade, evitando, assim, a discriminação dirigida às dissidências sexuais.

No caso concreto do autor, fica muito claro que o seu compromisso com a causa revolucionária se sobrepôs ao seu prazer individual. Como afirma Herbert Daniel: “[...] depois, a revolução se ergueu como terapêutica não só do sexual, mas de um mais vasto: o pessoal. E a transformação do mundo é preciso, de quebra!” (Daniel, 1984b, p. 126). Trata-se da imposição do coletivo sobre o que, para ele, figurava como “problemas pequeno-burgueses”. Ao expandir esse ângulo de análise, percebe-se que tal reflexão pode atormentar inúmeros sujeitos cujas sexualidades escapam à norma. Nesses casos, o cálculo acerca de valer ou não o preço de viver a sexualidade plenamente e publicamente, recai, muitas vezes, na decisão individual de cada sujeito.

Os fatores que levam – ou levavam – um sujeito a viver abertamente sua sexualidade ou abdicar dela estiveram, em geral, relacionados aos riscos e às desvantagens que recaem sobre o próprio indivíduo e sobre o seu círculo social: sua família, amigos, colegas de trabalho e demais vínculos cotidianos. Eve Kosofsky Sedgwick (2007) afirma que

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. (Sedgwick, 2007, p. 22).

É evidente que, no contexto da ditadura militar brasileira, a homossexualidade era enxergada como ato contra a segurança nacional. Além disso, socialmente era vista como um ato pecaminoso, degradante, imoral e altamente repulsivo, tendo como principal base os princípios culturais e morais regidos pelo cristianismo católico. A esquerda revolucionária, da

qual Herbert Daniel ansiava integrar-se, não se distanciava inteiramente dessa aversão, embora sua rejeição estivesse menos vinculada a valores religiosos e mais associada às questões de classe e essencialmente de gênero. Como registra o próprio autor: “Me dizia: merda, não devo ser bom candidato a revolucionário, já que não querem me engajar. Duvidava: vai ver que sou inapto; às vezes, é que sou homossexual e eles não aceitam gente assim. Mas: não dou ponta, sou enrustido, será que desconfiam e ...? (Daniel, 1982, p. 86). A segregação imposta aos homossexuais, tanto na direita quanto na esquerda, era declaradamente aberta e de conhecimento público em ambos os campos. A questão residia no fato que o *armário* funcionava como resguardo e oferecia uma segurança aos enrustidos: aqueles que não eram lidos como efeminados e cuja sexualidade não era questionada por performarem o comportamento esperado de um homem heterossexual.

A virilidade esperada de um revolucionário afastava qualquer associação com o feminino. Tanto é assim que até mesmo mulheres que ingressaram nas organizações, em muitos casos, reproduziam comportamentos marcados pelo machismo vigente. A luta revolucionária, sobretudo em sua dimensão guerrilheira e rural, exigia firmeza, resistência e disposição para o combate – atributos radicalmente associados ao masculino. Nesse cenário, era praticamente impensável que um guerrilheiro se assumisse homossexual. Optava-se, quase sempre, pela preservação da intimidade e, em casos mais radicais, como o de Daniel, pela abdicação completa da sexualidade. O próprio autor observa: “E desde o momento em que “esqueci” toda atividade sexual homossexual, senti-me protegido. Assim o materialismo histórico poderia explicar minha existência. Muito bem” (Daniel, 1982, p. 96). Esquecer a sexualidade conduzia-o, portanto, a uma posição de segurança que o levava a esquecer e, em determinados momentos, até a convencer-se de que não era mais homossexual. O armário, nesses espaços e circunstâncias, oferece uma proteção aparente que pode persuadir seus enclausurados de que a abstinência e a ausência bastam para justificar a existência. Para Daniel, naquele contexto, não haveria mais homossexualidade se a prática não fosse consumada.

A esquerda brasileira, intensamente inspirada no sucesso da revolução cubana em 1959, compartilhava não apenas táticas de guerrilha, mas essencialmente valores e ideais revolucionários. Nesse arranjo não havia espaços para homossexuais, vistos, em síntese, como sujeitos contrarrevolucionários, frágeis e destituídos da virilidade esperada.

Para alguns *machos* cubanos que compartilhavam essa visão, não há lugar, dentro de uma revolução, para homens que não reflitam os valores de um “país ultraviril, com

seu exército de homens”. Como acrescentou Samuel Feijóo, um dos intelectuais mais proeminentes de Cuba no início da revolução, com uma franqueza sem igual: “nenhum homossexual [pode representar] a revolução, que é uma questão de homens, de punhos e não de plumas, de coragem e não de tremor.” (Lumsden, 1996, p. 53-54, tradução livre)¹⁹

A virilidade dos revolucionários cubanos que derrubaram a ditadura de Fulgencio Batista por meio de uma guerrilha rural inspirou e amplificou o ideal revolucionário viril e macho do campo. A brutalidade, a força e a macheza figuravam como critérios exigidos desejáveis para a realização da revolução. A grande figura de *Che Guevara* era muito mais que um símbolo da dedicação revolucionária e da idealização do guerrilheiro: ele espelhava atributos valorizados pela cultura cubana pré-revolucionária. A representação propagandista em massa de *Che* constituiu uma tática do regime, que se apropriou de atributos já presentes no imaginário nacional cubano. O pesquisador Ian Lumsden em *Machos, Maricones and Gays: Cuba and Homosexuality* (1996) afirma que, para compreender Cuba e sua relação com a Homossexualidade, é mais adequado interpretar a contemporaneidade do país levando em consideração elementos constitutivos de sua sociedade pré-revolucionária.

Em resumo, para o autor, três fatores são centrais para compreender a formação da sociedade cubana e a sua relação com a homossexualidade: i) seu passado colonial de mais de quatrocentos anos sob o domínio da Espanha; ii) a forte presença do catolicismo como difusor de crenças e valores; e iii) as influências das culturas africanas levadas pelos sujeitos escravizados para Cuba. Um elemento que merece destaque e que parece ser uma das raízes da homofobia no contexto Latino Americano é a confusão entre sexualidade e questões de gênero. Isso ocorreu porque, para o senso comum, haveria indissociabilidade entre esses dois campos de debate. A prática sexual que envolve penetração, por exemplo, permanece associada, no imaginário tradicional, a uma interação entre homem e mulher.

A partir dessa compreensão, depreende-se que o ato sexual é interpretado a partir de papéis rigidamente hierarquizados: de um lado, aquele que penetra, identificado com a masculinidade, a força e o domínio; de outro, aquele que é penetrado, associado à feminilidade, à passividade e à submissão. Pierre Bourdieu em *A dominação masculina* (2012), demonstra que as sociedades se estruturam simbolicamente na diferença sexual por meio de oposições hierárquicas entre ativo/passivo, forte/fraco, atribuindo prestígio ao

¹⁹ For some Cuban machos who shared his outlook there is no place within a revolution for males who don't reflect the values of an "ultra-virile country, with its army of men." As Samuel Feijoo, one of Cuba's most prominent intellectuals at the outset of the revolution, added with unparalleled bluntness, "no homosexual [can represent] the revolution, which is a matter for men, of fists and not of feathers, of courage and not of trembling." (Lumsden, 1996, p. 53-54)

masculino. Quando essa dinâmica é aplicada a relações entre homens, a leitura social tende a feminilizar um dos sujeitos, obviamente o penetrado/passivo/fraco, entendendo-o como alguém que renuncia à posição masculina que é socialmente privilegiada.

A tese de Lumsden (1996), fortemente partilhada por este pesquisador, sustenta que, para compreender a homofobia, é indispensável analisar sua relação estrutural com o machismo. Esses elementos são a espinha dorsal de um preconceito que, assola sociedades organizadas a partir de uma lógica binarizada de gênero (homem/mulher) –, sendo a homofobia uma de suas ramificações mais expressivas. Nessa perspectiva, a rejeição à homossexualidade não é apenas rejeição ao desejo entre pessoas do mesmo sexo, mas um desespero que ameaça a hierarquia masculina tradicional. Como observa o autor: “Seja como for, ainda assim é verdade que a dominação das mulheres e o desprezo por homens percebidos como efeminados, os dois elementos essenciais do machismo, haviam atingido proporções extremas em Cuba no momento do triunfo da revolução.” (Lumsden, 1996, p. 37, tradução livre)²⁰.

O passado colonial, tanto de Cuba quanto do Brasil, submeteu ambos os países à forte influência da colonização europeia e dos preceitos por ela regidos. Portugal e Espanha conseguiram implementar, com significativo êxito, os valores e costumes cristãos e ocidentais que vigoravam na Europa. Embora o catolicismo não tenha alcançado, em Cuba, o mesmo grau de capilaridade e impacto observado no Brasil, ambos os países foram marcados por valores religiosos que colocaram a sodomia na sarjeta da sociedade. Em Cuba, o problema estava muito mais relacionado a uma questão de gênero do que a uma questão de crença; era pior ser associado à uma mulher à realizar um ato considerado contrário à criação de Deus. Logo, percebe-se que o machismo e a imposição da superioridade masculina exerceram papel decisivo na recriação da homofobia, muitas vezes com mais força do que a noção de imoralidade pecaminosa associada à homossexualidade.

Abstinentes passei toda a clandestinidade. Sete anos. (Não posso deixar de escrever o prometido elogio à punheta, senão dificilmente poderei fazer alguém compreender a minha clandestinidade. porque creio que se tivesse apagado meu sexo nunca teria acreditado na militância. (Daniel, 1984b, p. 164).

Daniel, portanto, decidiu “extirpar o seu sexo antigo” e atuar, durante os sete anos de clandestinidade, em completa abstinência sexual. O elogio à punheta é extremamente

²⁰ Be that as it may, it is still true that domination of females and contempt for males perceived to be effeminate, the two essential elements in machismo had, reached extreme proportions in Cuba by the time of the revolution's triumph. (Lumsden, 1996, p. 37)

necessário porque esclarece ao leitor que ele não transou *fisicamente* com nenhum outro homem durante esses anos. Isso, contudo, não significou o desaparecimento de sua homossexualidade. Permaneceram presentes o desejo, a fantasia e a imaginação erótica, especialmente nos momentos em que a abstinência intensificava a pulsão reprimida e o prazer carnal sempre o acompanharam, especialmente durante sua atuação clandestina. A masturbação surge, nesse contexto, como prática solitária de sobrevivência subjetiva: um espaço íntimo no qual o desejo continuava a existir, ainda que interdito no plano social e político. Se o corpo militante precisava apresentar disciplina e virilidade revolucionária, no terreno privado a sexualidade insistia em permanecer viva.

O que fica constatado na sua literatura é um relato honesto e uma exposição transparente da sua intimidade durante a clandestinidade. Ele genuinamente estava comprometido com a causa revolucionária: acreditava no sucesso da revolução socialista e na expansão da luta de classes. Ainda assim, essa crença não se apresentava de forma cega e inquestionável, pois a reflexão sobre sua sexualidade sempre o acompanhou, mesmo em meio às tentativas de apagamento, de esquecimento e às conclusões fracassadas de que a homossexualidade podia ser curada.

Não se percebe, em seus escritos, um ódio à esquerda em razão da discriminação sofrida ou presenciada. À época, ele próprio partilhava, em alguma medida, das filosofias, crenças e preconceitos então reproduzidos, mesmo que o atingissem diretamente. Por vezes, ele próprio se esqueceu ou escolheu acreditar que não era homossexual, uma vez que não transava *fisicamente* com outros homens.

– É mesmo, eu então multiplicava clandestinidades, uma duas muitas, a sexual era a mais simples, porque nem era, eu não transava mesmo, só tinha vontade, mas ninguém pode ser a-cu-sado só por vontade secreta que nem punha em prática, deixei de ser homossexual – pelo menos é o que eu pensava, pensando que a abstinência ainda me curava nem que fosse por esquecimento – e se virei punheteiro era coisa de mim para mim, não mexia com ninguém, [...] (Daniel, 1984b, p. 189).

Acreditar que não era mais homossexual, por não manter relações sexuais com outros homens ou com os próprios companheiros, talvez tenha sido a maneira menos conflituosa de lidar com a sexualidade e com as expectativas revolucionárias projetadas sobre si. A tensão, no entanto, parece ter residido justamente na manutenção desse pensamento, que lhe exigiu esforço psíquico contínuo ao longo do prolongado período de clandestinidade. Não era simples abdicar da identidade de Herbert Eustáquio de Carvalho, perseguido pelo regime militar sob acusações de subversão e terrorismo; tampouco era simples renunciar a uma identidade homossexual, pois isso significaria sujeitar-se a discriminação e às represálias por

parte do comando do qual integrava. O crime parecia inexistir na ausência do delito: não transar isentava Daniel de, internamente, acreditar que estava cometendo alguma infração.

Diferentemente do posicionamento adotado durante a militância clandestina, Herbert Daniel chegou ao exílio com mais inquietações sobre sua sexualidade do que as certezas que o confortavam no Brasil. Como ele próprio afirma: “O homossexualismo era ainda uma pendência. Comecei — no exílio — a conhecê-lo, e suas regras. Ferozes. O cerco. O círculo.” (Daniel, 1982, p. 155). Distante das obrigações revolucionárias que “castraram” o seu sexo e exigiam uma postura performática marcada pela virilidade e pela hipermasculinização, o exílio possibilitou a abertura de outros percursos de existência. Nesse contexto, ele pôde frequentar espaços, (re)experimentar corpos e iniciar um processo de elaboração tanto teórica quanto prática de sua sexualidade. É importante esclarecer ao leitor que essa iniciação se deu também por meio de uma experiência de observação e vivência: Daniel trabalhou em duas saunas gays de Paris, o que certamente contribuiu para ampliar a sua compreensão sobre os espaços de circulação dos homossexuais e suas dinâmicas específicas.

Mesmo tendo trabalhado em duas saunas gays em Paris, Daniel manteve sua proximidade com os exilados políticos que viviam na França e continuou engajado nas pautas de classe e na luta contra a ditadura. Ainda assim, sua crítica à esquerda não se apresenta de forma direta ou sistemática: ela emerge de modo fragmentado, aparecendo apenas em passagens específicas de sua escrita. A esse respeito, ele escreve:

[...] No chamado mundo socialista a situação é diferente e mais dramática. Mas não me interessa falar aqui do dito socialismo real, que não conheço pessoalmente. Por enquanto só sei que ele tem muito de real e pouco de socialismo. Sou utópico, né mesmo?) (Daniel, 1982, p. 173).

Entre 1976 e 1980, período em que Daniel esteve exilado na França e iniciou os rascunhos de seu primeiro romance *Passagem...*, já não estavam em funcionamento as UMAP (Unidades Militares de Ajuda à Produção), que haviam encarcerado inúmeros homossexuais cubanos e os submetido a jornadas de trabalho forçado no corte de cana-de-açúcar (Lumsden, 1996). Ainda assim, na União Soviética permanecia vigente o artigo 121 do Código Penal, que criminalizava a homossexualidade.

Daniel estava ciente de como Cuba e a URSS lidavam com a homossexualidade, mas optou por não desenvolver longamente essas experiências em sua narrativa, justificando sua posição pelo fato de não ter vivenciado diretamente tais contextos. Em seu texto, limita-se

a observações pontuais que tensionam o chamado “socialismo real”, ao qual atribui um distanciamento entre ideal revolucionário e práticas concretas de Estado.

Essa conclusão reforça a interpretação do empenho do autor com as filosofias revolucionárias. Daniel ansiava por um novo mundo e mantinha uma postura utópica ao não desistir de acreditar na possibilidade de construir uma sociedade em que a classe trabalhadora não fosse subjugada por uma elite burguesa. Ainda assim, encontrava-se inserido em um recorte social que tencionava diretamente os ideais associados a esse projeto emancipatório. Apesar de não sofrer as mesmas pressões vividas durante a clandestinidade e de viver abertamente com seu companheiro Cláudio na França, Daniel reavaliava suas críticas aos cenários socialistas, uma vez que essas reflexões pareciam ganhar maior densidade quando articuladas a partir de sua própria trajetória, dos espaços que frequentou e das relações que estabeleceu em cada contexto.

É a partir dessas experiências que ele tenta aproximar diferentes mundos, em busca de conciliações internas e de uma saída coletiva capaz de enfrentar a exclusão de minorias. Em *Proposta Indecorosa*, relata a reação de seus companheiros diante da tentativa de encaminhar o debate “Homossexualidade e Política”, proposto pela Comissão de Cultura do Comitê Brasil pela Anistia, em 1979, em Paris. A reação, evidentemente, foi intensamente negativa: “esses uns recusaram-se, dando murros nas mesas, vociferando, engrossando o pescoço, mordendo canelas, [...], batendo os pezinhos no chão, beicinhos de birra; aqueles tais quiseram proibir a própria realização do debate!” (Daniel, 1982, p. 214). A proposta, segundo ele, era apenas propor um debate, e não em definir um posicionamento institucional da CBA sobre a homossexualidade.

A ingenuidade e a surpresa de Daniel, bem como daqueles que propuseram o debate, diante das tentativas de censura e das ameaças de racha no órgão da CBA revelam que, mesmo inseridos no contexto da esquerda, eles próprios desconheciam o grau de preconceito e autoritarismo presente em seus pares. Impedir o debate de acontecer foi um ato declarado de censura, praticado justamente por sujeitos que haviam sido institucionalmente censurados e forçados ao exílio em busca de sobrevivência. Ainda assim, mesmo diante dessas reações e chantagens, percebe-se que Daniel modulou sua crítica e evitou transformar a esquerda em antagonista absoluto.

Raramente o preconceito contra a homossexualidade (em geral, e a sexualidade em particular) se mostra assim, na esquerda, como agressividade aberta. É mais ou menos corrente a definição: preconceito é coisa de burguês reacionário, obscurantismo é técnica das ditaduras. [...] A fórmula clássica do preconceito da esquerda é postular: “isto não é um assunto diretamente político”. Com uma

variante, mais recente (que me permito formular com um jargão transtornado): “os viados devem desmunhecar com os próprios punhos e se sodomizarem com os próprios ânus”. (Daniel, 1982, p. 215).

Com agressividade aberta ou por meio de mecanismos mais sutis, é inegável a antipatia da esquerda em relação à homossexualidade. Para não se aproximarem das práticas discriminatórias do regime ditatorial e para não serem rotulados de preconceituosos, os companheiros (e Daniel, por vezes, incluso) optavam pelo silenciamento ou pela subordinação das questões sexuais à urgência política da luta de classes. Esperava-se, assim, que os próprios homossexuais reivindicassem sua causa, desde que o fizessem sem romper os códigos de masculinidade vigentes. A misoginia basilar presente em parte do imaginário revolucionário segregou os próprios sujeitos homossexuais e respingou no interior da própria comunidade dissidente. Tornavam-se alvos preferenciais aqueles que performavam uma feminilidade, bem como aqueles que transavam e tinham preferência por serem penetrados. Para escapar das perseguições e das suposições, o silêncio se tornou um aliado necessário da dissidência e também da permanência do *status quo* vigente.

O silêncio é a forma do discurso numa certa parcela da esquerda sobre a homossexualidade. É uma forma de exilar os homossexuais. A forma mais sutil da censura consiste na imposição da autocensura. Um homossexual calado é aceitável. Talvez até útil. Porque educado, comportadinho, tranquilizante. Uma bicha louca que se apresenta, é o escândalo e o despautério. (Daniel, 1982, p. 217)

Para chegar nessa conclusão, ele teve de tomar de exemplo a sua própria trajetória como referência analítica. Fiel devoto da causa revolucionária, optou por abdicar de sua sexualidade e de seu prazer para permanecer atuante nas organizações. Apesar de não apresentar um físico atlético capaz de desempenhar um combate corpo a corpo nas idealizadas lutas que viriam, mostrou-se extremamente útil para o movimento, que se valeu de sua elevada aptidão intelectual para consolidar os direcionamentos teóricos e conferir coerência programática às propostas vinculadas ao socialismo. Além disso, não se pode afastar a própria devoção dele pela luta, sem a qual muitas dessas renúncias não teriam se sustentado. Sua autocrítica aparece, nesse sentido, como fruto direto da sua autocensura constante exercida durante os anos de militância. Ao revisitar o passado, Daniel transforma a experiência íntima de silenciamento em matéria de reflexão política.

O silêncio, o não dito e o inominável, por vezes, funcionam como uma válvula de escape. A segurança pode residir no desconhecido e na ausência de evidências. Daniel afirma que: “Na esquerda armada, como em muitos outros aspectos da vida social do país, a sobrevivência não foi senão uma forma de extermínio. Muitos, para sobreviver, abdicaram a

existência.” (Daniel, 1982, p. 22). Embora dirigida ao contexto da esquerda armada, essa reflexão, quando pensada a partir da homossexualidade, pode ser estendida a diversas categorias historicamente marginalizadas. Em diferentes espaços sociais, sobreviver frequentemente significou ocultar traços identitários, conter desejos e negociar a própria existência para acessar alguma forma de pertencimento, ou pior, de segurança.

Apesar de o sexo e a sexualidade serem um tabu nos espaços de guerrilha, ele conta que esse debate sempre esteve presente em seus diálogos com companheiros mais próximos, especialmente Ângelo, seu fiel confidente e responsável por inseri-lo na guerrilha armada. Em meio a um ambiente regido pela disciplina e pela vigilância, essas conversas particulares foram raras brechas de intimidade e escuta: [Eu] “via que a homossexualidade não era um assunto que se devia discutir, era uma delinquência, mais ou menos sórdida, mas logo que conheci o Angelo falei muito de homossexualidade e amor, o caso com o Renzo [...]” (Daniel, 1984b, p. 196). Embora a homossexualidade fosse tratada como tema vergonhoso no interior da sua subjetividade e no exterior das organizações, ela permaneceu viva no plano subjetivo e sempre ganhava atenção nos espaços de confiança.

A reflexão e a autocrítica de Daniel o acompanharam em toda a sua trajetória política. Ainda que tenha vivido todo o seu período de militância como um enrustido – sem demonstrar e muito menos experienciar plenamente sua sexualidade –, não se desanimou em relação às filosofias políticas às quais permanecia vinculado, mesmo quando passou a ocupar espaços mais abertos, como aqueles encontrados no exílio. A chegada a Portugal e, posteriormente, a Paris, ao lado de seu companheiro Cláudio, proporcionou-lhe, enfim, encerrar o período de sete anos de abstinência sexual e viver sua homossexualidade sem conflitos íntimos ou a sensação de que estaria quebrando regras políticas e morais. Daniel rompe o armário de sua sexualidade sem, contudo, afastar-se da política ou dos movimentos de esquerda. Surge, então, não mais como sujeito enrustido, mas como homossexual assumido e publicamente declarado. Essa posição política, obviamente, provocou represálias e reações agressivas por parte de setores da esquerda. Ainda assim, tais resistências não o levaram a abandonar sua filosofia política, tampouco a desistir na crença de que era possível ser um homossexual no interior da esquerda revolucionária do século XX.

No exílio francês, o trabalho em uma sauna gay contribuiu para o amadurecimento intelectual do autor e para um entendimento de si próprio como um sujeito embutido de múltiplas dissidências. Foi dissidente ao se rebelar contra a ditadura militar e adentrar na clandestinidade; tornou-se duplamente dissidente ao integrar organizações armadas sendo homossexual em um espaço extremamente homofóbico e misógino. Quando

conseguiu romper as correntes da censura e arrombar o armário da sua sexualidade, voltou a assumir uma posição dissidente ao se recusar-se a abandonar a esquerda ao tornar-se uma dissidência em seu interior. Desta vez, reivindicava um espaço de direito, buscando, por meio do diálogo e do debate, refletir sobre a questão do sexo e sobre a exclusão das minorias sexuais nos movimentos progressistas.

Quando retorna ao Brasil, publicar seus livros e expor abertamente sua sexualidade, Daniel novamente se colocava em confronto com seu tempo, marcado por uma geração em que predominavam discriminação e preconceito diante de qualquer traço considerado “imoral”. Os seus livros, lançados no contexto da reabertura política, poderiam facilmente ter sido capturados por uma lógica editorial sensacionalista, interessada em explorar as particularidades de sua trajetória para atrair leitores e impulsionar vendas. Entretanto, Daniel utiliza sua literatura não como mercadoria de escândalo, coisa que facilmente poderia fazer, mas como um instrumento de elaboração (auto)crítica, de desabafo e acalento pelas violências sofridas.

O que instiga a obra de Herbert Daniel é que, ao mesmo tempo em que narra sua história ou apresenta passagens ficcionalizadas, ele também desenvolve uma reflexão crítica sobre as situações que descreve. A obra herbertiana não se intimida diante de represálias institucionais nem se acomoda às expectativas normativas de seu tempo. Sua linguagem, sua *forma*, seu conteúdo e sua construção estética não estão orientados a agradar o público leitor da época; ao contrário, é muito mais provável que os choquem com as informações pouco polidas e das experiências incômodas expostas no interior dos livros. Há, em sua escrita, uma recusa deliberada do decoro e do silêncio que frequentemente cercavam temas como sexualidade, militância e dissidência. A preocupação reside na honestidade e na busca de uma compreensão cada vez mais amadurecida de si próprio. Daniel viveu sete anos em abstinência sexual, e sua atuação contra a ditadura militar foi atravessada pelo armário que o enclausurou, mantendo-o clandestino em sua própria essência.

Apesar desse passado restritivo e conflituoso, Daniel encontrou na escrita uma espécie de apoio: “Se estou, passo a me escrever. Velha técnica que, se não alivia, consola.” (Daniel, 1982, p. 12). Sua literatura não pede licença nem por favor; ela arromba o armário da vida do autor e também daqueles que cruzaram sua trajetória. Sem pudor, o autor-narrador-personagem apropria-se da riqueza de um léxico cru e de uma exposição sincera de tudo o que viveu, acreditou e transformou.

3.2 O defeito pequeno-burguês da “boneca”

O sexo não era uma grande preocupação política, achávamos. Militantes, tínhamos outros assuntos a abordar. Sexo era uma questão pessoal. E foi sempre assim. Como problema íntimo, só discuti tal matéria com amigos chegados. Ângelo, com quem discutia Freud e outras *questões paralelas* e pessoais, depois de uma noite inteira em que faláramos da (minha) homossexualidade chegou a uma dúvida definitiva: (Daniel, 1982, p. 96).

Um ponto de ruptura entre a maneira como o regime militar lidava com a homossexualidade e os espaços de esquerda residia no enquadramento atribuído ao tema. Para setores da esquerda, a sexualidade era concebida como questão de ordem privada, subordinada às urgências políticas da luta de classe e da resistência à ditadura. Já o regime militar tratava a homossexualidade como problema de ordem pública, associando-a à degeneração moral e à ameaça social. Benjamin Cowan, em *Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar*, esclarece que a ditadura visualizou na homossexualidade um potencial inimigo interno, frequentemente vinculado à subversão e à ameaça comunista. O homossexual passou, então, a ser alvo de constantes investigações e enquadramentos. Não se tratava apenas de condenção moral, mas de uma política de segurança nacional que incorporava o sexo dissidente ao campo das suspeitas ideológicas.

Poder-se-ia alegar que a abolição das leis contra homossexuais na antiga União Soviética tenha sido um argumento para sustentar essa tese, mas a realidade material da história nos esclarece que a própria União Soviética reavaliou esse posicionamento e começou novamente a perseguir os homossexuais, depois disso, Cuba, Alemanha Nazista, Itália Fascista e diversos outros países encontraram na sexualidade dissidente um bode expiatório para os próprios fins.

No interior da guerrilha brasileira, a homossexualidade raramente era tematizada como pauta política legítima. Por se tratar de uma questão de ordem pessoal, permaneceu silenciada e invisibilizada. A fórmula aparentemente liberal – “sexo é assunto pessoal” – funcionou, muitas vezes, como mecanismo de exclusão já que despolitizava experiências sexuais de discriminação e impedia que o preconceito fosse nomeado e enfrentado.

No Brasil, havia uma atenção muito significativa com a publicidade dada aos gays. A pressuposição era de que a organização de uma identidade homossexual e a normalização dessa identidade alcançaria níveis públicos e inevitavelmente chegaria aos olhos dos jovens, os mais suscetíveis “a conversão”. Como observa James N. Green, “O ‘movimento gay’, aos olhos policiais, queria a normalização da identidade homossexual pública – uma coisa que, para eles, seria um sinal garantido de maquinacões comunistas.”

(Green, 2007, p. 44). A associação entre homossexualidade e ameaça moral revela como a ditadura articulou a sexualidade e a segurança nacional em um mesmo campo de vigilância. Logo, tornar-se visível significava converter-se em suspeito.

Não muito distante da década de 1970, parte desse pensamento permanece enraizado na sociedade brasileira contemporânea que não raramente se depara com episódios constantes de censura à representação de gays, lésbicas e bissexuais. Seja em cenas de beijos nas telenovelas, personagens animados em filmes infantis ou a ambiguidade semântica de não nomear aquilo que facilmente pode ser deduzido como um casal homoafetivo. A televisão que exhibe filmes de violência, conflitos familiares e sátiras capacitistas parece ter dois pesos e duas medidas na concepção de corromper a ingenuidade juvenil ou a imaculada inocência infantil.

O regime militar, ainda que movido por razões distintas da esquerda revolucionária, também via a homossexualidade como um desmoralizador da figura masculina, pois a reduzia a uma identidade frágil e feminina. Nesse imaginário, o homem homossexual apareceu como sinal de decadência moral e enfraquecimento social. Soma-se, à época, o estereótipo de uma suposta relação entre homossexuais e o consumo de substâncias ilícitas e psicoativas que, na tese militar, favorecia a subversão e a promiscuidade sexual. O perigo maior, segundo essa lógica repressiva, era corromper a juventude, considerada ser a mais suscetível aos desejos e pecados do submundo urbano. Os adultos que se prestavam a essa subversão não recebiam menos que o desprezo do regime que os via como desonra e comunistas em potencial. A moral sexual tornou-se o critério político de suspeição.

Quando Daniel utiliza a primeira pessoa do plural para discorrer sobre como a esquerda enxergava a homossexualidade, ele se inscreve simultaneamente na narrativa e na história, não escondendo que, naquele período, sua individualidade não tinha espaço nem mesmo voz. Ele era, acima de tudo, um guerrilheiro; e o sexo, naquele momento, não cabia como tema de discussão. Esse pensamento, situado entre 1967 e 1974, estende-se para além do período da redemocratização. Para o autor — que em muitos momentos funciona como espelho da guerrilha —, o sexo, seja ele homossexual ou heterossexual, era uma questão de foro íntimo que não necessitava de debate coletivo em organizações políticas. Entretanto, isso não impedia que o tema surgisse em conversas particulares entre dois companheiros que se sentissem confortáveis para falar abertamente sobre o assunto, sem receio de condenações ou repreensões; À margem das diretrizes oficiais e das urgências revolucionárias, nesses pequenos momentos, havia certa liberdade.

Compreenda que eu não estou querendo idealizar nada, nos aparelhos a gente tinha uma IDÉIA da liberdade, mas não éramos soltos para qualquer liberdade, ou por questões de segurança ou por puro preconceito, mas o pior preconceito é o que eu tenho contra mim mesmo, há por todo o lado um ranço do conservadorismo, particularmente em relação à sexualidade, mas não vejo bem onde se localiza[...]” (Daniel, 1984b, p. 191).

É observável que Daniel consegue se manter firme aos pensamentos que tinha durante sua atuação na guerrilha, pois, em diversos momentos, é possível constatar a contradição atenuante por parte dos grupos de esquerda. A bandeira da liberdade que os movia para a derrubada da tirania ditatorial não era vivenciada integralmente dentro dos aparelhos clandestinos. A justificativa, por vezes, se sustentou na segurança, mas resquícios do preconceito também estavam presentes nas tomadas de decisões. Em muitos casos, a segurança serviu para encobrir resistências morais e conservadorismos, especialmente no que dizia respeito à sexualidade.

Essa resistência encontrava lugar até mesmo nas subjetividades do autor: “o pior preconceito é o que eu tenho contra mim mesmo”. Daniel reconhece que a repressão não era apenas externamente, mas no seu interior, por meio da culpa revolucionária. Eles – os companheiros – discursavam serem isentos de preconceito e repeliam qualquer tipo de discriminação, mas foram constantes os episódios de discriminação e represálias a esse tipo de conduta.

Embora haja essa reação, o historiador Hiro Okita, em *Homossexualidade: da opressão à libertação* (2007), elencou percepções tolerantes de integrantes da imprensa alternativa após a reabertura do governo Ernesto Geisel. Foi perguntado aos membros dos jornais o que eles achavam da homossexualidade.

Dentre os entrevistados, o jornal *O Trabalho* respondeu que “considera[va] a questão da homossexualidade um assunto privado, ou seja, diz respeito ao direito de cada um dispor do seu corpo da maneira como bem entender” (Okita, 2007, p. 115); o jornal *Voz da Unidade* respondeu: “Eu acho um problema deles. Íntimo. De um ponto de vista político, só posso colocar o seguinte: ninguém tem o direito de violar isto e nem de transformar isto em geral” (Okita, 2007, p. 120); já o jornal *A Hora do Povo* afirmou que a homossexualidade “[...] é produto de uma série de mecanismos de repressão que existem dentro da sociedade, que vão desde o Estado até a família, que impedem que a criança dê vazão normal a seus impulsos sexuais [...]” (Okita, 2007, p. 110); por fim, o jornal *Convergência Socialista* declarou que “Em junho de 1979, quatro homossexuais da Convergência Socialista começaram a se reunir para discutir a questão homossexual dentro do grupo, já que, desde sua

formação, a Convergência tinha em seu programa um ponto sobre a discriminação aos homossexuais” (Okita, 2007, p. 116).

O caso específico da *Convergência Socialista* surpreende pela franqueza em assumir publicamente que havia homossexuais em seu quadro e que, de maneira aberta, reuniam-se para debater essa questão, como um ato de coerência com o programa político de não discriminação aos homossexuais.

Apesar de os relatos indicarem certa tolerância com a presença dos homossexuais e até mesmo a sua integração em espaços de trabalho e organização política, é importante esclarecer que tais relatos não espelham o pensamento da maioria dos grupos de esquerda, muito menos dos grupos de atuação política que Daniel atuou.

- aí uma vez na reunião de comando se discutiu o caso de um companheiro que era homossexual e fora agredido a facadas na casa dele, e ao considerar que os homossexuais estão sujeitos a esses dissabores, pela vida que tem, foi considerado justo afastar o companheiro, que era até um bom quadro, tirando-se todas as responsabilidades dele, alguém disse que não se devia dar responsabilidade a gente desse tipo, mas isso nunca foi realmente discutido, nem era uma regra, porque não se sabia de mais casos [...] (Daniel, 1984b, p. 196).

Diferentemente da percepção da imprensa alternativa, o comando das organizações acreditava que os homossexuais eram suscetíveis à violência em razão de seu estilo de vida. Esse modo de viver [livre] era distinto do idealizado para um companheiro revolucionário, que deveria ser fiel aos princípios e propósitos da revolução. Assim, por não serem compatíveis com a organização, justificava-se o desligamento.

É, no mínimo, constrangedor observar que há uma dupla punição para os homossexuais nesses espaços: a primeira é demarcada pela violência física, que coloca em grave risco a vida do sujeito; a segunda, pela violência simbólica, que coloca a integridade moral em xeque. Em ambos os cenários, o homossexual é tratado como alguém descartável, que pode ser desligado a qualquer momento, seja da vida, seja da organização. O companheiro é violentado em sua própria residência, seu espaço particular, e, em vez de apoio, recebe o desligamento do quadro.

Esse tratamento, por sinal, não é algo característico apenas dos espaços da guerrilha brasileira; muito pelo contrário, trata-se de elementos importados da revolução cubana e da repressão aos homossexuais na União Soviética. No caso do vizinho caribenho, em 1971, Cuba realizou o Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura, que se configurou como um momento definidor para a institucionalização da homofobia. Se antes a discriminação ocorria pela marginalização desse grupo em razão das raízes da cultura cubana

com sua existência anterior à revolução, a partir de então sua presença passou a ser explicitamente indesejada, com orientações claras e institucionais para sua contenção e coerção, visando extirpar definitivamente qualquer comportamento considerado desviante dos ideais do partido.

Depois de examinar o caráter “antissocial” da homossexualidade e de reconhecer sua natureza “sociopatológica”, o Congresso decidiu que “todas as manifestações de desvio homossexual” deveriam ser firmemente rejeitadas e impedidas de se disseminar. Especificamente, o Congresso determinou que “homossexuais notórios” deveriam ser impedidos de exercer qualquer função em instituições que tivessem influência sobre a juventude. Determinou ainda que homossexuais não deveriam representar Cuba em atividades culturais no exterior. Por fim, acordou-se que penalidades severas deveriam ser aplicadas àqueles considerados responsáveis por corromper a moral de menores, aos “reincidentes depravados” e aos “elementos antissociais irremediáveis”²¹. (Lumsden, 1996, p. 73, tradução livre).

Como modelo de inspiração e de revolução bem-sucedida, Cuba acabou por sinalizar, ainda que indiretamente, condutas, comportamentos, normas, filosofias, práticas e inúmeras outras orientações que auxiliaram as organizações brasileiras a realizar encaminhamentos e a concluir deliberações. O país caribenho funcionou, por muito tempo, como uma bússola revolucionária para os companheiros brasileiros.

Apesar de a homofobia e a aversão aos homossexuais serem uma realidade quase hegemônica nos países colonizados pela Europa, a institucionalização da discriminação ampliava, em graus significativos, as condições de vida dos homossexuais cubanos em relação aos brasileiros. Não obstante, rejeitar os homossexuais, com a expectativa de que sua conduta não se difundisse na sociedade cubana, e impedi-los de representar o país em atividades culturais no exterior foram maneiras bastante claras de se posicionar e de orientar os adeptos do regime. A expulsão de homossexuais nas organizações brasileiras justificava-se, em parte, pela própria expulsão e rejeição desse grupo em Cuba.

Nesse contexto, fica mais claro compreender a posição de Daniel de viver sua militância enclausurado dentro da própria identidade e em abstinência completa. Para ele, o prazer corporal não era mais importante que o propósito da luta. Essa decisão é amadurecida

²¹ After it had examined the "antisocial" character of homosexuality and had recognized its "sociopathological" nature, the Congress resolved "that all manifestations of homosexual deviation" were to be firmly rejected and prevented from spreading. Specifically, the Congress resolved that "notorious homosexuals" should be denied employment in any institution that had an influence upon youth. It further resolved that homosexuals should not be allowed to represent Cuba in cultural activities abroad. Finally, it was agreed that severe penalties should be applied to those responsible for corrupting the morals of minors, to "depraved repeat offenders," and to "irremediable antisocial elements." (Lumsden, 1996, p. 73).

porque há uma escolha literal em curso: Daniel já tinha tido experiências²² homossexuais antes dos dezoito anos e continuou se relacionando até 1967, quando, nas palavras dele: “Comecei a militar, no começo de 1967. Entre contradições, em nome da ação, abdiquei de atos da dúvida corporal. Tirei o corpo fora. (Daniel, 1984b, p. 164). O conflito interior sempre esteve posto e, ainda assim, não o impediu de atuar naquilo em que acreditava.

Essa abstinência do prazer corporal não foi uma conduta praticada apenas por Herbert Daniel ou por outros homossexuais inseridos nos espaços da guerrilha; mesmo heterossexuais também sofreram com a ausência de sexo, obviamente por razões distintas. Em *Passagem...*, no conto da Ribeira, é relatado um episódio que discute essa abstinência, em particular os riscos que ela poderia causar aos grupos organizados. O caso em questão envolveu um possível racha de uma organização em razão da abstinência sexual de um dos companheiros, nomeado por *Gláucio*.

Afinal ele disse:

– Meu problema é outro. Não aguento mais ficar aqui.

E depois disse:

– Sabe, eu não suporto viver sem mulher.

E escondeu o rosto nas mãos e chorou.

Conversamos depois longamente, eu e ele, sobre a sexualidade. Eu não falava de mim. Falava da sexualidade dele. Sei que ajudou. Porque depois disso parece que o problema dele ficou menor. Deve ter encontrado soluções – nem tão difíceis assim.

Lembra, Átila, Gláucio nunca falou em público. De um problema entretanto tão simples. E que quase nos levou a um racha absurdo. (Daniel, 1982, p. 220-221).

O sexo, portanto, não ocupou as linhas dos manifestos nem as pautas dos congressos, mas sempre esteve presente nas movimentações internas e nas tomadas de decisão. O corpo deseja e, quando é privado de seus interesses, inconscientemente encontra brechas para se manifestar e se satisfazer. Familiarizado com a abstinência, Daniel foi capaz de perceber e de se enxergar também nos outros e, em um diálogo honesto, conseguiu dismantlar um racha em andamento que comprometeria toda a organização. Esse episódio pontual exemplifica a ingenuidade tanto da guerrilha quanto do regime militar ao desacreditar na potência e na capacidade do sexo: o prazer está nas entrelinhas das decisões, movimentações e ações que alcançam proporções incalculáveis. O relato de Daniel mostra que, ainda que a guerrilha tenha tentado criar um exército casto e inteiramente disciplinado, as consequências dessa intenção talvez mais tenham prejudicado do que ajudado as organizações.

²² Em ambos os romances, o leitor é apresentado a dois episódios distintos da primeira experiência homossexual de Daniel. A primeira sendo ativo com Luís (Daniel, 1982, p. 25), (Daniel, 1984b, p. 192) e a segunda sendo passivo com Antônio, um soldado do exército que era *entendido*. (Daniel, 1984b, p. 158).

A segurança, pode-se concordar, foi a principal justificativa oficial para a abolição do sexo entre os guerrilheiros: “A segurança era uma ótima muralha para algumas inverdades” (Daniel, 1984b, p. 133), pois servia como justificativa para quase tudo. A relação entre companheiros poderia facilitar a criação de vínculos que, com as quedas dos aparelhos, seriam utilizados pelo regime contra as organizações. Além do vínculo afetivo explorado nas torturas, uma possível gravidez poderia comprometer toda a organização, tanto logística quanto financeiramente, caso o aborto não fosse uma opção. Nesses casos, a necessidade de manter uma companheira e seu parceiro em segurança representava mais um custo e desfalcava, em número, o quadro da organização.

Para a homossexualidade os riscos eram outros. Como já mencionado, a homossexualidade foi lida pela esquerda como uma decadência-burguesa e uma fragilidade diante da virilidade do guerrilheiro e sempre foi interpretada pela organização como algo sem relação direta com a luta de classe.

“Militar significava uma opção em que o homossexualismo tinha que ser excluído. Um amigo disse uma vez: “Não sei como é que o materialismo histórico soluciona a homossexualidade. Ele não sabia muita coisa nem do materialismo histórico e nem da sexualidade (embora vivesse ambos - o que não era razão para uma tomada de consciência de um ou do outro). Achou principalmente que não era momento de misturar as coisas.” (Daniel, 1982, p. 236-237).

Como refletido na seção anterior, o próprio Daniel partilhava dessa separação; fato é que optou pela abstinência. Entretanto, essa abstinência ficou apenas no plano corporal, uma vez que ele sempre se masturbou com fantasias de relações homossexuais. Não havia, para ele, contradição alguma entre suas orgias masturbatórias e sua atuação como militante, tendo em vista que o problema era a violação do corpo, e não o desejo em si. A tensão sexual entre ele e o companheiro Renzo, desenvolvido no capítulo quatro, na seção de *Matéria*, demonstra como o autor encontrou outros companheiros que partilhavam do desejo homossexual. Ainda assim, sua própria conduta de afastar qualquer possibilidade de afeto ou de relação sexual evidencia a concretude da filosofia de separar a causa política do sexo.

Nesse sentido, a experiência de Daniel evidencia que a separação entre política e sexualidade, embora sustentada no plano discursivo, não se sustentou na materialidade do corpo. O desejo, ainda que interditado na prática, não desapareceu; muito pelo contrário, reorganizou-se em outras formas de expressão, como a fantasia e a masturbação, escapando aos mecanismos de controle impostos pela disciplina revolucionária. Essa dualidade mostra que a tentativa de construir um militante ideal dessexualizado, inteiramente dedicado à causa

esbarrava nos limites do próprio corpo, que insiste em se fazer presente. Assim, mais do que um conflito individual, a vivência de Daniel expõe uma fissura estrutural no projeto revolucionário: ao tentar silenciar o sexo, a guerrilha não o eliminou, mas o deslocou para zonas menos visíveis, onde continuou a operar e a influenciar comportamentos, decisões e relações entre os próprios companheiros.

“[...] uma vez quase fui para a cama com um aliado, que eu considerava um grande amigo meu, mas quando ele me deu um beijo eu dei um ataque, falei que aquilo era anormal e tudo, como se fosse uma virgem estuprada, [...], eu era um cretino da sexualidade, um punheteiro ressentido, uma solteirona de piada de machão, ou um machão de piada de solteirona” (Daniel, 1984b, p. 197).

A contradição entre reconhecer-se homossexual e, ao mesmo tempo, sustentar uma postura de castidade se mostra, sobretudo, na reação de condenação dirigida àqueles que não seguiam a mesma conduta. Daniel fantasiava constantemente encontros sexuais com outros companheiros, mas mantinha essas experiências restritas ao campo do imaginário, impedindo que se concretizassem no plano corporal, mesmo diante de oportunidades reais. Nesse sentido, torna-se recorrente, em seu relato, a necessidade de reafirmar que foi diversas vezes colocado à prova e que resistiu a tais investidas, como forma de sustentar uma coerência interna com os ideais que orientavam sua atuação militante. Essa insistência em narrar a tentação e a resistência não apenas reforça o esforço de autocontrole, mas também revela a intensidade do conflito entre desejo e disciplina que atravessava sua experiência.

Uma atenção especial deve ser dada à própria linguagem utilizada por Daniel que, ao se definir como “cretino da sexualidade”, “punheteiro ressentido” ou ao recorrer à imagem da “virgem estuprada”, mobiliza um léxico profundamente marcado por estigmas, culpa e autodepreciação. O gesto de repelir o beijo, classificado por ele como “anormal”, indica que a repressão já não se limitava a uma imposição externa, mas havia sido por ele internalizada, levando-o a reproduzir falas e condutas do discurso oficial do comando. Diferenciar sua identidade íntima da identidade que dele era esperada mostrou-se extremamente complexo, pois, como se percebe, esses movimentos apenas o reduziam a um estado de sofrimento e contradição interna.

A dinâmica de regulação é outro ponto que chama atenção, pois a censura e a repreensão são praticadas pelo próprio Herbert Daniel. Se ampliarmos o leque de análise, constataremos que esse comportamento não é atípico. Até pouco tempo atrás, era fácil constatar a reprodução de falas misóginas proferidas por mulheres ou mesmo expressões racistas reproduzidas por pessoas racializadas ou com baixo letramento racial. Para os homossexuais, a regra não é diferente; muito pelo contrário, há a percepção interna de que,

dentro da própria comunidade homossexual, a reprodução da homofobia ocorre de maneira generalizada; muitas vezes movida por rígidas regras de comportamento, altos índices de expectativa e pela prática de valores tradicionais. Alguns buscam enrijecer uma *performance* da heterossexualidade e preservar valores como a constituição de família, o casamento igualitário e a adoção de filhos; já outros propagam a não monogamia e a efetiva liberdade sexual, sem pudor ou discriminação.

Dentro do espectro da luta armada, Daniel foi cooptado a auxiliar na regulação e na repreensão de comportamentos e desejos que ele próprio detinha, não mais em si, mas em seus companheiros e aliados. Não deve ter sido fácil reconhecer-se como um homossexual, tendo tido uma adolescência sexualmente ativa e, de repente, declarar que essas condutas eram anormais. Não ironicamente, é possível traçar esse mesmo tipo de comportamento para a contemporaneidade ou para outros indivíduos que, trancafiados dentro do armário, servem à manutenção da estrutura que utiliza seus corpos enclausurados para identificar e repreender tais comportamentos, movidos principalmente pela segurança que somente o desconhecimento pode proporcionar.

Mesmo tendo, em diversas ocasiões, reprimido qualquer tipo de relação homossexual dentro das organizações e dos aparelhos clandestinos, ele por vezes se mostrou contraditório. Em momentos de solidão e já próximo de abandonar a clandestinidade para entrar no exílio, ele voltou a se ver confrontado pelo desejo e pela possibilidade de concretizá-lo, desta vez na convivência com um pernambucano que o acolheu em sua residência, utilizada como aparelho de segurança.

e mais tarde o pernambucano veio me trazer um lanche e conversamos muito, até tarde da noite, [...] quando se despediu me acariciou a perna de uma forma insistente; claro, no olho, boneca, no olho da cara, entenda, eu não escondia que olhava pro corpo dele com tesão, ele estava com uma sunga minúscula, não sei se para me provocar, ou porque estava muito calor, nossa como fazia calor no Rio, e se ele pegou na minha perna é que sacou tudo, a gente sempre saca o outro no modo de olhar, aí eu me contrai de medo e disse boa noite, tô com muito sono, e ele foi embora, e eu fiquei imaginando como seria bom ter feito amor com ele, ainda mais que era quase um companheiro, um simpatizante de “confiança”, mas ficou só na emoção, numa espécie de rio quente no coração... [...] (Daniel, 1984b, p. 189).

Daniel vivia uma contradição profunda: reconhecia sua homossexualidade e a desejava intensamente, mas, diante das oportunidades, optava por reprimi-la. O momento refere-se ao período em que precisou se esconder por mais de três meses em um aparelho isolado, onde foi acolhido por dois homossexuais simpatizantes das organizações. Dentre o casal, Daniel destacou com maior ênfase suas interações e diálogos com o pernambucano, descrito como mais afeminado que o companheiro e também mais despreocupado,

aparentemente alheio aos procedimentos de segurança e às expectativas de conduta revolucionária.

Neste episódio concreto, não se trata apenas de uma relação sexual entre companheiros de organização, mas do encontro entre um clandestino isolado, já no fim da clandestinidade, e um simpatizante que o acolheu por boa vontade. Mesmo nesse cenário de relativa segurança e intimidade, a autorregulação dele o impediu de realizar aquilo que mais desejava. Nota-se, ainda, uma mudança em sua perspectiva: antes, o que o impedia de se envolver em relações era a compreensão de que tal conduta não correspondia ao ideal revolucionário; agora, o principal entrave passa a ser o medo. Esse medo o paralisa a ponto de se sobrepor aos seus desejos mais íntimos — não apenas o levando a abrir mão do sexo e do prazer, mas também das possibilidades que se apresentavam durante sua clandestinidade.

Além do medo, outro aspecto muito marcante destacado é a capacidade de reconhecimento entre iguais. O olhar que ambos trocaram, suficiente para que se identificassem como semelhantes, constitui um elemento importante para a análise. Esse reconhecimento, no entanto, não se desdobra automaticamente em solidariedade. Ao contrário, no caso das sexualidades dissidentes, a lógica do armário impõe que a visibilidade, mesmo entre pares, seja percebida como um risco (Sedgwick, 2007). Não é seguro para os homossexuais enclausurados sequer a mínima possibilidade de exposição da intimidade, ainda que diante de outros homossexuais. Nesse sentido, não havia necessariamente coletividade ou solidariedade entre os enrustidos. Diferentemente de outros grupos socialmente marcados, como mulheres em ambientes hostis, que podem estabelecer vínculos de proteção a partir de uma experiência compartilhada, ou pessoas racializadas, povos originários ou pessoas com deficiência, cujas identidades frequentemente impulsionam formas de luta coletiva, entre homossexuais, naquele contexto, a hostilidade e o distanciamento tendiam a prevalecer.

A frequência de episódios frustrados relatados pelo autor em seus escritos é significativa e, em geral, vem acompanhada de um desejo persistente que encontrava vazão na prática da masturbação. A imaginação, nesse sentido, assume um papel central, funcionando como uma forma de elaboração e sobrevivência diante das interdições impostas. Ele deixa claro ao leitor que, em nenhum momento, deixou de desejar outros homens, fossem eles companheiros de militância ou simpatizantes.

Como os casos não são pontuais e as conversas ocorriam sempre que surgiam oportunidades, pode-se concluir que, para ele, a causa política se sobrepunha aos seus desejos individuais. Certamente, o medo da represália, da discriminação, da rejeição e da possível expulsão do quadro foram fatores que o afetaram em algum grau, uma vez que aparecem em

suas reflexões. Ainda assim, as oportunidades de satisfazer o desejo e de transgredir as regras foram numerosas, o que torna ainda mais significativo o fato de ele não ter cedido a nenhuma delas.

A literatura dele, portanto, demonstra que, ainda que houvesse uma percepção de castidade coletiva em prol da causa revolucionária, o sexo era frequentemente praticado, e as conversas sobre desejo e sexualidade ocorriam entre amigos próximos e companheiros de confiança. Durante a leitura de seus relatos, percebe-se que, apesar de estar constantemente lidando com a homossexualidade, uma autocrítica o acompanhou o tempo inteiro. Daniel estava ciente de que vivia uma contradição profunda e conflituosa.

Observa-se, também, uma distinção nas percepções sobre a homossexualidade dentro dos próprios espaços da esquerda. Uma figura que ilustra essa diferenciação é Simão, um companheiro que “gostava muito de comer bicha” (Daniel, 1984b, p. 197), evidenciando que, mesmo em um contexto de repressão e silenciamento, práticas e posicionamentos em relação à sexualidade não eram homogêneos entre os militantes.

uma vez, numa reunião que fizemos no Rio, todo mundo era legal então, viemos todos de Belo Horizonte para fazer uma desapropriação no Rio e fizemos uma reunião na praia, e perto da gente tinha um grupo de bichas muito bandeirosas, aí o Simão assim que acabou a reunião foi lá cantar as bichas e saiu com três e depois veio contar que tinha enrabado todas [...]” (Daniel, 1984b, p. 197).

Simão não é rotulado como homossexual, nem associado a termos como *enrustido*, *entendido* ou *bofe*, categorias frequentemente utilizadas para designar homossexuais que não performam uma feminilidade estereotipada. O fato de sua sexualidade não ser questionada pode ser compreendido a partir de dois fatores centrais no contexto da época: em primeiro lugar, sua virilidade afastava qualquer traço associado à feminilidade, preservando, assim, sua identificação como heterossexual; em segundo lugar, o fato de ele assumir sempre o papel ativo nas relações com outros homens contribuía para que sua masculinidade não fosse colocada em dúvida.

À primeira vista, relações homossexuais e relações com homossexuais podem soar como sinônimos de uma mesma conduta: o sexo entre iguais. Contudo, à época — e mesmo em períodos anteriores à sua atuação política —, uma coisa não se confundia com a outra; pelo contrário, um homem manter relações com outro homem não o tornava, necessariamente, homossexual. O que atribuía esse rótulo ao sujeito era o papel desempenhado na relação: se ele não fosse penetrado, sua masculinidade e sua sexualidade não eram questionadas; caso contrário, entendia-se que havia uma ruptura da virilidade, e o rótulo de homossexual lhe era então atribuído.

Ainda que a heterossexualidade de Simão não fosse questionada, sua conduta era considerada antirrevolucionária: “Quando o Simão voltou do apartamento das bichas, foi criticado severamente, que aquilo era coisa de marginal e não de revolucionário, e Simão fez autocrítica, e depois só soube de homossexuais na periferia da organização” (Daniel, 1984b, p. 197). O companheiro Simão, mesmo não enfrentando conflitos internos em relação à sua sexualidade nem tendo sua virilidade questionada — já que era abertamente conhecido por “comer bichas” —, ainda assim sofreu represálias. A autocrítica constituía uma prática recorrente entre os integrantes do grupo e tinha como objetivo a homogeneização do pensamento coletivo.

Apesar dessa repressão às práticas homossexuais, a pretensa universalidade ideológica não foi capaz de impedir que membros do grupo buscassem satisfazer seus desejos da maneira que lhes fosse possível. Nem mesmo em espaços mais restritos e afastados dos centros urbanos o sexo entre homens deixou de ocorrer no interior da esquerda clandestina; é apresentado ao leitor que é justamente nesses contextos de maior isolamento que as possibilidades de prazer emergem e que a insubordinação se manifesta.

[...] na hora do meu turno de sentinela, a gente estava numa casa perdida no mato, eu ouvi um barulho num barracão abandonado do lado da casa, uma espécie de depósito e me correu um frio pela espinha, eu imaginei que naquela hora e pelo barracão dos fundos chegara a repressão, desliguei a lanterna e engatilhei o revólver, nada, às vezes é só um gato, um bicho qualquer, abri a porta de supetão e o que vejo, lá estava o Alencar e um outro companheiro, [...], com as calças baixadas, o outro comendo o Alencar que se curvara para a frente e se apoiava numa caixa que batia de encontro à parede e fazia o barulho que eu ouvira, mas eles não soltavam nem um gemido, quando joguei o facho de luz em cima deles eles levaram um susto horrroso, [...], e no dia seguinte fingiram que eu nem existia, mas não me encaravam, e ficou assim uma coisa esquisita entre nós como se eu tivesse feito uma enorme sacanagem com eles, até mesmo no dia da despedida o Alencar me olhou de um jeito que parecia assim que se eu contasse qualquer coisa ele me trucidava, mas eu não ia contar mesmo, (Daniel, 1984b, p. 198).

A situação descrita acima carrega uma complexidade para o quadro em distintos níveis. O sexo relatado é duplamente infrator. Em primeiro lugar, porque a orientação dada aos companheiros era de evitar realizarem condutas sexuais uns com os outros, uma vez que a criação de vínculo podia ser usada contra eles pela repressão. A questão se agrava, obviamente, porque se trata de um sexo entre dois companheiros e isso em um contexto extremamente homofóbico e machista. A captura do delito inevitavelmente compromete os dois envolvidos que poderiam ser denunciados por Daniel e compreendem que, naquele momento, o companheiro que os surpreendera detinha uma informação sensível, passível de ser utilizada como chantagem, ameaça ou pior, instrumento de desmoralização interna.

Chama atenção o contraste entre risco e desejo. Mesmo em uma casa isolada no mato, sob vigilância constante e ameaça real da repressão, o impulso sexual encontra meios de se manifestar. Mais uma vez, a disciplina revolucionária não foi capaz de eliminar o corpo e seus desejos, apenas deslocá-los para espaços ocultos, improvisados e silenciosos.

A partir daquele momento, a organização passa a enfrentar um de seus maiores temores: a desconfiança. Abre-se uma ruptura entre o flagrador e os flagrados e, desde então, instaura-se uma comunicação não verbal, marcada por uma antipatia que se intensifica com o tempo. O medo de *Alencar* de ser denunciado ao Comando, assim como o do outro companheiro envolvido, impede qualquer possibilidade de relação fraterna com Daniel.

Em um ambiente de constante paranoia — como exemplifica o caso de *Tião* e *Pedro* no Vale da Ribeira, em que a hostilidade entre companheiros amplificava o clima de tensão e desconfiança —, qualquer sinal de desarmonia era suficiente para tornar o convívio insustentável e, assim, agravar ainda mais a já desgastada organização. Nesses casos, tornava-se quase impossível manter a unidade do grupo.

Os incontáveis *rachas* relatados por Marcelo (Herbert) à Manuel (Cláudio), em *Matéria*, no capítulo um, são um exemplo significativo das rupturas internas nas organizações de esquerda. Nesse contexto, a fratura e a fragmentação, movidas por propósitos e valores distintos, acabavam por favorecer mais a ditadura militar do que possibilitar a construção de um ambiente democrático, aberto à convivência de ideias divergentes.

Uma observação curiosa é que o personagem Alencar é o único, dentre os envolvidos, a ter seu nome revelado. Isso pode ser interpretado como uma possível forma de represália por parte de Daniel, que, em momento anterior, já havia indicado a antipatia dessa figura em relação a ele: “[...] mas este companheiro, vou chamá-lo de Alencar, desde que me conheceu tinha uma antipatia enorme por mim, [...], e eu percebia no olho dele aquilo, sabia o que era, tanto quanto sei que ele sabia que eu era [...]” (Daniel, 1984b, p. 196). Não seria absurdo, portanto, pensar essa antipatia como parte de uma dinâmica mais ampla entre homossexuais em contextos marcados pela heteronormatividade. Nesses espaços, o reconhecimento entre pares pode, paradoxalmente, gerar hostilidade. O problema inicial reside no fato de que a primeira reação tende a ser a de vulnerabilidade, já que o outro — ainda desconhecido — pode representar uma ameaça ao expor um segredo cuidadosamente resguardado.

Como resposta imediata à autodefesa diante dessa possibilidade, a hostilidade se impõe, muitas vezes, no lugar do companheirismo. No lugar da fraternidade e do companheirismo, prevalece a lógica preventiva do armário, na qual o outro é menos aliado e

mais risco em potencial. A convivência passa, então, pela constante vigilância, antipatia e distanciamento. Após presenciar o flagra de dois companheiros se *enrabando* nos compartimentos de um casebre abandonado, Daniel descreve um desabafo extremamente importante para compreender a sua literatura:

me olhou de um jeito que parecia assim que se eu contasse qualquer coisa ele me trucidava, mas eu não ia contar mesmo, como se eu soubesse que um dia viria parar aqui onde seria o único lugar onde conto-não-contando o caso, porque se conto é quase como um ciúme, eu bati punheta pensando naquilo, devia estar gostoso, se não fosse a chegada do cretino empata-fodas, e aqui vivo o que não vivi [...] (Daniel, 1984b, p. 198-199).

Há um jogo de dualidade nos escritos do autor sobre a presença de homossexuais dentro do espaço da guerrilha armada. É simples perceber que o próprio relato responde, em alguma medida, esse questionamento. O que se constata, porém, é que ele não se reconhecia plenamente como homossexual naquele contexto, pois não tinha relações homossexuais na guerrilha. Entretanto, ao mesmo tempo, ele relata inúmeras situações que suscitavam o sexo entre companheiros ou entre companheiros e simpatizantes, sempre se excluindo da equação de envolvidos. Se o sexo não esteve presente, o desejo sempre foi consumado e aparece constantemente em sua narrativa, mesmo que deslocado para a fantasia, para o olhar e para a masturbação.

Seja no possível romance com *Enzo*, na antipatia entre ele e *Alencar*, na figura sexualmente ativa de *Simão* ou na fragilidade de *Gláucio*, Daniel mostra que o desejo e o sexo sempre estiveram presentes nos grupos de esquerda e nas preparações militares. O tabu em torno da sexualidade e a sua respectiva abolição, não constituía uma discussão política e, portanto, não integrava as pautas das organizações. Mesmo assim, o desejo e o sexo sempre estiveram presentes, ainda que arregimentados por normativas e instruções de segurança.

É em seus livros que Daniel vive aquilo que não pôde viver. Retomar as lembranças e materializá-las na escrita é o modo que encontra para experienciar plenamente tudo o que, por muito tempo, foi silenciado. Escrever torna-se, assim, uma forma de sair do armário de maneira definitiva, recusando qualquer retorno à clausura. A honestidade carregada de contradições, violências, ciúmes, desejo e propósito são elementos que enriquecem o seu relato. Sua linguagem, sem pudor e paramentada de ironia, sarcasmo e deboche é o recurso estilístico que evidencia a tensão da homossexualidade com a esperada seriedade, castidade e violência esperada dos revolucionários.

O armário atormentou Daniel, assim como atormenta inúmeros outros sujeitos enclausurados ao redor do mundo. Posicionar-se publicamente como homossexual, ainda que abstinente, e, ao mesmo tempo, ocupar o lugar de guerrilheiro, constituiu um dos gestos mais radicais de sua trajetória. Os dois romances, lidos neste trabalho como uma unidade, ajudam a recompor o quebra-cabeça que foi conciliar a homossexualidade com a causa revolucionária, ao mesmo tempo em que expõem, por meio de uma autocrítica constante, as contradições da guerrilha e de seus integrantes, que, em diversas ocasiões, se permitiram viver o prazer e, quando essas experiências vieram a público, foram devidamente punidas.

“Sodoma é uma cidade. Capitalista. O que quer dizer, em resumo, um mercado. E suas seduções.”

(Daniel, 1982, p. 173)

4 UM *TICKET* PARA SODOMA, POR FAVOR!: ENTRE EXÍLIOS E SAUNAS INFERNAIS

Gigante (2022) afirma que “[...]a obra de Daniel soube costurar um discurso literário e ensaístico lúdico, lúcido e brilhante a partir das cicatrizes que acompanharam a sua existência, [...]” (Gigante, 2022, p. 73). É se filiando nesta afirmação que proponho um confronto entre as passagens do romance *Passagem...*, e um datado ensaio francês, ambos os textos publicados no mesmo período e refletem sobre um mesmo fenômeno: a formação da comunidade homossexual parisiense.

O objetivo é convencer que a literatura de Daniel não se difere de um ensaio, mas ganha contornos particulares ao inserir, através do literário, a subjetividade de um coletivo em estudo. Os trechos selecionados para análise cumprem o critério de discussão temática comum, mas as análises decorrem da capacidade de alcance que a literatura chega em contraste com a objetividade quantitativa. A observação de fenômenos sociais muitas vezes se reduz a descrições sintéticas de um dado empírico, mas a criação literária destrava as informações e consegue trazer clareza para números muitas vezes sem significado.

A experiência trabalhista de Daniel em uma sauna gay parisiense serviu de subsídio para que ele pudesse refletir criticamente sobre um espaço e o seu respectivo funcionamento, o projetando a uma maior escala que contemplasse a totalidade dos indivíduos e chegasse ao nomeado gueto. A sua obra, nesse sentido, é literária e ensaísta, o que para alguns pode significar sinônimos, mas aqui é tratado como um segmento que se soma no rol de possibilidades de leitura. Um não é o outro e um não exclui o outro, podem se somar, mas também funcionam isoladamente.

Veja: um cliente vai à sauna, pela primeira vez na sua vida. Vamos acompanhá-lo. Você topa? Então, tá. (Daniel, 1982, p. 164).

É a partir deste convite feito por Daniel que reflito sobre como ele utiliza uma narrativa ficcional, seccionada com um pano de fundo real que foi o seu local de trabalho, para elaborar uma crítica sobre a homossexualidade parisiense. O estilo do autor carrega um caráter ensaístico, uma vez que, durante a narração dos acontecimentos, evocam-se reflexões acuradas sobre as condições dos homossexuais, seus comportamentos e a formação de sua cultura. Essa narrativa será constantemente confrontada com o artigo *L'homosexualité*

masculine, ou le bonheur dans le ghetto?, de Michel Pollak, publicado no mesmo ano que *Passagem...*, mas que apresenta uma abordagem quantitativa científica da formação da comunidade gay de Paris.

O artigo de Pollak (1982) demonstra com maior facilidade como tanto o autor quanto Daniel falam sobre os mesmos temas e informações, mas de *formas* distintas. Enquanto o texto de Pollak é marcadamente descritivo, a narrativa de Daniel é marcada de rupturas, ironias, analogias, comparações, piadas e percepções individuais do autor-narrador. Essa dimensão literária permite explorar a subjetividade do autor-narrador-personagem e a vivência emocional coletiva que escapam à objetividade científica.

Tensionar a realidade e a ficção para tecer uma crítica social apurada demonstra a capacidade criativa e crítica que Daniel consegue transpor para o seu texto. Essa criação, novamente, só é possível pela *forma* que o autor modela a linguagem. Evidenciar diferentes gêneros – o literário e o científico – produz leituras complementares de um mesmo fenômeno social: a formação da comunidade homossexual. Enquanto Pollak (1982) busca descrever o gueto como um fenômeno urbano e social, mediante padrões coletivos, Daniel (1982) opera na subjetividade literária, expondo experiências individuais e contradições internas e paradoxais que a objetividade científica não alcança. Essa constatação demonstra que o literário consegue preencher lacunas da ciência, promovendo um debate mais acurado e uma leitura mais crítica do livro e do mundo.

Uma vez aceita sua diferença sexual, o homossexual entra no mercado de trocas sexuais. De todas as sexualidades, a homossexualidade masculina é provavelmente aquela cujo funcionamento mais lembra a imagem de um mercado onde - no limite - só existem "trocas de orgasmo por orgasmo"²³. (Pollak, 1982, p. 39-40, tradução livre).

A sauna onde trabalhava era mais do que um pretexto, um supermercado do desejo homossexual. Álibi requintado e ocioso, cheio de atrações de parque de diversão, daquele parque onde a diversão maior é o que-se-faz-mas-não-se-diz; ali a roda-gigante é o sexo gigante, que roda, cavaleiro de carrossel, sob as músicas de gargantas sufocadas com exclamações de proibição: ai, ah, gozo, gozamos. (Daniel, 1982, p. 155).

A segunda citação, extraída do início do capítulo seis, exemplifica três características marcantes da escrita do autor e, ainda mais, a maneira como ele se apropria da linguagem para suscitar reflexões críticas, utilizando-se da ironia, da analogia e da subversão.

²³ Une fois qu'il a accepté sa différence sexuelle, l'homosexuel entre sur le marché des échanges sexuels. Parmi toutes les sexualités, l'homosexualité masculine est sans doute celle dont le fonctionnement rappelle le plus l'image d'un marché où — à la limite — il n'y a que des « trocs orgasme contre orgasme ». (Pollak, 1982, p. 39-40)

A tese proposta por Daniel é apresentada já na primeira linha do capítulo: “um supermercado do desejo homossexual”. Essa analogia é uma exemplificação clara que o autor vai desenvolver em todo o restante do capítulo: o entendimento dos espaços especializados – a sauna – como um “capitalismo vestido de purpurina”.

Por que então equiparar esse espaço a um parque de diversão? Daniel está nos dizendo, explicitamente, que a sauna é, para além de um mercado, um espaço de recondução da vida infantil desses sujeitos. O parque de diversões é um espaço público direcionado para as crianças, é um lugar de experimentação do corpo. Os brinquedos, chamativos e interativos, provocam sensações de adrenalina, euforia e diversas outras sensações. Torna-se, portanto, um espaço de excessos, de curiosidade e experimentação, contudo, para a criança viada essas extravagâncias ou extrapolações não são irrestritas, são vigiadas, reguladas e em certos casos, punidas. As crianças viadas reconhecem desde cedo vivências de cautela e receio, são familiarizadas de maneira recorrente com a correção e a punição. Como consequência, a sauna surge como um contraponto tardio de liberdade e experimentação sem limites do corpo, o toque e o afeto não necessitam de justificativas e podem finalmente se relacionar na curiosidade e na busca por novos estímulos.

Apesar desse reconhecimento, as oposições são amplamente demarcadas, se em um parque de diversão a gargalhada, o grito e o relato são coisas recorrentes, Daniel nos diz que na sauna “a diversão maior é o que-se-faz-mas-não-se-diz”. Por que o anonimato desses espaços é crucial para a manutenção da diversão? A ironia e sagacidade são transpostas na oposição do parque de diversão, geralmente associado a ingenuidade ou ao lazer infantil, contrastada pela impureza da sexualidade clandestina. Aos homossexuais, a diversão não pode ser plena e muito menos pública, pois confrontaria o *status quo* da heterossexualidade compulsória.

O paralelo desses dois espaços tem inúmeras oposições, enquanto o parque de diversões é um espaço extenso que comporta o seu público e os seus brinquedos, a sauna se constitui de compartimentos pequenos que não permite a dispersão, muito pelo contrário, estreita os espaços induzindo os corpos a se interagirem. A iluminação do parque de diversões é vista de longe e anuncia com facilidade a localização do lugar, já a sauna “[...] é uma porta neutra, sem anúncio luminoso, sem indicação evidente.” (Daniel, 1982, p. 155). Além do aspecto visual, o sonoro é uma outra oposição, pois os gritos das crianças e a alegria dos jovens e adultos é estimulada o tempo inteiro com músicas, brinquedos barulhentos e jogos infantis, agora na sauna, o silêncio é lei, somente os sussurros e gemidos “sob as músicas de gargantas sufocadas com exclamações de proibição” são autorizados.

Ele segue com uma nova constatação quando equipara o brinquedo, roda-gigante, com *sexo gigante*. Se a roda-gigante é o brinquedo mais chamativo dos parques de diversão, o *sexo gigante* se destaca na sauna e ganha fila de todos os gostos para brincarem. É estando na roda-gigante que temos a vista de todo o restante do parque, o tamanho dela é essencial para nos levar ao ápice e nos fazer ver tanto o parque abaixo quanto o céu acima. Daniel percebe que, no seu ambiente de trabalho, dentro da oposição pensada em sua perspectiva interna ao espaço – o seu gueto homossexual –, o falo tem relevância e protagonismo dado que ele é o brinquedo mais idealizado e cobiçado. Em uma sociedade falocêntrica, o pênis é o eixo que impõe sua força; dele vem a origem das espécies no imaginário patriarcal. No mercado dos desejos homossexuais, ele é o dobro do valor, pênis gigantes preenchem a oposição da fantasia: quanto maior, melhor.

Vê-se nesse breve trecho como o autor consegue, de maneira irônica e repleta de analogias, suscitar um pensamento crítico subversivo sobre o seu próprio espaço de trabalho. O sexo aparece como um espetáculo capitalista, em que os corpos e o desejo são mercadorias, demonstrando que até a dissidência pode ser cooptada pelo mercado. Equiparar esse espaço a um supermercado é também banalizar o que ali é vendido, uma vez que a intimidade e o segredo não provocam nada, senão a perpetuação desse regime silencioso e clandestino. A roda gigante exemplifica o movimento cíclico percebido por Daniel.

4. 1. Onde fica o gueto homossexual na Paris da década de 1980?

O gueto, descrito de modo amplo, designa uma região urbana segregada e marginalizada em relação ao restante da cidade. Buscando problematizar esse conceito, os sociólogos da Cidade de Chicago ampliaram o termo para “qualquer bairro urbano habitado por um povo socialmente segregado da sociedade mais ampla e portador de uma cultura distinta.”²⁴ (Levine, 1979, p. 183, tradução livre). A utilização do critério de “cultura distinta” permite abarcar guetos habitados por grupos estrangeiros ou minorias étnicas, como latinos e afrodescendentes e asiáticos. Outro critério criado por Robert E. Park e Louis Wirth refere-se aos chamados desvios morais, categoria na qual eram incluídos “boêmios, vagabundos e prostitutas”²⁵ (Levine, 1979, p. 183, tradução livre).

²⁴ began to use it to describe any urban neighborhood inhabited by a people socially segregated from the larger society and bearers of a distinctive culture. (Levine, 1979, p. 183)

²⁵ They also suggested its suitability as a depiction of areas dominated by such moral deviants as bohemians, hobos, and prostitutes. (Levine, 1979, p. 183)

Para a elaboração de um gueto homossexual, a homossexualidade foi enquadrada nesse critério dos desvios morais, uma vez que as práticas homoeróticas foram historicamente equiparadas à depravação pública e institucionalmente associadas a sujeitos considerados desviantes (bêbados, prostitutas e ciganos). O gueto surge, assim, menos como escolha espontânea e mais como resultado de um processo de exclusão urbana, moral e também política. Para Daniel, “O gueto [...] é a ordenação do caos primitivo. Aqui, e somente aqui, a homossexualidade passa a ser submundo, sem parte no mundo. Não mais parte integrante: região integrada, com limites. Internamente são fixadas leis. Funda-se Sodoma” (1982, p. 173). A segregação é nomeada como um caos que somente ganha organização quando forma-se o gueto. A homossexualidade, como outros recortes sociais, cria os próprios códigos e leis que, ainda que estejam situadas na metrópole, não pertencem plenamente a ela.

Daniel situa geograficamente o lugar dessa metrópole ao afirmar: “Imagem simbólica do gueto: luxo, sim, maior impossível; mas porão. Tudo se passa subterraneamente.” (Daniel, 1982, p. 155). A ironia de contrapor a luxuosa sauna homossexual à uma imagem de um porão é um recurso não apenas estilístico, mas profundamente crítico. É dizer que ainda que haja luxo, a sauna homossexual para a sociedade heterossexual nada mais é que um mundo à parte, um espaço reservado as coisas inusuais, um lugar que as pessoas guardam as coisas velhas e sujas. Apesar do porão ser um símbolo integrante da casa, ele está abaixo dela, no subsolo. Ele serve como um espaço de inquietude, é funcional como um lugar de depósito, mas sem cuidado ou circulação constante. Ambiente esse que não ironicamente, remete a aversão pelo abandono, é quase como um lugar inóspito, inabitado, mas que continua lá, na planta da residência. A sauna também é esse porão, é um lugar que faz parte da sociedade, região integrada, mas está no subsolo, abaixo do campo de visão e de baixa circulação.

As principais instituições da vida homossexual são, antes de tudo, as áreas de pegação: bares, saunas, cinemas e restaurantes especializados, além de parques. Com, em média, várias dezenas de parceiros por ano (ver tabela 2) e várias centenas de parceiros ao longo da vida (ver tabela 3), a vida sexual do “homossexual médio” é muito intensa entre os vinte e os trinta anos. . - de oito a quarenta anos e marcada por uma frequência muito alta de relações sexuais, forte promiscuidade e diversificação ao mesmo tempo que uma especialização de práticas.²⁶ (Pollak, 1982, p. 40, tradução livre).

²⁶ Les institutions clés de la vie homosexuelle sont tout d'abord les lieux de drague : bars, saunas, cinémas et restaurants spécialisés, parcs. Avec, en moyenne, plusieurs dizaines de partenaires par année (voir tableau 2) et quelques centaines de partenaires au cours d'une vie (voir tableau 3), la vie sexuelle de l'« homosexuel moyen » est très intense entre vingt et trente-huit à quarante ans et marquée par une fréquence des rapports sexuels très élevée, une forte promiscuité et une diversification en même temps qu'une spécialisation des pratiques. (Pollak, 1982, p. 40)

Um delirante projeto de reunir num gigantesco subsolo todas as transgressões da proibição vigente: tudo aquilo realizado com nenhum perigo real, porém encenado com realismo. A possibilidade de fazer sexo numa sala escura de cinema; num canto de corredor, invisível aos passantes, mas vendo-os transitar; em salas de vapor onde se aglomera quase uma centena de corpos nus, impessoais, que se tocam, penetram, interpenetram, sugam, empurram, masturbam, lambem, dedilham, escorregam, deslizam, esporram, acariciam, repudiam, reviram, engatam, entulham, engatinham, mijam, gemem, gritam, silenciam, enternecem, chupam, cospem, engolem, suam, amam, detestam, brincam, cansam, descansam, abusam, saem e se enxugam; em recantos de uma piscina decorada tropicalmente. Trevas — e luzes, também, para as exhibições, se necessário. (Daniel, 1982, p. 156).

Seria o espaço claustrofóbico o único possível para a transgressão? Daniel descreve a sauna como um lugar invisível aos olhos da sociedade e a situa espacialmente abaixo da sociedade – no subsolo – relegada a um espaço de pouco prestígio, o porão. A transgressão, portanto, só pareceria permitida no escuro, distante dos olhares curiosos e recriminatórios da ordem heterossexual. O encerramento dessa empreitada é descrito numa sonoridade quase poética, escrita sintaticamente na terceira pessoa do plural. São os outros – em número e gesto – que transgridem a proibição vigente do desejo dissidente. Essa longa sequência verbal, comporta de trinta e cinco ações, com direito a todas as sacanagens possíveis a serem realizadas na sauna, sugerem *flashes* sobre os corpos, como *frames* na rolagem de um filme. O efeito é cinematográfico: corpos que surgem, se encontram, se afastam e reaparecem em fluxo contínuo. A alternância entre o claro e o escuro é dada na própria “possibilidade de fazer sexo numa sala escura de cinema”, espaço que projeta imagens e, simultaneamente, acolhe práticas ocultadas da superfície social.

Apesar de, nos Estados Unidos, a comunidade homossexual ter formado bairros que contemplam elementos como concentração institucional, área cultural, isolamento social e concentração residencial, a França da década de 1980 não era semelhante. Ao contrário, o gueto homossexual francês era um espaço oculto aos olhos da sociedade e localizado nos limites da aceitabilidade social:

A entrada da sauna é uma porta neutra, sem anúncio luminoso, sem indicação evidente. Uma portinha discreta, quase clandestina, que dá entrada a uma pequena recepção com ar de guichê de cinema ou de estação de ferro numa cidadezinha perdida. Paga-se, toma-se uma escada, encontra-se a grande metrópole submersa. Tesouro, sem ilha, ilhado na profundidade misteriosa da atarefada Paris. Como o metrô e seus corredores, no centro da cidade o gueto instaura seus corredores de outros transportes carnavais. (Daniel, 1982, p. 155).

Assim, a cidade de Sodoma se apresenta como pequena, escura e fechada, com exceção dos parques, que, por sinal, só são habitados pela dissidência durante à noite, pois a escuridão os protege, a maior parte desses espaços especializados é marcada pelo

enclausuramento: ambientes pequenos, fechados e discretos. Esses lugares – bares, saunas e cinema – são pequenos para que não chamem a atenção da comunidade heterossexual, que os vê como pervertidos, subversivos, desviantes entre tantos outros adjetivos. A arquitetura do gueto responde, portanto, à vigilância social: faz-se menor para sobreviver, invisível para existir e subterrânea para circular. A marginalidade do gueto também opera como forma de não-ser. Apesar disso, também são fechados no caminho de proteção, a fim de isolar olhares indesejados para a submersão sexual. Como afirma Daniel, “Todo gueto é um serviço de utilidade pública. Menos para seus membros.” (Daniel, 1982, p. 162). A frase explicita a ambivalência desses espaços que servem à ordem ao concentrar e apartar aquilo que ela rejeita.

Essa compreensão do gueto como um lugar/espço que atribui um “serviço de utilidade pública” é equivalente ao que Foucault (2013) nomeia de heterotopia. O gueto, assim como qualquer heterotopia, é um espaço real, localizável e existente no mundo concreto, mas que funciona como *contralugares* — espaços “outros” em relação à norma social. Foucault diz que “[...] hoje essas heterotopias de crise vêm desaparecendo, e sendo substituídas, creio, por heterotopias que poderíamos chamar de desvio: aquele em que se aloca os indivíduos cujo comportamento é desviante em relação à média, ou à norma exigida.” (2013, p. 117). Apesar dele pensar em espaços como casas de repouso, clínicas psiquiátricas e as prisões, é possível ler a sauna como uma heterotopia de desvio, uma vez que as pessoas alocadas ali desviam da norma social pelas práticas sexuais que realizam. Desse modo, a sauna deixa de ser apenas um local de encontro sexual e se torna um dispositivo espacial de poder, por meio do qual a sociedade administra aquilo que considera dissidente. Ela acolhe o desvio e ao mesmo tempo o confina, produzindo uma ambiguidade: espaço de liberdade para seus frequentadores e mecanismo de contenção para a ordem heteronormativa.

Associa-se à sauna ao princípio foucaultiano de abertura e do fechamento, mecanismo pelo qual a heterotopia simultaneamente isola e torna penetrável. Michel Foucault (2013) observa que esses espaços não são livremente acessíveis: para ingressá-los é preciso submeter-se a certos ritos, regras ou seleções. Daniel esclarece que a sauna, apesar de ser um espaço aberto, o público homossexual também possuía acesso restrito, pois a clientela era delimitada pelos próprios gerentes. Trata-se de um espaço que acolhe e exclui ao mesmo tempo, permitindo a entrada apenas sob condições específicas.

As heterotopias, ainda segundo Foucault (2013), “[...] têm, em relação ao espaço restante, uma função.” (p. 120). É essa função que Daniel nomeia ironicamente como “utilidade pública”. A sauna funciona tanto como uma ilusão quanto uma compensação, pois

ilude criando liberdade temporária para libertinagem do sexo sem pudor e compensa oferecendo pertencimento negado fora dali. No interior do gueto, aquilo que é censura no espaço ordinário torna-se, ainda que provisoriamente, praticável.

Esses espaços, contudo, beneficiam não apenas seus frequentadores, mas também a própria norma social. Relegar o gueto às margens e ao anonimato é manter o controle/aparência simbólica sobre sua operacionalidade e sobre seus integrantes, utilizando inclusive de seus próprios integrantes para tal função. Daniel percebe essa engrenagem ao afirmar que o gueto é de utilidade pública “menos para seus membros”, pois a concentração do dissidente em áreas específicas reduz seu impacto na superfície respeitável da cidade.

O gueto e sua freqüentação formam um cidadão responsável: muito mais e melhor do que o serviço militar obrigatório. Para o assim chamado homossexual, existência no gueto é uma espécie de ordenação: torna-se sacerdote duma religião sem teologia, mas muito proveitosa para o bom funcionamento do sacrossanto poder familiar. (Daniel, 1982, p. 163)

A escuridão também é um aliado para os cidadãos de Sodoma, pois boa parte de seus habitantes ainda não tem sua identidade sexual revelada. Muitos vivem no armário ou são de regiões longínquas, onde a exposição, embora não crítica, representa um risco concreto. A sauna que Daniel descreve preenche esses elementos e apresenta um toque irônico: é situada no subsolo. Ela se encontra abaixo da terra, quase como uma porta de entrada do inferno, que é o lugar onde os homossexuais passarão a eternidade de acordo com discursos religiosos. A geografia da sauna também é simbólica em relação à condição e à permissividade que Paris tinha com os homossexuais, situando-se abaixo não apenas da sociedade, mas das estruturas que a compõem. A sauna se equipara com os metrô subterrâneos, utilizados para fins funcionais de transporte, sem conexão com o lazer, o prazer ou o descanso. A sauna e o metrô são, portanto, espaços de trânsito, temporários e corriqueiros, nunca fixos.

Sodoma, logo, é uma cidade geograficamente limitada e compõe o gueto do centro urbano. Sua localização é à margem da sociedade à qual está vinculada, mas não integrada. Seu tamanho também é limitado e restrito, no cuidado de não despertar a perseguição e o patrulhamento ostensivo dos aparelhos de segurança da instituição heterossexual. Sua operacionalidade tem picos à noite, quando a ausência da luz permite segurança aos seus cidadãos e reitera a invisibilidade desejada e imposta aos desviantes da moralidade. Pequena, fechada e escura.

4. 2. Bicha burguesa também é classe dominante!

Daniel nunca deixou de lado seu engajamento político, fato é que optou por abrir mão de viver sua sexualidade para ingressar nos movimentos políticos de esquerda. Como bom adepto das lutas de classe que radicalizaram o século XX no Brasil e no mundo, fica perceptível o caráter político e econômico durante toda a narrativa de *SOL*. A metáfora da sauna como um supermercado dos desejos, uma Sodoma capitalista ou um espaço criador de uma subcidadania, é um indício da capacidade crítica do autor que não se dirigia apenas ao espaço e seus frequentadores, mas essencialmente aos seus proprietários.

Era bem útil: os patrões se regozijavam e viviam afirmando que eram trabalhadores como todo mundo, amiguinhos de todos. Na hora do salário o papo era outro. Tinham dificuldades, entenda-se, era um negócio semiclandestino, a polícia e outras potestades... (insinuavam inverdades.) Faziam-se de vítimas. O que faziam (davam a entender), e nem eram homossexuais, era quase uma obra de caridade ao homossexualismo, garantindo segurança ao inseguro prazer. Os milhões que rendia a sauna? E quem disse que a caridade não é recompensada? A Bíblia mesmo afirma. O resto, a exploração dos empregados, o preço desmesurado das entradas, as pequenas sacanagens, tudo isto era intriga de gente mal-intencionada. (Daniel, 1982, p. 159)

Não é novidade que, mesmo após a descriminalização, as batidas policiais sempre foram recorrentes nos espaços especializados da comunidade de dissidentes sexuais. A fiscalização excessiva e discriminatória realizada por “tiras” foi o catalisador de eventos históricos e marcantes para toda a comunidade *queer*. Merece destaque o ato de maior repercussão internacional, a famosa *Revolta de Stonewall*, em 1968, que decorreu de uma batida violenta dos policiais a um bar em Nova York. No cenário brasileiro, destaca-se o *Ferro 's Bar* (2022), popular bar frequentado por mulheres lésbicas em São Paulo, que também sofria com a irregular e frequente fiscalização policial.

No entanto, a violência aqui aparece como desculpa para disfarçar o pertencimento dos patrões de seus reais interesses. Nesse sentido, a menção sobre a orientação sexual dos patrões dimensiona a engenhosidade da reinvenção do capitalismo. Ainda que esse mercado do desejo não seja ilegal, ele é segregado da sociedade heterossexual e, curiosamente, esse microcosmo permitido – a sauna – é gerenciado pelo mesmo grupo que ostensivamente domestica os dissidentes sexuais e os empurram à força bruta para a marginalidade. O grupo que determina a norma e marginaliza o diferente é o mesmo que se aproveita da segregação para lucrar com o sistema. A sacanagem é indiscriminada e tem sentido duplo, ela acontece no literal entre os corpos dos dissidentes sexuais que frequentam

esse mercado e no metafórico, com os padrões sacaneando esses mesmos corpos, extorquindo “o preço desmesurado das entradas”.

A imagem é muito possível de ser construída: a sociedade heterossexual institui-se como norma e marginaliza todos a quem ela não se assemelha. Entretanto, como gesto de piedade (até parece) permite – de modo limitado – a manutenção de espaços “livres” para a prática do proibido. Mas sempre cobrando desses clientes, e cobrando muito caro, por sinal. “Mais caro porque ‘especializado’: paga-se a instauração da cidadania homossexual.”(Daniel, 1982, p. 173). Se a demanda é alta e a oferta é baixa, o preço sobe e dita *quem* daqueles cidadãos terão acesso ao espaço e ao serviço. A ironia mais uma vez ressurge, desta vez, com menção bíblica. A caridade, que outrora no texto sagrado é devolvida com recompensas espirituais, é recompensada monetariamente na sociedade de Sodoma. O lucro, agente central do capitalismo, não ganharia papel em um negócio tão imoral como a venda do desejo proibido? O autor parece deixar claro não acreditar nesse discurso malicioso.

Essa questão ganha tamanha relevância que leva nosso autor-narrador a abandonar esse ambiente de trabalho: “A sauna elegante me cansava: bicha burguesa, sem ser menos bicha, nem por isto deixa de ser classe dominante” (Daniel, 1982, p. 162). Essa constatação evidencia a sua reiterada formação política e Daniel realiza uma crítica estruturante: a vivência homossexual não se dá em um vazio social, mas está profundamente interligada por relações de poder e de classe. As discussões de classe são a base para Daniel, a ponto de sempre buscar um equilíbrio entre a sua sexualidade e a que maneira ela está atuando na engrenagem da sociedade capitalista.

Ele descreve a cidade de Sodoma como uma cidade capitalista, resumida em termos de mercado e sedução: “Sodoma é uma cidade. Capitalista. O que quer dizer, em resumo, um mercado. E suas sedução.” (Daniel, 1982, p. 173) O sistema capitalista, cada vez mais agressivo e mais complexo, se mantém em operação se apropriando de um processo de adaptação constante. Ele se atualiza de acordo com as necessidades dos seus usuários, adequadas à realidade presente e, dessa forma, permanece em atividade. A criação de um problema permite ao sistema localizar previamente a solução e comercializá-la de maneira a inserir tanto o problema quanto a solução na equação que gera o lucro. O narrador é claro quanto a presença do capital no seu pensamento: “A homossexualidade é um mercado. E não só: é um mercado extremamente lucrativo. O gueto não passa da legalização desse mercado, sua exploração sistemática.” (Daniel, 1982, p. 173).

A criação e a manutenção do gueto institucionalizam uma subcidadania homossexual que permite integrar essa comunidade no sistema capitalista e, além disso,

utilizar sua marginalização para cobrar mais caro por serviços que eram gratuitos para a comunidade heterossexual. A tolerância com os homossexuais decorre, então, do entendimento do sistema, segundo o qual esses sujeitos, apesar de rejeitados social e institucionalmente, continuam sendo indivíduos ativos do sistema capitalista:

Estranha liberdade: a de se amarrar a um mercado particular, a de se constituir como engrenagem numa sociedade que aparentemente recusa esse gueto! Paradoxal? Não, não é a primeira vez que o capitalismo engendra aparentes absurdos na sua lógica do lucro (Daniel, 1982, p. 173).

Ou seja, os gays trabalham e consomem, logo são mão de obra e geram produção de riqueza. A partir do momento que esses cidadãos detêm capital, tornam-se mais um público a ser integrado na engrenagem do sistema. Contudo, sua inserção não pode ser igualitária, pois isso reduziria a exploração da condição no objetivo de adquirir lucro; mesmo a exclusão é uma fonte de lucro significativa para a adaptabilidade do sistema:

Durante os anos sessenta, a liberalização provocou, em primeiro lugar, uma explosão da comercialização do sexo. Além da multiplicação de bares, cinemas e saunas, observa-se o desenvolvimento da imprensa homossexual, da pornografia e de uma indústria de acessórios e estimulantes sexuais, que vai desde brinquedos de couro, anéis penianos e cremes até os *poppers* (vasodilatadores usados como afrodisíacos). Como observam os militantes da primeira geração do Gay Lib: 'Fizemos a revolução para ter o direito de abrir mais setecentos bares de couro?'²⁷ (Pollak, 1982, p. 48, tradução nossa).

O gueto homossexual hoje em dia, nos países desenvolvidos, é antes de tudo um conjunto de comércios. Bares, cinemas, restaurantes (pergunto: por que restaurante especializado? Bichas, a não ser umas às outras, comem diferente?)... Enfim, todas as atrações possíveis do consumo se especializou para homossexuais: da livraria à loja de periquitos, passando pela hóstia consagrada. E tudo aí é mais caro. (Daniel, 1982, p. 173).

Daniel enxergou com clareza o sistema de classe na comunidade homossexual e como a instauração do gueto desse grupo é mais uma maneira do capitalismo de explorar seus integrantes, principalmente aqueles indesejados pela maioria heteronormativa/branca, seja pela condição sexual, pela raça, origem ou cultura. Independentemente dessas características, esses sujeitos continuariam a ser mão de obra e mais um meio para produção e concentração de bens. A exclusão se torna a base do capitalismo moderno, pois pode utilizar o discurso da inclusão para vender a integração completa do coletivo. Obviamente, essa inclusão nunca

²⁷ Pendant les années soixante, la libéralisation a tout d'abord provoqué une explosion de la commercialisation du sexe. A côté de la multiplication des bars, cinémas et saunas, on observe le développement de la presse homosexuelle, de la pornographie et d'une industrie de gadgets et d'adjuvants sexuels allant des jouets en cuir, des anneaux de sexe et des crèmes jusqu'aux poppers (vaso-dilatateurs utilisés comme aphrodisiaques). Comme le constatent les militants de la première heure du Gay Lib : « Est-ce que nous avons fait la révolution pour avoir le droit d'ouvrir sept cents bars de cuir en plus? (Pollak, 1982, p. 48)

pode ser alcançada; para isso, o sistema cria novos problemas, vende as respectivas soluções e perpetua esse ciclo eterno. Se os espaços são um mercado, qual é o principal produto à venda? O sexo, obviamente. É o desejo, a sedução, o gozo e tudo aquilo que orbita o sexo que serão o serviço cobiçado e também a moeda de troca.

O debate contemporâneo tem pontuado cada vez mais que a aceitação da homossexualidade, ainda que ocorra, será corrompida pela lógica capitalista dominante, que desmoraliza lutas coletivas em prol do consumo e do individualismo. Em um contexto urbano, como o desenhado na narrativa, marcado pela capitalização do desejo, espaços como a sauna – e outros que servem à sociabilidade *queer* – podem tanto funcionar como locais de resistência e acolhimento quanto ambientes que reproduzem desigualdades econômicas:

Embora o caráter coletivo do destino homossexual atenua a segregação social, a origem e a filiação de classe influenciam a facilidade com que um indivíduo consegue se integrar no meio e levar uma vida dupla. A pesquisa alemã demonstrou que a origem de classe afeta, de um lado, o comportamento sexual e, de outro, os sentimentos de culpa relacionados à homossexualidade. A frequência dos contatos sexuais diminui à medida que se sobe na hierarquia social; ela diminui ainda mais fortemente com a idade nas classes superiores do que entre os operários e pequenos empregados.²⁸ (Pollak, 1982, p. 43, tradução nossa)

Nunca ouvi ninguém, jamais, reconhecer que viera ali trepar, como todo mundo. Cada um era diferente, não era como os outros que ali só vinham movidos pelo baixo ventre. Cada um, se trepava, era por mera coincidência, a semelhança com todos os outros sendo puramente acidental. Nesta aqui, o caso é diferente. Poucos pretextos, a coisa é nua e crua, não há dissimulação. Ninguém, em sã consciência e dispondo de alguma das suas faculdades, viria aqui fazer uma sauna. (Daniel, 1982, p. 162)

A realidade se mostra paradoxal, uma vez que o preconceito, a violência e a exclusão, em tese, deveriam resultar em uma redução de práticas sexuais nas classes operárias. Entretanto, a mesquinhagem e a hipocrisia, descritas por Daniel, demonstram que, ainda que haja uma ascensão na hierarquia social, ela não produzirá um aumento de relações sexuais, uma vez que é acompanhada de obstáculos e condutas que impedem a praticidade e não cria pretextos, “a coisa é nua e crua, não há dissimulação”. A narrativa de *Passagem...*, portanto, demonstra fatores da sociabilidade homossexual que não são mensuráveis em dados

²⁸ Bien que le caractère collectif du destin homosexuel atténue la ségrégation sociale, l'origine et l'appartenance de classe influencent l'aisance avec laquelle un individu réussit à s'intégrer dans le milieu et à mener une double vie. L'enquête allemande a démontré que l'origine de classe affecte différemment le comportement sexuel d'une part, les sentiments de culpabilité liés à l'homosexualité d'autre part. La fréquence des contacts sexuels diminue si l'on monte dans la hiérarchie sociale; elle diminue encore plus fortement avec l'âge dans les classes supérieures que parmi les ouvriers et les petits employés ".(Pollak, 1982, p. 41)

estatísticos. As relações humanas são imbricadas por relações de poder, classe, desejo e subjetividades que afetam comportamentos e condutas:

É bastante óbvio que o próprio mercado homossexual é “impuro”, ou seja, também está sob a influência de compulsões externas, por exemplo, restrições estéticas: o mito da juventude acarreta um declínio acentuado da atividade sexual após os trinta anos de idade. oito a quarenta e dois (ver tabela 4). Os critérios étnicos também moldam o mercado homossexual. (Pollak, 1982, p. 41, tradução livre)

O dragão que ronda o gueto — como tantos submundos — tem três cabeças: a pobreza, a velhice e a feiúra. Não há quem admita, mesmo vencido por todas as evidências, ser pobre, velho e feio. No máximo, quando uma das tragédias atinge um infeliz, é compensada por outra qualidade. Velho, porém rico, por exemplo. Ou: pobre mas belo. E assim por diante. (Daniel, 1982, p. 162)

O narrador descreve com humor a trindade demoníaca que “ronda” o gueto: a pobreza, a velhice e a feiúra, que, por sinal, também rondam a sociedade heterossexual. Daniel reconhece que, ainda que a marginalidade atinja essas pessoas, os preconceitos e estigmas da sociedade geral os afetam na mesma proporção. Não é incomum a detecção de homossexuais reproduzindo homofobia, mulheres reproduzindo machismo e pessoas racializadas reproduzindo racismo; o pertencimento a determinado grupo segregado ou minoria social não exime seus integrantes de reproduzir condutas discriminatórias a outros grupos ou a minorias próprias, “Porque o gueto homossexual, na sua ostensiva marginalidade, é moralista e tradicionalista. Mesmo reacionário, nos momentos de crise social.” (Daniel, 1982, p. 163). A sauna e todas as imoralidades e transgressões que lá são realizadas, são também passíveis de regras e convenções, como bem destaca o narrador: “A orgia tem suas regras e convenções, como toda e qualquer atividade social. À sua maneira, a sauna prepara e ordena sua noite.” (Daniel, 1982, p. 165). É extremamente ácido e irônico a maneira como são apresentadas essas *condutas de etiqueta* para um público leitor que, claramente, vê com maus olhos tudo que à frente será descrito. É altamente consciente da parte do narrador descrever as condutas decadentes realizadas na sauna e conseguir prever as possíveis reações decorrentes dessa recepção. Não há, como é demonstrado na citação abaixo, um pedido de compreensão da parte do leitor para com essa realidade:

Pois assim: ao acompanhar-me nesta noite, uma só, você não verá nenhum mistério novo, menos ainda soluções antigas. Apenas algumas pessoas à procura de uma coisa que chamam prazer e que você talvez não reconheça como tal. Ou nem mesmo admita chamá-la prazer. Talvez dê outro nome e me diga: é decadente, imoral, é nojento, é deprimente, sórdido, inútil, absurdo... Quem sabe você pretenda, numa pior hipótese, “compreender”? E afirmar: “É-me indiferente, cada um na sua, eu na minha.” Não lhe peço sua compreensão e imagino que nada poderei contra ela, nem contra outros sentimentos que lhe são caros. Se prometo não abalar suas convicções, proponho também reunir minhas incertezas. (Daniel, 1982, p. 164).

A conduta apontada por Daniel é declarada antes mesmo do ingresso do seu personagem no espaço proibido. A identidade dos frequentadores e o seu respectivo anonimato são elementos-chave para a manutenção desses espaços. A forma de destacar essa importância é descrita pelo narrador com o melhor exemplo possível: um homem casado:

Segunda: o anonimato. O silêncio é uma regra de honra em espaços eles próprios anônimos (parques, saunas, banheiros públicos), segmentados e especializados segundo suas possibilidades de isolamento (a dois ou em grupo) e segundo o nível de risco (de serem surpreendidos por policiais ou agressores). Muitas vezes, o primeiro nome sussurrado após o ato é a única comunicação verbal antes que os parceiros se separem.²⁹ (Pollak, 1982, p. 41, tradução livre)

Na véspera de entrar, levantou a gola do capote, embora não fizesse frio. O disfarce independe de quase todos os climas, menos do interno. Respirou, tomou coragem e ia abrir a porta quando reparou na aliança. Retirou-a rapidamente e guardou-a no bolso. No dedo permaneceu a espécie de cicatriz esbranquiçada de um aro que nunca perderia seu estatuto de marco comemorativo. (Daniel, 1982, p. 166)

A estrutura da sociedade heterossexual patriarcal também tem eixos na composição da família. Os integrantes são o homem, a mulher e sua prole; eles são o símbolo da norma e o modelo de referência para todos os demais membros da sociedade. As aparências e as condutas são o sustentáculo para a construção da identidade e da manutenção do modelo que utiliza esse grupo como referência. É utilizando a ponta desse modelo, que é um dos seus principais integrantes, que Daniel tece suas críticas. A preservação do anonimato e da identidade resguarda os sujeitos que frequentam esses espaços e não querem/podem ter sua vida, à luz do dia, exposta.

Eve Kosofsky Sedgwick (2007), em *A epistemologia do armário*, pontua os inúmeros riscos que a exposição da sexualidade de sujeitos dissidentes pode acarretar, seja no seio familiar (rompimento abrupto de relações familiares), nos círculos de amigos (afastamento de amizades de infância e constrangimentos associados às condutas sexuais) ou no ambiente de trabalho (advertências, segregação e demissões). À época, esses riscos no cenário parisiense eram incontestáveis, até hoje o preconceito ainda intimida sujeitos a não viverem sua sexualidade de maneira plena. Por que, então, Daniel utiliza essa figura? É evidente que ele sofreu dos mesmos riscos quando adentrou no movimento de guerrilha e tinha consciência das razões que levam os sujeitos a adotar o anonimato.

²⁹ Deuxièmement : l'anonymat. Le silence est une règle d'honneur dans des espaces eux-mêmes anonymes (parcs, saunas, toilettes) et découpés, spécialisés en fonction de leurs possibilités d'isolement (à deux ou à plusieurs) et de moindres risques (risques d'être surpris par des agents de police ou des voyous). Souvent, le prénom chuchoté après l'acte est la seule communication verbale avant que les partenaires ne se quittent. (Pollak, 1982, p. 41)

A hipótese central é que Daniel não está criticando o sujeito, mas a posição que ele ocupa e o que ele representa. O narrador busca demonstrar a hipocrisia e a insustentabilidade do sistema vigente, que opera esmagando subjetividades e inibindo desejos. A aliança que firma a união entre o homem e a mulher não é suficiente para romper os preceitos da heterossexualidade e nem mesmo os da exceção, uma vez que o personagem está ali já orientado por outro igual a ele, um amigo: “Parado, fez uma mímica de vacilação, tirou do bolso o papel onde anotara as indicações que o amigo lhe passara num sussurro conivente” (Daniel, 1982, p. 165). Logo, a crítica aqui desloca-se do personagem e lhe discerne para alcançar a estrutura social que o produz, expondo a contradição entre o ideal da moralidade heteronormativa e o desejo dissidente reprimido que ela tenta ocultar, mas que falha constantemente.

Outra conduta esperada nos ambientes de pegação é a objetividade declarada na busca pelo prazer. Daniel compartilha que, entre as duas diferentes saunas em que trabalhou, cada uma delas possuía uma postura distinta. Enquanto em uma os frequentadores encenavam uma ocasionalidade para a concretude do intercuro sexual, a outra tinha “Poucos pretextos, a coisa é nua e crua, não há dissimulação” (Daniel, 1982, p. 162). A objetividade e clareza na interação têm uma causa muito coerente: em um cenário de subversão, a própria presença é um risco, somando-se o fato de haver um investimento – material e subjetivo – que impede os sujeitos de tolerar a perda, seja do dinheiro ou do flerte.

A terceira conduta é altamente paradoxal: Trata-se da rejeição do gozo, uma tentativa constante de manter o desejo suspenso. O controle do orgasmo é algo ainda idealizado no imaginário contemporâneo, gozar rapidamente implica o encerramento do desejo e do prazer, uma vez que a liberação e as reações físicas reduzem drasticamente a tensão sexual e o frenesi ininterrupto do sexo. O tão almejado gozo não pode ser espontâneo já que ele simboliza o fim da pegação, vê-se, portanto, que até ele está submetido a um rígido controle:

A maior parte dos frequentadores da orgia sabe disso. A orgia passa a ser insuportável depois do orgasmo. A orgia é um movimento contínuo e frenético que não dá tempo a tempos lentos de carinho ou fala. A orgia não suporta outros contatos. Daí, seus frequentadores usam várias técnicas para impedir que um orgasmo venha atrapalhar o grande gozo. Metem anéis que estrangulam o sexo, usam drogas que retardam o orgasmo e assim por diante. O noviço excita-se fácil e perde as estribeiras. Bobagem. (Daniel, 1982, p. 177)

A orgia exige uma coletividade para a execução do ato considerado profano e imoral, e portanto, necessita de um ambiente de subversão e dissidência. É complexo associar

esse cenário – marcado pela liberdade sexual e realização de inúmeras práticas antes vistas como impuras e proibidas – a um espaço também de regulação dos corpos. As diversas técnicas para impedir o orgasmo são mais um exemplo da capacidade de autorregulação exigida dos frequentadores para usufruir ao máximo do espaço e continuar a frequentá-lo da maneira socialmente esperada.

O sentimento de culpa e frustração pós-gozo é algo já conhecido pelos frequentadores, e são inúmeros os meios para contornar esse inevitável resultado diante de estímulos intensos que aceleram essa reação do corpo. Mais uma vez, destaca-se a literariedade de Daniel, especialmente na frase: “a orgia é um movimento contínuo e frenético” (Daniel, 1982, p. 177). Essa imagem, claramente sugestiva, eleva o ritmo caótico e incessante da orgia, e também evoca, de maneira implícita, uma associação com a masturbação coletiva, refletindo sobre a solidão do gozo em meio à multidão. A orgia tem seus riscos e não garante a satisfação plena:

O flerte homossexual expressa uma busca por eficiência e economia, envolvendo, ao mesmo tempo, a maximização do ‘rendimento’ — quantitativamente expresso pelo número de parceiros e orgasmos — e a minimização do ‘custo’, ou seja, a perda de tempo e o risco de rejeição diante de investidas.³⁰ (Pollak, 1982, p. 40, tradução livre).

Ele se excitou, se masturbou. Gozou, quase que imediatamente, gemendo e tremendo. Gozou sem querer, e ficou como que envergonhado. Desceu, tomou um banho, furioso. Não fez nada, perdeu sua chance. Gozou como um imbecil, sem aproveitar. Começava aqui a aprender uma coisa: a necessidade de evitar um orgasmo incontrolado. (Daniel, 1982, p. 177).

A entrada da sauna custa cem francos franceses. É o preço do investimento para a experiência que se espera ter na realização de fantasias e desejos. Daniel demonstra como uma gozada rápida e solitária é capaz de expor as expectativas do mercado das sedução. O *rendimento* e o *custo*, descritos por Pollak (1982), não são capazes de exemplificar com precisão as subjetividades que orbitam esse mercado. A realização do desejo e o encantamento que a fantasia do proibido provoca nos sujeitos são extremamente significativos a ponto de recorrer aos anéis que “estrangulam o sexo” e ao uso de entorpecentes que “retardam o orgasmo”. Essas serão algumas das condutas a serem adotadas para frequentar e prestigiar de maneira adequada as oferendas que a sauna proporciona a seus clientes.

³⁰ La drague homosexuelle traduit une recherche d'efficacité et d'économie comportant, à la fois, la maximisation du « rendement » quantitativement exprimée (en nombre de partenaires et d'orgasmes) et la minimisation du « coût » (la perte de temps et le risque de refus opposés aux avances). (Pollak, 1982, p. 40).

Compreende-se que, no momento do afrouxamento da opressão, os militantes homossexuais tenham primeiramente tentado redefinir a identidade homossexual, libertando-a da imagem que vê o homossexual, na melhor das hipóteses, como um homem afeminado e, na pior, como uma mulher fracassada. Em reação a essa caricatura, o homem 'superviril', o 'macho', tornou-se o tipo ideal no meio homossexual: cabelos curtos, bigode ou barba, corpo musculoso.³¹ (Pollak, 1982, p. 47, tradução livre).

A rua da mãe da Virgem é um antro masculino onde impera o modo de ser do macho. Não se fazem mais viados como antigamente... Fora de moda os meninos educados — uma moça, como se dizia ancestralmente. Ultrapassados, os afeminados com rendinhas e trejeitos. Agora há duas alternativas. A mais freqüente, o supermacho, bigodes e outros pêlos decorativos, vestido de couro, músculos e uniformes vários de bravos guerreiros. (Daniel, 1982, p. 168).

O trecho citado é outro exemplo da crítica acurada desenvolvida na narrativa. A ironia emerge já na escolha do espaço: um antro masculino situado em uma rua cujo nome é Santa Ana (Sant'ana). O jogo entre o sagrado e o profano demonstra a subversão e a capacidade crítica de tecer e levantar reflexões contundentes, sem deixar de lado a sagacidade e um brincar — necessário da linguagem —, característicos da comunidade homossexual. A idealização da identidade homossexual *aceitável* surge, paradoxalmente, do cerne da homofobia e da discriminação.

Nesse processo, o machismo e a misoginia ocupam a espinha dorsal da homofobia, pois a associação de homens homossexuais às figuras femininas funciona como um mecanismo de exclusão. Assim, a rejeição do feminino não se limita somente a uma afronta à norma heterossexual, mas também reforça a ideia de que o ideal a ser perseguido e idolatrado é o modelo de homem viril e dominante, perpetuando, dentro da própria comunidade, os mesmos valores patriarcais que a marginalizam.

Nessa rua, o narrador destaca dois grupos frequentadores. Focarei inicialmente para o primeiro: “o supermacho, bigodes e outros pêlos decorativos, vestido de couro, músculos e uniformes vários de bravos guerreiros”. Essa extrapolação de estereótipos que remetem à máxima virilidade masculina possível é algo que foi almejado e reproduzido durante boa parte da década de 1980 e 1990 nos Estados Unidos e na Europa. Esse fenômeno se consolidou na chamada cultura *leather*, um movimento estético e sexual que exaltava o corpo masculino hipervirilizado e a erotização de elementos como couro, músculos e símbolos militares.

³¹ On comprend que, au moment du relâchement de l'oppression, les militants homosexuels ont tout d'abord tenté de redéfinir l'identité homosexuelle en la libérant de l'image qui fait de l'homosexuel au mieux un homme efféminé, au pire une femme ratée. En réaction contre cette caricature, l'homme « super-viril », le « macho » est devenu le type idéal dans le milieu homosexuel : cheveux courts, moustache ou barbe, corps musclé. (Pollak, 1982, p. 47).

Um representante desse movimento é o Touko Laaksonen, artisticamente conhecido como Tom of Finland. Sua relevância é fruto do sucesso de vendas de seus desenhos que retratavam relações homoeróticas de homens idealizados – fortes, dominadores e sexualmente confiantes, contribuindo para popularizar práticas e fetiches ligados ao sadomasoquismo e ao universo *leather*. Ele angariou leitores de todas as partes do mundo, em especial dos Estados Unidos. O documentário *Daddy and the Muscle Academy* (1991)³², dirigido por Ilppo Pohjola, evidencia como suas representações visuais não apenas ampliaram o imaginário erótico homossexual, mas também impactaram debates sobre identidade, desejo e os limites entre emancipação sexual e reprodução de ideais patriarcais de masculinidade.

O outro público é descrito pelo narrador como “o transexual, que cultiva peitinhos, mas guarda o caralho, para ficar na fronteira de todos os sexos” (Daniel, 1982, p. 168). A leitura que Daniel desenvolve para “os travestis” (à época, o uso do artigo masculino era predominante) é majoritariamente sustentada ainda em uma interpretação biológico-binária: o homem é aquele que possui pênis e a mulher aquela que possui vagina. Para aqueles que não se enquadram nessa lógica ou dela não fazem parte integralmente, resta a fronteira. Leia-se: “Não se creia que o travesti imita a mulher. De jeito nenhum. Ele *elimina* a mulher. Assim, a rua é o antro duma virgindade falocrático. Mundo de machos.” (Daniel, 1982, p. 168).

Ao reconhecer que o transexual “já não [é] mais homem com mamas, nem mulher com pênis”, a reflexão de Daniel expõe a complexidade em torno da vivência travesti/transexual, que esbarra nas determinações do sexo biológico e das expressões da identidade de gênero. Em casos mais recentes é possível detectar integrantes da sigla T afirmando que ambos pertencem a um “mundo de machos” e “mundo de fêmeas”. Para a leitura da época, o autor via o transexual numa posição ambígua: subvertia a norma, pois desafiava a estrutura binária de gênero, mas, ao mesmo tempo, permanecia preso à categoria *macho* por conservar o pênis – símbolo central da ordem falocrática. De certo, acusar o autor de transfobia seria uma desonestidade intelectual, além de um anacronismo explícito. É mais prudente ler sua reflexão como um espelho de sua época, além de uma leitura honesta da compreensão social que orbitava esse grupo social.

Vale resgatar a importante transexual/travesti Roberta Close que estampou as revistas masculinas nessa época, antes de realizar a cirurgia de redesignação sexual. Ela era tratada no masculino, mesmo vendo-se claramente a representação ideal da expectativa

³² *DADDY AND THE MUSCLE ACADEMY*. Direção de Ilppo Pohjola. Finlândia: Crystal Eye Film Production, 1991. 1 filme (58 min), colorido, legendado.

feminina em seu corpo, suas roupas e na sua voz. Não obstante ser empurrada para a posição de homem, Roberta se destacou por confundir e desestabilizar os alicerces da binaridade de gênero da época, já que sua existência exigia esforço cognitivo por parte das pessoas que precisavam associar uma mulher com alta representação da feminilidade ao gênero masculino.

Ainda assim, mesmo considerando essa circunstância, é fundamental pontuar as limitações analíticas do narrador e problematizar como sua visão, ao reproduzir o imaginário falocêntrico, acaba por reforçar a marginalização daqueles que estão situados fora da lógica binária. Nessa perspectiva de exclusão, é importante destacar outros grupos de potenciais clientes impedidos de adentrar a cidade de Sodoma. Daniel descreve: “O patrão exige, com absoluta firmeza: selecionar a clientela. Recusar os árabes, os negros, os bêbados e outras personalidades que, segundo o dono da sauna, colocam em perigo o bom funcionamento do negócio. Não somos racistas, apenas responsáveis e comerciantes.” (Daniel, 1982, p. 169).

A sagacidade do narrador se revela nos detalhes dessa descrição, sobretudo na formação da palavra “apenasmente”, que funciona como um recurso linguístico para evidenciar a contradição do discurso patronal. Daniel cria um verbo por derivação sufixal e lança luz sobre o que devia ser entendido como racismo e xenofobia, a palavra deixa de ser mero advérbio e passa a ser um *anulador* da justificativa. Esse discurso demonstra como o pressuposto econômico é utilizado para mascarar preconceitos raciais, sociais e morais. Além disso, demonstra a coexistência de práticas discriminatórias em ambientes supostamente “liberais” e tolerantes, revelando que a exclusão social continua a operar mesmo no interior de espaços marginalizados ou subversivos.

Longe de serem exclusivos da classe patronal, os preconceitos também se manifestam entre os frequentadores do espaço. O narrador, com seu característico tom sarcástico, descreve algumas das pichações encontradas por ele próprio nas paredes do banheiro da sauna. Daniel antecipa-se ao leitor, esclarecendo que não se trata de inscrições triviais ou meramente obscenas:

Nenhuma dessas ingenuidades sexuais ou fisiológicas, do tipo tradicional que a gente vê por todo lado. Nada de “já comi o cu da tua mãe”, “gosto de pica grossa”, “vou cagar na tua boca”, e desenhinhos divertidos de bucetas e caralhos voadores. (Daniel, 1982, p. 175).

A indicação do que seria comum e rotineiro em espaços públicos e banheiros vandalizados não foi detectada por Daniel ao realizar suas múltiplas tarefas como responsável

da sauna. O choque surge na sequência, quando o narrador revela o verdadeiro conteúdo dessas “bichações”:

Assim: “morte aos judeus” “fora com os árabes”, e desenhos de suásticas e outros símbolos de organizações fascistas. [...] Convocações monstruosas como “enforcemos os árabes”, sob o desenho apavorante dum enforcado. (Daniel, 1982, p. 175-176).

Essas frases discriminatórias demonstram que, mesmo em um espaço marginalizado, o gueto homossexual reproduz a violência estrutural da sociedade, tornando-se um microcosmo em que se perpetua o racismo, a xenofobia, o antissemitismo e ideologias fascistas. As bichações tornam-se, portanto, sintomas de uma exclusão interna. No contexto dessas imoralidades, a norma não se refere apenas ao pertencimento sexual, mas também à raça, etnia, à classe e outros marcadores sociais. Para todos esses grupos e outros que não se associam com facilidade ao estereótipo esperado, resta a porta, que se apresenta como serventia da sauna.

Despedi-me do meu amigo com um beijo na boca, entrei no ônibus e tornei-me objeto da ciência dos machos de plantão.

(Daniel, 1982, p. 83)

5 DOIS HOMENS SE BEIJARAM NO MEIO DA RUA E TODO MUNDO VIU...UMA PASSAGEM PARA CASA

Discute-se, neste capítulo, como três elementos triviais do cotidiano social ganham destaque para refletir e questionar a subversão, a discriminação e a sociedade. A narrativa em análise é um beijo na boca dado entre dois rapazes – Herbert Daniel e Cláudio Mesquita —, para logo em seguida avançar para o transporte público mais rotineiro dos centros urbanos: o ônibus; e se encerrar com uma apresentação artística, na célebre figura de Marilyn Aparecida, compreendida aqui como um *alter ego* do escritor e um recurso estilístico delimitadamente político.

Para discutir os impactos de um beijo e a sua capacidade de ser transgressivo, dentro de um contexto de marginalidade e homossexualidade, evoco inicialmente um dos maiores clássicos da literatura brasileira. Em 1961, Nelson Rodrigues lançou uma peça que sacudiu a cena carioca. O título da peça aludia à cena mais marcante da trama, *Um beijo no asfalto*. O escândalo da narrativa decorre do mencionado beijo ser protagonizado por dois homens. O personagem principal da narrativa, Arandir, ao presenciar um atropelamento, resolve atender ao último pedido do moribundo: morrer com um beijo. Arandir, então movido pela súplica do enfermo, viola a moral e os bons costumes da época e beija o enfermo. A partir desse ato, ele se insere na marginalidade da opinião pública.

(*exaltadíssimo*) — E você olha. Fazer isso em público! Tinha gente pra burro, lá. Cinco horas da tarde. Praça da Bandeira. Assim de povo. E você dá um show! Uma cidade inteira viu!

O escrutínio da opinião pública ao qual Nelson Rodrigues alude em sua peça é uma espécie de percepção do autor diante das contradições e da hipocrisia da população brasileira. Nesse ambiente hostil aos homossexuais, um período marcado pela violência é registrado em formato de documentário em 1988 por Rita Moreira. A produção intitulada *Temporada de caça*³³, filmada durante os anos de 1987 e 1988, parte de “diferentes narrativas criadas em torno da onda de crimes homofóbicos ocorridos na cidade de São Paulo no final da década de 1980” (Moreira, 1988). Distante da ficcionalidade de Nelson Rodrigues, Rita

³³ MOREIRA, Rita. *Temporada de caça*. Produção de Rita Moreira. São Paulo: Videobrasil, 1988. 1 vídeo (23 min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1bWC3nFCu58>. Acesso em: 20 out. 2025.

Moreira entrevista pessoas reais do cotidiano e questiona o que cada uma acha da onda de assassinatos de homossexuais:

Entrevistadora: “Você tem ouvido falar em noticiários, TV, Jornais, sobre assassinatos de homossexuais?”

Entrevistada: “Já. Já sim.”

Entrevistadora: “E o que você pensa disso?”

Homem: “Ah, eu acho que tem mais é que assassinar mesmo.” (Moreira, 1988, 00min37s – 00min052s)

Inúmeros outros entrevistados dão respostas semelhantes aos da primeira entrevistada, alguns saem em defesa dos homossexuais e outros respondem de maneira indiferente, alegando não terem relação com o tema e, portanto, não terem interesse e preocupação direta com o assunto. O documentário, que por sinal, venceu vários prêmios, realiza uma reportagem ampla com reflexões acuradas sobre a homossexualidade, entrevistando grupos organizados e setores políticos, como Lambda e Irede Cardoso (vereadora pelo PT), em favor dos direitos dos homossexuais, além de uma edição espetacular, que inclui retratos de homossexuais célebres na história da humanidade e trilha sonora de Gilberto Gil.

Rodrigo Cruz, em sua dissertação de mestrado intitulada *Do protesto às urnas: O movimento homossexual brasileiro na transição política (1978-1982)*, relembra um caso de violência publicado pelo *Correio da Manhã*, ocorrido em 1959. A referida reportagem narra a comoção gerada na cidade de Marília, interior de São Paulo, em torno do júri que absolveu “por reconhecimento de legítima defesa da honra” um homem que assassinou um suposto homossexual (Cruz, 2015, p. 42). Esse episódio é mais um demonstrativo da condescendência da opinião pública diante da vida de desviantes sexuais – dessa vez, referendada pelo judiciário brasileiro, que equiparou a perda de uma vida à preservação da honra de um indivíduo.

A pesquisa de Rodrigo Cruz adota um tom crítico ao resgatar episódios de impunidade jurídica de agressores contra dissidentes sexuais; O documentário de Rita Moreira, por sua vez, decorre da brutalidade injustificável dos assassinatos cometidos contra homossexuais, enquanto a peça de Nelson Rodrigues escandaliza a população por ser desencadeada pelo beijo público de Arandir em via pública do Rio de Janeiro. Esses exemplos, e infindáveis outros que poderiam ser destacados, exemplificam a hostilidade pública da sociedade brasileira diante dos homossexuais, seja na literatura, no meio editorial ou no sistema jurídico. Nesse cenário, qual é o risco de um beijo clandestino, breve e de despedida para Daniel?

Troquei com meu namorado beijo na boca, de amigo a amigo – uma desobediência. Mas intencional. Viro diversão pública para os machos do ônibus, onde entro primeiro assustado, depois irritado. Irrito-me porque não tive intenção de desobedecer. Fico envergonhado de não ter peito para desobedecer também assim, com beijos, e segurar as pontas. De toda forma, provoquei ingenuamente um escândalo em Copacabana e na madrugada e na Ordem. (Daniel, 1984b, p. 49).

Em um ambiente em que os afetos entre sujeitos masculinos não são tolerados e são frequentemente associados a símbolos de fraqueza, beijar outro homem na boca é um ato de desobediência. Do medo à chacota, da inocência à compreensão, do ato à resposta, um longo caminho é trilhado. Daniel já disse aos seus leitores que o beijo não é premeditado: ele nasce espontâneo, ainda que intencional, algo natural entre amantes. Apesar desse cenário imprevisto, a velocidade de uma “piscadela” é o tempo necessário para que o susto da transgressão se converta em irritação. O narrador percebe que infringiu uma norma social, mas o fez por impulso de afeto, e não por desejo consciente de subversão.

Semelhante à peça de Nelson Rodrigues, um beijo entre dois rapazes é rapidamente percebido pela cena local como um show escandalizante, ainda que, para Daniel, “não fora um beijo hollywoodiano encontrar de lábios, nem um romanesco delírio de beijos e línguas. Apenas um rápido e sensual tocar-se um gentil boca-a-boca tímido mas namoradíssimo (Daniel, 1984b, p. 83). A moralidade, a integridade e o *status quo* da heterossexualidade são atacados e rapidamente defendidos pela chacota que é direcionada ao personagem.

Ainda assim, o destaque que Daniel confere a si mesmo, ao não se dar por vencido, é algo que contraria a reação dos passageiros. Ainda que percebam o ato como uma infração, o narrador insiste em destacar a sensualidade e a gentileza do “boca-a-boca”, marcado claramente por um teor de namorados e genuíno afeto entre amantes. Como leitores, notamos que essas afirmações, presentes também em outros momentos da narrativa, reforçam a convicção inabalável de Daniel: beijo entre dois homens é, antes de tudo, um ato de amor, não de repulsa.

Javier Sáez e Sejo Carrascosa construíram um coletânea inteiramente dedicada ao órgão genital *cu*, intitulada *Pelo cu: políticas anais* (2017). Nesse livro, o leitor é conduzido a refletir sobre essa região do corpo, que parece ser a primeira a ser privatizada na história da corporalidade humana, e sobre como ela foi constantemente associada ao sujeito homossexual para fins de higienização social. Daniel reflete sobre isso quando afirma que: “Um beijo que me valorizava a boca que meus observadores queriam silente e notavam suja. Era um ânus. A bicha que eu era tinha como símbolo um cu, um buraco de abjeções, e o resto da confirmação

física era decorrência imperdoável da analidade” (Daniel, 1984b, p. 155). A associação direta entre o cu e a homossexualidade decorre da concepção normativa de sexo como penetração. Na ausência da tradicional vagina no corpo do homem cisgênero, o espaço da prática sexual é deslocado para o ânus – e é nesse deslocamento que se funda a representação do sexo entre homens como desvio, sujeira e abjeção.

Apesar de serem necessários dois homens para o ato, é equivocada a conclusão de que se trata de um sexo entre iguais. Sáez e Carrascosa (2017) colocam que “o ato do sexo anal é desigual; valora-se de forma completamente diferente quem adota o papel ativo (a pessoa que penetra) e quem assume o papel do chamado passivo (a pessoa penetrada)” (p. 29). Mas isso não importa para os passageiros, pois ali não é o ato sexual que está em questão, mas o afeto em si. A igualdade do beijo entre dois rapazes não permite a conclusão imediata sobre quem é penetrado e quem penetra. Se o órgão excretor não está em execução ou sendo executado, resta deslocar a sua imagem para outro buraco: a boca.

O narrador demonstra plena consciência da redução de toda a sua identidade ao órgão sexual que utiliza (ou não) para alcance do prazer. Sua crítica, contudo, torna-se ainda mais acurada quando ultrapassa essa associação simplista do homossexual ao órgão excretor (cu), e mostra como esse modo reducionista serve à manutenção de uma lógica de abjeção.

Foi só dentro do ônibus que entendi que desrespeitara uma regra básica da homossexualidade opressiva do machismo dominante: os atos homossexuais só são aceitos se travestidos em transas de machos. Gestos duros e simulações de violência são absolutamente imprescindíveis. Um homem não toca com carinho outro homem. Dá uma porradinha qualquer, rápida e bruta, uma espécie de orgasmo precoce oficializado. (Daniel, 1984b, p. 303).

Daniel usa a seguinte expressão: “homossexualidade opressiva do machismo dominante”, para indicar um tipo de homossexualidade que, mesmo no interior da própria comunidade, reproduz os valores do machismo hegemônico. Trata-se de uma homossexualidade que extermina todo resquício de feminilidade, exigindo que os homens se apresentem como “machos” agressivos e dominantes. Como observam Sáez e Carrascosa (2017): “Como o único corpo penetrável nesse imaginário coletivo é o da mulher, um homem ser penetrado é a maior agressão possível à sua virilidade, ficando rebaixado ao feminino, perdendo sua honra, seu status superior.” (p. 31). Assim, a questão da homossexualidade opressiva é aquela que apaga, ao máximo, os traços de feminilidade, reproduzindo, à sua máxima, uma virilidade que ignora a passividade. O beijo, nesse contexto, torna-se o símbolo máximo dessa violência performativa, onde o afeto é medido pela conformidade às regras do macho dominante.

E me horrorizava por confundir a situação feminina com uma condição de sujeito passivo. Barra pesada. É barra confundir-se com mulher? Não: é barra acontecer-se mulher num mundo macho. Poucas saídas. Provoca-se sem intenções de estimular; basta acontecer e o próprio te-ser é uma provocação que justifica até minuciosos assassinatos. (Daniel, 1984b, p. 146).

Muito mais do que se confundir com uma mulher, Daniel pontua que é muito pior acontecer-se mulher num mundo macho. Em sua avaliação pessoal, nas dinâmicas da sociedade, a mulher está no alvo mais fácil e de maior risco. Para a mulher, não é provocar, como o fez Daniel, ao beijar outro homem, mas basta que se seja mulher e os riscos já recaem sobre si e justifica-se até minuciosos assassinatos.

Por isso, a tolerância com os atos homoafetivos só perdura na base da brutalidade: um homem não “toca” com carinho outro homem; realiza-se uma porradinha qualquer, rápida e bruta. Nesse ponto, Daniel cria uma imagem de cumprimento banal de abraço e batidinhas nas costas, costumeira da macheza heterossexual em uma cena sexual masturbatória. Novamente têm-se a brincadeira, pois, o duplo sentido aqui é rico em analogias. Sua linguagem é mais um exemplo da arbitrariedade consciente de sua escrita, pensada não apenas para expor pensamentos e reflexões, mas levar o leitor a momentos de descontração e à percepção de uma segunda camada textual.

É pertinente contextualizar que, na época em que Daniel escreve essas conclusões, a dinâmica da comunidade homossexual masculina era regida em uma alta semelhança ao modelo heterossexual. A historiadora Mary Del Priore, em sua obra *História do amor no Brasil* (2006), aponta que, entre os anos 1940 e 1960, as relações homossexuais masculinas eram estruturadas por analogias ao modelo tradicional heterossexual:

Os rígidos códigos morais da época acentuavam, entre casais e pelo menos até os Anos Dourados, a dupla *bofe e boneca*. As bonecas estavam em busca de bofes, ou rapazes como parceiros e companheiros, sabendo que a maioria de seus “maridos” acabaria por deixá-los em troca de casamentos e filho. Agildo Guimarães, editor do jornal *O Snob*, relembra que os bofes não se consideravam homossexuais, e as bonecas estavam interessadas em “homens verdadeiros.” (Del Priore, 2006, p. 318).

Del Priore utiliza os termos *Bofe* e *Boneca*, enquanto Peter Fly (1982) utiliza a terminologia *Homens* e *Bichas*. Diversas outras nomeclaturas podem aparecer na literatura especializada, mas essa dualidade, seja qual nome adota, representa a dinâmica de *mímese* do modelo heterossexual tradicional nas relações homossexuais masculinas. Esse modelo sofreu adaptações após a década de 1960: Peter Fly (1982) destaca que, nas classes médias das

cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, emergia um novo sistema de classificação de identidade, surgindo então os chamados *entendidos*³⁴.

Realizada essa breve contextualização, é importante destacar que, em sua reflexão, Daniel não está falando sobre sexo ou preferência de posição sexual, ele está falando de um beijo, ou seja, um gesto de afeto. O foco dessa análise reside justamente na crítica implícita a um modelo social e cultural que reprime a expressão de afetos entre homens. Para o narrador, o gesto do beijo não se limita à dimensão sexual; ele atua como dispositivo de contestação, expondo a censura e o silenciamento de normas de homoafetividade masculina. Em última instância, Daniel evidencia com sagacidade como a heteronormatividade impõe barreiras à intimidade e à liberdade afetiva.

Não há pretensão de alegar que a reflexão de Daniel previu seu tempo, mas, para uma melhor visualização, resgata-se um exemplo de um caso contemporâneo que exemplifica com clareza as consequências desse modelo. Em julho de 2011, em São João da Boa Vista, um pai de quarenta e dois anos e seu filho de dezoito anos foram confundidos como homossexuais por estarem abraçados depois de um show. Como resultado, o pai teve metade da orelha decepada por agressões de sete jovens motivadas por homofobia (Globo, 2011). Esse triste episódio da realidade brasileira exemplifica que a homofobia não está restrita apenas aos homossexuais em si³⁵, mas se estende a todas as interações de afeto, que desafiem os códigos rígidos da masculinidade normativa ou que envolvam duas ou mais figuras masculinas, sejam elas parentes, amigos ou colegas.

Despedi-me do meu amigo com um beijo na boca. A partir de ato tão terno, atentei contra um pudor médio que obscenamente e sem maior pudor me lançou, numa viagem onzemente infundável, na humilhação vasculhada e ríspida pela madrugada de Copacabana. No meio da rua, no meio do bairro, no meio do povo, no meio do Brasil, no meio da crise, no meio hostil: dois homens se beijaram – quase furtivamente – sem querer, com querer e bem. (Daniel, 1984b, p. 227).

Ao retomar Cláudio – seu companheiro, enamorado e amigo – com inúmeros termos, especialmente *amigo*, Daniel amplia sua reflexão para além do relacionamento homossexual e adentra a esfera do relacionamento homoafetivo³⁶. O beijo que descreve não carrega uma carga sexual; ao contrário, é um gesto banal, próximo a um abraço de despedida.

³⁴ Na classificação de Fly (1982) os entendidos não performavam uma feminilidade no comportamento e transitavam nas posições sexuais de “ativo” e “passivo”. Reproduziam uma dinâmica de se relacionarem somente com entendidos, excluindo assim as *Bonecas/Bichas*.

³⁵ Essa conclusão tem sido bastante associada às discussões de transsexualidade. Apesar das razões serem distintas, tem sido recorrente violência contra mulheres cisgênero por “confundi-las” com mulheres trans/travestis.

³⁶ O teor semântico do termo adotado nessa frase é do afeto entre dois homens, não necessariamente com intenções sexuais.

Ainda assim, seu ato, mesmo que furtivo e terno, à semelhança de *O beijo no asfalto*, atenta contra um pudor coletivo e gera uma reação negativa de humilhação: tudo isso no meio da rua, no meio do bairro, no meio do povo, no meio do Brasil.

5. 1. Embarque – sob os olhos da homofobia

Nas grandes cidades ou centros urbanos, os ônibus são quase tão presentes quanto o amontoado de prédios e arranha-céus que caracterizam as metrópoles. Esse meio de transporte, utilizado em absoluta maioria pela classe trabalhadora, desloca diariamente indivíduos de um ponto A ao ponto B, cumprindo sua finalidade social. Sua estrutura metálica de janelas grandes permite que as pessoas no interior do veículo observem tudo o que acontece na parte externa e, por consequência, sejam observadas pelas pessoas de fora. É dentro desse meio de transporte que se propõe aqui acrescer mais uma finalidade social ao transporte: a da contestação social. Poderá-se ler o veículo como uma alegoria por meio do qual homens e mulheres se confrontam quanto às suas condições de raça, gênero e orientação sexual. Além disso, o ônibus é visto por Daniel como uma jaula sobre quatro rodas, uma prisão móvel que o denuncia por um crime ao mesmo tempo que o condena, sem chances de autodefesa. A pena cumprida é de onze minutos, tempo distorcido numa não linearidade que ganha forma também na sua estrutura narrativa.

É pelo olhar dos passageiros que a reprovação e posterior punição disciplinadora, impõe a Daniel um silêncio que somente é rompido ao final do trajeto, e que adquire potência quando publica seu livro. O olhar ganha uma atenção especial nessa análise, pois ele é a chave de análise para compreender como as microviolências deixam marcas e conseguem gerar um impacto tanto quanto o de uma macroviolência. O olhar é um dos recursos centrais para a disciplina, pois ele é desenvolvido já na tenra infância de todos os indivíduos. O personagem não é vaiado, nem agredido fisicamente, mas a partir do momento em que percebe os olhares dos passageiros e recebe uma “gozação” de dois deles, ele próprio – Daniel – realiza o trabalho de disciplina. Não é preciso puni-lo publicamente, ele já o faz e toma consciência disso e como um pedido de desculpas, busca se adequar ao ambiente, muda sua postura e se “enruste” procurando ser o que não é.

É em razão dos olhares das pessoas, dentro do ônibus, que Daniel começa a refletir sobre a condição de ser homossexual no cenário brasileiro. Do passar da catraca até o assento, uma enxurrada de pensamentos toma conta do narrador, que, desesperado por segurança, encontra na figura de uma mulher negra um ponto – senão de apoio, de partilha. A

partir de então, a racionalidade surge como uma maneira de combater a paralisia decorrente do medo. É pensando e refletindo que Daniel se sente seguro.

Daniel esclarece ao leitor: “meu corpo desarmou-se durante onze minutos e por isso respondo com um romance desarmado,[...]. E cavalgar idéias encavaladas como abstrações amorosas.” (Daniel, 1984b, p. 52). São essas ideias encavaladas que ganham destaque na análise, esse amontoado de informações dispersas no decorrer do livro e sobrepostas umas às outras, que exigem um movimento de análise complexo, que nem sempre produz uma compreensão clara. A sensação é comum durante a leitura de que boa parte da escrita de Herbert Daniel escapa à compreensão plena. Sua linguagem, por vezes opaca e sinuosa, extrapola os limites da ironia, da invenção e do devaneio, operando em um registro que desafia leituras lineares e definitivas. Esse caráter lacunar e enigmático – quase como um texto que se recusa a ser totalmente compreendido – não é apenas um obstáculo de interpretação, mas também um convite à persistência analítica. É justamente nesse terreno de incertezas que se evidencia a necessidade de leituras mais amplas e da continuidade de investigações capazes de tensionar, aprofundar e expandir o alcance de sua obra. Mesmo com esses desafios, é possível depreender uma reflexão acurada sobre determinados pontos do texto partindo das abstrações amorosas que estão implicadas em um singelo beijo de despedida.

Despedi-me do meu amigo com um beijo na boca, ainda comovido e feliz. (Daniel, 1984b, p. 13)

É com esse breve gesto, um tocar de dois lábios, na madrugada de Copacabana, que Daniel e seu amigo Cláudio se despedem após uma noite de trivialidades. O beijo é “simples, rápido, sensual. Sem audácia, sim, semi-clandestino, sim: mas beijo e na boca.” (Daniel, 1984b, p. 13). Logo após o delito, o autor-narrador-personagem entra no ônibus e é nessa “noutra realidade” que ele sofrerá microviolências e dará forma às reflexões que estruturam seu texto.

Ele diz: “Despedi-me, entrei no ônibus e noutra realidade, já não mais beijo, com olhos que me emparedaram numa observação: bicha!” (Daniel, 1984b, p. 13). A transição é dupla e abrupta. A primeira transição é instintiva: são os olhos dos passageiros que captam o crime e simultaneamente o condenam; a segunda é espacial: ele sai da liberdade das ruas e abruptamente adentra para prisão, um espaço fechado, pequeno e claustrofóbico, uma jaula sobre quatro rodas. Em seguida, movido pelo instinto de sobrevivência, ele ingenuamente

busca refúgio onde só há lobos a cercear o veado; entretanto, encontra, ainda que não explicitamente, uma outra presa da sociedade: uma mulher negra, cuja solidariedade silenciosa se destaca em meio à hostilidade do espaço:

Apenas uma mulher, uma grande negra: sólida e baça de sono, ia levada, protegendo: uma trouxa (de tal forma feita que lhe indicava profissão e cansaço), um corpo (de tal forma feito que lhe indicava profissão e cansaço) e um sentimento (de tal forma feito que lhe indicava cansaço de profissão de mulher). (Daniel, 1984b, p. 14).

A sinalização de gênero e raça – mulher e negra – mostram uma afinidade; ali está um corpo também minorizado e secularmente violentado. Essa presença, de canto e silenciosa, mesmo que não interaja com o personagem, suscita uma crítica implícita à condição da mulher negra, constantemente sobrecarregada e invisibilizada. Esse peso, manifestado na repetição, quase rítmica, de seus pertences, de seu corpo e de seu sentimento, todos indicativos da “profissão” cansativa que é ser mulher. No microcosmo do ônibus, sua existência é incontestável, está ali, mas sua presença é de canto e silenciosa. Um apoio velado ao narrador, mas que não pode ser explícito, pois nas dinâmicas sociais, o cenário do ônibus a coloca como o alvo mais fácil e ela – a personagem – é consciente dessa desvantagem:

Ela não me olhou: que dormitava, embora (se a levavam não a tomassem por levada e leviana!) guardasse abertos olhos assustados no tangente temor de ser trabalhadora e negra e mulher e publicamente transportada na companhia de homens nesta hora de machos e putas. Apenas ela, de todos, não me afrontou - e eu me refugiei encarando-a; apenas ela entre todos que me averiguavam cínicos, clínicos, diagnósticos: olha a bicha! (Daniel, 1984b, p. 14).

É a mulher negra a única que não o condena: “Ela não me olhou”. Os olhares são a comunicação central do personagem. São eles que o alertam e o confortam, pois, apesar do comportamento hostil de parte dos passageiros, o não-olhar é o refúgio que o narrador encontra na presença da mulher. Assim como ele, ela também é alvo de formas estruturais de opressão. Trata-se de uma mulher negra e trabalhadora e, mesmo na ordem de apresentação Daniel desenvolve uma reflexão, pois ele é consciente de que o gênero chega primeiro e, junto dele, a raça, para em seguida, ser apresentado a classe: “[...] uma mulher, uma grande negra [...]” e cuja posição social a coloca em mais vulnerabilidade. Longe de representá-la de uma maneira superficial, ele traz consciência e cautela à personagem que, mesmo “cochilando”, estava de olhos bem abertos para o temor de ser trabalhadora, negra, mulher e transportada na companhia de homens no “horário de machos e putas”. Nota-se, novamente, a atenção à ordem apresentada: a crescente elevação de um perigo pela soma de recortes que a personagem apresenta e o próprio cenário que se constrói. Enquanto o narrador sofre os

olhares que julgam e o violentam simbolicamente por sua sexualidade, a mulher negra resguarda sua integridade frente às mesmas estruturas de opressão. A dinâmica dos dois personagens revela que o refúgio não é apenas uma semelhança de marginalizações, mas uma leitura crítica das hierarquias sociais que ambos compartilham.

Vi-me obrigado – com medo e com raiva – a provar o inviável, porém óbvio: que sim, estou feliz com o masculino da minha conformação, embora não me sinta feliz com a conformação estatutária do masculino; que, não, nada está errado nela em mim, embora haja equívocos nela em todos; que, sim, não duvido do que estou constituído, embora duvide de uma constituição de máscara; que, não, não tenho conflitos com esta masculinidade que até certo ponto escolhi, embora não escolhido como outros, como talvez todos aqueles que me policiavam ali. (Daniel, 1984b, p. 14).

Essa passagem é outro exemplo da capacidade crítica de Daniel, que expõe suas reflexões por meio de uma linguagem densa e poética em seu ritmo, desafiando o leitor a ir além de uma leitura superficial. A poeticidade é, talvez, a *forma* que o autor encontrou de condensar distintas e complexas discussões em um único trecho. É como um poema de poucos versos que é capaz de provocar páginas de reflexão. São necessárias mobilizações teóricas diversas como sexo e gênero, identidade e performance, homossexualidade e heterossexualidade compulsória para destrinchar cada afirmação escrita acima. De início, é apresentado o olhar: “Vi-me obrigado”. Até o momento, o olhar é o recurso atribuído ao desconforto. Quando Daniel desloca o olhar para si, obrigatoriamente espelha a sensação de medo e raiva já criadas no ambiente. Ele se vê forçado “a provar o improvável”, ou seja, a justificar sua própria existência e sua identidade diante do julgamento alheio, um processo covarde de colocar o sujeito em uma constante defesa de si mesmo.

Daniel conta que não há nenhuma insatisfação dele com o seu “sexo”; há, sim, uma contestação de gênero, uma infelicidade com as condutas, expectativas e ações do masculino. Ele condena o estatuto social do que é esperado do homem/macho: a virilidade, a dominância e a brutalidade. Sua fala, implícita, sugere que beijar outro homem não coloca o masculino dele como *erro* e que, na verdade, os equívocos estão na masculinidade do outro. É a sobreposição de forças entre o masculino e o feminino; a subalternização da feminilidade pela virilidade; a idolatria do falo pela heresia do clitóris. Ele se opõe abertamente ao discurso discriminatório que define a homossexualidade como *desvio*, deslocando a noção de equívoco para a masculinidade hegemônica do seus acusadores, e ainda tece uma crítica contundente àqueles que, por medo ou conveniência, se escondem atrás de máscaras, ocultando sua própria condição e comportamento.

Ele refuta até mesmo o entendimento de *escolha*, muitas vezes utilizado de maneira desonesta por opositores, setores religiosos e grupos partidários de extrema-direita na tese de que a sexualidade seria uma escolha sexual. Daniel confronta essa leitura simplista de uma maneira didática e crítica, ao afirmar que a sexualidade é, na verdade, uma “uma *opção* – que não significa nem escolha, nem alternativa. É uma eleição de um modo político de atacar. Ou uma sujeição a um modo, também político, de sofrer agressões.” (Daniel, 1984b, p. 181-182). A reflexão do autor desloca a ênfase da ideia de escolha para a necessidade de reconhecer e assumir plenamente a própria condição, contrapondo-se à construção de vidas duplas ou ao uso de máscaras sociais. O autor, portanto, não apenas problematiza um discurso enviesado e contraditório, mas evidencia a compreensão de si mesmo como um ato político de resistência diante de normas sociais. A escolha do homossexual não reside em seu desejo, mas na sua postura; é escolha de cada ser, no âmago da sua intimidade e subjetividade; expor – dadas as devidas condições materiais, ideológicas e sociais – aquilo que é a sua verdade.

Contudo, mesmo diante de tais convicções, o narrador não consegue adotar uma postura combativa frente à discriminação. Em um gesto de autoproteção, Daniel esvazia-se do impulso vingativo de revidar contra seus agressores. A conclusão lógica a que se chega é: “Não se pode chegar à revanche do preconceito a não ser levando-o ao seu extremo: à destruição mesma do objeto do preconceito” (Daniel, 1984b, p. 50). Esse pensamento, um tanto pessimista, talvez seja fruto da tensa situação em que se encontrava, evocando uma linha radical de combate ao preconceito. Resta, então, como única saída, a não-violência: “Nenhuma vingança resolve” (Daniel, 1984b, p. 50).

Dentre os inúmeros assentos possíveis para o personagem se sentar no ônibus, ele cai na armadilha de se aproximar daqueles com quem acredita dividir um mesmo ideal político: “Escolhi o banco onde me instalei por instinto de preservação, já que vocês dois ostentavam nas camisetas indícios de uma ideologia que me parecia protetora. E foi pior, porque me senti cercado, vigiado. Traído.” (Daniel, 1984b, p. 50). Daniel é guiado pela única coisa que lhe era familiar naquele espaço: a ideologia marxista. Ao notar dois personagens trajando camisas partidárias, um que viajava na janela usava uma bandeira da confederação sindical polonesa Solidarność, e o sentado ao lado, uma camisa com uma estrela vermelha, símbolo do Partido dos Trabalhadores (PT). É desses dois sujeitos que ele sofre escuta: “ – Vi...a...dô... – Bem baixinho, só para brincar um pouco, sem ruindade, só gozação.” (Daniel, 1984b, p. 15). Uma cena rápida, mas que representa o sentimento de traição de Daniel com a esquerda. Seu livro não é direcionado a esses dois sujeitos individualmente, mas ao quadro

geral a que eles pertencem. É a sutileza de ser franco se utilizando das ferramentas que ele dispõe.

Mostrar a ideologia dos seus agressores é também mais uma maneira de desenvolver uma autocrítica, algo constante na sua escrita. O autor, honestamente, confronta as condutas discriminatórias proferidas por grupos com os quais ele próprio se identifica, mostrando que, mesmo sob a bandeira da coletividade e da inclusão, essas organizações e seus integrantes estão passíveis de reproduzir práticas de exclusão. Ao expor esse paradoxo, ele convida o leitor a perceber como a marginalização pode se manter mesmo entre aqueles que se posicionam como defensores da justiça social.

Na busca de uma solução pacífica, o caminho idealizado pelo personagem é uma ponte criada para promover o diálogo e a escuta. A *orelha*, concebida pelo narrador, é materializada nas próprias orelhas do livro, que funcionam não apenas como o início da obra, mas também como um convite ao leitor para refletir junto com o autor sobre os processos da narrativa e a complexidade da experiência que se pretende transmitir:

Ocorreu-me uma necessidade, absurda por nunca poder vir a ser satisfeita. Eu queria falar duma maneira que todos me entendessem. Eu lhes desejava a orelha – órgão zero – para dizer o que se passava comigo e conosco. [...]. Eu queria lhes emprestar minha orelha e comunicarmo-nos um claro entendimento e apontarmo-nos uma luta que não fosse uma guerra suja entre nós. Eu queria um diálogo que extinguisse meu pânico e o medo & ódio deles. (Daniel, 1984b, p. 51).

Essa disputa entre o pânico e o medo de sofrer macroviolências como a agressão física, o espancamento ou o assassinato como resposta do ódio dos agressores, reflete a realidade concreta da sociedade, que institucionaliza a heterossexualidade compulsória e pune qualquer desvio desta norma. A punição, além de violenta, pode, no pior dos casos, ceifar a vida da pessoa; o narrador está consciente desse risco a partir das experiências passadas em sua própria trajetória política. A tentativa de convivência pacífica surge, portanto, na coexistência entre os diferentes, estruturada pelo diálogo e pelo entendimento mútuo, evitando a escalada da violência ou uma guerra suja.

Daniel desejava a orelha, pois a orelha é dizer como o Outro deve ouvir o mundo ao redor na esfera do preconceito. “Ouçam o que ouço e juntem-se a mim nessa empreitada”, parece dizer o autor ao propor: “apontarmo-nos uma luta que não fosse uma guerra suja entre nós”. Para ele, não é suficiente ser apenas socialista e comunista; é preciso se colocar contra qualquer outro ato de violência que não apenas a opressão de classe. Nesse sentido, Daniel – o homossexual – está mais próximo da mulher negra trabalhadora suburbana, na possibilidade de entendimento mútuo, do que daqueles que vestiam camisas com carimbos socialistas.

Mesmo desejando a orelha, ele recebeu o olhar. No que se refere à anatomia, o olho é, curiosamente, o único órgão do corpo humano que não muda de tamanho desde o nascimento; paradoxalmente, é uma região de constante mudança. Ele altera sua coloração quando está irritado; é extremamente sensível e reage até à invasão de um simples cílio. Em momentos de tristeza, o globo ocular é inundado por fluídos que jorram das glândulas lacrimais. Mais do que sensível, é uma estrutura que se auto regula: realiza sua própria manutenção e expelle toda a impureza que ameaça seu filme lacrimal. O olho e o olhar estão em todo o nosso cotidiano³⁷, manifestando-se nos mínimos detalhes.

Daniel retoma, ao longo de toda a viagem, a evidência dos olhares inquisidores que o circundam, colocando-o em um estado de desconforto permanente. Esses olhares, obviamente, funcionam como mecanismos de julgamento e de disciplina, moldando o comportamento do narrador e reforçando uma normatividade social.

Os olhos me interrogavam? Me acusavam! Insuportável é o olhar do outro que te torna outro e grotesco. Insuportável é o olhar que te cerca no descampado da calamidade da tua diferença. Insuportável é o olhar da inquisição. E demorei o tempo de uma piscadela para me dar conta do estranho que eu era, do flagelado que me fazia. Por causa de um beijo. (Daniel, 1984b, p. 50).

Sobre esse mecanismo, é válido resgatar *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault. A imagem da “jaula”, assim nomeada por Daniel, ultrapassa a simples metáfora do ônibus e adquire contornos disciplinares que dialogam diretamente com a lógica foucaultiana de controle e de vigilância. O ônibus, tal como a prisão, estrutura-se a partir de uma lógica de clausura: um ambiente fechado, delimitado, com lugares pré-definidos, com vigilância constante e janelas amplas que permitem ver e ser visto, dissolvendo a fronteira entre o externo e o interno. Nesse microcosmo disciplinar, o olhar dos outros passageiros funciona como instrumento de controle e coerção, instaurando um regime silencioso de normalização (Foucault, 2013).

³⁷ Em um país de maioria cristã, vale mencionar que no contexto bíblico não é incomum encontrar passagens que reforçam a importância do olhar. Em Provérbios 15:3: “Os olhos do SENHOR *estão* em todo lugar, contemplando os maus e os bons” (Bíblia, Provérbios 15:3); Em Mateus 6: 22-23: “22. A luz do corpo é o olho; portanto, se o teu olho for puro, todo o teu corpo será cheio de luz. 23. Se, porém, o teu olho for mau, todo o teu corpo será cheio de trevas. Se, portanto, a luz que estiver em ti for trevas, como *será* grande as trevas” (Bíblia, Mateus 6: 22-23). Além das passagens bíblicas, há os ditados populares como “Um olhar diz mais que mil palavras” que metaforiza o potencial e a capacidade comunicativa desse órgão do corpo humano. Na Literatura, o olhar sempre carrega um significado sentimental, o encontro dos olhares ou o olhar de soslaio supostamente indicam o interesse amoroso e despertam a faísca necessária ao desenvolvimento da narrativa. A sétima arte, diferente do teatro, permitiu aos telespectadores captar os detalhes da atuação. Se antes uma cena melancólica no teatro se apoiava em prantos e falas tristes, agora o cinema consegue transmitir a mesma comoção captando uma única lágrima escorrendo dos olhos. Um ápice do olhar nos filmes pode ser na utilização da quebra da *quarta parede*: o impacto gerado no público quando o personagem olha para os telespectadores tem sido, até os dias atuais, o grande trunfo de alguns diretores.

Daniel reconhece nos olhos dos passageiros a excelência da disciplina. Como posto pelo francês: “o exercício da disciplina pressupõe um dispositivo que coaja por meio do olhar;[...]” (Foucault, 2013, p. 140). Esse olhar coletivo impacta imediatamente o personagem, impondo-lhe uma sensação de coerção e desconforto. O olhar, nesse momento, consegue transmitir um grau de violência que desloca Daniel, tornando-o Outro e grotesco; é mais um artifício para isolá-lo e facilitar o ato de coação. Em uma sociedade organizada e estruturada pelo coletivo, a exclusão não só adoece a unidade como a transforma em um bode expiatório. Como já desenvolvido anteriormente, faz-se necessário um outro – diferente do “eu” – que auxilie na manutenção das definições do que ser e do que não ser.

A potência desses olhares está além do julgamento direto da conduta; expande-se na capacidade de instaurar uma atmosfera disciplinar que regula o corpo de Daniel, transformando o ônibus em um espaço de disciplina e adequação.

Caminhei até o banco que escolhi como escolhi sob o inquérito. Fiz esforço de enrustir não sei o quê. Acuado, movi meu corpo como quem move uma abominação. Gesto de estopo e marionete, interpretei o que aprendi desde sempre: meu modo macho, não tão meu, mas vindo a mim de mim. Fingi modelo, como se suplicasse.” (Daniel, 1984b, p. 14).

A cena dele caminhando até o banco demonstra o poder do adestramento apenas no olhar dos passageiros. A disciplina não é abstrata, ela surge com gesto automático de sobrevivência. Diante da vigilância, o personagem adequa-se aos iguais, reproduzindo uma performance de macheza que o espaço impõe como norma. Engana-se quem interpreta esse movimento como uma reação de medo ou covardia; trata-se, na verdade, de uma resposta profundamente condicionada por uma cultura comportamental sedimentada.

Desde a infância³⁸, somos constantemente ensinados a nos ajustar pelo olhar dos nossos pais/responsáveis. Quando crianças, somos educados – ou melhor, moldados – pelo olhar de reprovação dos pais e responsáveis. O corpo infantil, assim como o corpo de Daniel, reage instintivamente: corrige-se, alinha-se, interpreta a conduta esperada. O que impressiona é que tanto a criança quanto o personagem têm plena consciência do *script* social a seguir: sabem o que se espera deles e, por isso, fingem, encenam e performam. A docilidade, nesse caso, não é inocência, mas o efeito mais refinado de um poder disciplinar interiorizado.

³⁸ No conto *Vagabundo*, presente em *Passagem para o próximo sonho*, o leitor é confrontado com o modo como o condicionamento é realizado desde a infância e como os olhares são o principal recurso de comunicação e controle: “Ele não responde, olha para a mãe pedindo orientação” (Daniel, 1982, p. 229). O olhar materno é o mediador da realidade, chegando ao extremo ponto de validar a própria agressão física: “Durante alguns segundos de silêncio de riso quebrado, interrompido, François olhava para a mãe para se dar conta de que realmente fora esbofetado” (Daniel, 1982, p. 239).

Mais uma vez, o vocabulário carrega uma astúcia coesa, pois o inquérito já induz a constatação de um crime: “Durante a viagem de ônibus, vigiado e indiciado, fui sendo processado, o que já era punição bastante para o crime de praticar a subversão de amar fora do fórum familiar do falo.” (Daniel, 1984b, p. 83). Os termos “Vigiado”, “indiciado” e “processado” compõem um léxico que remete imediatamente ao campo jurídico penal, instaurando um cenário de criminalização simbólica que tem o júri popular como autoridade máxima. O ônibus, nesse momento, transmuta-se em prisão e tribunal.

Mais do que enunciar ideias, Daniel constrói uma linguagem que é, ao mesmo tempo, ferramenta de reflexão e de uma brincadeira vocabular. A escolha lexical revela uma consciência aguda, pois se vale da ironia e da poesia como estratégias políticas e estéticas para desestabilizar a lógica normativa que o persegue. A palavra, em Daniel, não é somente veículo, mas campo de batalha, laboratório de invenção e consultório terapêutico.

Um álibi possível para compreender a cena descrita pelo narrador estaria na mencionada “vantagem da macheza”, privilégio historicamente atribuído ao corpo masculino. O narrador reconhece esse lugar, ainda que de forma irônica e amarga: “Eu tinha uma vantagem naquela situação: era homem, quer dizer, tinha uma prática de ira e brutalidade logaritmicamente aprendida como qualidade de macheza real que carregava entre as pernas” (Daniel, 1984b, p. 86). Ser homem, porém, não significa estar plenamente incluído na ordem viril hegemônica. Ainda que fosse homem, Daniel não era igual aos demais, era um Outro que provocava reações de repulsa em razão do beijo dado em outro homem. A legitimidade e o companheirismo partilhados pelo *caralho* que guardava entre as pernas não eram mais suficientes para sustentar uma segurança. Muito pelo contrário, a virilidade, que antes poderia operar como escudo, se transforma em um alvo. Não há segurança possível: é precisamente por ocupar um lugar supostamente privilegiado – e traí-lo – que Daniel se torna alvo de vigilância, repulsa e punição.

O narrador vai além ao perceber que:

Havia naqueles olhares algo mais brutal que uma simples crítica ou um banal repúdio. Havia desejo atravancado: e fascismo. Algo estritamente político que retorcia as bocas nos sorrisos reflexos da besta: aquele esgar de nojo e atração da fome escatológica. (Daniel, 1984b, p. 84).

Daniel dialoga com um pensamento próximo à tradição psicanalítica ao sugerir que o ódio aos homossexuais pode nascer, paradoxalmente, de uma atração inconscientemente reprimida. O adjetivo “atravancado” não é casual: sugere algo obstruído, contido à força, como um desejo que não pode circular livremente.

É uma analogia possível com as teses de Sigmund Freud³⁹ (2016) sobre repressão. Para Freud, desejos que não podem ser vividos ou aceitos socialmente retornam de forma distorcida, gerando sintomas, fobias e ódios. No episódio narrado, é a partir dessa repressão que emerge a violência denominada pelo narrador como fascismo. Entende-se que essa violência é “algo estritamente político”, pois visa uma ideologia de exclusão que pune violentamente tudo aquilo que não condiz com as expectativas da norma. Quando o narrador desenha “aquele esgar de nojo e atração da fome escatológica”, revela o paradoxo e a coexistência desse olhar entre repulsa e desejo, tensionando o sujeito entre aquilo que ele deseja e aquilo que é proibido desejar.

O fascismo descrito por Daniel não opera apenas pela negação do outro, mas também pelo medo do próprio desejo, pela tentativa violenta de aniquilar aquilo que ameaça desestabilizar a masculinidade normativa. O desejo reprimido e a violência que dele nascem fazem parte de um mesmo círculo de poder.

O seu pânico só dá razão àqueles que dizem que "o povo não está preparado" — nem para votar, nem para provocar mudanças, nem para tolerar a diferença. O seu pânico é covarde e reacionário. E equivocado e injustificável. Tente se enfrentar e enfrentá-los. Daniel, você tem argumentos bons e racionais, você tem razão e mais que isto: lucidez para localizar a justiça. Não se abata pelo susto. Firme. Se houver provocações, procure responder sem aceitar a intolerância. Não é esta a primeira vez que você está sendo submetido à humilhação. Não será a última. (Daniel, 1984b, p. 84-85).

Em trechos anteriores, Daniel descreveu os olhares como agentes inquisidores e provocadores de uma sensação de cerco; já no trecho acima, ele volta o olhar para si mesmo, ou melhor, dialoga com uma voz interior que funciona como consciência política e racionalidade estratégica. A autocrítica toma a voz e conduz a cena, instaurando um momento de lucidez política. Racionalizar, para Daniel, é o único caminho para não se deixar paralisar. Ele conclui que seu pânico acaba por reforçar o mesmo discurso hegemônico das elites dominantes contra o qual lutou durante sua atuação política, que subestima as classes populares sob o jargão de que “o povo não está preparado”.

Essa frase, aparentemente simples, carrega uma densidade ideológica e política que Daniel articula em uma reflexão complexa. Seu enunciador não apenas admite o retrocesso da realidade presente, como também se acomoda diante da perspectiva de transformação. Afirmar que “não se está preparado” é, paradoxalmente, admitir que a mudança já existe como possibilidade concreta; a preparação pressupõe um futuro que já se

³⁹ Daniel já menciona em seu primeiro livro *Passagem...* que lia Freud: “Ângelo, com quem discutia Freud e outras *questões paralelas* e pessoais [...]” (Daniel, 1982, p. 96).

anuncia. O voto é um progresso, a mudança é imperativa e a tolerância com a diferença representa um horizonte democrático e inclusivo inevitável. O sujeito que enuncia não estar preparado para a mudança viola a própria compreensão de que a única coisa que não muda na história da humanidade é o movimento. Resistir a esse processo é se agarrar às limitações de seu tempo e recusar o futuro.

O conflito ressurgiu, desta vez, em duas frentes: “Tente se enfrentar e enfrentá-los”. O imperativo, que parte de sua própria consciência, revela a dupla batalha que Daniel trava: consigo mesmo e com o mundo que o oprime. Ele reconhece possuir argumentos à altura de um debate lógico e justo, sustentando uma postura firme capaz de responder às provocações sem tolerar a intolerância. Essa disposição não nasce de um idealismo ingênuo, mas de uma lucidez amadurecida pela experiência política e social que adquiriu durante sua atuação como guerrilheiro. A lembrança de que a humilhação não é inédita, e tampouco será a última, consolida uma filosofia aguçada: a luta contra a classe e o preconceito não se dá em ato único, mas em um enfrentamento contínuo e inevitavelmente pessoal.

Mas todos aqueles outros homens que me submetiam à criteriosa observação do desprezo furioso decretavam minha transmutação corporal. Eu não era mais um deles e não era à toa que no viscoso olhar que me encaravam havia tanto desejo sexual. Sim, percebi assustado que me fixavam desejando com mais paixões e mais sexuais do que um puramente negativo. Queriam me possuir: me absorver destruindo. (Daniel, 1984b, p. 86).

Quantos significados podem convergir um único olhar? Para Daniel, inúmeros e, ao mesmo tempo, paradoxais. O olhar de escrutínio, de desprezo e de fúria dos passageiros pairam sobre esse corpo abjeto, resultado da traição do personagem aos próprios privilégios masculinos. Contudo, não é só repulsa que se insinua: a mesma condenação carrega desejo, paixão e atração, criando um laço ambíguo entre admiração e condenação. Absorver e destruir coexistem como forças que colocam o corpo e a subjetividade em alerta. A incompreensão e a frustração do narrador emergem no instante em que ele reconhece, em seus algozes, uma semelhança incômoda, uma igualdade que, entretanto, não é partilhada pela parte agressora, apesar de reconhecida por ambos os olhares:

Eram gente como eu! Alguns evidenciaram o ar e volta da farra; outros, na maioria, estampam a fisionomia de esgotamento de quem chega ao fim do trabalho desgastante, ou, quem sabe?, do absurdo de quem parte naquela hora para uma faina sem recompensa. (Daniel, 1984b, p. 84).

O paradoxo para Daniel é visualizar que ele compartilha dos mesmos códigos sociais, dos mesmos cansaços, das mesmas noites étlicas, mas não pode mais ser um deles. A igualdade, ainda que evidente, é desfeita por um único gesto: o beijo. O ato delituoso não apenas rompe a barreira simbólica que os unia, como o lança para fora da comunidade masculina. A aproximação de qualquer outro sujeito para com o personagem torna-se perigosa: qualquer olhar cúmplice poderia ser lido como participação no crime. A permissividade nesse jogo de poder e controle é inadmissível.

Nesse cenário, a distância também é um operador de estratégia disciplinar, pois isola o desviante e aprofunda a exclusão. Destaque para o quanto de atenção os seus inquisidores dispõem e o quanto o autor insiste em se incluir na coletividade: “Meus dessecadores eram uma gente como eu mesmo. Mais bonitos, menos bonitos, mais, menos velhos, jovens, de todo o tipo e qualidade e diferença. Só os unia o olhar e sua fala – por enquanto muda e gritante.” (Daniel, 1984b, p. 144). O personagem não está preocupado em se diferenciar da coletividade heteronormativa, pois ele reconhece a homossexualidade como mais uma expressão do desejo; separá-la da heterossexualidade seria o mesmo que defini-la como uma exceção ou algo à parte de uma dita conduta natural. Talvez por isso ele insista em se colocar no mesmo conjunto dos demais passageiros do ônibus.

Poderíamos interpretar toda essa extensa reflexão de Daniel como uma paranoia do que ele percebeu no ônibus? Pensando no silêncio como, também, uma das marcas da exclusão, o que gera um determinado constrangimento no ambiente e provoca no alvo a possível paranoia, que o leva a pensar o que o outro pensa. Apesar dos dois indivíduos que murmuraram o insulto, a maior parte dos passageiros se manteve em silêncio durante o trajeto. Esse silêncio percebido por Daniel se traduz em um grito coletivo expresso nos olhares condenatórios e pelo julgamento, restando ao personagem a incessante reflexão e a desmontagem de seu corpo.

Apesar da coação, do julgamento e da exclusão a que é submetido, Daniel se esforça para permanecer fiel a si mesmo – aos seus ideais, à sua identidade e à possibilidade de viver com tranquilidade a própria sexualidade. Mesmo diante da força inquisitória dos olhares, ele não abdica de sua autonomia. “Os olhos machos — tão condenados à própria pena — me penalizavam, perpetrando um interrogatório que vale já a sentença (integrante de pelo menos um discurso: do poder). CONFESSO. Mas não o que me exigem. Nunca! Só o inconfessável” (Daniel, 1984b, p. 118).

5. 2. Desembarque – A ironia tem nome e sobrenome, Marilyn Aparecida

Falemos de *alter ego*. Falemos do lado *dark* da força bicha. Falemos, ainda, da borboleta que acabou de se libertar do armário-casulo de um passado-lagarta. Essa é Marilyn Aparecida. Um duplo. Aqui não há disciplina, prisão ou opressão; há revolução, subversão e invenção. A existência e a presença de sua persona ganham purpurina, riso e tocam na ferida aberta que é a masculinidade do autor-narrador-personagem.

Do meio das minhas populações interiores, laboriosamente inofensivas, o terremoto do escárnio, principalmente da zombaria dos *dois companheiros*, acentua nitidamente um personagem: minha bicha louca. (Daniel, 1984b, p. 15)

A nomeada “bicha louca” do Herbert Daniel é, de longe, a figura mais curiosa presente em seus livros. Ela é lida aqui como um *alter ego* do escritor, mas pouco se parece com ele. Enquanto Daniel se esforça em busca da reflexão, de críticas incisivas contra si e seu entorno e do diálogo, sua bicha louca não tem preocupação com nada nem ninguém. Sua linguagem foge do politicamente correto e se filia ao vocabulário chulo e escrachado; longe de uma postura passiva, ela avança em posição de combate. As aparições dela no romance sempre são repletas de extravagância, ironia e sobretudo, feminilidade. Talvez tenha sido com a construção dessa personagem que Daniel tenha obtido sucesso para se apresentar plenamente, deixando de lado o eu *enrustido* que tanto performou durante a clandestinidade e o exílio.

Assim como o terremoto abala as estruturas criando fraturas e brechas, a presença da bicha louca gera um caos textual que rompe a linearidade narrativa, comprometendo qualquer raciocínio coeso ou expressão clara. Da mesma maneira que o nome do autor resulta da junção de seu nome de batismo – Herbert – com o seu nome de guerrilha – Daniel –, sua bicha louca une dois nomes emblemáticos, duas faces e duas oposições: Marilyn Aparecida.

A minha bicha se chama Marilyn Aparecida, mistura de Deusa Cosmopolita da Carne e Santa Suburbana da Evidência. "Tá boa, santa?" Não é um travesti pomposo e nem uma imitação de mulher=Imita um homem imitando uma mulher. "No fundo de cada homossexual há uma mulher vulgar...", imagino e Marilyn Aparecida me corrige:

— Meu bem, no fundo de cada homem há uma mulher vulgar, porque os homens, quase todos, não conseguem se imaginar senão como mulheres vulgares. Talvez por acharem que mulher é uma coisa meio baixa, não é? (Daniel, 1984b, p. 16).

A escolha do nome é a primeira marca da personagem, antes dela chegar, seu nome já provoca uma reação cômica que se não leva ao humor, leva ao pensamento questionador. Daniel se apropria de duas figuras célebres, resgata a atriz e modelo

hollywoodiana Marilyn Monroe que era conhecida pela sua sensualidade, e a mescla com Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil – uma imagem negra resgatada em duas partes (corpo e cabeça) por pescadores no Rio Paraíba do Sul/ Minas Gerais. O hibridismo criado em seu *alter ego* espelha a própria estética do seu criador: é o glamour com a humildade, a sensualidade com a astúcia, a carne e a evidência, o mundo e o Brasil.

A tese defendida aqui é que o exagero e a teatralidade de Marilyn Aparecida constituem, na verdade, um recurso estético consciente, reflexo de uma linguagem já em circulação na época de Daniel. A escolha por “Marilyn” não é aleatório, na verdade é um espelho da influência cultural e do humor que circulavam na comunidade homossexual da época. Pollak (1982) dedica uma seção de seu ensaio ao humor da comunidade homossexual e conclui que: “É compreensível que Marilyn Monroe continue sendo uma das estrelas mais queridas entre os homossexuais. Daí também a admiração por todas as performances teatrais que levam a intriga sexual e o falso sentimentalismo 'kitsch' ao extremo.”⁴⁰ (Pollak, 1982, p. 46, tradução livre). O termo *kitsch* é chave porque esclarece a linguagem e o comportamento típicos da cultura homossexual masculina, além de evidenciar as conexões entre performance teatral e a própria figura da Marilyn Aparecida.

Essa *forma* é analisada à luz de algumas contribuições teóricas que permitem compreender a maneira pela qual o autor apresenta sua *bicha louca* e as respectivas reflexões que dela se originam. Para tanto, mobilizo o já mencionado ensaio de Pollak (1982) e algumas reflexões críticas desenvolvidas por Susan Sontag (2020) e Denilson Lopes (2002) sobre o conceito de *camp*. Além disso, Silvério Trevisan (2018) em *Devassos no Paraíso* auxilia na apreensão dessa linguagem particular detectada na figura ilustre dessa que é *superstar* do livro.

Desde a década de 1970, a comunidade homossexual tem passado por um processo contínuo de higienização da linguagem⁴¹: termos historicamente estigmatizados, como *viado*, *bicha* e *sapatão*, foram substituídos por expressões mais polidas, como *gay*, *homossexual* e *lésbica*. Daniel – utilizando da voz narrativa de Marilyn – ironiza esse movimento e diz: “Então você quer ser “homossexual” mas “sério”, metido a esteio moral de não sei o quê? Vai ser bem feito se começarem a te chamar de *guei*. “Caguei nessa alegria tipo

⁴⁰ On comprend que Marilyn Monroe reste une des vedettes les plus chéries des homosexuels. De là aussi l'admiration pour toutes les représentations théâtrales qui poussent l'intrigue sexuelle et le faux sentimental « kitsch » à l'extrême. (Pollak, 1982, p. 46).

⁴¹ Outro exemplo são as travestis que também passaram por um processo de higienização linguística e hoje são nomeadas como mulheres trans. A própria união estável entre pessoas do mesmo sexo no Brasil passou por essa reformulação terminológica, o surgimento da união homoafetiva afasta qualquer teor pejorativo dos homossexuais e demais termos para um imaginário menos profano e imoral que é o afeto.

industrial”... não é assim que você diz, hein, viado?” (Daniel, 1984b, p. 270). Nesse contexto, Marilyn Aparecida surge como consciência crítica desse processo de higienização linguística, expondo o evaziamento político que terminologias como *homossexual* carregam e, no ápice dessa crítica, ataca o uso importado do exterior: *guei*. Ao importar a palavra perde-se sua carga de luta política e torna-se apenas uma etiqueta de consumo, uma “alegria tipo industrial”.

Como observado até aqui, há sempre uma preocupação por parte do autor com a escolha lexical. Logo, não é sem razão que Marilyn chama Daniel de *bicha* e *viado*. É a nomeação política explícita, um procedimento que se apropria de um vocábulo socialmente chulo e ressignifica a ponto de neutralizar ou inverter suas associações pejorativas⁴². Resta ao leitor, quando lê as passagens do *alter ego*, refletir até que ponto a linguagem debochada incômoda produz e gera uma postura de comicidade sem qualquer ligação com a seriedade de uma reflexão crítica.

Por que uma *bicha* ou um *viado*, quando assim chamados, provocam a comicidade como reação imediata, enquanto o termo *homossexual* não o faz? A higienização da linguagem mostra que, mesmo nas camadas mais marginais da sociedade, a arbitrariedade é concreta. O termo homossexual é clínico, frio e “preparado para o convívio social. Ele não agride o ouvido burguês; ele pede licença para entrar. Por isso, não tem carga cômica. A bicha é a performance do excesso. Ela não pede licença; ela invade a sala chutando a porta com um salto agulha. Desse modo, a inserção de Marilyn Aparecida pode gerar um movimento duplo, enquanto um momento cômico sem qualquer consideração crítica ou como um recurso subversivo de provocação e de resistência, contra um movimento de normatização comportamental, ou ambos. Sobre os desafios analíticos decorrentes dessa *forma*, adotada pelo autor, influenciado também pelo processo de higienização linguística, foi preciso atuar duplamente de maneira crítica e cuidadosa para depreender as reflexões propostas por cada fragmento apresentado ao longo desta seção, e reconhecer que, em determinados momentos, não há nenhuma pretensão, senão a da bagunça, a do deboche e da comicidade.

Essa linguagem não nasce do nada, ela é herdada de uma tradição de apropriação do “cafona” e do “exagero”. Acerca desses aspectos, o *kitsch*, surgido por volta do século XIX, na Alemanha, se popularizou como uma estética do exagero, da superficialidade e da teatralidade, sempre associada a um teor pejorativo. É dentro dos círculos homossexuais das

⁴² Essa ressignificação já é observada no cenário brasileiro contemporâneo, a palavra *viado* já não circula nos espaços sociais com uso exclusivo de xingamento, ao contrário, comunidades sexuais e mesmo sujeitos heterossexuais a utilizam como vocativo de interação.

décadas de 1950 e 1960 que esse termo passa por uma ressignificação, adquirindo um caráter irônico, paródico e subversivo. Nos Estados Unidos e no Brasil, outra sensibilidade estética se popularizou sob o nome de *camp*⁴³. O autor Denilson Lopes em, *Terceiro manifesto Camp*, coloca que:

O termo é de difícil tradução para o português, ainda que muito presente na nossa cultura. Como comportamento, o camp pode ser comparado à feição, à atitude exagerada de certos homossexuais, ou simplesmente à afetação. Já como questão estética, o camp estaria mais na esfera do brega assumido, sem culpas, tão presente nos exageros de muitos dos ícones da MPB, especialmente no culto a certas cantoras e seus fãs. (Lopes, 2002, p. 95).

Marilyn, portanto, não é uma anomalia literária, mas parte de uma genealogia cultural brasileira que une o popular e a vanguarda. Poderemos, então, deduzir que a extravagância, o exagero e a ironia, conscientemente declarados pelo autor, estão embutidos numa filiação a um determinado projeto estético, revelando a importância que Daniel atribui às *formas* de sua linguagem. O escritor João Silvério Trevisan, em *Devassos no Paraíso* (2018), demonstra como os exageros de muitos ícones da Música Popular Brasileira (MPB) contribuiu para o fascínio da comunidade com o exagero. No tópico *Anos 1970: eclode o desbum guei...* Trevisan mostra as contribuições de figuras como Ney Matogrosso, o grupo teatral *Dzi Croquettes* e Caetano Veloso, este último “subiu aos palcos brasileiro de bustiê e batom nos lábios, requebrando com os trejeitos *campy* de Carmem Miranda.” (Trevisan, 2018, p. 249). Todas essas figuras eram “um homem imitando um homem imitando uma mulher”. Eles não queriam “passar” por mulheres, mas sim explodir o gênero por meio do deboche.

Além disso, tanto o cinema⁴⁴ quanto a televisão contribuíram significativamente para a formação de uma cultura homossexual no Brasil, seja ao reproduzir estereótipos comportamentais e discriminatórios, seja ao permitir que a própria comunidade se apropriasse de uma autoidentificação de preferências e gostos pessoais. Essa ambiguidade retrata o paradoxo presente no universo *guei* brasileiro na segunda metade do século XX.

Vale lembrar que a figuração do/da travesti pela TV se deu, sobretudo, na cobertura dos carnavais e nos programas de auditório, especialmente os dirigidos pelo apresentador Silvio Santos. Ali, os shows de drags – à época nomeados como transformistas – e os concursos de fantasias inseriram corpos dissidentes no espaço doméstico da chamada “família brasileira”, em pleno domingo e em horário nobre. Entretanto, é importante destacar

⁴³ O ensaio de Denilson Lopes distingue particularidades do termo *kitsch*, *trash* e *camp*. Para um parâmetro clássico, conferir *Notas sobre o camp*, de Susan Sontag.

⁴⁴ Para o cinema consultar o capítulo *E acontece o nosso boom guei*. Para a televisão consultar o capítulo *E com vocês, a bicha eletrônica*.

que essa visibilidade era mediada pelo riso, pela caricatura e pela excepcionalidade festiva, raramente reconhecendo tais sujeitos em sua humanidade cotidiana. Fato é que, enquanto ocorria essa representação, travestis que alugavam seus corpos nas avenidas escuras das cidades eram – e ainda são – espancadas pelos seus próprios amantes. Diferente dos “transformistas” de auditório, cuja função era o entretenimento inofensivo da família brasileira, a bicha louca de Daniel recusa o papel de caricatura domesticada. Ao unir o glamour de Monroe à tragédia de uma imagem santa, Marilyn Aparecida ganha corpo de manifesto. Ela não comenta os dissabores de um apresentador, nem interage com a curiosidade dos inconvenientes, ela fala o que pensa e se apresenta como é.

Outro exemplo dessa ambiguidade social é retratado no curta-metragem *Só no Carnaval...* (1982)⁴⁵, dirigido por Eunice Gutman e Regina Veiga. A obra acompanha a tradição carnavalesca de homens que se vestiam de mulheres e desfilavam pelas ruas durante o feriado festivo. O filme evidencia como o carnaval funcionava como uma suspensão temporária das normas sociais: práticas consideradas desviantes em outros momentos tornavam-se toleradas ou celebradas durante a festividade. Os transformistas, portanto, não eram exatamente uma novidade no cenário nacional; a ruptura residia em sua presença para além do calendário carnavalesco e, sobretudo, no fato de performar o feminino não apenas como chacota, mas como expressão estética, artística e identitária. Marilyn Aparecida é o carnaval que se recusa a acabar na quarta-feira de cinzas. Diferente dos homens do curta que, ao fim do desfile, voltam para a normalidade social e reafirmam sua macheza, a bicha louca permenece no texto, no ônibus e na militância.

Em outro capítulo do livro Devassos, *A máscara e a paródia*, Trevisan (2018) demonstra como a teatralidade, o deboche e a ironia fazem parte da linguagem da comunidade guei em formação no Brasil. É inclusive no Brasil que surge uma das maiores figuras dessa exuberância e fascínio. Stephen Holden, do *New York Times*, afirmou que “Carmem Miranda personificou o *camp* antes mesmo do conceito ter sido inventado. Foi ela também quem inventou o travestismo moderno [...]” (Trevisan, 2018, p. 332). É compreensível, portanto, que a comunidade homossexual tenha se apropriado de determinados aspectos da cultura popular brasileira, uma vez que ela própria se constitui de uma subversão, extravagância e ironia que estão interligados com o comportamento e o humor dos homossexuais daquela época e até dos dias atuais.

⁴⁵ GUTMAN, Eunice; VEIGA, Regina. *Só no Carnaval...*. Brasil: Cine Qua Non, 1982. 1 filme (12 min), colorido, documentário. Disponível em: <https://mubi.com/pt/br/films/so-no-carnaval>. Acesso em: 17 abr. 2026.

Entretanto, Susan Sontag (2020), em *Notas sobre o camp*, alega que “Pretender ser *camp* é sempre prejudicial” (p. 360). Apesar de não associar o *camp* propriamente ao estilo do autor, é possível reconhecer os riscos que uma ironia ou sarcasmos excessivos podem gerar durante a leitura. Nem sempre a piada que se pretende ser engraçada alcança o riso. Por vezes, foi essa a percepção ao analisar trechos imersos na figura da Marilyn Aparecida.

A equiparação do próprio *alter ego* a uma assistente de espetáculo de mágica é novamente um recurso alusivo a essa estética, que utiliza-se do espetáculo como instrumento. “Minha bicha interna e visibilíssima, que imagino na tarefa de ajudar um mágico a brincar com o chapéu, ri de muitas das minhas utopias.” (Daniel, 1984b, p. 15). A *bicha* de Daniel ensaia o papel de assistente de palco, mas ela na verdade se faz protagonista, pois deixa de auxiliá-lo nos truques de mágicas e na preparação do espetáculo, para roubar a cena, sempre sorridente e bem-humorada.

– Ih, bicha, não se faz de vítima, vá. Agora vai querer dar uma de enrustida? Você que anda falando pra todo lado que é sim; que é importante que o homossexual seja “socialmente transparente”. Não é o que você fala, bicha? Então, por que reclama? Quem se mete a avestruz tem que aguentar o ovo. Haja rabo. Que é tão importante quanto ter peito, bussanha! Ou você vai querer agora que as coisas não sejam do caralho? Elas são, baby, e pra responder só sendo babaca e um pouco porra louca, como dizia meu amigo Oman. Não se lamenta, viado, tenha a coragem de ser fodido. Bem fodido. Dá pra eles de comer, que só assim você se mete no mundo. Ativamente! (Daniel, 1984b, p. 269).

Até que ponto a enganação serve como entretenimento para os outros? Marilyn Aparecida confronta o protagonista ao expor a hipocrisia de seu discurso: ele prega transparência sobre os desejos homossexuais, mas, diante da gozação e do julgamento dos passageiros, acaba adotando uma postura de “enrustido”. Ou seja: mesmo consciente de seus próprios desejos, opta por mascará-los sob o peso do medo. A linguagem de duplo sentido da personagem torna desafiadora a compreensão imediata de suas intenções, pois Marilyn utiliza o vocabulário⁴⁶ do submundo sexual para articular uma convocação política. Expressões como “Quem se mete a avestruz tem que aguentar o ovo”, “as coisas sejam do caralho”, “Oman – mano ao contrário”, “tenha coragem de ser fodido”, “Dá para eles de comer, que só assim você se mete no mundo” funcionam como um convite implícito ao confronto, estimulando o protagonista a assumir as responsabilidades, dispersando o medo e o receio para atuar de maneira ativa no cenário político.

⁴⁶ É possível fazer um paralelo para a linguagem adotada por Marilyn Aparecida e o *Pajubá*, língua comumente associada às travestis.

Decifrar a linguagem adotada por Marilyn Aparecida é um desafio constante de leitura, que nem sempre produz resultados claros. A complexidade de sua expressão, repleta de termos em desuso no cenário contemporâneo brasileiro, é só um dos inúmeros desafios a serem citados no procedimento de análise. Além disso, a linha de raciocínio e a argumentação da personagem, por vezes, tornam-se dissonantes em relação ao cenário narrativo: ela divaga e abre rupturas, sem apresentar qualquer ligação direta com a viagem de ônibus que Daniel está apresentando ao seu leitor.

Marilyn Aparecida, deixando de procurar no jornal as fotos com as coxas gostosas dos jogadores, traz sua opinião: — Tribo é ótimo. Adoro comparação com bando de bunda de fora. Mas pelamordedeus não confunda cara e alho, bagalhos. Tribo não é grupelho. Dentro de grupelho tudo que se faz é ficar promovendo pedestal pros crentes da própria igreja. Conheço, tanto quanto você, a tipologia da politiquinha interna dessas grutinhas de ortodoxias. Dá tudo em gueto, quero dizer, resulta tudo em seita, porque dar eles não dão, não. Só querem tirar, de preferência no sangue. Saco pra eles só serve pra meter espólio dentro. (Daniel, 1984b, p. 115).

Viu-se que a crítica aos espaços progressistas e de esquerda é recorrente na literatura de Daniel. Na citação acima, Marilyn Aparecida expressa uma visão semelhante àquela que o autor desenvolve em *Passagem...*: a personagem equipara as organizações de esquerda a “grupelhos” que se empenham na autopromoção de suas ações e crenças. Para ela, o resultado desse comportamento é a formação de pequenas seitas, restritas aos guetos que compõem seu próprio quadro organizacional. A linguagem jocosa, presente em um “bando de bunda de fora” ou “coxas gostosas dos jogadores”, exemplifica a ironia e do desenvolvimento de imagens satíricas da virilidade masculina, evidenciando que o desejo e a preferência sempre estão sendo sinalizados durante a narrativa.

O tratamento “Ih, bicha”, utilizado de maneira recorrente como vocativo e provocação, constitui mais um recurso linguístico associado à defesa dessa estética: “– Ih, bicha, não suporto esse seu coitadismo! – Marilyn Aparecida me censura duramente. – Fecha, bicha, qué isso agora de ficar com medo de dar a bunda? Fecha, senão te comem. E pelos buracos errados.” (Daniel, 1984b, p. 145). A ironia, o deboche e o sarcasmo reaparecem como recursos sistemáticos, sempre nessa postura combativa contra o personagem. Aparecida raramente surge como uma apoiadora; está mais para um contraponto constante de consciência. Até porque, ela é libertária, coisa que Daniel não consegue ser plenamente.

A título de exemplificação, o duplo significado de “*fecha*” carrega um teor semântico para além do literal. Como Denilson Lopes esclarece, para a comunidade guei brasileira, trata-se de uma gíria que poderia ser definida como o ato de “encerrar algo com atitude e confiança”, algo ou alguém que performa uma autoconfiança de alto impacto e com

repercussão positiva, frequentemente permeada de ironia e humor. Nesse caso, a linguagem e o duplo sentido podem ser lidos como expressões de capacidade inventiva, mas, à época, também constituíam um recurso de subversão e resistência política.

Porque se aprende, ao se estar mulher no reino do falo, a fragilidade, uma circunstância da passividade. A mulher apanha: recebe, dá, leva... Como as bichas. Os passivos tomam no rabo, levam no cu, são comidos pelos vermes a baixez de apreciar o jeito masculino de fazer sexo. No entanto, tal jeito não precisaria ser o jeito machista de sofrer o sexo, que parece ser a única sexualidade que o padrão usual concebe como válida. (Daniel, 1984b, p. 146).

A dinâmica descrita por Daniel acerca do lugar dos homossexuais serve de espelho da mesma dinâmica que rege as relações heterossexuais entre homens e mulheres. A mulher, historicamente situada abaixo do homem na hierarquia da família, sempre em posição de submissão, reproduz uma fragilidade e passividade que fogem do comportamento esperado dos homens. Quando dois homens decidem se relacionar, essa hierarquia simbólica permanece: a homossexualidade está sempre associada à figura feminina da relação heterossexual. Contudo, as dinâmicas mudam, e aquele que se coloca na posição *passiva* torna-se o principal alvo das condenações sociais. O mundo quer que a bicha seja passiva, submissa, frágil, mas Marilyn subverte isso sendo ativa no deboche, mesmo sendo “passiva” no sexo. Ela ensina Daniel que ser “comido” no sexo não significa ser “fodido” pela vida ou pelo sistema.

– Ih, nem quero pensar. Se essas depauperadas soubessem da carreira de guerreiro da bicha aí, iam ficar até de pau duro, se é que ficam, né, bem? Iriam te considerar uma ídola guerrilheira, bicha. Uma *superstar* da luta armada, sua sequestradora. Afinal, você é daqueles da barra pesada, né, assaltante, comandante de ós, sequestrador de dois (dois, que horror, nem aprendeu com o primeiro, hein, bicha?) Embaixadores, guerrilheiro rural, ru... ral, ouviram bem, ru... ral, no mato e não era pra catar gabirola nem sentar em manjuba, ouviram? Elas iam até ficar em posição de sentido pois você foi até comandante (coma... andante, dizia a donzela cavalheiro) de ós, oh é uma coisa heróica, um monumento vivo... Te belisca, bicha, para ver se você ainda tá viva depois deste monte de besteiras que falei de teu passado que você conserva com tanto carinho. te belisca, porque senão eu te mordo. Para você manter a dignidade, mas não se levar a sério demais. (Daniel, 1984b, p. 183).

É dessa maneira que Daniel reivindica suas ações e sua trajetória política no romance: com ironia, deboche e humor. O que seria ações de guerra e feitos heróicos de um verdadeiro companheiro revolucionário à maneira de um clássico Che Guevara; se apresenta em uma voz feminina, comparando-se a uma ídola guerrilheira ou uma *superstar* da luta armada. Suas ações – sequestrador de embaixadores, assaltante de banco, patente de comandante e guerrilheiro rural, este último visto como um dos maiores desafios em revoluções – são ressignificadas com humor. O equilíbrio se insinua na fala de Marilyn, que

adjetiva tudo isso como um “monte de besteiras”, embora reconheça que Daniel conserve cada ação “com tanto carinho”. O chamado para a realidade é urgente, beliscar-se para romper o devaneio da auto-heroificação.

O recurso literário que Daniel utiliza aproxima-se da figura de *Emília*, a boneca de pano de Monteiro Lobato. Assim como a boneca, a “bicha louca” simboliza a desobediência e a impertinência; ela fala o que quer da maneira mais incômoda possível, sem se importar com represálias, um verdadeiro traço da busca pela liberdade. O deboche e a extravagância permeiam todo o texto de Daniel na figura da Marilyn Aparecida, funcionando como um mecanismo de subversão também da literatura: é a reapropriação do recurso da linguagem para fins de posicionamento político e de combate aos códigos morais, que também estão presentes no universo literário.

Se à época, os *transformistas* eram a nomenclatura em voga para os indivíduos que se vestiam com o gênero oposto e realizavam apresentações em que o exagero do figurino e a teatralidade da apresentação eram cada vez mais incentivadas. Hoje, as *Drag queens* e os *Drag Kings* ocupam esses espaços com ainda mais exagero, ironia e competição, em programas televisivos como *RuPaul's Drag Race* ou *Legendary*, que resgatam a cultura vogue⁴⁷ e consolidam a composição de uma comunidade de sexualidades e identidades dissidentes.

No Brasil, figuras como Roberta Close e Lacreia são representantes saudosos dessa presença nos espaços mais conservadores da sociedade. Os programas televisivos se apropriaram de suas identidades subversivas para promover um espetáculo que nada se diferenciava de um circo de aberrações. Mesmo nessas condições, elas e tantas outras lidaram com elegância e coragem as investidas e tentativas de desvalidação. É graças à resistências dessas e de tantas outras que o espaço para a dissidência foi cavado – seja no teatro, no cinema, na literatura, no trabalho, em casa, na igreja, nas festas, na rua etc.

⁴⁷ Para um panorama da origem da cultura *Vogue*, ver o clássico *Paris is Burning* (1990), direção de Jennie Livingston.

6 CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS: DA PESQUISA AOS ROMANCES

Sua literatura, portanto, espelha a própria trajetória de seu autor: é dissidente por essência e clandestino por destino. Daniel não pôde fugir da dissidência na matéria que eternizou seus atos e suas reflexões. A escrita transita pela autobiografia, pela autoficção e pela escrita de si; pela literatura testemunhal, pela memória e pelo esquecimento; pela verdade e pela invenção. Devaneia incontáveis vezes e constrói um *ensaio narrativo*, mais um modo de lidar com seus textos. Observa-se como Daniel se propôs a ser dissidente até mesmo no fazer literário, mostrando-se flexível e inventivo na escrita e na construção de suas narrativas. A sua “Literatura Pessoal”, que pode de modo infindável acolher novos rótulos com o passar do tempo, é a principal razão de reconhecê-la como uma contribuição significativa e de qualidade ao campo dos estudos literários.

Os seus livros são lidos e relidos por distintos procedimentos de análise e conseguem, à sua maneira, suscitar discussões e reflexões proeminentes sobre diferentes temas. Embora sua obra esteja frequentemente associado às temáticas da homossexualidade, da guerrilha armada e do combate à AIDS, esse trabalho buscou evidenciar um aspecto indissociável sobre esse escritor: a dissidência literária. Nesse aspecto, realizou-se um cuidado maior para seus feitos e suas causas de vida. Discutir sobre *forma e linguagem* em seus livros só se torna possível pela relação complementar que ele próprio estabelece ao escrever sobre sua sexualidade no exílio e no Brasil na década de 1980, seus testemunhos da luta armada contra a ditadura militar, além de suas incursões pela autoficção, pela autobiografia e pela reflexão ensaística.

Filiado a um processo criativo que se desenvolve com ironia e exagero, ele demonstra não estar preocupado se seus leitores o compreenderão imediatamente. O entendimento e a clareza o impediriam de permanecer na penumbra de suas dissidências. Inúmeras vezes levado ao extremo, seu corpo buscou também se fazer limite na tinta e no papel. Fortemente pressionado por uma demanda mercadológica que ansiava capitalizar sua trajetória de vida com *slogans* apelativos e tendenciosos, ele conseguiu resistir, publicando livros de maneira independente e com autonomia. Nomeado pela mídia como *O último exilado*, Daniel recusou o rótulo, afirmando que os mortos e desaparecidos no exílio ainda estavam exilados.

Tanto em *Passagem para o próximo sonho* quanto em *Meu corpo daria um romance*, o leitor é guiado, mas não em todos os momentos, pelo ponto de vista do autor-narrador-personagem, que não esconde contradições, omissões, desejos e atitudes que o

acompanharam da infância à vida adulta. Foi na escrita que Daniel conseguiu viver concretamente o seu passado, mas não todo, pois ele fez questão de esclarecer que o todo é impossível. Encontrou nos livros um acalento para as sucessivas batalhas que travou durante toda a sua trajetória de vida. Suas obras, inevitavelmente, estão relacionadas com os temas que o marcaram; no entanto, nem mesmo esse espaço de acalento o dissipou da subversão e da indisciplina. Os dois romances aqui estudados se esforçam constantemente a confundir seus leitores, como um labirinto de múltiplas barreiras. As possibilidades de leitura se constroem individualmente em cada capítulo, seção, passagem ou qualquer outro nome que se queira atribuir às rupturas existentes em ambos os textos. O registro do real não o impediu de escrever também sobre a ficção; ao contrário, o impulsionou a se apropriar dos contos e crônicas para reforçar as temáticas que o acompanharam e que lhe interessavam.

Ser um homossexual e possuir uma trajetória nos espaços de esquerda só foi possível porque Daniel abdicou da sua postura homossexual diante da heterossexualidade hegemônica, mas não do seu sexo, que religiosamente era saciado com masturbações periódicas. Ele era um homossexual e desejou outros homens, mas também abraçou a crença que a abstinência curaria sua “anormalidade”. Acreditou fielmente que, ao não transar com outros homens, não causaria problemas para a organização e não estaria infringindo nenhuma normativa. Comprometido com a revolução e com a transformação para um mundo novo, ele se resguardou na própria solidão: absteve diante de atos de discriminação e reproduziu, ele próprio, comportamentos de censura e represálias aos desejos homossexuais. Mesmo mantendo o celibato durante os sete anos em que militou nos movimentos da guerrilha, ele ainda presenciou inúmeros episódios de tensão sexual e infrações de conduta.

A sua homossexualidade, portanto, era e não era um problema. A contradição e o conflito não o acompanharam nos primeiros anos de atuação, pois seu pensamento era direcionado e claro: a luta foi a sua motivação diária e a sua filosofia de vida. Entretanto, essa dedicação foi se desgastando com o passar do tempo e se esvaiu assim que ele chegou no exílio, acompanhado de Cláudio Mesquita, seu fiel companheiro até o fim da sua vida. Os relatos presentes nos dois livros carregam a autocrítica de um ex-revolucionário e entusiasta de um “novo mundo” expondo os acertos e os vacilos de seu passado. A homofobia pregada pela ditadura militar também ganhava contornos nos espaços da esquerda, mesmo essa discursando o fim do conservadorismo e da opressão. Movidas por entendimentos distintos, a tanto a esquerda quanto a ditadura encontram na homossexualidade um alvo em comum para segregar e excluir os homossexuais da sociedade: o regime na fé; a esquerda na luta. Em um fogo cruzado, de todo lado o homossexual era o alvo.

Em ambos os romances, Daniel estabelece um jogo de comunicação não condenatório, utilizando a si mesmo como um canal de informações. Não condenou a esquerda por ser homofóbica ou praticar discriminação, nem se colocou como vítima ou como um alvo em perseguição. Não se falou da esquerda, mas falou-se pela esquerda: de dentro do seu quadro, não como observador que está exímio de críticas, mas como um integrante ferrenho e fiel. Quando Alencar foi expulso após ser esfaqueado em sua própria residência e, por consequência, ter sido “tirado do armário”, Daniel não partiu em defesa do seu semelhante, mesmo fazendo parte do Comando da organização. Ele relatou o episódio de acordo com o pensamento que ele tinha na época e esse pensamento era o da maioria dos companheiros. A *forma* de contar como era ser homossexual nas organizações não se constituiu de uma denúncia, pois ele próprio não se via enquanto um naquele momento. Não coube a ele voltar ao passado e condenar sua trajetória como um moralizador ou como um ressentido. Longe disso, o seu relato é marcado por uma honestidade fidedigna que pode, por vezes, confundir o leitor e o levar equivocadamente a desconfiar de sua narrativa, deduzindo que Daniel é contraditório. Nesse caso, o leitor não estaria completamente errado: há contradições na perspectiva dele porque ele próprio vivia uma contradição. É necessária uma leitura extremamente acurada para não realizar anacronismos sob seus textos e deixar-se perder nos cruzamentos da narrativa.

Para ele, à época, desejar outro homem não o condenaria ao desligamento, pois isso não comprometeria ninguém, se tratava de algo pessoal, dele consigo próprio. Masturbar-se constantemente, imaginando orgias entre companheiros, era um ato íntimo que não incomodaria os outros. A individualidade foi a maneira que ele encontrou de integrar-se à coletividade. A revolução exigia comprometimento, e ele se esforçou o tempo todo para cumprir os critérios e as demandas. Se a recusa em transar com outros homens e a abstinência sexual estavam sob sua decisão e seu controle, o desejo nunca esteve. Ele desejou o tempo inteiro, e a insubordinação dessa tensão o levou ao que, para a contemporaneidade, poderia ser denominado de contradição. Desejar outro homem e não se reconhecer homossexual, se masturbar imaginando estar sendo enrabado por outros companheiros e recusar as investidas de tais sujeitos provocaria em qualquer sujeito conflitos internos e, inevitavelmente, contraditórios.

A segurança que Daniel teve no exílio não foi apenas a de não ser perseguido pelas forças do Estado, mas, essencialmente, na segurança de escrever sem comprometer seus companheiros ou mesmo seus familiares. Somente no exílio, longe de casa, ele conseguiu dar início aos rascunhos que futuramente ganhariam *forma* na publicação de seus livros. É no seu

espaço de trabalho – uma sauna gay parisiense – que ele realiza, novamente, um ato em favor da luta de classes, não somente para refletir a questão do trabalhador, mas de uma outra classe oprimida e marginalizada: os homossexuais. A reflexão da sexualidade e a política esclarece para o autor que o gueto homossexual nada mais é do que a capitalização do sistema econômico sobre a marginalização desse grupo social.

Daniel nunca esteve tão engajado nas discussões de classe quanto no exílio. Amadurecido pela ausência de enclausurar sua sexualidade para atender às normas das organizações, seus romances carregam reflexões proeminentes sobre como o capitalismo conseguiu com sucesso integrar a homossexualidade em sua engrenagem. A criação de *espaços especializados*, como saunas, bares e cinemas, para fins de pegação podiam causar a falsa sensação de tolerância e permissividade da sociedade heterossexual com a ralé da sexualidade. No entanto, Daniel entendeu que esses espaços ampliaram a segregação e ajudaram a solidificar uma identidade a ser utilizada contra o próprio gueto. É necessária a margem para que exista o centro; logo, a existência do gueto valida a sociedade patriarcal tradicional.

Diferente de outros pensadores ou entusiastas da investigação sobre a formação dessa comunidade e posterior identidade, ele consegue realizar um censo demográfico das características e comportamentos observáveis no interior do gueto e adentra em questões íntimas e essencialmente subjetivas que ficam de fora das caracterizações convencionais que rotulam o movimento homossexual. Um ponto-chave para ambos os livros é que há uma tentativa de conciliar a homossexualidade (lida por muito tempo como um defeito pequeno-burguês) com a luta de classes, temáticas que, para qualquer revolucionário da época, eram impossíveis de dialogar. Daniel insistiu em tensionar essas discussões e provocar um debate, uma ponte para o diálogo; tentou, de maneira paciente e nas condições possíveis, unir duas instâncias que faziam parte da sua identidade: seu desejo e sua luta.

Como a escrita do primeiro livro se deu, em sua maioria no exílio, o retorno ao Brasil é mais trabalho no segundo. É nesta obra que Daniel enlaça as distintas narrativas existentes com uma descrição autobiográfica, decorrente de uma experiência de violência sofrida dentro de um ônibus. O romance pode ser lido como mais uma autocrítica, desta vez para a esquerda na qual ele fazia parte, pois seus agressores foram claramente nomeados. Um deles usava a vestimenta vermelha com uma estrela centralizada, alusão explícita ao PT, e a outra com a nomenclatura Solidarność, federação sindical polaca. A “fotografia” do episódio é captada pelo olhar dos agressores ao avistarem ele se despedindo de Cláudio com um beijo na boca. Após escutar piadas irônicas que buscavam depreciar sua masculinidade e sua

dignidade, a sua reação imediata foi se recolher em silêncio para se autoprotoger; posteriormente, esse silêncio se converteu em um romance abertamente escandaloso.

Nada convencional do ponto de vista narrativo, Daniel criou histórias complexas que não buscaram uma linearidade, tampouco facilitaram a compreensão; sua linguagem é repleta de neologismos e de um jogo morfosintático que ironiza a sensualidade e o erotismo para retratar temáticas indecorosas à sociedade da década de 1980. É esclarecedor notar a ousadia e insubmissão desses dois romances que foram publicados – e esgotados – naquele período, tudo que ali está contido viola a tradição e a normalidade. Para atenuar a farsa da contenção e da convencionalidade e conferir um matiz de inteligibilidade a obra, Daniel se apropria da ambiguidade no “país do carnaval”: período festivo em que as normas e as rígidas regras sociais são suspensas para extravasar a desordem e o proibido. O carro alegórico dessa festa é a ilustre figura de Marilyn Aparecida, um *alter ego* do escritor, que se posiciona na *forma* de discutir. A feminilidade da personagem e a sua linguagem exagerada e quase incompreensível estabelece uma relação direta com a postura heterossexual que Daniel tentou manter por tantos anos.

O que ficou claro até aqui é que nada é arbitrário nos seus livros, pode não ser compreensível ou coeso, mas a própria construção do caos e da incompreensão também é, em si, um posicionamento. Claramente, não se trata do caminho da normalidade ou da tradição literária; resta-nos a dissidência.

REFERÊNCIAS

- ALÓS, Anselmo Peres. O corpo-guerrilheiro no corpo-nação: contaminação e abjeção em Herbert Daniel. **Revista Letras, Local**, v. 61, p. 207-229, 2020.
- AREDA, Felipe. A narrativa desarmada de Herbert Daniel. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, v. 21, 2014. p. 141-167.
- ARRIGUCCI, Davi Jr. Gabeira em dois tempos. *In*: ARRIGUCCI, Davi Jr. **Enigma e comentário**: Ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. P. 119-139.
- BESSA, Marcelo Secron. **Os perigosos**: autobiografias & AIDS. Aeroplano: Rio de Janeiro, 2002.
- BOIVIN, Renaud René. De la ambigüidade del clóset a la cultura del gueto gay: género y homosexualidad en París, Madrid y México. **Revista de Estudios de Género**, La ventana, v. 4, n. 34, p. 146- 190, dez. 2011.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CALLIGARIS, C. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos históricos**: indivíduo, biografia, história, Rio de Janeiro, vol. 10, n. 19, p.83-97, 1998.
- CRUZ, Rodrigo. **Do protesto às urnas**: O movimento homossexual brasileiro na transição política (1978-1982). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Local, 2015.
- DANIEL, Herbert. **Passagem para o próximo sonho**: um possível romance autocrítico. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.
- DANIEL, Herbert. **A fêmea sintética**. Rio de Janeiro: Codecri, 1983a.
- DANIEL, Herbert; MICCOLIS, Leila. **Jacarés e lobisomens**: dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983b.
- DANIEL, Herbert. **As três moças do sabonete**: um apólogo sobre os anos Médici. Rio de Janeiro: Rocco, 1984a.
- DANIEL, Herbert. **Meu corpo daria um romance**: uma narrativa desarmada. Rio de Janeiro: Rocco, 1984b.
- DANIEL, Herbert. **Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- DANIEL, Herbert. **Vida antes da morte**. Rio de Janeiro: Jaboti, 1989.
- DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia**: dois olhares se cruzam numa noite suja. São Paulo: Iglu, 1991.

DEL PRIORE, Mary. Amor entre iguais. In: DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FERRO'S BAR. Direção de Aline A. Assis, Fernanda Elias, Nayla Guerra e Rita Quadros. Brasil, 2022. Documentário, 24 min. (*curta-metragem*).

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 letras:, 2017.

FLY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FLY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 87-115.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta, tradução Elisa Monteiro, Inés Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2013.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300008>

GIGANTE, Matteo. **Eros e Ares nos trópicos: como uma certa literatura brasileira decidiu desarmar lógicas de arregimentação bélicas e dessacralizar mitos de masculinidade**. 2022. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura e de Cultura, especialidade em Estudos Brasileiros) — Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/entities/publication/aa2d999b-322e-4994-b610-4819e358b45b>. Acesso em: 28 jul. 2026.

GIGANTE, Matteo. Sodoma é uma cidade capitalista: micropolítica dos guetos dos anos '70 na literatura pessoal do brasileiro Herbert Daniel. **Revista Língua-lugar**, [s/l], n. 6, p. 61 - 75, dez. 2023.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GREEN, James N. QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa. **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018.

GREEN, James N. QUINALHA, Renan. **Ditadura e Homossexualidade: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2018. 330.p.

HERBERT DANIEL. Site on-line. Disponível em: <<https://herbertdaniel.com.br>> Acesso em: 01 jan. 2026.

JÔ SOARES ONZE E MEIA. **Entrevista com Herbert Daniel**. Apresentação de Jô Soares. Rio de Janeiro: TV Globo, 1990. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UOIMYylxUss> . Acesso em: 14 mar. 2026.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet (org.). Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEVINE, Martin P. Gay Ghetto. *In*: LEVINE, Martin P. **Gay men : the sociology of male homosexuality**. 1979. p. 182-205.

LOPES, Denilson. O terceiro manifesto camp. *In*: LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Acroplano, 2002.

LOPES, Fábio Henrique. Masculinidades homossexuais afeminadas: hierarquias e virilização do(s) masculino (s) no Brasil, décadas de 1970 e 1980. *In*: SOUTO MAIOR, Paulo; QUINALHA, Renan (org.). **Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil**. São Paulo: Elefante, 2023. p. 608 - 630.

LOPES, Fábio Henrique. **Masculinidades homossexuais afeminadas**: hierarquias e virilização do(s) masculino(s) no Brasil, décadas de 1970 e 1980. *In*: Souto Maior, Paulo; Quinalha, Renan. **Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil**. Elefante, 2023.

LUMSDEN, Ian. **Machos, maricones, and gays**: Cuba and homosexuality. Philadelphia: Temple University Press, 1996.

MARCO, Valéria de. "A Literatura de Testemunho e a Violência de Estado". **Revista Lua Nova**, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004.

MEMÓRIA MHB. *Acervo virtual Memórias e Histórias das homossexualidades*. Disponível em: <https://memoriamhb.blogspot.com> . Acesso em: 14 mar. 2026.

MORANDO, Luiz. Desarmando a tessitura: uma leitura de 'Meu corpo daria um romance', de Herbert Daniel. **Gragoatá (UFF)** - Niterói, v. 14, n.14, p. 109-120, 2003.

MOREIRA, Rita. **Temporada de caça**. Produção de Rita Moreira. São Paulo: Videobrasil, 1988. 1 vídeo (23 min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1bWC3nFCu58>. Acesso em: 20 out. 2025.

MOURA, Adriano Carlos. Autobiografia: Gênero literário ou forma de recepção? **Miguilim**, v. 3, n. 2, p. 142-152, 2014. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/704>.

NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **Catástrofe e representação**. São Paulo, Escuta, 2000.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Ensaaios sobre a autoficção**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

OKITA, Hiro. **Homossexualidade: da opressão à libertação**. Sundermann: São Paulo, 2007.

PENSAR VERDE. De Herbert Daniel aos dias atuais: uma proposta para o Brasil do futuro. **Revista de Debates da Fundação Verde Herbert Daniel**, n. 36, pp. 59, 2021. Disponível em: https://issuu.com/pensarverde/docs/pensar_verde_36_1_.

PELLEGRINI, Tânia. Relíquias da casa velha: literatura e ditadura militar, 50 anos depois. **Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, [s/l], n. 43, p. 151-178, 2014.

PEREIRA, Rômulo Medeiros. Herbert Daniel e suas autobiografias: maneiras de cuidar si e não de se conhecer. In: RANGEL, M. de M.; PEREIRA, M. H. F.; ARAÚJO, V. L. de (Orgs.). **caderno de Resumos & Anais do 6º. seminário Brasileiro de História da Historiografia**. Ouro Preto: EdUFOP, 2012. Disponível em: <http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php/snhh/2012/paper/view/1266/646>. Acesso em: 23 ago. 2025

PEREIRA, Rômulo Medeiros. **Herbert Daniel e suas escrituras de memória: exercícios autobiográficos e traços estéticos de uma existência (1967-1984)**. Orientador: Tela Dias Fernandes. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5998/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023

PECHSTEIN, Israel. Passagem para o próximo sonho de Herbert Daniel e seu lugar na literatura brasileira pós-regime militar. **Spanish and Portuguese Review**, Madison, n. 1, p. 78-86. 2015.. Disponível em: <https://spanportreview.files.wordpress.com/2015/08/spr-2015-pechstein1.pdf>.

POLLAK, Michael. L'homosexualité masculine, ou le bonheur dans le ghetto?. **Sexualités occidentales**. Contribution à l'histoire et à la sociologie de la sexualité. no 35, 1982, pp. 37-55. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/comm_05888018_1982_num_35_1_1521>. Acesso em: 02 fev. 2025.

QUINALHA, Renan. Herbert Daniel: vida extraordinária. **Revista CULT**, agosto de 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/herbert-daniel-vida-extraordinaria/>.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Coleção Ensaios ; Coordenação Ricardo Musse).

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RODRIGUES, Nelson. **Um beijo no asfalto**: tragédia carioca em três atos: 1961. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo Cu**: Políticas anais. Tradução de Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017. p. 192.

SÁNCHEZ, Darío Gómez. O discurso heterossexista no “romance homossexual” latino-americano. **Caracol**, São Paulo, n.25, p. 352-382, 2023. DOI: 10.11606/issn.2317-9651.i25p352-382.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**: ensaios. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). História, memória, literatura. **O testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2003.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. Tradução de Plínio Dentzien. Cadernos Pagu, **Querer**, v.28, p. 19-54, 2007. Disponível em: [https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2007\(28\)/Sedgwick.pdf](https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2007(28)/Sedgwick.pdf) . Acesso em 14/4/2024.

SINHORI, João. Os pensadores da Guerrilha Urbana: memória, trauma e os testemunhos da catástrofe. In: **V Congresso Internacional de História**, 5., 2001. Anais [...] 21 - 23 set. 2011. DOI:10.4025/5cih.pphuem.0603.

SINHORI, João. Guerrilha, exílio e homossexualidade na narrativa de Herbert Daniel. In: **VI Seminário de Pesquisa do PPGHS XIII Semana de História I Encontro das Especializações em História da Universidade Estadual de Londrina**, 2012, Londrina. Memórias, Linguagens e Identidades, 2012. v. III. p. 264-279.

SILVA, Adriana Kerchner da. **Os rebeldes da palavra escrita**: uma leitura das escritas negras nas (auto)biografias de Juan Francisco Manzano e Esteban Montejo. 2022. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de pós-graduação em Letras, Porto Alegre. 2022.

SILVA, Leandro Soares da. **A ficção do eu e o outro na literatura da homossexualidade**. 2016. 214 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SONTAG, Susan. Notas sobre o *camp*. In: SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 352-373.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação e outros ensaios**. Tradução de Denise Bottmann. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 2020.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4a ed. rev. atual. e amp. Objetiva: Rio de Janeiro, 2018.

VIVA A VIDA: Herbert Daniel, o amor e a AIDS nos anos 80. Direção de Mônica Teixeira. Rio de Janeiro: TV Manchete, [s.d.]. Documentário. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-0-mk-HW2_c . Acesso em: 14 mar. 2026.

ANEXO A - CARTA DE HERBERT DANIEL CENSURADA NO CONGRESSO PELA
ANISTIA DE 1979

DANIEL, Herbert. Carta (publicada). *Lampião da Esquina*, n. 22, ano 2, março 1980, p. 10. Disponível em: [Memórias e Histórias das homossexualidades](#) (blog). Acesso em: [12/10/2025].

Paris, 26 de outubro de 1979.

Meus amigos,

não fui anistiado. Sou um dos poucos exilados que restam fora das margens que o governo quer impor entre os anistiáveis e condenáveis. Não importa quantos somos, os marginais. Importa que estamos aí para definir o (mau) caráter das medidas que o governo chama de anistia. Ao estabelecer um limite, qualquer que seja, à Anistia, o Poder conserva um trunfo: quer provar que não cede, concede.

Importante que existam os não-anistiados. Não por nós, que temos pouco significado, mas como exemplo e aviso às verdadeiras forças democráticas: continuam em vigor o exílio, a prisão política, o regime de exceção. Não é uma burra intransigência que afeta algumas pessoas, mas a tentativa de impor as regras duma 'democracia parcial'. Não se engana ninguém, a não ser a quem o engano recompensa, o que não é o caso dos que passam na Democracia como algo mais que as aparências hipócritas de um jogo onde nem sempre ganha é o juiz, que superior 'às paixões políticas' nem entra na partida, mas decide a contenda.

É parte do plano, o fato de sermos muito poucos os bodes expiatórios. Ninguém vai fazer no caso de meia dúzia um deus-nos-acuda; pelo menos assim raciocinam os tecnocratas da ditadura com a sua bem conhecida mania de transformar política em aritmética. Porém, não se trata de contagem, está em questão a Democracia que não é só um pouco mais ou pouco menos de ditadura. Nunca foi decisiva a quantidade de exilados e presos, mas a existência mesma do exílio ou da cadeia. A Anistia não é só o problema pessoal de alguns renitentes: coloca um problema político de todos os brasileiros. Nunca se pediu perdão para alguns, exigimos liberdade para todos.

Por isto mesmo não escrevo como um dos 'injustiçados', mas como um qualquer cidadão, que continuo sendo apesar da arbitrariedade que faz que o Consulado de Paris me recuse o passaporte, ou seja, me recuse o direito à cidadania, abuso característico de um regime policialesco onde o desrespeito aos direitos elementares é a forma de fazer executar a lei (ou o seu infrator, no caso extremo, não tão extremamente rar no Brasil).

Não é absolutamente o meu caso pessoal que interessa neste momento. Quem está em discussão não sou eu, mas a anistia do governo. Não

pretendo absolutamente utilizar recursos jurídicos mais ou menos astuciosos para me beneficiar dos limites da anistia, pois não creio que seja o meu caso que tem que entrar na anistia, mas é a anistia que tem que entrar em todos os casos dos que foram condenados pela ditadura. Não sou eu quem tem que tentar reduzir minhas penas, mas é a Anistia que deve se ampliar. Isto nada tem a ver com as interpretações de jurisprudência, mas com a evolução democrática do país.

Não continua somente a pequena novela do exílio de uns gatos pingados, mas a vasta história da opressão de todo um povo. Esta aí denuncio, ao falar do meu degredo. Escrevo para denunciar uma ditadura e não para começar a mover petições, processos e outros pauzinhos jurídicos para dar um jeitinho nesta anistia que quer fantasiar a restrição da liberdade. Não é com um jeitinho que se resolve a esculhambação da nossa vida política.

Aceitar fazer da Anistia uma mera questão jurídica é referendar a velha política da ditadura, que sempre tratou seus oponentes como criminosos. Minha participação política foi definida e tratada como crime – e como 'crime comum'. Não me humilha, nem diminui ser tratado como 'criminoso comum'. Revolta-me, seguramente como são tratados no Brasil os 'criminosos comuns'. Por enquanto falamos duma anistia para os 'crimes políticos'. Um dia teremos uma democracia que nos permita discutir politicamente o crime comum. Muito bem. Até um certo motivo de orgulho. Gente melhor do que eu morreu dignamente entre ladrões e nem por isto deixou de ser menos Cristo.

No consulado me disseram: 'No seu caso temos que esperar, por enquanto'. Esperar, porém, não é esperança – que é a coisa mais ativa que a espera de quem nunca alcança. Esperança nós fazemos, sem esperar as decisões dos poderosos. Minha esperança na Democracia me impede absolutamente de esperar resolver a volta à minha terra segundo a generosidade da Ditadura. Não há nada que a Ditadura tenha a me perdoar ou conceder. Ser anistiado não significa se arrepender diante da ditadura, mas permitir que ela reconheça alguns erros. Não somos nós, exilados e presos, que nos autocriticamos diante da ditadura, mas é um movimento popular democrático atual que obriga o governo a remendar alguns dos seus desmandos.

Nunca erramos por nos opor ao governo ditatorial – e a anistia vem para provar que se houve abuso e crime não foi da parte dos opositores. Como, aliás, o exílio, a prisão, a terrível época que sofremos todos no Brasil vêm para provar enganos políticos nossos e para exigir autocrítica. Tenho por mim que por ter participado da oposição armada à ditadura, não há nenhuma explicação a dar à ditadura. Há uma autocrítica – e feita na discussão com quem interessar possa: isto é, aos que lutam pela Democracia. Não me 'arrependo', não tenho 'culpas' e não acho que houve nada de condenável no que fiz. Quando digo autocrítica, quero me referir a um julgamento político bem preciso cuja moralidade decorre de princípios que nada têm a ver com a culpabilidade. Hoje em dia critico a minha participação na tentativa [sic] de sublevação armada por sua ineficácia política e não por qualquer razão falsamente moralizadora. A forma que escolhemos na época para combater nos conduziu a um fracasso cujas conseqüências são bastante mais graves do que o desastre do exílio e da prisão. Não há como fugir de assumir a responsabilidade duma ação política incorreta: não é pouca a responsabilidade duma ação política

incorreta: não é pouca a responsabilidade que temos, todos os dessa geração que foi a minha, de não ter conseguido evitar estes sombrios anos de opressão e desespero. Se este fracasso nos marca e acompanha, nem por isto nos destrói ou aniquila a memória, patrimônio que não se pode perder.

Nada a esquecer, não podemos esquecer nada, pelo contrário, é preciso saber muito mais. Lembrar (e conhecer) o que foi esse tempo de silêncio e meias verdades ao som de hinos militares ou militarizados que cantavam o medo e a renúncia. A Anistia não vem para apagar fatos da nossa história recente: ela deve vir para ativar nossa memória, para fazer dessas recordações atualmente dispersas e pessoais uma observação viva na consciência coletiva da nossa gente. A Anistia não deve vir como o último ato de um erro político, mas o primeiro momento de uma renovação, onde a autocritica não seja apenas uma declaração de intenções, mas a comemoração de avanços da Democracia.

Lembrar quer dizer renovar: a ditadura bem gostaria de fazer esquecer tudo, nenhuma conta a prestar. Acontece que 'esquecer o passado' aqui quer dizer esconder o presente. Não é nenhum revanchismo querer apurar as responsabilidades [sic], pois não se trata de 'vingar' uma derrota – o que se quer é consolidar uma vitória.

O exílio me ensinou algumas coisas. Inclusive a saudade, que não é fictício desejo de reviver fantasmas, mas uma certa nostalgia de um futuro que não foi, embora desejado. Não quero voltar em busca de ilusões perdidas, mas gostaria de ir para a minha terra encontrar algumas esperanças.

Acho que de tudo o que eu disse fica claro quem são os amigos para quem escrevo esta carta. Vamos nos rever em breve, pessoal, já que nunca nos desencontramos [sic]. Por aqui faz muito frio mas tenho a vantagem de saber que estou aí com vocês no mesmo barco para o mesmo porto. O que é como o batuque: um privilégio.

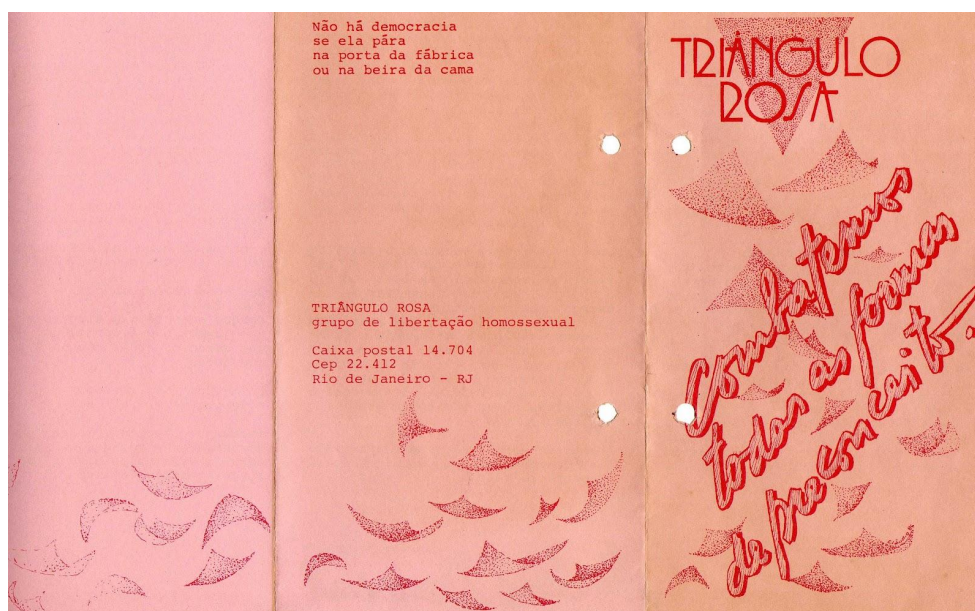
Até breve.

Herbert-Daniel de Carvalho

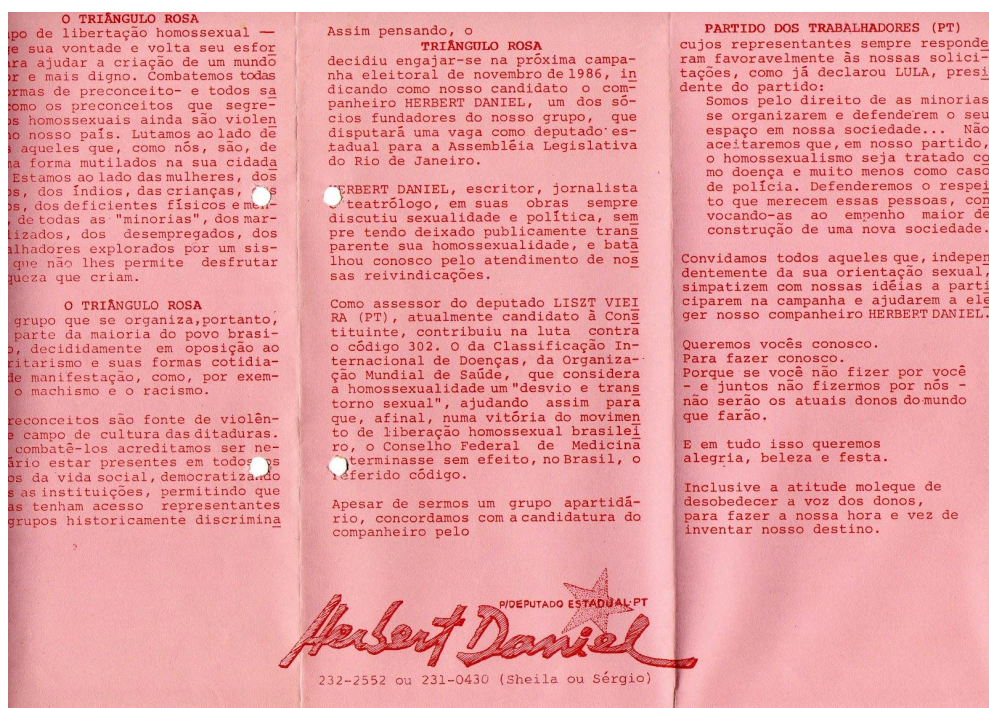
ANEXO B - PANFLETO PARA ELEIÇÃO DE DEPUTADO ESTADUAL PELO RIO DE JANEIRO

Triângulo Rosa. Folheto de campanha para o deputado estadual Herbert Daniel. Rio de Janeiro, 1986. Disponível em: <https://memoriambb.blogspot.com/2012/03/combate-mos-todas-as-formas-de.html>. Acesso em: 12/10/2025.

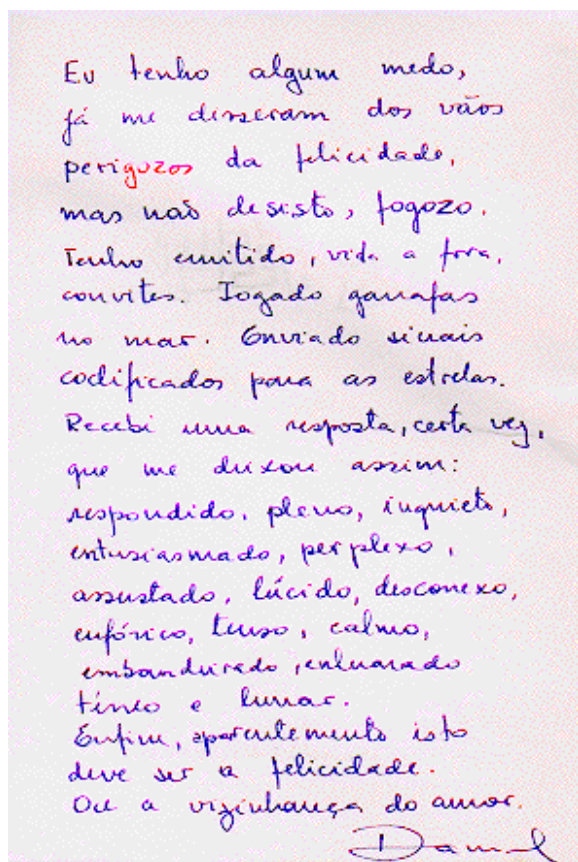
FRENTE:



VERSO



ANEXO C - POEMA DO HERBERT DANIEL



Eu tenho algum medo,
já me disseram dos vãos
perigosos da felicidade,
mas não desisto, fogozo.
Tenho emitido, vida a fora,
convites. Jogado garrafas
na mão. Enviado sinais
codificados para as estrelas.
Recebi uma resposta, certa vez,
que me deixou assim:
respondido, pleno, inquieto,
entusiasmado, perplexo,
assustado, lúcido, desconexo,
eufórico, tenso, calmo
[...], enluarado
ténico e lúmen.
Enfim, aparentemente isto
deve ser a felicidade
ou a vizinhança do amor.

Daniel

ANEXO D - TEXTOS PUBLICADOS NO BRASIL

Livros



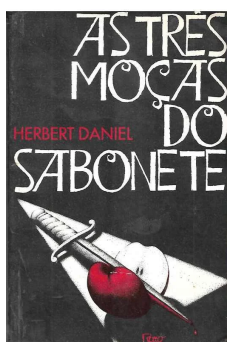
Passagem para o próximo sonho: um possível romance autocrítico

Ano: 1982. Editora: Codecri



A fêmea sintética

Ano: 1982. Editora: Codecri



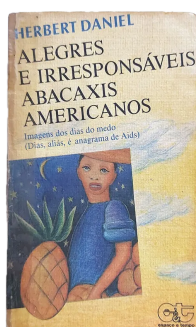
As três moças do sabonete: um apólogo sobre os anos Médici

Ano: 1984. Editora: Rocco



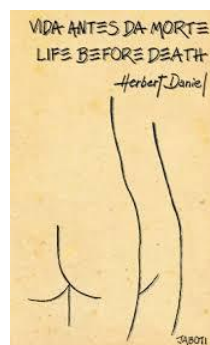
Meu corpo daria um romance

Ano: 1984. Editora: Rocco



Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos

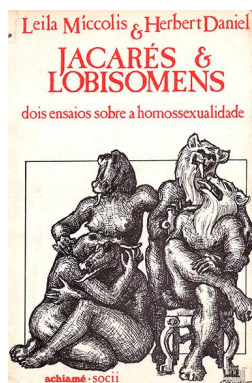
Ano: 1987. Editora: Espaço e Tempo



Vida antes da morte

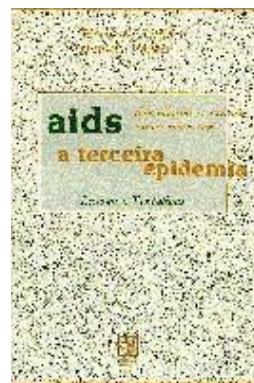
Ano: 1989. Editora: Jaboti

Co-autoria



Jacarés & Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade

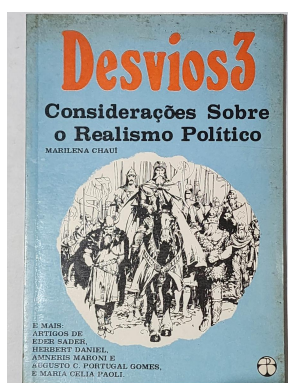
Ano: 1983. Editora: Achiamé



aids: a terceira epidemia ensaios e tentativas

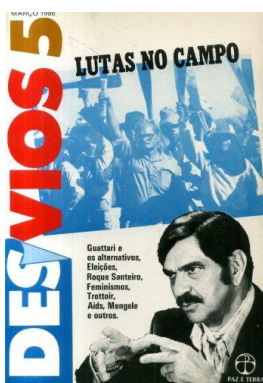
Ano: 1991. Editora: Iglu

Coleções



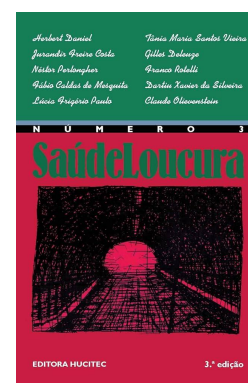
Texto: **Pichação em desvio**

Desvios 3
Considerações Sobre o
Realismo Político



Texto: **A síndrome de nossos dias**

Desvios 5
LUTAS NO CAMPO



Texto: **Anotações à margem de viver com aids**

SaúdeLoucura

ANEXO E - MENÇÕES DO HERBERT DANIEL NA FOLHA DE S. PAULO

Da aceitação da derrota à vida nova

ÁLVARO CALDAS

PASSAGEM PARA O PRÓXIMO SONHO de Herbert Daniel. Editora Codecri; 243 págs. Cr\$ 800.

O livro é uma surpresa. Ou muitas surpresas. Para começar, não é um livro só são vários, indefiníveis: não é um romance, não é simplesmente memória, parte pode ser um depoimento, contos, ou tudo não passa de uma prodigiosa imaginação do autor? Não fossem essas aventuras vividas com tanta densidade e frequente crueldade, tamanhas não fossem as cicatrizes deixadas, e tão próximas, que talvez pudéssemos admitir tratar-se de uma narrativa fantástica, literatura do absurdo.

Mas os cenários estão aí, os personagens sobreviventes também, as histórias, por mais fantásticas que tenham sido, foram vividas e enfrentadas. Muitas também sonhadas, é verdade. Herbert Daniel, o autor, é ex-guerrilheiro e ex-asilado, o último, penúltimo (quem sabe?) exilado a voltar do Exterior, militante, sucessivamente, da Polop, Colina, VAR-Palmares e VPR, todos nomes de organizações políticas ditas revolucionárias. É homossexual.

Seu livro, "Passagem para o Próximo Sonho", é mais um livro a contar (versão dos vencidos, porque a outra ainda não apareceu) parte desta história recente do Brasil. História que, se tem um marco, este pode ser 1964, ano do movimento, que fechou abruptamente todos os caminhos. Aqui estão as tentativas de romper esse cerco e abrir novos caminhos, que redundaram no processo de luta armada contra o regime, a fascinante descoberta da consciência política e a penosa e lenta aceitação da derrota, abrindo caminho para a solitária descoberta de si mesmo.

O livro é uma viagem. Seu maior



Herbert Daniel: muitos exílios até a descoberta de si mesmo.

mérito está em que Herbert sabe que esta viagem não acabou, ele não está aí para julgar ninguém, soltar juízos definitivos: "ninguém pode contar tudo o que aconteceu simplesmente porque não aconteceu tudo ainda. Estamos aí, acontecendo. Escrever é acontecer. Nossa geração, a de 68, ainda fabrica matéria para memórias". Sua crítica à esquerda, que não compreendeu o tempo que queria transformar, às suas organizações, intolerantes algumas, seitas religiosas outras, é uma crítica de dentro, feita por quem viveu e conviveu com pessoas, não com abstrações e figuras estereotipadas. E por isso é feita com generosidade e carinho. Não é feita de piadas, nem por uma cabeça amadurecida por 10 anos de cadeia ou exílio. De muitos exílios, como ele diz.

Da mesma forma que o "problema" da sua sexualidade é revelado sem mela tintas: a repressão, o medo, a dificuldade em assumir, a passagem pelos guetos que, vai se descobrir, tornam a homossexualidade marginal e cercada. Com humor ele se pergunta: e o ma-

terialismo histórico, não explica o homossexualismo?

São revividos e revividos os conflitos todos desta geração que não ficou indiferente. As vezes o autor se excede em algumas experiências menos importantes e a narrativa torna-se monótona e cansativa. Mas Herbert Daniel tem talento para escrever e o livro agrada. E conta com muita honestidade a sua trajetória política e existencial, que é a trajetória de uma geração.

Nada de subterfúgos. A questão da homossexualidade, sua experiência nas saunas para homossexuais em Paris, os preconceitos e a rejeição dos grupos de esquerda empurrando-o a viver um exílio dentro do exílio, são contados com liberdade e franqueza.

O personagem nem sempre tem razão. Ele próprio diz que não vai usar artifícios literários e que literatura não pode ser uma tralça. Não é uma história de homens de ferro nem de bronze. De homens. E de homossexuais também.

Álvaro Caldas é jornalista, da sucursal desta "Folha" no Rio de Janeiro.

CALDAS, Álvaro. Da aceitação da derrota à vida nova. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 mar. 1982. Caderno ilustrada, p. 59.

Candidato petista quer representar homossexuais na Assembléia

MARCELO BERABA
Diretor do Soursal do Rio

Em 1971, o mineiro Herbert Carvalho, então com 24 anos, era o "Daniel" e formava, junto com capitão do Exército Carlos Zanussi, o comando da VPR, a Vanguarda Popular Revolucionária. Apesar de novo, tinha pertencido aos quadros de algumas das principais organizações clandestinas de esquerda da década de 60 — como a Organização Revolucionária Marxista-Política Operária (ORM-POLOP), os Comandos de Libertação Nacional (Colina), e a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAO-Palmares) — e participado dos sequestros dos embaixadores alemão, Eberhard von Holleben (junho de 1970), e suíço, Giovanni Enrico Bucher (dezembro de 1970), ambos no Rio de Janeiro, e da guerrilha no Vale da Ribeira, em São Paulo, entre 69 e 70. Por estes atos, foi condenado à morte, duas vezes à prisão perpétua e a mais de cem anos de cadeia.

Passados quinze anos e depois de sete de exílio em Portugal e na França, Herbert incorporou ao nome o Daniel das lutas armadas mas deixou para trás o marxismo-leninismo. Ele é hoje o único candidato, no Rio, que assume publicamente que é homossexual. "Casado" desde 1974, quando ainda vivia clandestino no Brasil, com o artista plástico Cláudio Mesquita, 37, tem cinco livros editados (três romances, um ensaio sobre a homossexualidade e uma peça de teatro) e disputa uma vaga de deputado estadual pelo Partido dos Trabalhadores com o apoio de dois dos mais importantes grupos de ativistas homossexuais, o Triângulo Rosa, do Rio, e o Grupo Gay da Bahia, de Salvador.

Nos panfletos que distribui está escrito: "Já me xingaram de muitos nomes, porque sou homem e amo outro homem. Mas quem me conhece só prova sua estúpida machista. Sou homossexual, sim, não sou nada mais, não pior ou melhor do que ninguém. Qualquer maneira de amor vale a pena". Herbert Daniel, 39, se define hoje, politicamente, como um socialista libertário, ecológico e democrático, diz que quem ler os votos de todos os homossexuais do Rio será o candidato mais votado do país, e testemunha a grande dificuldade de discutir amplamente um tema tabu. Ele deu esta entrevista ao Soursal, na tarde de quarta-feira passada, na Redação da Soursal do Rio.

Folha — Herbert, você assume claramente nos seus folhetos de propaganda eleitoral que é homossexual. É o primeiro candidato que assume esta opção, pelo menos no Rio de Janeiro, de forma tão explícita. Por quê?

Herbert Daniel — O termo assumir é problemático. Eu procuro, na medida em que falo que sou homossexual, denunciar um tipo de preconceito que limita a cidadania porque atribui ao homossexual uma série de características que são características de incompetência psíquica. Digo sempre que a palavra homossexual já é em si uma palavra falsa porque tem uma origem médica e diz muito pouco a respeito da personalidade e das várias vivências homossexuais. É importante, para mim, afirmar a minha vivência homossexual exatamente para desestruir o conceito, para desorganizar uma discriminação e ser capaz, a partir desse ponto, de discutir uma nova ética, que não separe a vida privada da vida pública, que faz do político um representante que não substitui o representado e que seja capaz de discutir a cidadania da forma mais ampla possível. Não faço disso ponto central da minha plataforma. Acho que a sexualidade é uma questão extremamente importante a ser discutida e acredito que os homossexuais que se escondem estão fazendo o jogo de uma oposição, que é uma minoria dita homossexual, mas atinge a sexualidade de todos, na medida em que limita as possibilidades de cada um aceitar e levar adiante aquilo que são as suas diferenças. É preciso que a democracia garanta que todos possam exercer plenamente as suas diferenças. Em termos de

ação, a minha plataforma é uma ação que ajuda a pensar em como recuperar os direitos da cidadania. Acho que são quatro espaços de cidadania em que o poder destrói, produz fraturas e impede o desenvolvimento da cidadania. Nesses quatro espaços, a política alternativa tem de funcionar. O primeiro destes espaços é o da consciência. Temos que pensar nos nossos meios de comunicação, na democratização destes meios, no estímulo às rádios livres, no combate a todo tipo de censura, na organização de vários tipos de pressão política. O segundo espaço de cidadania seria o corpo. Há toda uma técnica de lidar com o corpo, de fazer com que o corpo seja apenas uma casca vazia sem controle do próprio cidadão que o habita. A terceira questão é exatamente a relação entre tempo de trabalho e tempo de lazer. Fazer com que o trabalho não seja uma punição, não seja uma forma de perda de tempo roubado. E que o fazer não seja industrializado, aviltado, amesquinçado, mas seja um tempo de criação. E podemos recuperar a nossa possibilidade de fazer tempo, ou seja, fazer história. É o quarto espaço é o meio ambiente, ou seja, todas as questões que vão fazer com que lidemos com meio ambiente não usando como propriedade privada e apropriada por uma determinada elite, mas que seja uma propriedade coletiva em que os cidadãos tenham direito de tutela sobre esse meio ambiente.

Folha — O seu nome, Herbert Daniel, sintetiza dois momentos bem diferentes de sua vida. Há dezesseis anos você estava sequestrando embaixadores estrangeiros participando de ações armadas. Hoje, se lança com uma candidatura que se sobrepõe à questão da homossexualidade. O que tem de comum o "Daniel" de quinze anos atrás e o Herbert Daniel candidato? Ou que mudou?

Herbert Daniel — Não, não mudou tudo. Eu acho que transformei a transformação é permanente. Eu acho que, ao ler essas coisas, não me dá origem. Herbert, e acrescentado Daniel, quero continuar uma história. Hoje, estava sequestrando embaixadores e participando da luta armada, estava certamente tendo uma opção radical para um certo tipo de política. Hoje, quando eu falo da política, o aspecto homossexual aparece porque é uma maneira de pagar um tabu e de falar: "Este tabu nada tem a ver". Estou tentando levar uma coisa muito mais radical do que, simplesmente, pedir direitos homossexuais. Eu quero garantir direitos que ampliem todos os horizontes da cidadania. Isso também é radical. Então, acho que é uma continuação de uma história. Eu quero fechar um ciclo, garantindo que essa radicalidade permaneça na minha transformação. E estou chamando radicalidade o combate a todo o tipo de sectarismo. É ir ao fundo dos problemas. Para mim, o fundo dos problemas está no cotidiano que a gente vive. O cotidiano que a gente vive tem, além das questões de sexualidade, de corpo, as questões de consciência, de meio ambiente, da nossa forma de trabalho. Não é uma nova guerrilha mas uma nova forma de construir a paz. Uma paz construída que abomina a passividade, construída junto com todos direitos, punidos, que são a grande maioria da população e que estão querendo uma nova democracia. Uma democracia que não seja apenas uma função estatal mas que seja também um modo de viver.

Folha — Como é que a sua campanha está sendo recebida?

Herbert Daniel — Existem alguns problemas, inclusive uma certa agressividade quando eu levanto esse tema. São preconceitos de duas caras. De um lado, o preconceito agressivo. Pessoas que me agredem, telefonam para minha casa para me ameaçar. De outro lado, uma senhora costuma fazer isso, é a mesma voz. Como é uma secretária eletrônica que responde, ela agrediu para falar todos os palavrões que tem.

Folha — O que ela diz basicamente?

Herbert Daniel — Ela me xinga de todos os palavrões comuns: homossexual, "viado", etc. Esse tipo de



Herbert Daniel, candidato a deputado estadual pelo PT-RJ, defende criação de "socialismo libertário"

agressividade sempre existe, e é uma coisa muito frequente. Mas existe um outro lado que não é muito agressivo, mas que também é uma discriminação que eu acho violenta, que é o sujeito que diz: "Bom, já que você é homossexual, você só pode falar em homossexualidade". Tenta limitar-me num gueto. É a minha tentativa de exatamente de acabar com o gueto.

Folha — Você já está fazendo campanha nos guetos homossexuais ou está fazendo uma campanha mais ampla?

Herbert Daniel — Ampla. Não há lugar que eu tenha deixado de ir. Inclusive nos lugares de encontros homossexuais, muitos. Seria espantoso que alguém que fale que os homossexuais têm direito à cidadania não procure os homossexuais para dizer: "Bom, vamos trabalhar".

Procurar fazer campanha junto à população como um todo, levando essas mesmas questões, e a reação varia muito. O que eu tenho observado mais frequentemente é que os maiores preconceitos são das pessoas que dizem: "Mas, Daniel, o povo não vai entender, o povo não vai votar em alguém que fala da homossexualidade".

Folha — Onde você tem ido?

Herbert Daniel — Por exemplo, favelas. O que tem acontecido normalmente é que a questão da homossexualidade não é a grande questão. Depende muito da área e do lugar onde se vá, da faixa etária que você está lidando. O tabu é muito forte. Mas para as pessoas de certas comunidades que sobrevivem com muitas dificuldades, a diferença é acéla, principalmente em relação à questão de sexualidade desde que aquela diferença não perturbe a comunidade, e possa até trazer para a comunidade, num certo momento, ou presilégio ou um certo ganho.

Folha — Como assim?

Herbert Daniel — Por exemplo, eu tenho visto muito frequentemente em condomínios pais-de-santo que são homossexuais e são muito aceitos na comunidade. Da mesma forma como eu vejo, por exemplo, o traficante de drogas que é bem aceito na comunidade, desde que ele não oneste com a violência, mas que funcione integrado, num silêncio que de fora não se vê.

Folha — Quem sofre os preconceitos mais violentos, os homens ou as mulheres homossexuais?

Herbert Daniel — Inegavelmente, as mulheres. Essa qualificação de "sapato" é uma barbaridade. A violência já se exerce constantemente em cima da mulher e quando a mulher aparece como homossexual, então, é muito mais grave, porque parece que ela está concorrendo com o homem, na disputa com o homem, e isso atrai sobre elas uma violência muito maior. A mulher, na medida em que se apresenta como ativa sexualmente, porque abandona a passividade típica de depender do homem, de depender do falo masculino para penetrá-lo, ela ameaça um determinado tipo de ordem cultural, fundada exatamente na supremacia masculina. Não há possibilidade de discutir sexualidade, senão que a gente precise primeiro em discutir a condição feminina.

Folha — O Rio tem fama de ter muitos homossexuais. Você pode eleger-se só com os votos dos homossexuais?

Herbert Daniel — Se todos os homossexuais do Rio votarem num só candidato, ele será o candidato mais votado do Brasil. É verdade.

Folha — Como você se define hoje politicamente?

Herbert Daniel — Acho que eu sou um dos participantes de um movimento para a criação de um socialismo libertário, ecológico, democrático, capaz de criar uma sociedade onde as instituições sejam constantemente criticadas e capaz de auto-instituir-se permanentemente. Acho que sou parte do movimento político que não quer tomar o poder,

mas quer esvaziar o poder. Que acha que o poder constitui grupos de pressão e que quer que os grupos que eu chamo de grupos de expressão, grupos capazes de significar, significando-se suas diferenças, e nessa expressão sejam capazes de equilibrar as forças do poder, para que os direitos consagrados sejam garantidos e, mais do que isso, seja garantida a continuidade de invenção permanente de novos direitos.

Folha — O PT vive uma crise forte em São Paulo. No Rio, teve duas campanhas, a de 82 e a de 85, bastante críticas ao partido. Qual a análise que você faz do PT?

Herbert Daniel — Acho que o PT, na sua história, teve heranças muito negativas de uma determinada for-

ma de fazer política de esquerda e que o levou a um estreitamento, a uma certa sectarização, e a uma incompreensão de sua atividade enquanto partido político. As experiências do PT mostram uma dificuldade enorme de buscar novas formas de atuação política que não sejam apenas a recusa e a repetição de fórmulas que fazem do trabalhador um trabalhador abstrato, uma unidade que tem o mesmo tipo de pensamento em todos os lugares do Brasil. Acho que o PT seria o espaço onde os trabalhadores poderiam fazer a sua política. Mas, pensar que os trabalhadores só fazem política sindical, é um equívoco. Muito disso está influenciando o PT de São Paulo. Acho que o PT de São Paulo tem qualidades gigantescas, mas acho que ocorreu numa série de equívocos em relação a sua atividade política, estreitando inclusive essa concepção de trabalhador. Acho que o PT precisa ter uma discussão mais ampla a respeito de que tipo de democracia quer, a respeito de que tipo de socialismo quer, que tipo de partido de massas quer. No Rio, a crise do PT sempre foi muito maior. Hoje, temos uma campanha que faz do PT uma das forças presentes na política. Acho que não é pelos méritos do PT, mas que decorre de uma série de situações desse Estado. Acho que o PT pode crescer muito. E teve a sorte de ter o Fernando Gabeira, que pode dar uma balançada nas nossas reflexões políticas.

CAMISETAS PARA POLITICOS
Temos para promoção. Condições excelentes. v. p. tel. 913-5916 e 210-7655.

"INFORME PUBLICITARIO"

SINDICATO NACIONAL DOS AERONAUTAS

NOTA DOS COMISSÁRIOS DA VASP AOS CIDADÃOS DEMOCRATAS DO BRASIL

Dirigimo-nos, no 17.º dia de nossa greve, à opinião pública democrática para submeter à sua reflexão as decisões da direção da VASP e do governo do Estado de São Paulo que violam e ferem os princípios democráticos: não os seus meios para fins ou regimes autoritários sem nenhum post:

1. A direção da VASP vem adotando, em relação à nossa greve, o mesmo modo operante do tráfego do ditador militar: demissões em massa, com base no decreto-lei 1652/78; demissões de dirigentes sindicais e membros da Comissão de Negociação dos Comissários, aos quais garantiram, em documento de próprio punho de seu presidente, Sr. Angarito, imunidades durante e após as negociações.
2. A direção da VASP se insubordina contra o Lei 1.185/84 e as normas de segurança de vôo, fato que, por sua gravidade levou os comandantes da VASP filiados à APVAP, a adotarem a seguinte decisão em Assembléia do dia 26.09.86: "Os comandantes da VASP, filiados à APVAP, preocupados com a segurança de vôo que o seu ver está sendo prejudicado pela utilização nas aeronaves da empresa de comissários com treinamento não usual, decidem: Até que haja a normalização das operações da empresa, só aceitar em seus vôos os comissários que tenham recebido treinamento de acordo com as normas existentes na VASP até o dia 01 de setembro de 1986".
3. O governo do Estado de São Paulo não deu resposta formal à nossa proposta de solução do conflito trabalhista através da indicação de um mediador neutro e imparcial, que havíamos sugerido ser o Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil. Isto mostra a hostilidade das autoridades para com o movimento absolutamente pacífico. Tratam-nos como a ditadura militar tratava seus opositores, ou seja, como inimigos que devem ser aniquilados.
4. A direção da VASP vem utilizando métodos de terror psicológico sobre nosso grupo, com seus diretores e superintendentes ligando pessoalmente para a residência de cada comissário para intimidá-lo e a seus familiares. Chegou-se ao absurdo e a cúmulo do arbitrio de efetuar sequestro de comissários, como é exemplo as três companheiras comissárias que foram arrastadas, contra sua vontade, no dia 26.09.86 e trancadas no quarto 2715 do Hilton Hotel, cercadas por mais de 30 seguranças da VASP.

CIDADÃOS DEMOCRATAS DO BRASIL, nós comissários da VASP firmamos todos os esforços possíveis para que se encontrasse uma saída para nossa greve que não afrontasse o poder público e a diretoria da VASP. Porém, as que nos consideram seus inimigos querem a nossa rendição incondicional em termos que ferem nossa dignidade, nosso auto-estima e o nosso valor como seres humanos, cidadãos deste país e trabalhadores. NÓS, NO ENTANTO, RESISTIMOS E CONTINUAREMOS A RESISTIR. EM GREVE, ATÉ QUE SE ENCONTRE UMA SOLUÇÃO NEGOCIADA E QUE TODOS OS Nossos ESTIMADOS COMPANHEIROS DEVIDOS SEJAM READMITIDOS PELA EMPRESA. NÓS NÃO RETORNAREMOS AO TRABALHO ENQUANTO HOUVER UM COMISSÁRIO(A) DEMITIDO(A).

Saudações Democráticas
Pelos Comissários da VASP
SINDICATO NACIONAL DOS AERONAUTAS.
SP, 27.09.86
JOSE CAETANO LAVORATO ALVES
Presidente

BERABA, Marcelo. Candidato petista quer representar homossexuais na Assembléia. Folha de S. Paulo, São Paulo, 29 set. 1986. Caderno Política, p. 5.